

2º CICLO DE ESTUDOS

MESTRADO EM SOCIOLOGIA (ESTRUTURAS E DINÂMICAS SOCIAIS)

***Experiências de trabalho em intervenção
social e comunitária de proximidade numa
ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES***

Inês Figueiredo Pereira

M

2024



Inês Figueiredo Pereira

***Experiências de trabalho em intervenção
social e comunitária de proximidade numa
ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES***

Relatório de estágio realizado no âmbito do Mestrado em Sociologia, orientado pela
Professora Doutora Natália Azevedo

Faculdade de Letras da Universidade do Porto

Ano 2024

Sumário

Agradecimentos	9
Resumo.....	11
Abstract	12
Índice de figuras	13
Índice de tabelas	14
Índice de gráficos	15
Lista de abreviaturas e siglas.....	16
Introdução.....	18
Capítulo 1: O Terceiro Setor e a intervenção social e comunitária de proximidade: revisão da literatura.....	21
1.1 Panorama do Terceiro Setor Português: ONG e ONGD	21
1.2 Terceiro Setor e a intervenção social e comunitária de proximidade em parceria	25
1.3 Intervenção social e comunitária de proximidade.....	27
Capítulo 2: Orientações teórico-metodológicas da intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD	32
2.1 Definição do problema e dos objetivos	32
2.2 Apresentação e justificação das opções metodológicas.....	33
2.3 Agência Piaget para o Desenvolvimento: apresentação da organização acolhedora	45
Capítulo 3: Intervenção social e comunitária de proximidade na APDES: projetos, atores e resultados.....	54
3.1 Aproximar e Capacitar Interventores Sociais (ACIS+)	54
3.1.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto ACIS+	59
3.1.2 Análise ao inquérito de auscultação de necessidades formativas do ACIS+	61
3.1.3 Reflexões críticas sobre o projeto ACIS+.....	66
3.2 Não Vale TB II.....	67
3.2.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto Não Vale TB.....	68

3.2.2 Reflexões críticas sobre o projeto Não Vale TB	73
3.3 Girugaia	76
3.3.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto Girugaia	79
3.3.2 Reflexões críticas sobre o projeto Girugaia	80
3.4 Projeto PUSH: Promover União para Pessoas em Situação de Sem Abrigo através do Desporto.....	82
3.4.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto PUSH.....	84
3.4.2 Reflexões críticas sobre o Projeto PUSH	87
3.5 Click no Bullying.....	89
3.5.1 Training course em Bucarest (Roménia).....	92
3.5.2 Reflexões críticas sobre o projeto Click no Bullying	95
Considerações finais.....	96
Referências bibliográficas	100
ANEXOS	106
Anexo 1 - Grupo Focal	107
Anexo 1.1 - Guião de Grupo Focal aos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES	107
Anexo 1.2 – Questionário aos Técnicos de Intervenção Social e Comunitária de proximidade da APDES	110
Anexo 1.3 – Folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade)	119
Anexo 2 – Entrevistas semiestruturadas aos membros da direção da APDES.....	125
Anexo 2.1 Guião entrevistas semiestruturadas (membros da direção da APDES)	125
Anexo 2.2 – folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (membros da direção da APDES)	131
Anexo 2.3 - Grelha de categorias de análise de conteúdo da entrevista semiestruturada ao diretor executivo da APDES	136

Anexo 2.4 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista semiestruturada ao diretor executivo da APDES.....	137
Anexo 3 - Entrevistas semiestruturadas às coordenadoras dos projetos ACIS+, Não Vale TB, PUSH, Girugaia e Click no Bullying	147
Anexo 3.1- Guião de entrevista semi-estruturada às coordenadoras dos projetos ACIS+, Não Vale TB, PUSH, Girugaia e Click no Bullying	147
Anexo 3.2 - Folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (entrevista semiestruturada às Coordenadoras dos projetos Não Vale Tb, ACIS+, PUSH, Girugaia e Click no Bullying	151
Anexo 3.3 Categorias de análise das entrevistas semiestruturadas às Coordenadoras dos projetos ACIS+, PUSH, Click no Bullying, NVTB e Girugaia	155
Anexo 3.4 - Grelha de análise da entrevista semiestruturada à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying	156
Anexo 3.5 - Grelha de análise da entrevista semiestruturada à Coordenadora dos Projetos GiruGaia e Não Vale TB	168
Anexo 3.6- Grelha de análise comparativa às entrevistas semiestruturadas da Coordenadora do Girugaia e NVTB e da Coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no bullying	176
Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdo dos diários de campo.....	190
Anexo 4.1 - Grelha de categorias de análise de conteúdo dos diários de campo	190
Anexo 4.2 - Grelha de análise de conteúdo do Projeto ACIS+	191
Anexo 4.3 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto Não Vale TB ..	195
Anexo 4.4 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto PUSH	212
Anexo 4.5 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto Girugaia	216
Anexo 4.6 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do Training course do Click no Bullying (Bucareste, Roménia)	221
Anexo 5- Grelhas de análise documental.....	225
Anexo 5.1 Fontes documentais analisadas ao longo do estágio	225
Anexo 5.2 – Grelha de análise documental ao <i>site</i> oficial da APDES.....	225

Anexo 5.3 – Grelha de análise documental à candidatura do Projeto ACIS+	230
Anexo 5.4 – Grelha de análise documental ao projeto Click no Bullying (<i>site</i> oficial da APDES)	232
Anexo 5.5 - Grelha de análise documental do projeto Girugaia (<i>site</i> oficial da APDES).....	233
Anexo 5.6 - Grelha de análise documental ao <i>site</i> oficial do Project PUSH: Promoting Unity Through Sports for the Homeless	234
Anexo 5.7 - Grelha de análise documental ao relatório de resultados de atividades do projeto Não Vale TB II	235
Anexo 6 - ACIS+	238
Anexo 6.1 - Panfleto informativo ACIS+	238
Anexo 6.2 - Panfletos informativos dos módulos do programa do ACIS+	247
Anexo 6.3 - Inquérito de auscultação de necessidades formativas ACIS+	268
Anexo 6.4 – Texto do email de divulgação do inquérito de auscultação de necessidades do ACIS+	275
Anexo 6.5 - Publicação para divulgação do projeto ACIS+ nas redes sociais da APDES	276
Anexo 6.6 Publicação para divulgação do inquérito de auscultação de necessidades formativas do ACIS+ nas redes sociais da APDES.....	280
Anexo 6.7 - Plano de monitorização e avaliação do projeto ACIS+	284
Anexo 7 – PUSH	295
Anexo 7.1 – Panfleto de divulgação de atividades do projeto PUSH.....	295
Anexo 7.2 - Publicação de divulgação da dinamização do webinar do Projeto PUSH	296
Anexo 7.3 - Apresentação do <i>Webinar</i> do projeto PUSH	298
Anexo 7.4 Plano de atividades do Projeto PUSH	319

Declaração de honra

Declaro que o presente relatório é de minha autoria e não foi utilizado previamente noutro curso ou unidade curricular, desta ou de outra instituição. As referências a outros autores (textos, trabalhos, ideias) respeitam escrupulosamente as regras de atribuição de autoria e encontram-se devidamente indicadas no texto e nas referências bibliográficas, de acordo com as normas de referência. Tenho consciência de que a prática de plágio e auto-plágio constitui um ilícito académico.

Declaro, ainda, que não utilizei ferramentas de inteligência artificial generativa (chatbots baseados em grandes modelos de linguagem) para realização de parte(s) do relatório, encontrando-se todas as interações (prompts e respostas) transcritas em anexo.

Esmoriz, 31 de julho de 2024

Inês Figueiredo Pereira

Agradecimentos

À Professora Natália Azevedo,
por me ter feito perceber aquilo em que quero trabalhar para o resto da vida,
por me ter guiado e apoiado nesta aventura de estágio em todas as suas valências.

À APDES,
por me ter dado a oportunidade de ter uma experiência tão rica em conhecimentos e desafios.

À Joana e à Simas,
por toda a supervisão e orientação nas diversas atividades de estágio,
mas sobretudo pela amizade e pelas pataniscas.

A todos os amigos que fiz na FLUP,
por todas as aventuras e desventuras vividas ao longo de 5 anos.

Aos meus 5 gatos,
por me reconfortarem nos bons e nos maus momentos.

A todos os amigos da terrinha,
por me acompanharem em todos os momentos da minha vida com amor e cerveja.

Ao amor da minha vida, Ricardo,
por me amar mesmo nos momentos de ansiedade e por acreditar sempre em mim.

À Mariana, Daniela, Paulita e Rui,
por terem sido sempre a minha segunda família e me tornarem na pessoa que sou hoje.

Aos meus irmãos, principalmente ao Pedro,
por ter ficado sem carta e assim me permitir ter carro para ir para o estágio.

E finalmente à minha mãe
que sempre se esforçou como uma guerreira para me dar tudo na vida.

Resumo

O presente relatório de estágio aborda a intervenção social e comunitária de proximidade no Terceiro Setor, tendo como foco os projetos da Organização Não Governamental para o Desenvolvimento (ONGD), a Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES). Nesta organização realizou-se um estágio curricular com duração de 500 horas, entre 27 de novembro de 2023 e 10 de maio de 2024.

Dentro do universo de projetos em curso na APDES, tivemos a oportunidade de integrar cinco projetos com diferentes naturezas temáticas e com diferentes pressupostos de intervenção. Como elemento das respetivas equipas, procuramos compreender o papel desta organização do Terceiro Setor no seu trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade junto de diferentes populações alvo com as quais trabalham. Dentro deste universo, analisamos as suas maiores valências e constrangimentos enfrentados pela mesma.

Com a adoção de uma metodologia mista, incorporamos nos planos de trabalho a realização de entrevistas semiestruturadas a diferentes atores da APDES, assim como análises documentais e a utilização de técnicas de observação direta e participante presentes em registos de diário de campo. Após o trabalho realizado foi possível aferir que as ações de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES se apresentam como adequadas e eficientes para as necessidades das suas populações-alvo, nomeadamente através da relação criada pelas equipas dos diversos projetos com as respetivas comunidades. Contudo, a ONGD enfrenta determinados constrangimentos a nível de financiamento e de comunicação interna.

Palavras-chave: Intervenção social; Intervenção comunitária; Intervenção de proximidade; Organizações Não Governamentais; Desenvolvimento social.

Abstract

This internship report addresses social and community intervention in the Third Sector, focusing on the projects of the Non-Governmental Organization for Development (NGDO), the Piaget Agency for Development (APDES). A curricular internship lasting 500 hours was carried out in this organization, between November 27, 2023 and May 10, 2024.

Within the universe of projects underway at APDES, we had the opportunity to integrate five projects with different thematic natures and with different intervention assumptions. As a member of the respective teams, we seek to understand the role of this Third Sector organization in its work of social and community intervention in proximity to different target populations with which it works. Within this universe, we analyze her greatest strengths and restrictions it faces.

With the adoption of a mixed methodology, we incorporated into the work plans the carrying out of semi-structured interviews with different APDES actors, as well as documentary analyzes and the use of direct and participant observation techniques present in field diary records. After the work carried out, it was possible to verify that APDES's social and community outreach actions are adequate and efficient for the needs of their target populations, particularly through the relationship created by the teams of the different projects with their respective communities. However, the ONGD faces certain constraints in terms of funding and internal communication.

Key-words: Social Intervention; Proximity Intervention; Community intervention; Non-Governmental Organizations; Social development.

Índice de figuras

Figura 1 – Ação de sensibilização e literacia para a tuberculose (NVTB) na Universidade Sénior de Penafiel (ADISCREP).....	69
Figura 2 –Rastreios no âmbito do projeto NVTB em SAAS da Associação da Figueira...	70
Figura 3 – Saída de campo no âmbito do projeto Girugaia.....	77
Figura 4 – Capa de jornal elaborada no âmbito do Training Course do Click no Bullying (Roménia).....	93

Índice de tabelas

Tabela 1 – Entrevistas semiestruturadas realizadas: identificação dos atores.....38

Tabela 2 – Síntese de opções metodológicas.....44

Índice de gráficos

Gráfico 1 – Percentagem de emprego no ramo das Atividade de Apoio Social.....	22
Gráfico 2 – Sexo da amostra do inquérito de auscultação de necessidades do ACIS+.....	61
Gráfico 3 – Área de formação académica da amostra do inquérito de auscultação de necessidades formativas do ACIS+	62
Gráfico 4 – “Como teve conhecimento da existência do ACIS+?”	65
Gráfico 5- Nº de indivíduos (em milhares) com 65+ anos que vivem sozinhos.....	74

Lista de abreviaturas e siglas

ACIS+	Aproximar a Capacitar Interventores Sociais
APDES	Agência Piaget para o Desenvolvimento
CICL	Camões: Instituto da Cooperação e da Língua
CIM	Comunidade Intermunicipal
CSES	Conta Satélite da Economia Social
DGS	Direção Geral da Saúde
DST	Doença Sexualmente Transmissível
FLUP	Faculdade de Letras da Universidade do Porto
FPCEUP	Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto
ICP	Instituto da Cooperação Portuguesa
INE	Instituto Nacional de Estatística
IPSS	Instituição Particular de Solidariedade Social
NVTB	Não Vale TB
ODS	Objetivos de Desenvolvimento Sustentável
ONU	Organização das Nações Unidas
ONG	Organização Não Governamental
ONGD	Organização Não Governamental para o Desenvolvimento
SAAS	Serviços de Atendimento e Acompanhamento Social
SICAD	Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências
SPSS	Statistical Package for Social Science
UE	União Europeia
UP	Universidade do Porto

Introdução

Em sociedades cada vez mais globalizadas e aceleradas, marcadas por contextos de desigualdades sociais e económicas, emergem as Organizações Não Governamentais (ONG) e as Organizações Não Governamentais para o Desenvolvimento (ONGD) como atores centrais neste cenário contemporâneo de intervenção social e comunitária de proximidade. Estas organizações desempenham papéis fundamentais na promoção de um desenvolvimento sustentável, no que diz respeito à defesa dos direitos humanos e na prestação de serviços sociais, principalmente junto de comunidades vulneráveis, que tendem a ser esquecidas pelas políticas públicas do poder central.

A intervenção social e comunitária de proximidade das ONG e ONGD abrange um amplo leque de atividades, desde a educação para a saúde, redução de riscos e minimização de danos, até à vertente da proteção ambiental e a inclusão social. A eficácia das ações dessas organizações em alcançar os seus objetivos depende, em grande medida, da sua capacidade de estabelecer parcerias estratégicas com o Estado, empresas privadas e outras entidades da sociedade civil. Por outro lado, o sucesso das ONG e ONGD também está intrinsecamente ligado à sua habilidade na capacidade de captar recursos, gerir projetos e avaliar os impactos das suas ações de forma contínua e transparente.

O presente relatório de estágio resulta de uma experiência de estágio curricular no contexto de uma ONGD portuguesa que desenvolve trabalhos de intervenção social e comunitária de proximidade. Ao longo de 500 horas de estágio, entre 27 de novembro de 2023 e 10 de maio de 2024, foi nossa intenção analisar as suas estratégias de atuação, o seu desempenho nos vários contextos de intervenção, percebendo também quais são os desafios enfrentados e quais as práticas adotadas. O estágio incidiu na integração das equipas técnicas de intervenção social e comunitária de proximidade de uma ONGD

portuguesa, a Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES). De acordo com a abordagem de metodologia mista, utilizamos técnicas como a realização de entrevistas semiestruturadas a diferentes atores da APDES, como o diretor executivo e duas coordenadoras dos projetos integrados no âmbito do estágio, aliada a uma análise documental sobre os projetos e sobre a instituição, assim como a utilização das técnicas observação direta e participante apresentadas em suporte de diário de campo. A partir da combinação destas técnicas, construímos uma visão abrangente e detalhada das intervenções nos vários contextos. Por esta via identificámos os fatores que contribuem para a eficácia e sustentabilidade dos projetos, assim como os seus fatores de risco e os seus constrangimentos. Refletimos sobre a questão “Como caracterizar o papel e a ação de uma ONGD enquanto interventora social e comunitária de proximidade?”

A relevância deste estudo para a Sociologia reside na crescente importância das ONG e ONGD como agentes de mudança social num mundo caracterizado por complexos desafios tanto nacionais como globais. As ONG e ONGD desempenham um papel de complementaridade e, muitas vezes, de substituição de ações estatais, que se denotam como insuficientes ou, em alguns casos, até como inexistentes. Ao abordar temas de interesse público, como a proteção dos direitos humanos de comunidades vulneráveis e outras temáticas de saúde pública e desenvolvimento social, as ONG e ONGD contribuem para a construção de uma sociedade mais justa e equitativa. Note-se nos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)¹ da Organização das Nações Unidas (ONU), onde Portugal se encontra em 20.º lugar numa lista de 163 países no que diz respeito ao desenvolvimento sustentável dos países (BCSD, 2022).

¹ Existem 17 ODS estipulados pela ONU. São estes: 1 - Erradicar a pobreza; 2 - Erradicar a fome; 3- Saúde de qualidade; 4- Educação de qualidade; 5- Igualdade de género; 6- Água potável e saneamento; 7- Energias renováveis e Acessíveis; 8- Trabalho digno e crescimento económico; 9- Indústria, inovação e infraestruturas; 10- Reduzir as desigualdades; 11- Cidades e comunidades sustentáveis; 12- Produção e consumo sustentável; 13- Ação climática; 14- Proteger a vida marinha; 15- Proteger a vida terrestre; 16- Paz, justiça e instituições eficazes; 17- Parcerias para a implementação dos objetivos (Nações Unidas, sd).

Segundo a BCSD (2022), Portugal teve um papel ativo na elaboração da Agenda 2030², sendo que após os resultados do relatório nacional sobre a Implementação da Agenda 2030 para o desenvolvimento sustentável, Portugal definiu como prioridade a implementação de estratégias de intervenção no que diz respeito aos ODS 4 (Educação de qualidade), 5 (Igualdade de género), 9 (Indústria, Inovação e Infraestruturas), 10 (Reduzir as desigualdades), 13 (Ação climática) e 14 (Proteger a vida marinha). Tendo em conta estes ODS estipulados na Agenda 2030 para Portugal, torna-se importante e necessária a atuação das ONGD, onde se inclui a instituição em caso de estudo, para o crescimento sustentável de Portugal.

Quanto à organização do relatório de estágio, este divide-se em 3 capítulos: o primeiro Capítulo diz respeito à revisão da literatura sobre ONG e ONG no panorama português, quanto à sua génese, evolução e importância para a sociedade portuguesa atual, onde se enfatiza as ações de intervenção social e comunitária de proximidade e os seus (e)feitos na população; O segundo Capítulo incide nas orientações teórico-metodológicas de intervenção numa ONGD, apresentando o problema e objetivos do estágio curricular na APDES. Em complemento, enumeramos e justificamos as opções metodológicas e técnicas para o presente relatório de estágio, tendo em conta as características da organização acolhedora apresentada neste capítulo; Por fim, o terceiro Capítulo diz respeito aos projetos, atores e resultados abordados ao longo do estágio. Aqui analisamos as atividades e tarefas realizadas no âmbito do estágio, seguidas de reflexões críticas sobre os projetos e atividades integradas no plano de trabalho.

² A Agenda 2030 foi uma agenda desenvolvida pelas Nações Unidas em 2015, que aborda diversas dimensões para o desenvolvimento sustentável dos Estados Membros. Estas dimensões assentam em questões sociais, ambientais e económicas, assim como visam promover a paz, justiça e instituições sustentáveis (Nações Unidas, sd).

Capítulo 1: O Terceiro Setor e a intervenção social e comunitária de proximidade: revisão da literatura

1.1 Panorama do Terceiro Setor Português: ONG e ONGD

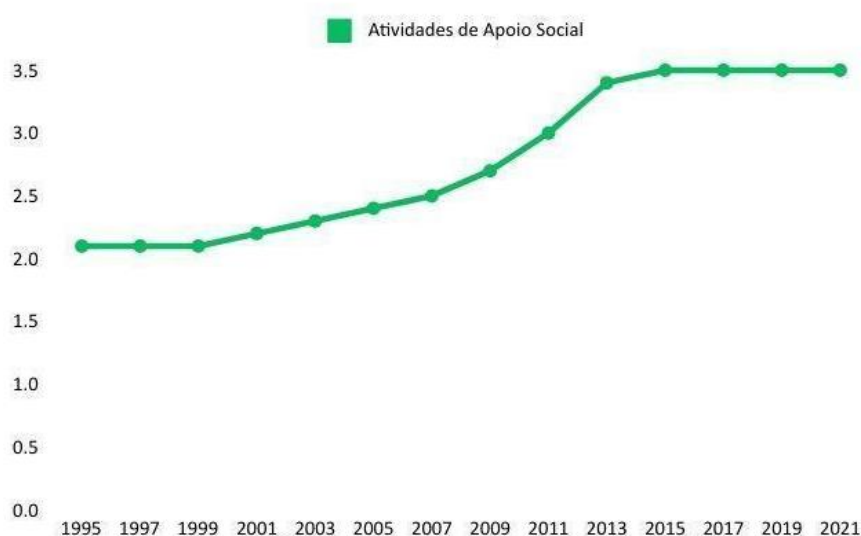
O Terceiro Setor, onde está inserida a APDES, é um campo de investigação e intervenção de extrema relevância para a sociedade. Este lida com o estudo das “formas de organização das coletividades e da sociedade civil, entre as quais as associações, as cooperativas, as mutualidades e as fundações, são as formas mais amplamente institucionalizadas nos países democráticos” (Quintão, 2011, p.5).

O Terceiro Setor oferece uma disponibilidade de serviços imediata, capaz de beneficiar os cidadãos, e contribuir para o desenvolvimento de respostas sociais, através de instituições a nível nacional (Garrido, 2016). O aumento da importância de ações de solidariedade social trouxe um novo mecanismo entre o Estado, o setor social e de parcerias, que visam estimular e apoiar as atividades desenvolvidas, levando a novas e inovadoras respostas sociais (Braga & Correia, 2023). Como resultado, é possível definir o Terceiro Setor por uma lente económica plural, capaz de mobilizar recursos e princípios dos três vértices referidos. Podemos também posicionar as organizações do Terceiro Setor num polo económico, social e político intermediário entre os polos. Por outro lado, privilegia-se uma análise da realidade social, afastando-se da sistematização de critérios delimitadores (Evers et al., 2005)

Dentro do panorama europeu, é no Terceiro Setor que encontramos, em 2018, 13% da força de trabalho, constituindo a terceira maior no conjunto de atividades económicas na Europa (Salamon & Sokolowski, 2018). O caso português também é positivo, uma vez que tem vindo a crescer na economia quer ao nível da criação de emprego, produtos e serviços, quer em termos de receitas. Por conseguinte, segundo

Lopes (2022), estes dados promovem a dinamização social e económica de Portugal. De acordo com a terceira edição da Conta Satélite da Economia Social (CSES, 2023), no ano de 2020, o Terceiro Setor português englobava um total de 73851 organizações, que empregaram aproximadamente 243783 pessoas, o que representa 5,9% do emprego total remunerado a nível nacional (INE e CSES, 2023). Segundo a CSES (2023, parágrafo 3), “(...) é de notar que o emprego e o emprego remunerado na Economia Social aumentaram ligeiramente (0,4%), revelando uma evolução também oposta à que se observou na economia nacional (diminuição de 1,4%)”. Veja-se igualmente através dos dados da PORDATA (2024), relativamente ao crescimento positivo do emprego em Atividades de Apoio Social (Gráfico 1), desde 1995 a 2015, seguido de um quadro de estagnação do Setor entre 2015 e 2021, como pode ser verificado no Gráfico 1.

Gráfico 1 – *PERCENTAGEM DE EMPREGO NO RAMO DAS ATIVIDADES DE APOIO SOCIAL*



Fonte: PORDATA, *Emprego: total e por ramo de atividade, equivalente a tempo completo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela/5841073> (acedido, pela última vez, a 25 de maio de 2024)

Dentro do Terceiro Setor, destacamos o trabalho das ONGD, onde se insere a APDES, a nossa organização acolhedora de estágio. A emergência das ONGD remonta, segundo Quintão (2015), ao período do pós-guerra, mais precisamente após a Revolução de Abril de 1974. No entanto, nas últimas três décadas, têm vindo a afirmar-se no contexto das relações internacionais. Estas ONGD caracterizam-se pelo seu carácter não lucrativo e por uma orientação de trabalho *bottom-up* com as comunidades locais, integrando muitas vezes a questão do voluntariado na sua ação (Quintão, 2015).

Na sua origem, as ONGD estão ligadas a uma diversidade de motivações, onde se destacam o espírito humanitário, a participação na sociedade civil, o movimento anticolonial no antigo regime do Estado Novo, entre outras. Os casos específicos das ONGD portuguesas apresentam domínios de atividade e intervenção nas áreas da educação, formação e apoio social. Contudo, o seu grande destaque reside nos projetos de cooperação e ajuda humanitária internacionais, como foi no caso das antigas colónias portuguesas, após o desmantelamento do Estado Novo. Por outro lado, é importante referir ainda o carácter não competitivo das ONGD portuguesas, preservando-se assim os valores da autonomia e independência face ao Estado.

Em 1997, o Instituto da Cooperação Portuguesa (ICP), órgão governamental criado em 1994, após a reestruturação do dispositivo institucional dos Assuntos da Cooperação existente em Portugal, também vocacionado para o registo e apoio às ONGD, tinha inscritas 150 organizações (ICP, 2024). A grande maioria destas organizações tinha a sua sede nos dois principais pontos do país, Lisboa e Porto, negligenciando-se assim o interior de Portugal. Ainda em 1997, num relatório elaborado para o Centro de Desenvolvimento da OCDE (Quintão, 2015), considerava-se que as ONGD portuguesas tinham um papel marginal no apoio ao desenvolvimento. Sobre as ONGD, o documento referia que

“(...) apesar de serem reconhecidas oficialmente e os apoios terem aumentado nos últimos anos, as suas relações com o poder político não estavam ainda institucionalizadas, não existindo nem um orçamento para a cooperação portuguesa, nem a atribuição prévia de verbas para o financiamento dos seus projectos”

(Quintão, 2015, p.133).

O diálogo entre as ONGD e o Governo tendia a intensificar-se, mas não se assistia à sua operacionalização no que se refere aos principais problemas em discussão nos inícios dos anos 2000: financiamento, estatutos das ONGD e do cooperante e legislação sobre mecenato para a cooperação. Quanto à sua viabilização, as ONGD continuavam a depender maioritariamente dos cofinanciamentos da UE e, em menor escala, dos apoios do Governo e de campanhas de fundos (Garrido, 2016). Segundo Quintão (2015), no final dos anos 1990 e início dos anos 2000, as ONGD preconizavam o reforço da atividade de *lobbying* e a constituição de um movimento que fosse mais abrangente e que integrasse diferentes parceiros, como por exemplo as universidades, as associações de desenvolvimento local e autarquias, como forma de criar uma maior consciencialização da opinião pública e de aumentar a pressão sobre o Governo, dada a inexistência de uma política de cooperação para o desenvolvimento por parte do poder político em Portugal.

Em outubro de 2023, os dados do Instituto Camões: Instituto da Cooperação e da Língua (CICL) registaram a existência de cerca de 153 ONGD em Portugal (CICL, 2024). Já na Plataforma Portuguesa das ONGD estão associadas 62 ONGD, entre as quais encontramos a APDES. Segundo a Plataforma Portuguesa das ONGD (sd), são várias as áreas de atuação destas organizações, passando pelo desenvolvimento sustentável, comunitário, capacitação dos recursos humanos, microcrédito, desenvolvimento rural, saúde, educação, direitos humanos, advocacia, entre outras.

As ONGD têm um grande interesse para as Ciências Sociais, principalmente para a Sociologia, uma vez que possibilitam a aproximação do investigador com o terreno, propiciando que o seu trabalho contribua para potenciar mudanças sociais (Garrido, 2016). O trabalho levado a cabo pelas ONGD procura perspetivar o ator social como um sujeito social capaz de dar sentido às suas ações. Por esta razão, uma intervenção social e comunitária de proximidade procura a consciencialização dos atores sobre os seus objetivos, fraquezas e forças, de forma a definirem uma melhor estratégia para os atingir. Segundo Canastra, conforme citado em Carmo (2016), verificam-se algumas alterações no que diz respeito à intervenção social e comunitária de proximidade, sendo esta mais flexível, próxima e personalizada e segundo um objetivo último: o desenvolvimento social. Por outro lado, denota-se uma mudança de paradigma, agora orientado para o empoderamento e desenvolvimento das competências dos indivíduos. Por fim, surgem novos atores nesta área como agentes de inserção social, mediadores ou agentes de desenvolvimento local.

1.2 Terceiro Setor e a intervenção social e comunitária de proximidade em parceria

Segundo Costa (2014), as parcerias constituem uma estratégia de intervenção no contexto das modalidades de relacionamento entre o Estado e o Setor Não-Lucrativo na promoção do bem-estar social. A relação entre Estado e ONG e ONGD, entre outras organizações do Terceiro Setor, é sustentada por três diferentes princípios: Subsidiariedade, que retrata a proximidade entre as instâncias interventoras e os cidadãos; Corresponsabilidade dos atores sociais e por fim, a Autonomia das iniciativas particulares de solidariedade social (Costa, 2014). Esta relação entre o Estado e o Terceiro Setor tornou-se fundamental após a crise do *modelo de Estado de Bem-Estar* –

Crise financeira e de legitimidade dos modelos de proteção social. Contextualizando esta crise, esta iniciou-se nos anos de 1980 e tornou-se visível na grande maioria dos países do Ocidente, levando a processos de reforma da Administração Pública que tiveram fortes impactos na interação entre Estado e Terceiro Setor no que diz respeito à prestação de serviços sociais.

No caso português, foi a influência da Europa e de outras organizações internacionais que marcou a nossa orientação política desde a década de 1960 (Costa, 2014). A partir destas parcerias foi possível aumentar a proporção de acordos de cooperação entre o Estado e o Terceiro Setor, a partir dos quais se desenvolveram práticas de intervenção social e comunitária direta e de proximidade. Estas parcerias ainda constituem uma realidade atual, sendo que segundo Costa (2014), os serviços de ação social continuam a ser realizados através da cooperação entre o Estado e Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS). O reconhecimento e valorização do trabalho destas organizações do Terceiro Setor está presente nos objetivos oficializados pela Assembleia da República (2007), na Lei de Bases da Segurança Social nº 4/2007, Artigo 15º de 16 de janeiro:

“O princípio da complementaridade consiste na articulação das várias formas de protecção social, públicas, cooperativas e sociais, com o objectivo de melhorar a cobertura das situações abrangidas e promover a partilha contratualizada das responsabilidades, nos diferentes patamares de protecção social.”

Desta forma, deparamo-nos com um sistema de bem-estar social misto, onde o Estado assegura a existência de redes de prestação de cuidados, através do apoio às organizações do Terceiro Setor, em detrimento da administração de hierarquias. Estas redes, segundo Costa (2014), são utilizadas por diversos atores sociais que utilizam os processos mais flexíveis na resposta às solicitações da população e espera-se que sejam

mais eficientes do que as respostas da Administração. Por outro lado, são planeadas e implementadas através de processos de participação da base para o topo, sendo por isso dotadas com uma natureza de valor jurídico autónomo. Segundo Costa (2014, p.200),

“Os objetivos pretendidos são a diversidade nos agentes, nos modelos e nos procedimentos de intervenção; a equidade, com adequação das respostas às necessidades e à hierarquia das necessidades; a eficiência, com melhoria do equilíbrio entre os recursos e os feitos; a participação social, com estímulos desenvolvidos dirigidos à sociedade civil e ao seu envolvimento direto com a qualidade de vida; e a responsabilização partilhada e solidária entre atores sociais institucionais, sistema-cliente (...) e os cidadãos em geral.”

Não obstante, a subsidiariedade mantém-se como princípio nuclear da atuação do Terceiro Setor. As disponibilidades de apoios continuam a ser concedidas pelas esferas mais próximas dos cidadãos, utilizando o Estado como um último recurso de apoio.

1.3 Intervenção social e comunitária de proximidade

As dinâmicas sociais, fortemente alteradas nas duas últimas décadas do século XX, tornaram-se mais complexas e paradoxais (Guerra, 2006). Exemplos concretos destas mudanças encontramos na mundialização da economia, mas também na diversificação de culturas e estilos de vida. Por outro lado, podemos enfatizar os fenómenos do desemprego, exclusão social, migração (política, económica, entre outras), polarização social e emergência da sociedade civil. É este conjunto de fenómenos e mudanças sociais que, segundo Guerra (2006), criam crises urbanas (principalmente nos bairros mais degradados), crises de emprego (em grandes regiões industriais), crises de legitimidade e crises financeiras (no Estado e nos municípios). Ao observar-se tal

panorama social, os sociólogos são chamados para programas de intervenção social, abrindo-se desta forma novos e diversos campos de atividade para a Sociologia, levando consequentemente à criação e adoção de novas metodologias e técnicas de ação.

Segundo Canastra conforme citado em Carmo (2008), este novo panorama origina três novas tendências de intervenção social. A primeira assenta no aparecimento de “novas modalidades de intervenção”, que se denotam mais flexíveis, próximas e personalizadas, mas também menos intermediárias. O seu objetivo diz respeito ao desenvolvimento pessoal e social do que se intitula “sistemas clientes” (Costa, 2014, p.201). A segunda tendência diz respeito à “emergência de novos atores de intervenção social”, como por exemplo os agentes de desenvolvimento local, agentes de inserção social, mediadores sociais e interculturais, entre outros. Por último, assistimos a uma “mudança de paradigma de intervenção”, orientado para a reconstrução das capacidades de ação dos indivíduos - empoderamento – e também para o desenvolvimento das suas competências, afastando-se dos modelos formais de capacitação.

As abordagens participativas e de empoderamento, referidas no terceiro ponto de novas tendências de intervenção social, expandem-se nas áreas das ciências sociais, uma vez que enquanto investigadores e avaliadores temos acesso a informações e conhecimentos privilegiados sobre as comunidades cada vez que estamos inseridos em metodologias participativas (Suarez-Balcazar & Harper, 2003). Segundo Mendes & Antunes (2022), a intervenção social e comunitária de proximidade é hoje vista como uma técnica e prática social que visa a melhoria da qualidade de vida, o desenvolvimento social e comunitário. Para que tal seja possível, é feita uma aliança de mobilização de recursos tanto humanos como institucionais, o que estimula a participação ativa da população na sua própria transformação e empoderamento social, ou seja, perspetiva o indivíduo como o motor fundamental e central de transformação da sua própria

realidade. A sua dinâmica endógena prioriza a utilização dos recursos da sua comunidade, o que incentiva os indivíduos e as instituições a terem consciência dos seus próprios problemas, levando a uma procura por capacitação pessoal e comunitária com vista à resolução desses problemas (Mendes & Antunes, 2022).

“Seguindo o pensamento de Paulo Freire (1975;1985), o primeiro passo deste processo consiste em trabalhar no sentido de capacitar as pessoas a adquirirem consciência crítica das condições precárias e injustas em que vivem, bem como a importância de tomarem medidas para que elas próprias resolvam ou contribuam para a resolução dos seus problemas.”

(Mendes & Antunes, 2022, parágrafo 8)

O intuito principal desta metodologia reside em consciencializar o indivíduo com conhecimento sobre o mundo, longe de uma perspetiva assistencialista e financeira que apenas dota o indivíduo com conteúdos ou conhecimentos ineficientes para as suas necessidades. Em contrapartida, segundo Mendes & Antunes (2022), para conhecer e transformar o mundo é preciso estar em contacto e interação com ele. Este conceito de consciencialização, segundo Guerra (2006), contém todos os elementos de uma Investigação-Ação, sendo estes: a Pesquisa (palavras geradoras relacionadas com os contextos de vida); a Formação (aprendizagem de conhecimentos de leitura, escrita, políticos, culturais e sociais) e a Ação (os indivíduos são confrontados com as problemáticas abordadas e alteram as suas perspetivas e comportamentos, tanto individuais como coletivos no processo de pesquisa. Por conseguinte, este processo de capacitação torna-se uma ferramenta para perspetivar o mundo de forma mais positiva (Mendes & Antunes, 2022), permitindo, segundo Guerra (2006), a descodificação da dinâmica social dos indivíduos, reflexão e clarificação do seu papel nessa dinâmica (consciencialização), que, por conseguinte, leva à aquisição de controlo sobre

determinadas variáveis do quotidiano da população-alvo. A capacitação e educação transformam-se desta forma, segundo as palavras de Freire (1985), conforme citado em Mendes & Antunes (2022), numa “prática de liberdade”, constituindo um conceito chave para o desenvolvimento individual e comunitário.

O objetivo último da intervenção social e comunitária de proximidade assenta em tornar os indivíduos e comunidade independentes, ou seja, após a aquisição de conhecimentos, capacidades e recursos, esse desenvolvimento individual leva ao desenvolvimento coletivo. Desta forma torna-se possível alcançar, de forma geral, melhores condições de vida dos indivíduos e da sua comunidade, aumentando os níveis de justiça social. (Mendes & Antunes, 2022).

O processo de intervenção social e comunitária de proximidade, da mesma forma que se inicia a implementação de uma política pública ou um projeto de qualquer área científica/profissional, inicia-se com um diagnóstico ao problema, comunidade, situação de cada caso pretendido. Segundo Costa (2014), através do diagnóstico são procurados desvios e/ou disfunções, quer sejam comportamentais, funcionais, organizacionais ou de inserção. Esta é uma fase de elevada importância, uma vez que para um processo de intervenção ser eficiente e eficaz para as necessidades de uma comunidade ou indivíduo, é preciso conhecer nitidamente quais são os problemas e necessidades de forma fundamentada. Para tal, enfatiza-se a necessidade de ouvir a população-alvo, ou seja, realizar um diagnóstico participado, pois este é adequado à “produção de conhecimento relevante quanto às prioridades, perceções e práticas de instituições e munícipes” (Almeida & Ferreira, 2016, p. 6). Desta forma, estamos a fornecer informações valiosas para a tomada de processos de intervenções sociais, mas também a um nível mais meso e macro de decisões políticas como os municípios, o Estado e instituições internacionais. Por conseguinte, estamos a contribuir para a capacitação de todas as entidades e indivíduos envolvidos.

Após o diagnóstico, é realizada uma definição de estratégias e objetivos de intervenção, tendo em conta os problemas levantados *a priori*. Quanto à avaliação da intervenção, esta é realizada normalmente no seu encerramento, pretendendo-se medir os resultados imediatos da sua atuação, tendo como base a análise da eliminação ou atenuação das variáveis negativas identificadas no diagnóstico, visando a determinação da eficácia da ação (Costa, 2014). Por outras palavras, a avaliação foca-se no sucesso a curto-prazo, analisando a substituição das disfunções previamente apontadas por situações adequadas e funcionais, tendo em conta aquilo que são as normas padronizadas de comportamento. Desta forma, uma avaliação de um projeto pode definir-se como o processo de “estabelecer o grau de pertinência, idoneidade, eficácia e eficiência do programa em causa; determinar as razões dos êxitos e dos fracassos (...)” (Monteiro (1996, p.139).

Por outro lado, também é de realçar que a avaliação de uma ação de intervenção social objetiva igualmente a averiguação do desempenho do profissional ou da instituição encarregue, ou seja, se houve um cumprimento efetivo das atividades e tarefas planeadas (averiguando o grau de participação e empenho dos interessados). Também neste sentido o objetivo final é a correção de desvios da intervenção em si, de forma a melhorar as competências dos técnicos e das instituições em intervenções futuras – “Procura-se com o exercício de uma avaliação aprender com a experiência, bem como integrar em ações futuras os conhecimentos adquiridos ao longo do processo já desenvolvido” (Monteiro, 1996, p.138).

Capítulo 2: Orientações teórico-metodológicas da intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD

2.1 Definição do problema e dos objetivos

Após o enquadramento do trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade das ONG e ONGD e dos seus resultados esperados para as populações alvo - emancipação e empoderamento social, desenvolvimento/capacitação pessoal e social - os pressupostos do nosso estágio curricular assentaram no trabalho de participação e acompanhamento dos projetos da organização acolhedora e na análise reflexiva sobre o *modus operandi* da APDES enquanto ONGD interventora social e comunitária de proximidade em diferentes contextos.

Para tal, integramos as equipas técnicas dos projetos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES, assim como participamos e acompanhamos as variadas atividades e tarefas desenvolvidas nos e pelos projetos. Desta forma, visou-se desenvolver competências metodológicas e técnicas de intervenção social, específicas das ONGD, e descrever e refletir sobre o papel, ação e (e)feitos dos projetos integrados nos planos de trabalho da APDES nas respetivas populações-alvo, no caso em análise, os projetos *ACIS+*, *Não Vale TB*, *PUSH*, *Girugaia* e *Click no Bullying*. Nesse sentido, tivemos em conta as orientações teórico-metodológicas da Sociologia e procurámos visualizar e aplicar tais orientações, num esforço de interdisciplinaridade, à operacionalização e análise dos projetos de intervenção social e comunitária de proximidade.

Em suma, debruçamo-nos sobre a questão - Como caracterizar o papel e a ação de uma ONGD enquanto interventora social e comunitária de proximidade? - refletindo sobre os (e)feitos de uma ONGD portuguesa, na sua prática interventiva e comunitária de proximidade, os seus pontos fortes, as suas limitações e constrangimentos.

2.2 Apresentação e justificação das opções metodológicas

Tendo em conta os objetivos de estágio, abordados no ponto 2.1, a escolha metodológica definida assenta numa abordagem metodológica mista, relativamente às experiências de trabalho na APDES, assim como a análise dos (e)feitos dos projetos e da ação das equipas técnicas de intervenção social e comunitária de proximidade. Segundo Creswell (2009), a metodologia mista é ajustada em estudos sobre temas como género, etnia, classes e indivíduos com incapacidades, entre outros temas de discriminação e marginalização - o que torna benéfica a aplicação desta metodologia na análise da ação dos projetos da APDES. O autor refere também que

“(The) research methodology continues to evolve and develop, and mixed methods is another step forward, utilizing the strengths of both qualitative and quantitative research. Also, the problems addressed by social and health science researchers are complex, and the use of either quantitative or qualitative approaches by themselves is inadequate to address this complexity.” (Creswell, 2009, p. 337)

Por outro lado, a natureza interdisciplinar da metodologia mista contribui para a formação de equipas de investigação e intervenção com interesses e abordagens metodológicas diversas. Não obstante, há mais conhecimentos a obter a partir da combinação de pesquisas qualitativas e quantitativas, do que aquilo que iríamos obter isoladamente, ou seja, o seu uso combinado proporciona uma compreensão ampliada dos problemas de pesquisa (Creswell, 2009). Dentro das tipologias metodológicas mistas, apresentadas por Creswell (2009)³, optou-se pela vertente da estratégia de

³ Estratégias de metodologias mistas (Creswell, 2009): Sequential Explanatory Strategy; Sequential Exploratory Strategy; Sequential Transformative Strategy; Concurrent Triangulation Strategy; Concurrent Embedded Strategy; Concurrent Transformative Strategy.

triangulação simultânea. Esta é uma das abordagens mais recorrentes, dentro das seis existentes, onde o investigador coleta tanto dados quantitativos como qualitativos, simultaneamente, comparando posteriormente os dois tipos de dados. Segundo Azevedo (2007, p.79), “A triangulação, instrumento com a heurística suficiente para o protagonizar como uma das modalidades possíveis de convergência interparadigmática”. O intuito é ter a possibilidade de confirmar, desconfirmar, determinar convergências, diferenças, corroborações ou combinações (Creswell, 2009). Por outro lado, esta estratégia separa as técnicas quantitativas das qualitativas, de forma a controlar as virtualidades e os obstáculos de cada um dos métodos. A triangulação, segundo Azevedo (2007, p.79), incide num “(...) instrumento com a heurística suficiente para o protagonizar como uma das modalidades possíveis de convergência interparadigmática”.

Algumas limitações se podem atribuir à metodologia mista, tal como a dificuldade de articulação dos resultados das diferentes tradições de pesquisa (qualitativa e quantitativa) caso os resultados não sejam convergentes (Antunes, 2008). Desta forma, é necessário rever o processo investigativo e entender em que medida os dados são comparáveis, assim como a competência do investigador no domínio dos dois processos investigativos. A metodologia mista deve ser acompanhada de reflexões críticas relativamente aos dados do trabalho de pesquisa, de forma a contribuir para a superação de alguns dos problemas desta natureza (Antunes, 2008).

Duas das técnicas desenvolvidas ao longo do estágio foram a observação direta e participante. Estes tipos de técnicas destacam-se pois elas consistem na inserção do observador/investigador no grupo observado, o que segundo Almeida (1975, p. 395), “(...) permite uma análise global e intensiva do objeto de estudo”. Contudo, existem riscos, no que diz respeito à proximidade da investigadora ao objeto de estudo, nomeadamente no seu posto enquanto primordial instrumento de recolha de dados

(principalmente qualitativos), onde os valores pessoais, assunções e até preconceitos podem constituir fatores de desvio na recolha e análise de dados (Creswell, 2009). Contudo, as perceções da investigadora sobre as ONGD e as suas práticas de intervenção social e comunitária de proximidade são influenciadas por teorias e metodologias assentes em pressupostos sociológicos, devido à sua formação académica nesta área.

“As consciências individuais reflectirão de maneira tanto mais deformada os fenómenos sociais quanto estes apareçam transparentes a essas consciências; o senso comum, as ideologias, tenderão a fazer-se passar por conhecimento científico da realidade. Os resultados da introspecção devem assim ser tomados como testemunhas, que, por muito interesse informativo que contenham, não são geralmente susceptíveis de constituir mais do que matérias-primas para o estudo da realidade social a que se referem.

(Almeida, 1975, p. 395)

Apesar de todos os esforços realizados para manter um estudo objetivo, é inevitável para a investigadora não comportar determinados pressupostos e ideias pré-concebidas daquilo que a Sociologia analisa e teoriza sobre as diversas temáticas em causa, uma vez que aqui “(...) o sociólogo é um ator social em ação, próximo das áreas sociais em análise, desenvolve gostos, interações, opções, afinidades; proximidades e distâncias, consensos e conflitos.” (Azevedo, 2017. p.38-39). Por conta disso, é necessário que se mantenha a objetividade e uma “utilização controlada” dos resultados do estudo participado (Almeida, 1975, p. 395) e ainda um

“equilíbrio necessário entre perfil técnico, perfil ético e bom senso do sociólogo na gestão diária da investigação participada (que) constitui, na área da sociologia

amadurecida e sustentada enquanto ciência social, o desafio por excelência do exercício profissional”

(Azevedo, 2017. p.38).

O trabalho enquanto interventora social e comunitária de proximidade também pode dificultar-se quando estamos perante equipas técnicas multidisciplinares, devido à possibilidade de um choque ideológico e metodológico com os colegas e a organização. Contudo, “the investigator’s contribution to the research setting can be useful and positive rather than detrimental” (Locke et al., conforme citado em Creswell, 2009 p. 323), pois um entendimento aprofundado de um tema aumenta o conhecimento, consciencialização e sensibilidade em vários desafios.

Os dados e resultados da utilização das técnicas de observação direta e participante estão presentes na utilização da ferramenta de diário de campo (Anexo 4). O diário de campo é preenchido com anotações do quotidiano de trabalho da instituição, das dinâmicas de trabalho e das tarefas em si realizadas - como, por exemplo, as saídas de campo, as reuniões realizadas, a gestão de tarefas dos projetos, como os planos de diagnóstico, monitorização e avaliação, entre outras questões mais informais que podem ser importantes para a reflexão teórica e metodológica do relatório de estágio - “the diary method as a qualitative research method offers theoretical and methodological flexibility to researchers and can be useful to investigate behavioural aspects in and of projects” (Lawrence et al., 2022, p.10).

Segundo Lawrence et al. (2022, p.11), a importância do diário de campo assenta também no argumento de ser uma ferramenta que preserva informações cronológicas e de contextos específicos, de um determinado fenómeno ou projeto, que proporciona uma aprofundada e rica visão dos mesmos. O diário de campo consistiu na redação cronológica das observações diretas e participantes, afastando-se de um diário de

campo categorial *a priori*, sendo que as categorias de análise foram construídas *a posteriori* (Anexo 4.1). Para o diário de campo, também se perspetivou registos fotográficos de alguns contextos de trabalho, principalmente das saídas de terreno e ações de formação nos mesmos. Estes registos foram úteis para a elaboração de dois artigos para a *Newsletter* da APDES⁴, tarefas que foram também pedidas pela organização.

Em complemento, foi realizada uma análise documental referente às diversas informações sobre os projetos em questão, como por exemplo os documentos de candidatura, de monitorização, avaliação, notícias e artigos sobre os mesmos (Anexo 5). Por outro lado, foi feito o mesmo exercício, mas relativamente à própria APDES enquanto ONGD, onde se analisou o *site* oficial, assim como trabalhos académicos, notícias, entre outros. Segundo Valles (1999), conforme citado em Azevedo (2007, p.90-91), a análise documental é “entendida como um outro *ingrediente metodológico* da investigação sociológica, cuja diversidade possível de *materiais documentais* lhe confere um estatuto não despidendo nas inferências interpretativas (...)”. Esta técnica constitui um exercício de objetificação derivado da riqueza dos *traços documentais*, que, quando triangulados com outras técnicas e dados, tornam a investigação sociológica distinta e robusta (Azevedo, 2007).

Outra técnica utilizada no âmbito do estágio foram as entrevistas semiestruturadas, entendidas como técnica de observação não participante (Almeida, 1975). A não participação justifica-se, segundo Almeida (1975, p.397), pois esta “reside na não intervenção do observador nos grupos, nas situações, nos processos sociais em análise”. As entrevistas semiestruturadas constituem uma ferramenta de investigação qualitativa de uma enorme “intensidade, diversidade e globalidade de informação que

⁴ *Newsletter* sobre o webinar do Project PUSH: https://apdes.pt/pt/gva_event/webinar-do-projeto-push/

permite obter, pela centralidade nos discursos dos próprios actores e na subjectividade dos seus quadros de referência (...)” (Azevedo, 2007, p.84-85), que segundo Azevedo, 2007, as referidas especificidades das entrevistas semiestruturadas tornam a sua utilização “essencial na pesquisa qualitativa” (Azevedo, 2007, p. 84-85).

As entrevistas semiestruturadas realizadas, permitiram a recolha de informação verbal junto das Técnicas Coordenadoras dos projetos integrados no plano de trabalho do estágio (Anexo 3), de forma a alcançar um conhecimento mais aprofundado sobre o funcionamento dos mesmos. Por outro lado, pretendeu-se analisar os significados que as Coordenadoras atribuem ao trabalho desenvolvido nos projetos de intervenção social e comunitária de proximidade e as suas perceções sobre os (e)feitos nas populações-alvo. Uma outra entrevista semiestruturada foi realizada ao Diretor Executivo da APDES (Anexo 2.4), com o objetivo de conhecer a génese, os valores, objetivos e medidas de ação da APDES enquanto ONGD. Podemos encontrar na Tabela 1 a identificação dos diferentes entrevistados.

Tabela 1 - ENTREVISTAS SEMIESTRUTURADAS REALIZADAS: IDENTIFICAÇÃO DOS ATORES

Cargo na APDES	Nome referencial	Sexo	Idade	Formação académica
Diretor executivo	Q	Masculino	-----	Psicologia do comportamento desviante
Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying	J	Feminino	30	Sociologia
Coordenadora dos projetos NVTB e Girugaia	C	Feminino	30	Psicologia do comportamento desviante

A elaboração destas entrevistas teve em conta pressupostos éticos e deontológicos da Sociologia, tendo sido igualmente elaborada uma folha de informação ao participante e folhas de consentimento informado a assinar pelos respetivos entrevistados e entrevistador (Anexos 1.3, 2.2 e 3.2). O Código Deontológico da Associação Portuguesa de Sociologia (2020)⁵ destaca quatro princípios éticos fundamentais: a Proteção de Consequências Danosas; o Consentimento Informado (instrumento para explicar aos potenciais participantes em que consiste o estudo a realizar, os riscos e benefícios, como os dados vão ser usados e armazenados, assim como o seu direito de recusar e desistir do estudo); Controle de Informação Pessoal (garantir o anonimato e confidencialidade); Justiça (questiona sobre quem beneficia com o estudo).

Contudo, foram desenhadas outras ferramentas metodológicas como um guião de grupo focal (Anexo 1.1) aos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES, um inquérito por questionário (Anexo 1.2) a essa mesma população, folhas de informação ao participante (Anexo 1.3) e ainda um outro guião de entrevista semiestruturada direcionada ao quadro diretivo da APDES (Anexo 2.1), assim como a respetiva folha de informação ao participante (Anexo 2.2). Contudo, não houve circunstâncias de aplicação destas técnicas no âmbito do estágio.

O grupo focal e o inquérito por questionário poderiam ter sido muito úteis para o relatório de estágio. Nomeadamente, permitiriam uma análise mais focada no funcionamento da Organização enquanto entidade patronal - que tinham sido delineados, mas que acabaram por ser deixados de lado por não haver circunstâncias institucionais de aplicação dos mesmos. O grupo focal diz respeito a um “grupo de discussão informal e de tamanho reduzido, com o propósito de obter informações de

⁵ <https://www.asp-secretarias.pt/a-asp/codigo-deontologico/>

carácter qualitativo em profundidade” (Barbosa & Gomes, 1999, p. 1). Os grupos focais constituem uma técnica valiosa não só para a investigação, mas também para as instituições, uma vez que transportam informações qualitativas sobre o desempenho das atividades desenvolvidas pelas mesmas, das suas prestações de serviços, entre outras questões sobre o funcionamento da instituição (Barbosa & Gomes, 1999). O propósito do grupo focal diz respeito à análise das perceções dos participantes sobre determinados temas, sendo neste caso, os técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES.

Como material de discussão para o grupo focal, elaborou-se um inquérito por questionário relativo ao funcionamento dos projetos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES, assim como do funcionamento da mesma enquanto entidade patronal. Os inquéritos por questionário revelam-se vantajosos no sentido em que existe uma confidencialidade das respostas, contribuindo para a maior abertura de resposta por parte dos inquiridos. Por outro lado, o inquérito por questionário oferece dados estatísticos sobre um determinado tema, tornando possível analisar correlações e estabelecer ligações de influência (Henriques & Santos, 2021). Através da utilização destas duas técnicas, permitia-nos compreender as perceções dos técnicos sobre o funcionamento dos projetos em que trabalham e da APDES enquanto ONGD, apontando os seus pontos fortes e as limitações. A partir dos resultados obtidos através do inquérito por questionário, previa-se a análise e tratamento dos dados, compondo um *PowerPoint* a ser usado para reflexão e discussão durante o grupo focal. Após a realização do grupo focal, as conclusões obtidas a partir destas duas técnicas iriam servir para compor um relatório de *feedback* a entregar à APDES, com anotações das suas valências e sugestões de melhorias.

Os projetos abordados no âmbito do estágio foram o ACIS+ (Aproximar e Capacitar Interventores Sociais); o projeto Não Vale TB – segunda edição de um

programa de educação para a saúde relativo à doença da tuberculose, junto de populações e localidades mais vulneráveis à mesma; o projeto PUSH, um programa Erasmus+, que incide na integração social de pessoas em situação de sem abrigo, através da prática desportiva; o projeto Girugaia, projeto contínuo de acompanhamento de Utilizadores de Droga (UD) do concelho de Vila Nova de Gaia; e por fim, o projeto Click no Bullying, um projeto Erasmus+ que perspetiva a literacia e sensibilização de jovens para a problemática do *cyberbullying* e *cybercrime*.

As tarefas desempenhadas no ACIS+ foram: a participação e intervenção desde a formulação e planeamento das atividades; desenho do plano de monitorização e avaliação das ações de formação e do projeto em si (Anexo 6.7) - que assenta na conceção de instrumentos de avaliação como o inquérito por questionário em três momentos distintos: avaliação prévia (diagnóstico da população-alvo), avaliação intercalar, de acompanhamento *on-going*, e avaliação final. Adicionalmente, foi elaborado um panfleto informativo sobre o ACIS+ (Anexo 6.1) e panfletos sobre cada módulo da formação (Anexo 6.2), com o intuito de serem entregues aos formandos previamente ao arranque dos diversos módulos. Este exercício obrigou a uma revisão teórica sobre as demais temáticas lecionadas. Por fim, existem sempre atividades e tarefas do quotidiano organizacional, como reuniões regulares com a equipa técnica do projeto. Devido a contratempos e obstáculos intrínsecos à organização, o projeto ACIS+ não iniciou as ações de formação no tempo previsto do estágio. Desta forma, não foi possível acompanhar e monitorizar as ações de formação do ACIS+ e aplicar os instrumentos de avaliação intercalares e finais.

No projeto *Não Vale TB*, houve a oportunidade de realizar atividades de intervenção social e comunitária de proximidade, tais como exploração de terrenos e ações (in)formativas. As tarefas debruçaram-se no acompanhamento da equipa técnica, para as diversas localidades dos concelhos de Penafiel e Marco de Canaveses. Contou-

se ainda com a participação e atuação no terreno nas intervenções sociais e comunitárias de proximidade deste projeto, que vão desde apresentações (in)formativas e aplicação de inquéritos de sintomas de tuberculose às populações alvo - idosos e crianças - no seu próprio ambiente (a equipa dirigia-se a centros de dia, lares, creches, juntas de freguesia, entre outros).

Os inquéritos de sintomas (certificados pelo Ministério da Saúde) foram aplicados verbalmente aos idosos, dada a condição motora muitas vezes débil desta população, aliado a possíveis entraves de literacia. Ou seja, estes inquéritos incidiam em inquéritos de *administração indireta*, nas palavras de Almeida (1975, p.400), “(...) nos quais é o inquiridor quem formula as perguntas e regista as respostas do inquirido (...)” - mais aproximado a uma entrevista. Os inquéritos de sintomas serviam para despiste de sintomas da tuberculose ou, caso nos encontrássemos perante um quadro que apresentasse determinados sintomas, a equipa encaminhava o indivíduo para uma unidade de saúde para ser avaliado. Esta atividade acarretava competências de atendimento fundamentais para a perceção dos (e)feitos destas intervenções na população alvo.

Além das atividades referidas, a equipa também realizava rastreios a doenças infecciosas, medição de tensões e diabetes, tarefas não desempenhadas no âmbito do estágio, pois são necessárias determinadas formações certificadas ou deverão ser feitas por um profissional de saúde. No entanto, a observação direta ocupou um papel determinante no entendimento da ação da ONGD neste modelo de intervenção. Não obstante, realizou-se também uma distribuição de panfletos e *posters* informativos, em alguns pontos estratégicos das vilas e cidades (juntas de freguesia, câmaras municipais, cafés locais, entre outros), de forma a alertar a população para a problemática da tuberculose, mas também para dinamizar o projeto nessas localidades vulneráveis, de

forma a encontrar mais instituições interessadas nas ações interventivas do Não Vale TB.

O programa *PUSH*, um projeto da União Europeia, foi atribuído já na reta final do projeto. No entanto ainda existiam inúmeras atividades a desempenhar no âmbito do mesmo, tais como a organização e dinamização de um *webinar*, a testagem das *guidelines* do projeto em Portugal (planeamento, organização e dinamização de atividades práticas), reuniões e apresentações com os parceiros europeus, entre outras. Por outro lado, consistiu noutro projeto com uma temática e métodos de trabalho diferentes, visto que é um projeto internacional, tornando a experiência de estágio mais enriquecedora.

O *Girugaia* é um projeto que existe na APDES desde 2004, onde houve a oportunidade de desempenhar tarefas de acompanhamento psicossocial e distribuição de bens alimentares e material de consumo assético. O acompanhamento neste projeto permite compreender como é a relação entre a organização e a população-alvo, qual o *modus operandi* e qual a importância da atuação do Girugaia para os seus utentes.

Por fim, houve a oportunidade de acompanhar a equipa técnica do projeto Click no Bullying à Roménia. Este projeto visa sensibilizar os jovens sobre a problemática do *cyberbullying*. A atividade em questão veio no âmbito de um Training Course que foi dinamizado pela APDES a *youth workers* dos países parceiros (Roménia e Turquia). A partir deste Training Course, foi possível analisar os pressupostos do projeto, as suas metodologias e técnicas de intervenção, assim como perceber os (e)feitos das intervenções sociais e comunitárias de proximidade já realizadas à população-alvo.

Tabela 2 - SÍNTESE DE OPÇÕES METODOLÓGICAS

Abordagem metodológica mista	Contextos					
	ACIS+	Não Vale TB	Girugaia	PUSH	Training Course Click no Bullying	Análise organizacional
Inquéritos por questionário						
Observação direta						
Observação participante						
Entrevistas semiestruturadas						
Grupo focal						
Análise documental						
Registos artísticos/fotográficos						

Legenda: ■ - Previsto e realizado; ■ - Previsto mas não realizado; ■ - Não previsto

2.3 Agência Piaget para o Desenvolvimento: apresentação da organização acolhedora

A APDES foi escolhida como organização de interesse para estágio, devido aos programas de intervenção social e comunitária de proximidade que envolviam vertentes de educação e formação de adultos - área de maior interesse para estágio dentro da Sociologia – quer ao nível da educação formal, não-formal e informal. Após o contacto com a organização e a viabilidade dos projetos em curso, a APDES demonstrou disponibilidade e interesse em integrarmos as suas equipas e os seus projetos. O estágio teve a duração de 500 horas, tendo decorrido em formato híbrido entre 27 de novembro de 2023 a 10 de maio de 2024.

A APDES nasceu do insucesso de um projeto que previa criar uma Associação de Desenvolvimento Local (ADL) em Canelas (Vila Nova de Gaia), ao abrigo do programa *Equal* da União Europeia. Dentro da equipa técnica deste projeto, encontrava-se o atual Diretor Executivo da APDES, que refere na entrevista semiestruturada (Anexo 2.4) que o objetivo do projeto não conseguiu ser alcançado. Posto isto, surgiu a ideia, vinda do Diretor, para serem os próprios técnicos do projeto a constituir a ADL desejada. O passo seguinte foi a ligação formal ao Instituto Piaget enquanto entidade-mãe e financiadora desta nova agência. A partir deste acordo nasceu a APDES a 29 de setembro de 2004.

A APDES lançou-se com um grupo de técnicos com princípios de minimização de riscos e redução de danos a partir do projeto Girugaia, além da área de intervenção de empreendedorismo social. Desta forma, a APDES apresenta-se como uma Associação de Desenvolvimento Local, que procura também trabalhar em rede com outras instituições e pensamentos do globo. A amplitude da sua ação interventiva abrange territórios como o Porto, Barcelos, Guarda, Viseu, Setúbal, Lisboa, entre outros (APDES, sd). É de destacar que desde 2008, a APDES internacionalizou o seu campo de ação e organizou iniciativas

em países da Europa, em Cabo Verde e Angola – território onde está registada e autorizada a intervir enquanto ONGD internacional pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos de Angola e onde desenvolve projetos de intervenção e formação (APDES, sd). A filiação da APDES em organizações é extensa, sendo membro fundador e integrante de inúmeras redes nacionais e internacionais. Na entrevista ao Diretor Executivo da APDES (Anexo 2.3),

“A APDES trazia assim muito aquela visão do global, que era pensar globalmente e agir localmente. E nós desde o início, desde 2004, que abraçamos muito esse conceito. E portanto, para além de uma entidade com intervenção local, foi sempre uma entidade também que procurou e buscou redes internacionais, quer de carácter europeu, quer de carácter mesmo global.”

- Entrevista semiestruturada ao Diretor Executivo da APDES (Psicólogo)

São 6 os Princípios de Trabalho da APDES: Investigação; Advocacy; Avaliação; Metodologias Participativas; Intervenção de Proximidade e Abordagem Transdisciplinar (APDES, sd). A partir destes Princípios de Trabalho podemos distinguir 3 eixos de atuação. O primeiro eixo de atuação da APDES é o eixo da **Prestação de Serviços**, onde ocorre a intervenção propriamente dita, que alberga projetos como, por exemplo, o Girugaia, Porto G, a Sala de Consumo Assistido e como foi o projeto da Escola da Palankinha, em África. Portanto, a APDES objetiva alcançar as populações mais vulneráveis, aquelas que tendem a ser esquecidas pela sociedade, pelos financiadores e pelas políticas públicas (quer sejam de educação, saúde ou emprego). O propósito primário da APDES incide em realizar intervenções que objetivem a melhoria do acesso à saúde, emprego e educação de comunidades/públicos em situação de vulnerabilidade, trabalhando para a capacitação de pessoas e instituições em diversos territórios, de

forma a reforçar a coesão social. Deste modo, segundo a APDES (2019)⁶, esta procura “ser um agente de transformação social responsável e participativo, que procura promover a cidadania global e desenvolvimento integrado, através de uma ação técnica, científica e política”. Para tal, a APDES almeja mais do que uma mera prestação de serviços assistencialista, mas sim prestar serviços que sejam eficazes e que ajudem a transformar as vidas dos indivíduos e das suas comunidades.

O segundo eixo de atuação é o da **Investigação**. Segundo o Diretor Executivo, a APDES sempre esteve em colaboração com faculdades como a Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP), a Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto (FPCEUP), a Universidade de Coimbra, a Escola de Frankfurt de Ciências Aplicadas e outros centros de investigação. A própria APDES chegou a ter 7 doutorados nos seus quadros a conduzir a investigação e a produzir conhecimento. Desta forma, a APDES procurava avaliar a eficácia e qualidade do seu próprio trabalho, monitorizando e modificando práticas, de acordo com os efeitos que auferia junto das populações com quem trabalham. Contudo, a APDES já não dispõe de meios financeiros suficientes para continuar com este eixo.

O terceiro eixo diz respeito a uma dimensão mais política, o chamado **Advocacy**, onde se procura refletir sobre as políticas públicas, os regulamentos, as normas, as portarias, entre outras, quer a nível nacional como internacional. Por conseguinte, a APDES procura compreender se as políticas atuais, direcionadas para a área social, estão a ser implementadas no terreno de forma bem desenhada e aplicadas de forma ajustada às várias realidades das populações. Relativamente a este eixo e preocupação, a APDES já fez várias recomendações políticas ao Governo português, junto de grandes redes internacionais, à Comissão Europeia (nomeadamente a políticas sobre drogas) e

⁶ <https://apdes.pt/pt/quem-somos/#1552046266518-01f2ce4c-58f6>

também recomendações políticas na área da Educação ao governo angolano.

Por outro lado, importa especificar o perfil organizacional da APDES, uma vez que esta engloba quatro linhas de ação distintas: saúde, redução de riscos e direitos humanos; educação para a saúde; coesão social e trabalho; cooperação e desenvolvimento. Todas as tarefas, segundo a APDES (2019)⁷, realizadas nestas áreas, respondem a princípios de trabalho bem definidos, como a investigação, as metodologias participativas, a intervenção de proximidade, a advocacia, a avaliação e a abordagem transdisciplinar, já referidas.

Os projetos integrados no âmbito do estágio corresponderam a três destas quatro linhas de intervenção: o ACIS+ corresponde à vertente de coesão e trabalho; o NVTB corresponde à vertente de educação para a saúde e o Girugaia, PUSH e Click no Bullying correspondem à vertente de saúde, redução de riscos e direitos humanos. A integração nestes distintos programas permitiu uma maior diversidade de tarefas, experiências e aprendizagens, onde também a integração no trabalho de uma equipa multidisciplinar se destacou como edificante e desafiante.

A planificação dos projetos da APDES, idealmente, tal como foi enfatizado no subcapítulo 1.3, partiriam sempre do *feedback* e dos resultados das investigações, diagnósticos, *outputs*, avaliações e no diálogo com atores políticos. Segundo o Diretor Executivo, esta ideologia de planificação ainda é uma realidade; contudo, muitas vezes a APDES, tal como outras ONGD, têm de se sujeitar às chamadas *calls*, ou seja, aos mecanismos de financiamento que abrem a determinado momento (podem ser nacionais ou da UE). Por vezes, aquilo que está proposto por estas *calls* nem sempre está alinhado com os objetivos e valores interventivos da organização e até por muitas vezes não são dentro de metodologias que a APDES considera mais ajustadas para

⁷ <https://apdes.pt/pt/principios-de-trabalho/>

intervir em determinado contexto e/ou população. No entanto, o que a APDES tenta fazer é candidatar-se a essas *calls* e depois tentar adaptar, moldar, flexibilizar a rigidez que possa existir nessas *calls*, para aquilo que consideram mais ajustado e eficaz numa determinada realidade.

“É isso, pronto, é uma boa questão porque idealmente os projetos da APDES partiriam sempre do feedback e dos resultados... Sim, dos resultados dos outputs e dos, por exemplo, da avaliação e da investigação, não é? Ou desse diálogo feito pelos decisores políticos. O que acontece muitas das vezes, ou algumas vezes, é que nós também temos que nos sujeitar às *calls*, aos mecanismos de financiamento que são abertos em determinado momento (...) em que, por vezes, nem sempre o financiamento e o desenho das *calls*, aquilo que as propõem como modelo de intervenção e de investigação são necessariamente aquilo que nós queremos ou que nós achávamos que era o mais ajustado. O que nós temos de fazer é candidatar-mos mesmo a essas *calls*, a essas candidaturas e depois tentar adaptar, flexibilizar alguma rigidez a essas mesmas *calls*, não é?”

- Entrevista semiestruturada ao Diretor Executivo da APDES (Psicólogo)

Por outro lado, onde a APDES encontra mais liberdade de atuação, de acordo com os seus princípios e desenhos metodológicos próprios, é através de financiamentos privados (ex: fundações internacionais). Uma vez que esses financiadores são muito mais recetivos a esta liberdade de intervenção das ONG.

No que diz respeito aos processos de avaliação dos projetos da APDES, no presente, a APDES limita-se a realizar avaliações processuais ou de resultados imediatos, uma vez que não dispõe hoje de recursos que a permitiriam realizar avaliações mais robustas como faziam outrora. Esta situação coloca em causa o efetivo entendimento do impacto das ações da APDES, assim como o seu desempenho enquanto ONGD e dos seus técnicos, uma vez que também não existem sistemas de avaliação de desempenho

destes atores. No entanto, este tipo de preocupação pela avaliação que a APDES teve, está a começar a ser recuperado no trabalho da Sala de Consumo Assistido do Porto. Desde o início da atuação da Sala, a APDES conseguiu garantir um financiador público, neste caso a Câmara Municipal do Porto, juntamente com o Observatório da Droga e de uma rede europeia de redução de riscos. Inclusive, esta metodologia de avaliação utilizada na Sala de Consumo Assistido do Porto denota-se como pioneira na área, sendo até cobiçada para ser utilizada a nível europeu e noutros projetos da APDES.

“ (...) Este tipo de parâmetros, este tipo que avalia um impacto e mudança de comportamentos e de perceção estamos, felizmente, a conseguir utilizar na sala. E mais ainda, estamos a desenvolver uma metodologia de avaliação processual e de impacto que neste momento o próprio Observatório das Drogas está a utilizar como uma metodologia pioneira, que o Observatório gostaria de escalar a nível europeu.”

- Entrevista semiestruturada ao Diretor Executivo da APDES (Psicólogo)

De forma sintética, podemos referir que as maiores potencialidades da APDES, no seu trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade, dizem respeito ao seu sentido de compromisso com as populações vulneráveis. O trabalho da APDES vai além de uma prestação de serviços assistencialista, esta objetiva integrar as populações nos próprios ciclos dos projetos de intervenção social e comunitária de proximidade, em todas as suas fases (diagnóstico, desenho, aplicação e avaliação), procurando aplicar metodologias e projetos eficientes e eficazes, com vista a emancipar as populações através de metodologias de proximidade. Outra potencialidade diz respeito à qualidade e inovação das intervenções. Devido às alterações de contextos, tanto a nível financeiro, político, cultural e das próprias populações, há uma necessidade constante por parte da APDES de reinventar os seus métodos de intervenção, mantendo o maior nível de

qualidade necessária para uma continuidade de prestação de serviços eficientes e eficazes adaptadas às populações vulneráveis que atendem.

Todavia, a APDES apresenta diferentes tipos de constrangimentos para um harmonioso ambiente de trabalho de intervenção. O primeiro diz respeito a problemas intrínsecos à própria APDES, nomeadamente problemas de comunicação entre os técnicos das várias equipas de intervenção, assim como a comunicação entre os técnicos e os membros da direção e de gestão. As razões apontadas para este panorama de má comunicação dizem respeito a desligamentos económicos exteriores à APDES, dado que as ONGD vivem de financiamentos externos, muitas vezes casuísticos, alvos de cortes repentinos, atrasos e descontinuidades. Por conseguinte, estas incertezas financeiras trazem constrangimentos no pagamento de salários. Estas são as causas que mais afetam a motivação dos técnicos, assim como a fluidez e abertura da comunicação entre os diferentes técnicos da APDES.

“Aqui houve períodos em que, por exemplo, a questão salarial também foi muito preocupante na APDES, devido a constrangimentos financeiros externos, mais uma vez, porque o financiamento de organizações como a APDES são financiamentos, casuísticos, que estão definidos por, por vontades políticas, que têm muitos cortes, muitas descontinuidades, não é? (...) e isto traz imensos constrangimentos, pois não é, no pagamento de salários.”

- Entrevista semiestruturada ao Diretor Executivo da APDES (Psicólogo)

Consequentemente, esta situação leva a uma perda de identidade da APDES enquanto ONGD entre as próprias equipas, ou seja, os técnicos sentem-se desconectados da identidade e pertença para com a instituição para a qual trabalham. A falta de tempo e de recursos afeta a disponibilidade para momentos de construção de identidade organizacional. Estes momentos dizem respeito a um processo construtivo e

de comunicação onde todos os técnicos têm voz, poder de decisão, de reflexão e de crítica. No entanto, a vontade de melhorar a comunicação dentro da APDES é grande. Inclusive, é perspectivado o retorno das assembleias entre os técnicos e quadro de gestão e direção. Estas atividades eram bastante comuns no quotidiano da APDES, constituindo um reflexo de uma dinâmica positiva, de diálogo, discussão e democracia.

Quanto ao futuro da APDES, perspetiva-se uma contínua sobrevivência e reinvenção da ação da ONGD, algo que foi e continuará a ser uma característica intrínseca das organizações sociais. Enfatiza-se também a problemática do crescimento de partidos e ideologias conservadoras, que colocam em causa os apoios para as comunidades vulneráveis. Por esta razão, colocam também em perigo o trabalho das ONG e outras associações por falta de investimentos financeiros.

É certo que, no passado, as organizações do Terceiro Setor e a própria Sociologia, nomeadamente a portuguesa, já foram confrontadas com ações de censura, punição e abolição por parte de governos de extrema-direita, precisamente devido ao seu *ethos* de oposição a essas ideologias. Em plena década de 20 do século XXI, voltamos a encontrar o aumento da adesão a ideologias de extrema-direita, onde os direitos humanos de minorias étnicas e de género, por exemplo, estão a ser postas em causa. As organizações do Terceiro Setor e os sociólogos, lutam por uma sociedade mais igualitária, estável e tolerante das diferenças entre indivíduos. Contudo, apesar da existência cada vez mais vincada de divergências morais em Portugal, entramos no Paradoxo da Tolerância teorizado por Karl Popper ainda em 1945, onde se reflete sobre os limites do tolerável em sociedade. O filósofo afirma que a tolerância ilimitada leva ao desaparecimento da tolerância (Popper, 1945), ou seja, se tolerarmos enquanto sociedade os grupos que exaltadamente se demarcam como intolerantes sobre determinadas minorias ou grupos, como é o caso dos partidos de extrema-direita, os mesmos estarão a destruir os tolerantes. Contudo, Popper (1945), não enfatiza a ideia

de exterminar a existência de linhas de pensamento intolerantes, uma vez que estaríamos a igualar os intolerantes. Por outro lado, reforça a ideia de podermos combater essas ideologias através de argumentações racionais e manter essas confrontações em frente à opinião pública. Ora, esta ideia vai precisamente de encontro com os objetivos da Sociologia e do Terceiro Setor: defender e aclamar pelos direitos de grupos ou comunidades minoritárias e vulneráveis, através da desconstrução de ideias pré-concebidas e estigmas, tendo como base raciocínios objetivos, científicos e éticos.

Desta forma, o Terceiro Setor e a Sociologia, constituem uma fundamental ferramenta de combate à paz e estabilidade da sociedade contra aqueles que a colocam em causa – “A sociologia é frequentemente uma avenida para os marginalizados, excluídos da arena política e exilados da academia” (Burawoy, 2005, P.25). Apesar do crescimento de ideologias conservadoras, este é apenas mais um constrangimento para o Terceiro Setor, pois tanto as populações como as organizações estão preparadas para ultrapassar todos os constrangimentos através do trabalho em rede e de alianças institucionais, sendo que estas táticas são o segredo para a vitalidade das mesmas. Tanto as ONGD como as comunidades com quem trabalham são um símbolo de resistência, onde no final a união faz a força.

Capítulo 3: Intervenção social e comunitária de proximidade na APDES: projetos, atores e resultados

3.1 Aproximar e Capacitar Interventores Sociais (ACIS+)

O projeto Aproximar e Capacitar Interventores Sociais (ACIS+) é um projeto financiado pela Câmara de Vila Nova de Gaia, através do Fundo de Apoio à Recuperação Covid-19 - Associações Locais, que enfatiza a importância da criação de mecanismos de valorização dos profissionais que desempenham funções na área da Intervenção Social. Isto porque a qualidade das respostas sociais junto das variadas populações do concelho de Vila Nova de Gaia está fundamentalmente ligada com o nível das competências de atendimento dos profissionais, assim como nos processos de receção e construção de relações com as populações abrangidas pelos serviços de suporte social.

Um dos intuitos da aprovação e implementação do ACIS+ foi ir de encontro aos objetivos do Plano de Desenvolvimento Social (2017-2021) de Vila Nova de Gaia, que considera a existência de uma rede de equipamentos e respostas sociais como um dos pontos fortes e de elevado potencial na promoção do desenvolvimento social. Desta forma, o projeto ACIS+ prende-se com a linha de ação de Coesão e Trabalho inerente ao perfil Organizacional da APDES, sendo que se pretende igualmente levar os conhecimentos dos técnicos da APDES para o resto do concelho, como diz a Coordenadora:

“Portanto, o ACIS+, é um curso profissional aqui no município, porque é um financiamento de âmbito municipal e, portanto, só tem esta cobertura geográfica. No fundo, o objetivo é levar conhecimento, sobretudo de âmbito técnico, metodológico, daquilo que é o trabalho diário dos projetos da APDES, mais baseado em intervenção comunitária, redução de riscos e minimização de danos, para esses profissionais que trabalham no município, que trabalham muitas vezes noutras instituições, noutros

contextos e que certamente também teriam interesse em fazer crescer as suas competências.”

- Entrevista semiestruturada à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying
(Socióloga)

Segundo a APDES (sd), o conceito de *Proximidade* é cada vez mais considerado como um dos pilares indispensáveis no atendimento às populações. Por conseguinte, o ACIS+ perspetiva a Proximidade, enquanto conceito operacional, como um instrumento de desenho a respostas sociais adequadas às especificidades das populações-alvo. Estas respostas apelam à participação dos próprios agentes sociais nas mesmas, sendo que visam desconstruir estigmas e preconceitos que se constituem como obstáculos à eficácia das respostas. Para que tal seja possível, é imprescindível construir uma relação de confiança - diálogo genuíno, participado e de profunda abertura com o *outro*. Ou seja, o ACIS+ pretende desenvolver não só competências técnicas e metodológicas dos profissionais de intervenção social e comunitária de proximidade de Vila Nova de Gaia, mas pretende igualmente desenvolver as chamadas *soft skills*, perspetivadas como as competências fundamentais para um bom desempenho nesta área, segundo a coordenadora do projeto ACIS+:

“(...)Provavelmente, pelo menos na minha opinião, as soft skills impõe isso muitas vezes. São coisas muito mais importantes do que algumas competências mais técnicas, teóricas ou conceptuais, que trazemos detrás.”

- Entrevista semiestruturada à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying
(Socióloga)

Consequentemente, o ACIS+ objetiva a implementação de um plano de desenvolvimento com foco na capacitação, de acordo com as categorias funcionais que atendem às demandas organizacionais, pretendendo os resultados mais eficientes e

eficazes possíveis tendo como base princípios e metodologias de Intervenção Comunitária e de Proximidade. Neste sentido, pretende-se que no final da formação, os profissionais estejam dotados de conhecimento teórico e técnico que lhes permita refletir sobre os conceitos, os processos, as estratégias, os meios e as metodologias que estão associadas à intervenção social e comunitária de proximidade.

Por outro lado, é importante referir que o acompanhamento e avaliação da formação preveem o recurso a instrumentos de levantamento de competências, de monitorização da formação e de avaliação das aprendizagens. Após administrada cada ação de formação, prevêem-se ações de consultoria individualizada (10h para cada formando). Esta ação de consultoria é em regime opcional, destinada aos formandos que participaram nas ações formativas anteriores e que pretendam um acompanhamento próximo e personalizado na implementação prática, em contexto real, dos conteúdos formativos abordados.

No final da formação, é esperado que sejam adquiridos conhecimentos teóricos e metodológicos de Intervenção Social, Intervenção Comunitária e Intervenção de Proximidade, assim como metodologias participativas. Por outro lado, pretende-se que os formandos sejam capazes de refletir criticamente sobre estratégias de implementação de ações interventivas e sobre formas de melhorar as suas competências de atendimento junto dos públicos em situação de vulnerabilidade com quem trabalham diariamente. Não obstante, também se prevê a renovação de conhecimentos relacionados com metodologias de projeto, ou seja, aprofundar a utilização de instrumentos de monitorização e avaliação. Por fim, a importante questão de sensibilizar os formandos para boas práticas de autocuidado psicológico. Posteriormente, aos participantes serão entregues um diploma, certificado pela Direção Geral do Emprego e das Relações de Trabalho (DGERT), que terá benesses para o futuro

dos formandos e das instituições para os quais trabalham, veja-se pelo testemunho da Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying:

“No final dessas sessões, os formandos terão direito a um certificado. Essa formação também fará parte e poderá integrar os planos de formação anual das instituições ou empresas dos quais fazem parte. Mas neste momento, o projeto ainda não arrancou.”

- Entrevista semiestruturada à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying
(Socióloga)

No Anexo 6.1, podemos encontrar o documento de apresentação da formação, onde se apresenta a entidade formadora (a APDES), os objetivos da formação, os módulos formativos e os resultados esperados. Este documento foi elaborado com o intuito de ser utilizado como panfleto informativo para disseminar o projeto junto dos formandos e de outros interessados. Além de apresentar o enquadramento, objetivos e resultados esperados do projeto de capacitação, também é apresentado o programa formativo, na qual os seus módulos se revelam coerentes com as metas anteriormente descritas. A formação assenta em dois blocos formativos, cada um de 40h, sendo que o Bloco Formativo I engloba os módulos:

1. Intervenção Comunitária - Perspetiva histórica; conceitos centrais; Descrição comparativa de abordagem comunitária face às abordagens clássicas de intervenção social;
2. Intervenção de Proximidade (teoria e prática) - conceito; vantagens e desvantagens de uma intervenção de proximidade; recursos a mobilizar;
3. Metodologias Participativas - Conceito e princípios metodológicos; Escada da participação; Diagnóstico Participativo;

4. Públicos em situação de vulnerabilidade (Competências de atendimento)
- Competências de atendimento; A relação da confiança, a capacidade de escuta e empatia;
5. Educação pelos pares (um mecanismo de participação e empoderamento) - conceito, origem e evolução das metodologias de educação de pares; *Nothing about us without us* (movimento de pessoas com deficiência); Funções de educadores de pares;

Por outro lado, o Bloco Formativo II diz respeito aos seguintes módulos:

6. Metodologia de Projeto (conceção, implementação e avaliação) - Ciclo de projeto (Diagnóstico, planeamento, implementação, avaliação, auditoria); Matriz de enquadramento lógico;
7. Instrumentos de registo e de monitorização - Recolha de dados; Tratamento de Dados; Digitalização de instrumentos de registo (desmaterialização de registos);
8. Trabalho em rede - Conceito; Funcionamento; Impacto do Trabalho em Rede na qualidade dos serviços prestados;
9. Estratégias de Autocuidado (Promoção da saúde mental dos profissionais) - Estratégias de autocuidado para prevenção de *burnout*; O bem-estar em contexto de trabalho;
10. Seminário final - Seminário formativo com convite a especialistas e outros atores relevantes nas temáticas abordadas nas sessões anteriores;
11. Consultoria para a intervenção de Proximidade (facultativo) - Consultoria individual para a implementação de um plano de intervenção com recurso às metodologias e técnicas abordadas na formação.

3.1.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto ACIS+

As atividades e tarefas do ACIS+ foram realizadas em contínuo diálogo e *feedback* da restante equipa, composta pela Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying e por uma técnica da área da Psicologia. Ou seja, a equipa do ACIS+ compôs-se por dois elementos da área da Sociologia e um da Psicologia, o que proporcionou a oportunidade de trabalhar numa equipa com variedade disciplinar.

Em continuidade do último subcapítulo, uma das atividades em âmbito do estágio incidiu em elaborar panfletos informativos relativamente ao enquadramento e conteúdos do projeto, como já foi referido anteriormente e pode ser visível no Anexo 6.1. Contudo, além do panfleto geral para disseminação do projeto, também foram elaborados panfletos informativos para cada um dos módulos de formação (Anexo 6.2) já apresentados.

Esta tarefa levou a uma revisão da literatura das várias temáticas, algo que se mostrou desafiante pois muitos dos módulos apresentados são de temáticas abordadas durante a formação em Sociologia, o que significa que podia dar utilidade a diversos materiais bibliográficos pertinentes para a realização desta tarefa. O que se denotou como mais desafiante foi a parte criativa da tarefa, onde as *soft skills* do técnico falam mais alto do que as qualificações académicas na área das ciências sociais. Esta tarefa teria sido sempre realizada por um dos técnicos alocados no ACIS+, o que significa que o domínio de *softwares* e aplicações de design digital é uma competência prezada na organização. Os conteúdos desenvolvidos, presentes no Anexo 6.2, encontram-se em *standby*, uma vez que como o projeto não avançou durante o tempo de estágio para a dinamização das formações, não ficando definidos os respetivos formadores/facilitadores de cada módulo do programa. Aquando do arranque efetivo do projeto, os restantes membros da equipa do ACIS+ apenas terão de completar os panfletos com uma foto e o nome dos formadores/facilitadores.

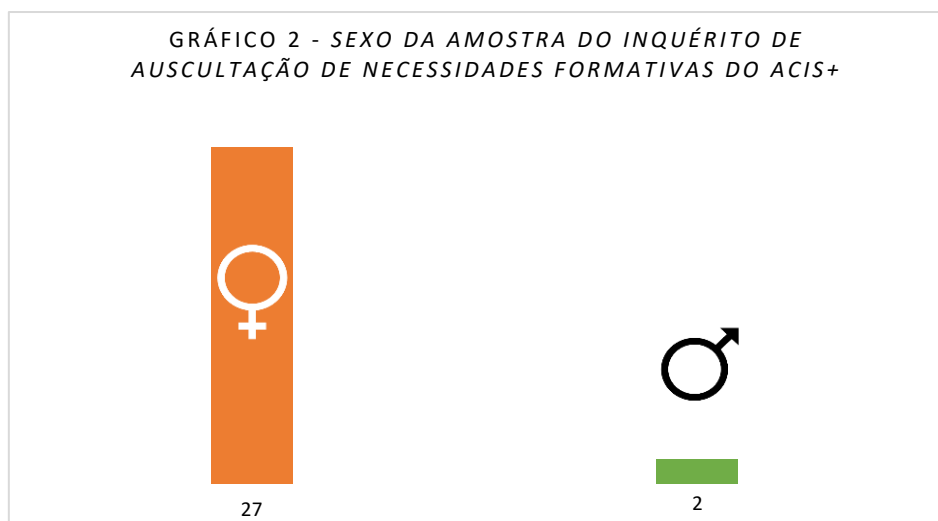
Por outro lado, no âmbito do ACIS+, uma das tarefas de estágio incidiu na elaboração do plano de monitorização e avaliação tanto *on-going* como final (Anexo 6.7), ou seja, foram elaboradas ferramentas de monitorização e avaliação tanto para cada módulo do programa e dos seus respetivos formadores/facilitadores, assim como para formação ACIS+ como um todo, perspetivando avaliar o desempenho da APDES e dos responsáveis do projeto. O acompanhamento e a avaliação da formação preveem o recurso a instrumentos de levantamento de competências, que serão elaborados pelos formadores/facilitadores de cada módulo da formação. Estas avaliações das aprendizagens incidem numa metodologia mista (avaliação externa: formadores; avaliação interna: a equipa que executa o projeto), contínua e sumativa (assiduidade, pontualidade, participação, motivação, relação com o grupo, pré-teste e pós-teste formativo e a sua análise comparativa individual, teste escrito ou atividades avaliadas por módulo).

O primeiro passo incide numa avaliação prévia, de diagnóstico da população-alvo - profissionais de intervenção social e comunitária de Vila Nova de Gaia. Para tal, foi criado um inquérito de auscultação de necessidades formativas (Anexo 6.3). Desta forma pretende-se verificar a viabilidade e o rigor da conceção do projeto e da formação planificada. O inquérito foi lançado para uma amostra não aleatória por quotas: os inquéritos foram enviados através do endereço de email oficial da APDES, para uma base de dados pré-existente da Organização que contém contactos pessoais (neste caso endereços de e-mail) de técnicos da área de intervenção social, que já estiveram em contacto com a APDES. No e-mail, constava além do link do inquérito, um texto (Anexo 6.4) de explicação dos objetivos do inquérito e de motivação de resposta ao mesmo. No entanto, este tipo de amostragem revelou ter pouco sucesso visto que o número de respostas foi verdadeiramente escasso. Posto isto, optou-se por uma disseminação mais alargada, um tipo de amostragem aleatória estratificada do inquérito. Com isto,

procedeu-se ao lançamento de uma publicação⁸ (Anexo 6.6) nas redes sociais da APDES a apelar ao preenchimento do mesmo. Este tipo de disseminação do inquérito de auscultação de necessidades funcionou também como um método de divulgação à participação no projeto.

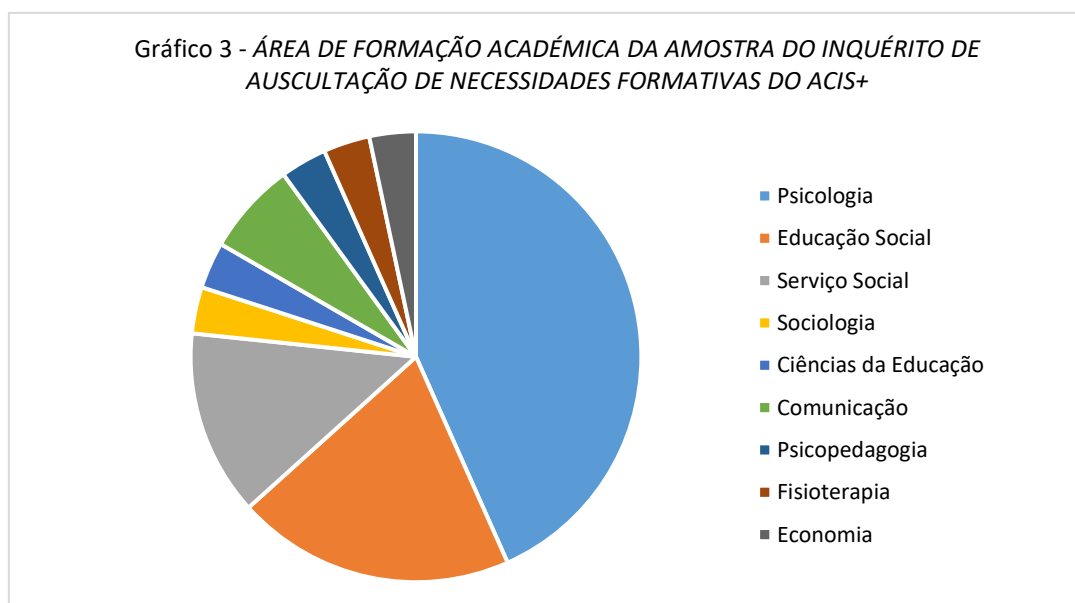
3.1.2 Análise ao inquérito de auscultação de necessidades formativas do ACIS+

O inquérito de auscultação de necessidades formativas foi lançado no dia 14 de fevereiro de 2024, tendo-se obtido 29 respostas no total. Através da análise dos dados obtidos conseguimos perceber que a grande maioria dos inquiridos é do sexo feminino (93,1%), como podemos verificar através do Gráfico 2, e que a média de idades dos mesmos se situa, aproximadamente, nos 46 anos de idade.



⁸ Também foi tarefa de estágio elaborar uma publicação sobre o projeto ACIS+ nas redes sociais da APDES (ver Anexo 6.5).

No entanto, importa realçar que mais de metade dos inquiridos se situa na faixa etária dos 38 aos 48 anos, representando uma amostra madura no que diz respeito à idade e nível de experiência da população. Posto isto, também importa referir o grau académico dos inquiridos, sendo que 13 comportam o grau de licenciado, 10 comportam o grau de mestre, 5 inquiridos realizaram uma pós-graduação e ainda 1 inquirido comporta um *Master in Business Administration* (MBA). Quanto à área de formação, aqui encontramos uma grande variedade de áreas científicas (Gráfico 3). Contudo, há uma forte presença de inquiridos formados em Psicologia (44,8%), seguido de Educação Social (20,7%) e Serviço Social (13,8%). Por outro lado, encontramos indivíduos provindos de áreas que tendencialmente não são associadas à intervenção social e comunitária de proximidade, como Economia (3,4%), Comunicação (3,4%) e até Fisioterapia (3,4%).



No que diz respeito à área de intervenção atual desta amostra, denotamos uma prevalência da área da Infância e Juventude (13 respostas), Educação (9 respostas), Família e Comunidade (8 respostas) e Terceira Idade (7 respostas). Por outro lado, áreas

como Reabilitação e acompanhamento de pessoas/comunidades vulneráveis, assim como Apoio a indivíduos portadores de deficiências e a área de Desenvolvimento Humano, Organizacional e Comunitário não têm uma presença significativa e/ou até inexistente. Estes dados levam à reflexão sobre a necessidade de ajustamento dos conteúdos formativos do ACIS+, que devem ter um foco maior nas temáticas da Infância, Juventude, Terceira Idade, Família e Educação, apesar de a grande valência da APDES ser precisamente a reabilitação, redução de riscos e minimização de danos de comunidades e pessoas vulneráveis.

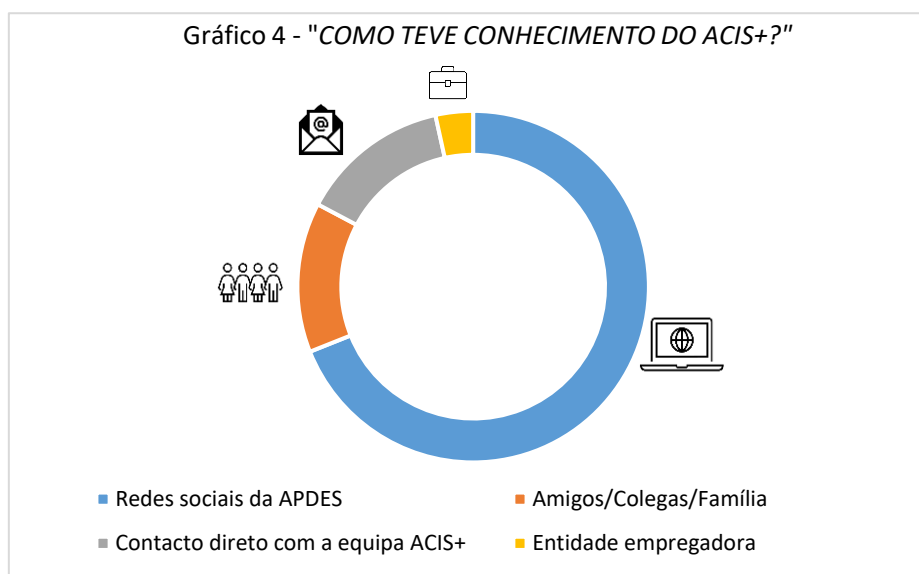
Na resposta à pergunta “Considera que está 100% capacitado/a para desempenhar as suas atividades profissionais?”, a maioria (58,6%) afirma que sim; no entanto, 31% da amostra responde negativamente, enquanto os restantes 10,3% não sabem responder. As justificações apontadas pelos inquiridos que responderam negativamente a esta questão assentam principalmente na necessidade constante de atualização de conhecimentos tanto a nível teórico, metodológico e técnico, visto que a “sociedade está em constante mudança” e há um “Confronto constante com novas realidades”, como referem 2 dos inquiridos. Posto isto, a capacitação dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade leva a uma constante atualização de conhecimentos, reforçando a necessidade de formações como o ACIS+ para esta população. Não obstante, a prova disso reflete-se na resposta à pergunta “Nos últimos anos, realizou alguma ação de formação/capacitação profissional, na área da intervenção social?”, ao que 75,9% da amostra respondeu afirmativamente, o que demonstra esta necessidade de constante aprendizagem por parte dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade. Contudo, para aqueles que responderam negativamente a esta questão, o grande entrave deve-se aos preços das formações, o que se alia com as razões de atratividade do ACIS+, que são, segundo os

inquiridos “A gratuidade da Formação” (12 respostas) e a “A possibilidade de assistir às sessões online” (12 respostas).

Além das necessidades de atualização ou reforço de conhecimentos metodológicos, técnicos ou teóricos já referidos, as grandes preocupações e necessidades desta população demarcam-se com a “Dificuldade em gerir o tempo pessoal e profissional” (13 respostas), seguido da “Dificuldade em estabelecer redes de contacto com outras entidades que possam auxiliar as suas atividades laborais” (10 respostas) e “Falta de estratégias de autocuidado psicológicas” (9 respostas). Posto isto, os módulos VIII e IX, “Trabalho em Rede” e “Estratégias de autocuidado (promoção de saúde mental dos profissionais)”, respetivamente, são o maior interesse desta amostra quanto ao programa do ACIS+, aliado aos módulos: I- Intervenção Social e Comunitária, II- Intervenção de proximidade (teoria e prática) e III – Metodologias participativas. No entanto, existe interesse noutras temáticas não oferecidas pelo ACIS+, apontadas pelos inquiridos, como temáticas de intervenção com minorias culturais e a importância dos recursos humanos para as chefias.

Relativamente à questão “Como teve conhecimento da existência do ACIS+?” (Gráfico 4) a grande maioria (69%) refere que teve conhecimento do ACIS+ através das redes sociais, seguido da resposta “Através de colegas/amigos/familiares” (13,8%) e 4 respostas através de “Contacto direto com os responsáveis do ACIS+”, sendo neste caso via e-mail. Por outro lado, apenas 1 inquirido referiu conhecer o ACIS+ através da sua entidade empregadora. Posto isto, a forma de disseminação mais eficaz do projeto revela-se ser através das redes sociais da APDES, sendo que esta também desencadeia um efeito de “passa a palavra” com colegas e amigos. Desta forma, para futuras turmas do projeto, sugere-se a continuidade de investimento nestes moldes de divulgação pelas

redes sociais. Em contrapartida, os contactos diretos com instituições possíveis interessadas e contacto via endereço eletrónico revelam-se os menos sucedidos.



Por fim, importa realçar que quando questionados sobre a possibilidade de o ACIS+ ser capaz de mitigar alguns entraves que encontram no desempenho da atividade profissional, a maioria (62,1%) respondeu que sim, sendo que 34,5% não souberam responder e apenas um inquirido respondeu negativamente. De forma geral, os inquiridos esperam que o ACIS+ lhes proporcione crescimento profissional e pessoal, mais conhecimento sobre ferramentas de intervenção social e comunitária de proximidade, nomeadamente competências ao nível do atendimento e de metodologias de proximidade, sem nunca esquecer a autopreservação do trabalhador, através de técnicas de autocuidado psicológicas.

3.1.3 Reflexões críticas sobre o projeto ACIS+

O ACIS+ compõe a razão de integração de estágio na APDES, visto ser um projeto de educação e formação de adultos, temática priorizada para estágio. Apesar do vasto leque de tarefas desenvolvidas em estágio no âmbito do ACIS+, como anteriormente foi demonstrado, devido a constrangimentos organizacionais, as ações do ACIS+ foram adiadas, deixando de ser compatível com o cronograma de estágio.

Porém, apesar de não termos tido a oportunidade de assistir às ações formativas, é notória a importância e pertinência de um projeto como o ACIS+. Através do inquérito de auscultação de necessidades conseguimos perceber que 31% da amostra de técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade do concelho de Vila Nova de Gaia não se consideram totalmente capacitados para o desempenho das suas funções laborais. Mais de metade da população-alvo (62,1%) perspetiva o ACIS+ como uma ferramenta de colmatação das lacunas formativas com as quais estes profissionais se deparam. A amostra espera que através deste projeto, consigam aumentar as suas capacidades e conhecimentos profissionais, de modo a terem uma atuação mais eficaz e eficiente junto das populações com quem trabalham.

Por outro lado, realçamos a importância da existência de processos de avaliação, indo de encontro com as metodologias de projeto apresentadas no ponto 1.3. Para uma intervenção eficaz, em qualquer que seja a população-alvo, é essencial realizar uma avaliação prévia, assentando esta num diagnóstico às necessidades da população. Idealmente este diagnóstico deverá ser realizado em contacto com a população-alvo, tal como foi feito o inquérito de auscultação de necessidades do ACIS+, o que representa um ponto de elevada eficiência por parte da APDES.

Aliado ao diagnóstico, temos presente ferramentas de avaliação *on-going*, de monitorização e avaliação tanto das formações ao nível dos módulos como avaliação

final do projeto, assim como dos formadores e da agência. Constituindo ferramentas essenciais para a avaliação dos resultados do projeto ACIS+ e da atuação da APDES

3.2 Não Vale TB II

O Não Vale TB (NVTB) é um projeto promovido pela APDES, cofinanciado pela Direção Geral de Saúde e tem como entidade parceira a Câmara Intermunicipal Tâmega e Sousa, a Câmara Municipal de Penafiel e a Rádio Clube de Penafiel. O NVTB acompanhado no estágio curricular, decorreu entre março de 2023 e fevereiro de 2024, sendo que esta já foi a segunda edição do projeto. O projeto Não Vale TB nasceu da necessidade de nos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel ainda apresentarem taxas muito elevadas de diagnósticos de tuberculose na sua população. Desta forma, o NVTB objetiva por isso o incremento da literacia para a saúde relativamente a esta doença.

O NVTB pretende atuar junto de populações em situação de maior vulnerabilidade dos concelhos de Penafiel e Marco de Canaveses. Como exemplos destas populações podemos referir utilizadores de droga, trabalhadores do sexo, pessoas em situação de sem-abrigo, migrantes, desempregados e trabalhadores da indústria da pedra (indústria com muita prevalência nestes territórios) que pode estar fora da rede de serviços formais e não possuir informações adequadas, o que dificulta o diagnóstico e controlo da tuberculose (APDES, sd). Outros grupos-alvo do NVTB são indivíduos com condições de saúde debilitantes, como por exemplo pessoas imunossuprimidas ou com diabetes, que têm um risco aumentado de contrair a doença. Por outro lado, os grupos das crianças e idosos também estão sinalizados pelo NVTB devido ao seu sistema imunológico vulnerável.

Durante o estágio deparamo-nos com distintos grupos. A grande maioria das intervenções, durante o estágio, incidiram em populações idosas, dos 60 anos ou mais

que muitas vezes apresentavam quadros clínicos debilitantes. No entanto, também foram alcançadas faixas etárias infantis, como crianças dos 6 aos 11 anos, aproximadamente. Por outro lado, também entrevistamos junto de populações mais ativas, por exemplo em grupos de subsidiários do Rendimento Social de Inserção (RSI) ou até mesmo em Universidades Sénior onde apesar de serem indivíduos reformados, apresentavam uma qualidade de vida e de saúde bastante grande. Quanto à dimensão dos grupos, esta é uma variável bastante inconstante, sendo que por vezes os grupos podiam ser apenas de 10 pessoas como noutros ultrapassava os 40 indivíduos por grupo.

Os princípios de intervenção deste projeto assentam no trabalho em rede com instituições locais, de forma que seja possível realizar uma intervenção social e comunitária de proximidade, ou seja, ir de encontro às populações nos seus contextos naturais de vida. Tudo isto numa ideologia de redução de riscos, mantendo uma postura humanista, de não julgamento das opções de vida dos indivíduos (APDES, sd).

3.2.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto Não Vale TB

No âmbito do NVTB não houve responsabilidades previstas quanto a tarefas de planeamento das atividades do projeto, uma vez que o NVTB já tinha arrancado em março de 2023 e este apenas foi integrado nos planos de estágio em dezembro de 2023. O planeamento das atividades foi da responsabilidade da equipa técnica e coordenação responsável pelo projeto, que criaram um plano interventivo estruturado pronto a implementar nos vários contextos.

As atividades e tarefas realizadas no âmbito do NVTB incidiram maioritariamente em saídas de campo (9 saídas de campo). Nestas saídas de campo acompanhámos a equipa técnica nas suas intervenções sociais e comunitárias e de proximidade, integrando as funções da equipa nas suas atividades. As mesmas incidiram na exposição à população

alvo de uma apresentação sobre a tuberculose, tendo em conta os seus sintomas associados, formas de prevenção e de intervenção, entre outras curiosidades. Desta forma, perspetiva-se o aumento da literacia da comunidade sobre esta doença que tanto afeta os concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel, procurando promover boas práticas de saúde e cuidados.

Figura 1 – AÇÃO DE SENSIBILIZAÇÃO E LITERACIA PARA A TUBERCULOSE NA UNIVERSIDADE SÉNIOR DE PENAFIEL (ADISCREP, 22/01/2024)



Além desta exposição sobre a tuberculose, também foi feita uma apresentação sobre Doenças Sexualmente Transmissíveis (DSTs), a pedido de uma das instituições visitadas. Uma vez que além da apresentação de sensibilização, a equipa do NVTB realizava inquéritos de sintomas à tuberculose e rastreios a DSTs e por essa razão, justificava-se uma exposição sobre algumas das doenças sexualmente transmissíveis. Desta forma, foi possível aumentar a literacia sobre as mesmas, ativando a população para um maior cuidado sobre DSTs e aumentado também o seu interesse pelos rastreios oferecidos. Por fim, também era tarefa da equipa técnica medir tensões e níveis de glicose.

Figura 2 – RASTREIOS NO ÂMBITO DO PROJETO NVTB EM SAAS DA ASSOCIAÇÃO DA FIGUEIRA (31/01/2024)



A interação entre a equipa técnica do NVTB e as populações-alvo variou consoante o grupo com que fomos apresentados. Por um lado, nas populações infantis houve sempre uma interação mais fluida e divertida, também porque as sessões eram devidamente adaptadas para estas faixas etárias (mais interativas e com jogos didáticos). Por outro lado, quando nos deslocamos a centros de dia, casas do povo ou outras instituições direcionadas maioritariamente a idosos mais debilitados, as interações foram mais reduzidas, pois estes grupos não eram tão participativos durante as sessões. No entanto, aquando da realização dos inquéritos de sintomas, foi notória a mudança de postura desta população idosa, pois estes demonstraram uma enorme vontade e necessidade de dialogar. Estas conversas ultrapassaram os pressupostos dos inquéritos e tornavam-se um lugar seguro para desabafo dos idosos. A partir destas conversas eles revelavam sentir-se ouvidos e integrados, referindo que no dia a dia não tinham ninguém que lhes prestasse esse tipo de atenção. Esta dinâmica permite o aumento da autoestima da população-alvo.

“O central da ação, a preocupação com a saúde comunitária, é a preocupação dos técnicos da intervenção social e não das ciências naturais. Aqui denota-se a importância dos serviços do terceiro setor e principalmente da intervenção comunitária. Além da importância que tem para a saúde física das populações vulneráveis, também traz benefícios para a saúde mental das mesmas, pois os indivíduos sentem-se ouvidos e sentem que há quem se importe com eles.”

(Notas em diário de campo, Anexo 4.2, 20 de dezembro de 2023)

“Contudo, o meu dia já valeu a pena pois, em equipa com a J - ela a realizar os rastreios e eu a aplicar o inquérito mutuamente - conhecemos o senhor A (...) O senhor A falou que sofria de problemas de ansiedade e desabafou sobre problemas pessoais. Após terminados os rastreios e os inquéritos (...) o senhor A expressou que já ia para casa muito mais bem-disposto e feliz pois só o facto de poder ter desabafado connosco o ajudou imenso, além de ter dito que quando costuma sentir-se ansioso, gostava muito de ter alguém com quem falar, o que poucas vezes acontece.”

(Notas em diário de campo, Anexo 4.2, 31 de janeiro de 2024)

No entanto, nem todas as interações, ao longo do estágio, se revelaram positivas, pois conhecemos algumas populações alvo que não nos receberam tão bem. Acabamos por ser muitas vezes alvo de críticas devido a ligeiros atrasos de comparência, ceticismo sobre o nosso trabalho ou até críticas quanto ao nosso desempenho, reduzindo a equipa a uma ideia de “estagiárias de enfermagem” devido à nossa juventude. Por outro lado, em interações com, por exemplo, autarcas de juntas de freguesia, os mesmos demonstraram-se cétricos e com pouco interesse sobre o projeto. Não obstante, outras instituições populares, como grupos de rancho, sempre se mostraram muito entusiasmadas com o projeto.

“Esta questão deixou alguns dos idosos bastante indignados e descontentes (...) Os idosos estavam a ser muito rudes e antipáticos, chamaram-nos a todas de estagiárias e puseram em causa o nosso trabalho. Apesar de eu estar a falar com eles de forma calma e leve, expondo a situação de uma forma amigável e aceitando as críticas deles como algo construtivo e comunicando até esse aspeto, os idosos não quebravam o gelo e continuaram com uma postura bastante rígida”

(Notas em diário de campo, Anexo 4.2, 19 de fevereiro de 2024)

De forma geral, as intervenções do NVTB foram sempre produtivas e alegres, sendo que foi possível desmistificar certos mitos e instruir a população sobre a doença da tuberculose.

“Esta população deu a entender que aprendeu imenso com a nossa apresentação, pois referiram que realmente não estavam de todo bem informados sobre a tuberculose, apesar de saberem que é uma doença com bastante presença na sua região.”

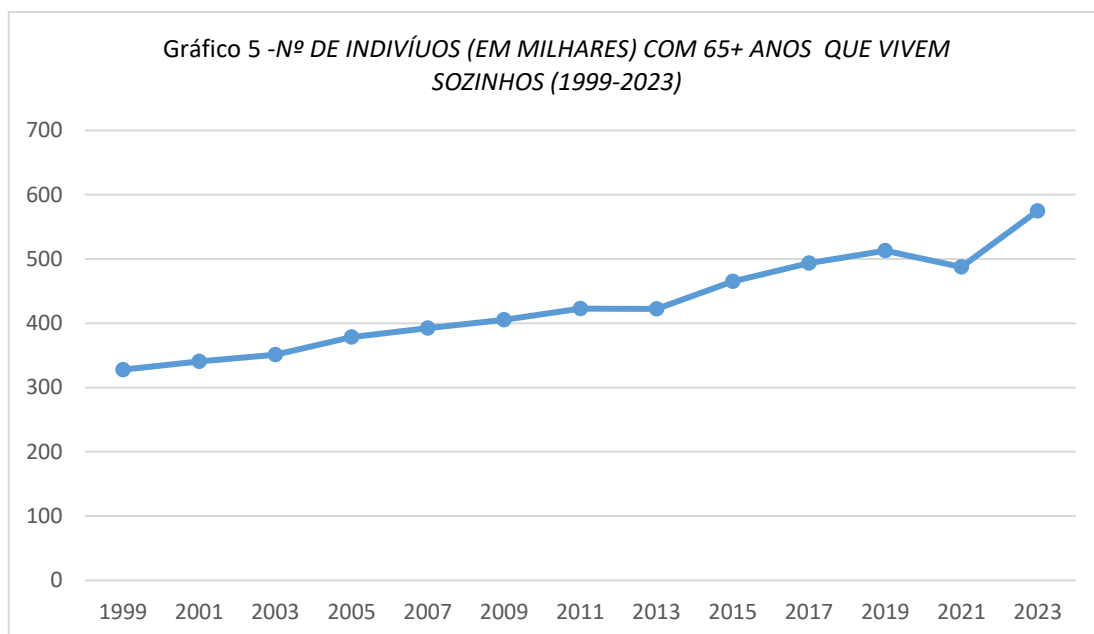
(Notas em diário de campo, Anexo 4.2, 14 de março de 2024)

No âmbito do NVTB também foi marcada presença no seminário final do projeto, que ocorreu na Comunidade Intermunicipal (CIM) do Tâmega e Sousa, em Penafiel. Este dia foi voltado para um seminário sobre a Tuberculose em todas as suas valências. Na mesma estiveram presentes inúmeros atores como profissionais de saúde, investigadores, atores políticos locais, técnicos sociais, entre outros interessados na questão. Aqui também foram apresentados os resultados imediatos desta segunda edição do NVTB pela equipa técnica responsável.

3.2.2 Reflexões críticas sobre o projeto Não Vale TB

A experiência de estágio no NVTB mostrou-se interessante devido ao facto de ter havido a oportunidade de trabalhar com diferentes faixas etárias e com públicos provindos de contextos socioeconómicos diferentes, enriquecendo toda a experiência de intervenção social e comunitária de proximidade. Adicionalmente, também foi possível perceber os (e)feitos que este tipo de intervenção traz para a população alvo. Tendo isto em conta realçamos os inquéritos de sintomas da tuberculose aplicados aos públicos idosos, uma vez que muito mais do que um rastreio inicial para a doença, estes tornavam-se um diálogo intenso sobre a vida dos vários indivíduos.

Através destas conversas conhecemos muito da vida destas pessoas, percebendo muitas vezes os problemas pessoais dos mesmos, tais como problemas familiares, exclusão e isolamento social, problemas psicológicos, entre outros. Foi muitas vezes visível a necessidade e o prazer destes idosos em terem alguém com quem falar sobre as situações mais quotidianas, de serem ouvidos, uma vez que alguns deles referem sentirem-se sozinhos e esquecidos. Segundo os dados da PORDATA (2024), como pode ser verificado no Gráfico 4, o número de idosos em Portugal que vive sozinho tem aumentado continuamente, sendo que em 2023, eram aproximadamente 574 mil os indivíduos com mais de 65 anos que vivem sozinhos.



Fonte: PORDATA (2024). *Agregados domésticos privados unipessoais: total e de indivíduos com 65 e mais anos*. <https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela/5841579>

É aqui que se ressalta a importância da intervenção comunitária de proximidade, pois assim é possível cuidar destes indivíduos com mais atenção do que aquela que os serviços de saúde públicos conseguiriam oferecer.

No entanto, foi possível denotar alguns aspetos negativos no NVTB como a falta de cuidado ao preparar os locais das sessões por parte das equipas das instituições visitadas. Além da falta de privacidade na realização dos inquéritos de sintomas e dos rastreios às DSTs, assim como a falta de material para as apresentações e às vezes até falta de espaço e de cadeiras para os grupos. Por outro lado, importa realçar a necessidade de triagem dos indivíduos. Com isto expressa-se a importância de exclusão dos indivíduos portadores de determinadas necessidades especiais que os tornam dependentes, tornando não ético o ato de responder a inquéritos de sintomas e de realizar rastreios de forma independente.

A partir disto também se enfatiza a necessidade do NVTB de adotar práticas de consentimento informado na realização destas atividades, assim como uma folha de informação ao participante, de forma a salvaguardar tanto a equipa técnica, as instituições e principalmente o utente. Como já foi referido anteriormente no ponto 2.2, relativamente às práticas éticas e deontológicas. Veja-se pelo Código Deontológico da APS (2008), “Nos processos de recolha de informação, os sociólogos devem ter o cuidado de explicitar junto dos informantes a sua identidade profissional, tal como a natureza, objetivos, procedimentos e enquadramentos institucional dos trabalhos que realizam”. O mesmo se aplica a todos os técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade, algo que deve ser respeitado e adotado em todas as ações de intervenção.

Os pontos positivos sobre esta segunda edição a destacar foram a criação de uma excelente relação entre as instituições locais e com a comunidade, permitindo que a equipa do NVTB passasse a ser um veículo facilitador entre a população e os serviços de saúde. Posto isto, o NVTB teve um efeito muito positivo na minimização de riscos desta população, visto que sem estas ações os cidadãos não teriam acesso a este tipo de cuidados. Os resultados imediatos desta segunda edição do NVTB, segundo a APDES (2024), apontam para 23 instituições, associações e estabelecimentos alcançados, sendo que ao todo foram abrangidas 813 pessoas. Durante estas sessões, foram aplicados 457 inquéritos de sintomas, onde acabaram por ser encaminhadas 50 pessoas para Centros de Diagnóstico Pneumológico. Não obstante, foram realizados também 1280 rastreios a DSTs.

Por outro lado, existe ainda um grande ceticismo por parte dos profissionais de saúde quanto a esta metodologia de proximidade adotada pela equipa do APDES. Este ceticismo acaba por se tornar até numa certa competitividade, pois os profissionais de saúde olham muito para estas respostas públicas como questões de números (que estão a “ser roubados aos profissionais de saúde”), em vez de olharem para estas intervenções

como um complemento e ajuda às respostas que já existem. Portanto, isto acaba por criar uma tensão e resistência entre as instituições. Como exemplo, a não criação de protocolos com o próprio centro pneumológico ou até a recusa de assistência a utentes que são encaminhados pelo NVTB. Apesar do NVTB ser cofinanciado pela Direção Geral de Saúde, uma vez que esta viu necessidade de haver um reforço no combate à tuberculose nestas localidades, continua a haver um ceticismo quanto à intervenção social e comunitária de proximidade.

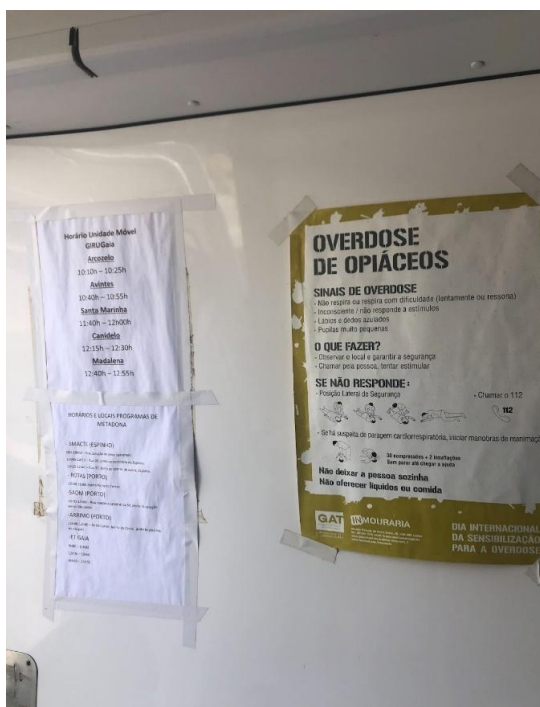
Outro ponto negativo do NVTB é a questão do tempo de duração do projeto, uma vez que apesar do NVTB já ter tido duas edições, elas duram apenas um ano, o que impede a fluidez do projeto. Os meses iniciais do projeto são utilizados para recuperar o contacto com as instituições e populações, o que atrasa o sucesso das intervenções, afetando, por conseguinte, o seu impacto. Desta forma, demarca-se a importância do NVTB passar a ser um projeto contínuo e não uma mera prestação de serviços, pois existe uma verdadeira necessidade de dar continuidade a estas intervenções. Contudo, apesar de haver uma grande vontade de trazer esta ideia para a realidade, há falta de recursos financeiros e humanos para ser levado a cabo.

3.3 Girugaia

O Girugaia trata-se de um projeto que existe na APDES desde 2004, que com uma equipa multidisciplinar realiza intervenções sociais e comunitárias de proximidade junto de indivíduos utilizadores de droga do concelho de Vila Nova de Gaia. Os princípios do Girugaia dizem respeito a uma orientação de redução de riscos e minimização de danos. Para tal, o Girugaia dispõe de um veículo que efetua paragens em cinco freguesias do concelho de Vila Nova de Gaia (Arcozelo, Avintes, Santa Marinha, Canidelo e Madalena), para promover a utilização de material de consumo assético e a adoção de práticas de

consumo de menor risco. Por outro lado, disponibiliza também serviços promotores da cidadania, saúde e inclusão social.

Figura 3 – SAÍDA DE CAMPO NO ÂMBITO DO PROJETO GIRUGAIA (29/01/2024)



Desde o ano 2007, segundo a APDES (2019)⁹, o Girugaia tem em funcionamento um Programa de Terapêutica Combinada (PTC), que incide na substituição opiácea de baixo limiar de exigência e administração de medicação antiretroviral e antituberculostática. Este programa do Girugaia valeu-lhe no ano de 2012, o reconhecimento por parte da Organização Mundial de Saúde como um exemplo de “Boa Prática”, no âmbito das terapias de substituição opiácea.

⁹ <https://apdes.pt/pt/?s=girugaia>

O Girugaia é financiado em grande medida pelo Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências (ICAD), em cerca de 80%. Em complemento, os restantes 20% são financiados por capitais próprios da APDES. Apesar do Girugaia ser um projeto que existe na APDES desde 2004, é necessário fazer uma candidatura a cada 2 anos, que pode ou não ser aceite pelas entidades financiadoras e que pode contar com o apoio de determinadas entidades privadas ou não, sendo que os objetivos do Girugaia têm de estar sempre de acordo com os objetivos destes financiamentos. Tendo isto em linha de conta, muitas vezes, os financiamentos acabam por se revelar insuficientes face à realidade encontrada no terreno, o que acaba por limitar as ações que têm no terreno com os utentes.

O Girugaia presta serviços de substituição de opióides (metadona por heroína) essencialmente. No entanto, têm sempre como funções uma vocação de educação para a saúde e literacia. Por outro lado, também prestam cuidados psicossociais e fazem a ponte com serviços de saúde, dada a condição de afastamento da população alvo com as estruturas de saúde, as equipas do Girugaia acabam por fazer o acompanhamento dos utentes a outros serviços de saúde, trabalhando para que os profissionais de saúde tenham uma postura mais compreensiva e integrante desta população. Por fim, o Girugaia também trabalha com o Banco Alimentar para fornecer aos seus utentes alguns bens alimentares de forma a colmatar a lacuna nutricional que esta população apresenta.

Algo que distingue o Girugaia de outros projetos de substituição de opiáceos é o facto de serem a única equipa de rua da zona Norte do país que faz uma integração imediata dos utentes nos seus serviços. Ou seja, os utentes vão ter com a equipa num dos pontos de encontro na rua e podem logo integrar nos cuidados prestados, não tendo de passar por burocracias ou avaliações médicas prévias. Este pormenor é muito importante pois esta população alvo é bastante volátil e assim é facilitada a entrada nos serviços. Por

outro lado, há também utentes que são encaminhados por outros serviços de saúde ou outras equipas de tratamento, dependendo da localidade da pessoa. Posto isto, o trabalho em rede também se demonstra fundamental para esta população.

3.3.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto Girugaia

As atividades desempenhadas durante o estágio no âmbito do Girugaia incidiram no acompanhamento da equipa técnica aos vários pontos de encontro de Gaia com a população-alvo. Aqui foram observadas as interações entre equipa técnica e população alvo e as suas dinâmicas de fornecimento dos medicamentos à população alvo. Outra tarefa de estágio no âmbito do Girugaia foi o diálogo com a comunidade o auxílio na distribuição de bens alimentares e de material de consumo assético.

As interações entre os membros da equipa incidiam no diálogo sobre casos de utentes, quanto ao seu estado de saúde, quanto à alteração de medicações, as marcações de consultas externas, entre outras questões. Por outro lado, entre equipa, denotou-se um constrangimento relativo à falta de recursos humanos no Girugaia, principalmente em profissionais de enfermagem.

A grande maioria dos utentes eram homens de meia-idade, sendo que existia também uma percentagem alta de indivíduos na casa dos 30 anos. Quanto às mulheres, que constituíam um número reduzido desta população, as existentes eram normalmente na casa dos 40/50 anos de idade. Na população mais envelhecida encontramos indivíduos com características físicas e psicológicas mais debilitantes, contudo, a grande maioria eram pessoas independentes e comunicativas. As interações entre as equipas técnicas e a população alvo eram bastante informais e familiares, onde existiam muitos momentos de brincadeiras e sorrisos aliados a momentos de preocupação para com os utentes que se encontravam em situações mais sensíveis. De forma geral as interações eram rápidas, muitos utentes apenas esperavam pela sua vez

de tomar a medicação, alguns levavam bens alimentares e abandonavam. No entanto, existiam utentes que permaneciam no local para dialogar com a equipa do Girugaia, quer fosse por motivos médicos, pessoais, ou por simplesmente conversas banais. A partir destas observações foi notório o grau de confiança elevado desta comunidade com o Girugaia, refletindo-se como uma rede de suporte para os indivíduos.

“A dinâmica interativa deste projeto é bastante informal, tentando promover além de uma assistência profissional, promover também uma relação de amizade de forma a ganhar a confiança desta população tão marginalizada e de difícil acesso.”

(Notas em diário de campo, Anexo 4.5, 8 de fevereiro de 2024)

A população alvo, de forma geral, aguardava pela chegada da carrinha do Girugaia com muita alegria e valor. Contudo, por vezes foi visível um certo grau de impaciência e rispidez por parte de alguns utentes, principalmente quando a carrinha se atrasava ao ponto de encontro ou por outras razões burocráticas a resolver com determinados utentes.

3.3.2 Reflexões críticas sobre o projeto Girugaia

A dinâmica do Girugaia é bastante informal, o que permite uma maior confiança com esta complexa comunidade. Aqui é visível a predominância das *soft skills* sobre as competências académicas, pois a empatia, a capacidade de gerir conflitos e competências de comunicação revelam-se como fulcrais no trabalho do Girugaia.

É possível perceber que o Girugaia é uma importante rede de suporte para esta população, uma vez que as equipas conseguiram estabelecer uma verdadeira relação de proximidade, tendo um efeito muito positivo e significativo na vida quotidiana dos utentes. O Girugaia é uma figura de referência para qualquer necessidade da população-alvo, quer a nível de prestação de cuidados de saúde, medicação, marcação de

consultas, problemas psicológicos, jurídicos, habitacionais, alimentares, financeiros, profissionais, entre tantos outros. Quanto ao principal objetivo, a substituição do consumo de heroína, segundo a Coordenadora, é notável a redução ou até abandono do consumo desta substância a médio e longo prazo.

Os obstáculos no Girugaia dizem respeito à questão da burocracia que é necessária para, por exemplo, marcar consultas para os utentes, que muitas das vezes não têm capacidades para tratar destas formalidades sozinhos. Por essa razão, deveria haver acordos com o Sistema Nacional de Saúde para ser instaurada uma espécie de “via verde” para utentes com os quadros clínicos e sociais da população do Girugaia, de forma a facilitar a adesão dos mesmos às consultas. Por outro lado, voltamos a falar da questão do financiamento insuficiente como um entrave a uma intervenção eficaz. Mais financiamento permitiria uma maior abrangência do território de Vila Nova de Gaia, visto que o concelho de Gaia é bastante vasto e existe a necessidade de alargar os serviços do Girugaia. A questão do financiamento também se alarga para a remuneração dos técnicos, acabando por constituir um motivo de desmotivação e criação de instabilidade dentro das equipas.

“O financiamento acaba por ser insuficiente face naquilo que depois é a realidade do trabalho, na teoria os gastos são calculados, mas depois quando estás no terreno, consegues perceber que os gastos são muito superiores àquilo que é financiado (...) depois nós temos que tentar minimizar os gastos porque também não temos uma margem assim tão grande para explorar e por isso acabamos por ser limitados também nas próprias ações que conseguimos ter com os utentes (...)”

- Entrevista à Coordenadora dos projetos Girugaia e Não Vale Tb

Por fim, no âmbito do estágio, o Girugaia mostrou-se um verdadeiro desafio devido à complexidade da população-alvo. Este é um ponto que enfatiza a importância de um estágio curricular, principalmente no curso de Sociologia da FLUP, visto que é uma das poucas oportunidades que temos de realmente trabalhar neste tipo de contextos e com estas populações. Tendo isto em conta, revelou-se importante o trabalho em equipa, onde a multidisciplinaridade se revela como benéfica para um enriquecimento profissional, académico, mas principalmente revela efeitos positivos e eficazes para a população alvo.

3.4 Projeto PUSH: Promover União para Pessoas em Situação de Sem Abrigo através do Desporto

O projeto PUSH é um projeto Erasmus+ que arrancou em março de 2023. Contudo, a Coordenadora J só integrou o projeto no final de fevereiro de 2024, já no seu final, sendo que o PUSH terminou no início de junho de 2024. O projeto PUSH é um projeto europeu que envolve a Holanda (Stitching Life Goals), Hungria (Megálló Csoport Alapítvány), Itália (Il Cigno Cooperativa Sociale) e Portugal (APDES), tendo como objetivo último a promoção de práticas desportivas para a integração social de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.

Em Portugal as ações interventivas através da promoção de hábitos desportivos nunca são vistas como prioritárias, pois elas exigem financiamentos que são alinhados com outros tipos de intervenção como alimentação e acomodação, reintegração no emprego e outros cuidados. No entanto, é essencial e urgente criar condições para que as pessoas em situação de sem-abrigo recuperem determinadas habilidades funcionais para de facto haver uma eficaz reintegração na sociedade. Segundo o Projeto PUSH (sd), a prática desportiva é eficaz no aumento do bem-estar físico e psicológico, sendo que

este é apenas um dos efeitos positivos do desporto. O desporto pode ser utilizado como uma ferramenta de reabilitação social, que aumenta a sensação de valorização pessoal, o que consequentemente favorece o desenvolvimento positivo da autoimagem e autoestima da população-alvo. Desta forma, para indivíduos em risco de exclusão ou em contextos sociais frágeis, o desporto funciona como uma ferramenta de inclusão, uma vez que promove uma sensação de pertença e participação partilhada.

O PUSH também prevê a promoção de igualdade de oportunidades e de inclusão social através do desporto para pessoas em situação de sem-abrigo e para todos aqueles que vivem em situações sociais frágeis. Por outro lado, pretende expandir a experiência das entidades que trabalham com estas populações e dos técnicos de intervenção que os acompanham. Após uma fase de investigação sobre boas práticas e partilha de conhecimentos e experiências ao nível europeu, os parceiros do Projeto PUSH criaram *guidelines* que permitem aos técnicos de intervenção, em colaboração com profissionais de desporto, dinamizarem programas desportivos para pessoas em situação de sem abrigo.

O PUSH, em termos práticos, visa que em cada país parceiro se tente aplicar um sistema de atividade desportiva com esta população. Algo que promova, a baixo custo, uma estrutura contínua de integração desta população. O trabalho da APDES para o PUSH consistiu num teste das *guidelines* na Sala de Consumo Assistido do Porto, com a população que frequenta este espaço e que se encontra em situação de sem-abrigo. Portanto, é uma população que se encontra numa estrutura de vulnerabilidade e fragilidade social elevada.

3.4.1 Atividades e tarefas realizadas no estágio no âmbito do projeto PUSH

A primeira tarefa atribuída no âmbito do PUSH foi planear um *webinar*. O conteúdo do *webinar* dizia respeito à divulgação de boas práticas e resultados dos inquéritos realizados no passado pelos parceiros, juntamente com a APDES com o anterior responsável do projeto. Adicionalmente, o *webinar* também se focou na disseminação das atividades futuras planeadas pela APDES com a população alvo. Não obstante, a equipa da APDES achou por bem fazer uma análise ao panorama da população em situação de sem abrigo portuguesa, de forma a conhecer a realidade a encontrar no terreno e, por conseguinte, conseguir planear uma intervenção adequada e eficaz para a mesma. O *webinar* também contou com a preparação de uma apresentação em PowerPoint (Anexo 7.3), sendo que esta foi feita através do *software* Canva, que é usado pelas equipas da APDES para elaborar publicações para as redes sociais e apresentações variadas. Posto isto, também foi treinada a apresentação do *webinar* juntamente com a Coordenadora. A dinamização do *webinar* pode ser encontrada no *Youtube*¹⁰ do projeto PUSH, com legendas em inglês, uma vez que a intenção do *webinar* é precisamente a disseminação dos dados mencionados.

As atividades desempenhadas no estágio, além do planeamento das atividades práticas, também incidiram em reuniões com os parceiros europeus, onde se apresentavam os pontos de situação do trabalho desenvolvido até ao momento. Estas reuniões também serviam para partilha de conhecimentos e entreaajuda entre os parceiros europeus.

No entanto, os parceiros também foram bastante queridos e disponíveis para nos ajudar no que for preciso, a nível de contactos com outras instituições e noutras tarefas.

¹⁰ https://www.youtube.com/watch?v=SEOqsuGpU4s&t=1289s&ab_channel=PUSH

(Notas em diário de campo, Anexo 4.4, 23 de fevereiro de 2024)

Quanto ao planeamento das atividades práticas a aplicar na cidade do Porto, inicialmente estava previsto realizar as atividades no estádio universitário da Universidade do Porto, visto que são instalações de qualidade e gratuitas que proporcionam as devidas condições para receber a população-alvo. Além dos espaços para práticas desportivas, existem ao dispor balneários para a higiene da população alvo, assim como espaços para a realização de atividades de convívio e para alimentação. Apesar da receptividade por parte do estádio universitário da Universidade do Porto ter sido positiva, após a realização do *webinar* tivemos contacto por parte de uma responsável da Sala de Consumo Assistido do Porto que se demonstrou disponível em auxiliar com a dinamização das atividades do projeto. A responsável sugeriu realizarmos a atividade prática na Sala de Consumo Assistido com a população em situação de sem abrigo que frequenta a Sala, visto que levar esta população vulnerável para um local deslocado envolve um esforço maior em termos de transportes e outras necessidades. Posto isto, apostar numa intervenção social e comunitária de proximidade, onde a equipa técnica se desloca ao contexto natural da comunidade, impulsiona a participação da população-alvo, uma vez que é um serviço que está disponível no seu ambiente natural.

“Eu considero que todos estes projetos têm um cariz muito ligado à comunidade e a populações de algo muito específicas, com problemáticas muito significativas e também muito simbólicas na realidade social. É sempre o facto da nossa intervenção ser feita de proximidade, do facto de tentarmos sempre ao máximo irmos nós ao contexto natural das populações, tentarmos adequar o tipo de serviço e de resposta que temos a essas populações, para que consigamos de facto chegar àquilo que é a sua vivência natural dos fenómenos. Depois, como outros pontos fortes, a capacidade destes projetos,

apesar de serem muito temáticos, têm de abarcar também, se quisermos, o número elevado de pessoas e portanto ter aqui uma repercussão bastante significativa.”

- Entrevista à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying

A Sala de Consumo Assistido também dispõe de chuveiros para que a população possa ter um espaço de higienização após as atividades desportivas. Quanto ao espaço para as práticas desportivas, a Sala fica localizada ao redor de jardins públicos, com condições e amplitude suficientes para a realização das mesmas. Desta forma, optou-se por este tipo de intervenção social e comunitária de proximidade e deixou-se de lado o plano inicial. Tendo isto em conta, outra tarefa de estágio no âmbito do PUSH foi a elaboração de um cartaz de divulgação (Anexo 6.1) das atividades a ser afixado na Sala de Consumo Assistido do Porto.

Outro grande desafio incidiu na aquisição de profissionais de desporto para a dinamização das atividades desportivas. Devido ao financiamento escasso, iniciou-se o contacto com associações sociais e de caridade que já têm ou tiveram atividades com públicos semelhantes, contudo, este não foi sucedido. Outro contacto foi feito com a Associação de Estudantes da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto que após muito esforço foi conseguida uma resposta positiva, apesar do PUSH ficar dependente da disponibilidade dos alunos. Por outro lado, deparamo-nos com um técnico de uma organização chamada Social Innovation Sports, uma organização sem fins lucrativos portuguesa sediada em Lisboa. Contudo, existem técnicos da mesma na zona Norte que têm realizado práticas desportivas como ferramenta de inclusão social. A experiência e motivação por parte desta organização valeu-nos de recursos humanos experientes que conseguiram levar a cabo gratuitamente as atividades planeadas. Apesar do planeamento do círculo de atividades físicas e outras atividades educativas não formais já ter sido realizada pela equipa da APDES (Anexo 7.4), a Social Innovation Sports

contribuiu com mais conhecimento de planeamento deste tipo de atividades. Aqui também se enfatiza a importância do trabalho em rede das instituições do Terceiro Setor, que contribui para intervenções mais eficientes e fluídas.

Contudo, as indisponibilidades por parte da Sala de Consumo e por outras vezes por parte da Associação de Estudante da Faculdade de Desporto da Universidade do Porto e da Social Innovation Sports, acabaram por adiar a realização das atividades práticas do PUSH para uma data que não era compatível com o tempo do estágio curricular, o que impossibilitou a participação na mesma.

3.4.2 Reflexões críticas sobre o Projeto PUSH

O PUSH é um projeto com dificuldades na sua organização. Nele houve pouca comunicação entre a equipa de gestão e equipa técnica anterior. Quando o PUSH foi adicionado ao plano de trabalhos de estágio apenas tinha sido articulado que seria para auxiliar no planeamento do webinar. Contudo, após a saída do responsável inicial do projeto e este ter sido entregue à nova coordenadora, percebemos que pouca coisa havia sido feita no âmbito do PUSH. Na realidade era necessário preparar reuniões com os parceiros e acima de tudo planear as atividades práticas com a população alvo aqui em Portugal. Esta foi uma situação preocupante pois as referidas atividades práticas já deveriam ter sido iniciadas no início do projeto (2023), sendo previsto que estas fossem atividades prolongadas no tempo. O projeto, quando foi entregue à nova coordenadora, faltavam 3 meses para o fim do projeto, o que significou uma condensação de tarefas num curto espaço de tempo, nomeadamente no que diz respeito ao planeamento das atividades com a população alvo, assim como a difícil angariação de recursos humanos e materiais. A questão do tempo não foi benéfica, pois estas atividades são complexas e exigem tempo para planear uma intervenção eficiente. A aplicação prática do PUSH

por ter sido deixada até aos prazos limites do projeto colocou em causa os resultados e (e)feitos dos objetivos para com a população-alvo e com os restantes parceiros, que se demonstraram descontentes.

“Os projetos, muitas vezes, devido a várias variáveis, são sujeitos a adiamentos, a mudanças de equipa, seja por causa de algo específico. E muitas vezes essas alterações temporais, fazem com que, por exemplo, se condense no tempo algo que seria para ser mais alargado e portanto há aí quase uma pressa para conseguir cumprir com todos os propósitos. E como disse há pouco, daquilo que é a prática dos técnicos de intervenção social, é preciso haver um *modus operandi* mais permanente e não... um *modus operandi* de conseguir cumprir com alguns passos, objetivos e depois ficar estanque quando termina o projeto. (...) Esta questão dos projetos serem muito condensados no tempo e de correremos por vezes atrás da parte quantitativa... que é também muito importante, certo. Mas que também nos limita de outros aspetos que seriam bastante, bastante importantes.”

- Entrevista à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying

Não obstante, o PUSH apresentou ter importância para a população da Sala de Consumo Assistido do Porto, demonstrando vontade em melhorar os espaços logísticos disponíveis, criação de outros espaços adequados (mais confortáveis, mais dignos), assim como a possibilidade de oferecer um reforço em bens alimentares e de higiene. O mais positivo a denotar nesta experiência da APDES com o PUSH foi o facto de esta população ter imensa dificuldade de acesso a práticas desportivas e aos tipos de cuidados que foram prestados. Se estas *guidelines* do PUSH tivessem sido realizadas desde o início e até disseminadas para outras instituições, poderíamos estar presentes a um projeto de enorme sucesso e eficiente.

“Porque muitas vezes é difícil terem esse tipo de cuidado e esse tipo de acesso a cuidados fora daquilo que às vezes são as áreas sociais, as respostas sociais e até informais da comunidade... E portanto, sim, é um projeto que tem muitas pernas para dar, que tem potencial e que poderá fazer a diferença não só numa instituição, mas como em várias. Se as guidelines e o propósito do projeto for bem disseminado.”

- Entrevista à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying

3.5 Click no Bullying

O Click no Bullying incide num projeto Erasmus+, iniciado em 2023, que tem como parceiros europeus: Portugal (APDES); Roménia (ACCES) e Turquia (TRAKDOSK). O principal objetivo do projeto trata-se da prevenção da problemática do *cyberbullying* através do empoderamento e literacia digital dos jovens entre os 13 e os 35 anos. Segundo a APDES (2023), “O *cyberbullying* é um fenómeno que tem proliferado a par da (r)evolução tecnológica e digital, constituindo cada vez mais um sério risco para o bem-estar emocional e psicológico, principalmente de utilizadores de redes sociais.”

O Click no Bullying pretende desenvolver competências digitais nas populações jovens com o intuito de estes não se tornarem alvos fáceis desta problemática e para serem capazes de identificar determinados contornos do fenómeno e consequentemente serem capazes de se defender de situações de *cyberbullying*. Ao aumentar a literacia digital e mediática dos jovens, estamos a fornecer-lhes ferramentas para que estes possam tomar melhores escolhas e não serem influenciados negativamente por problemas como a desinformação, conteúdos e práticas desadequadas. Ao proporcionar um lugar onde os jovens possam ter uma voz ativa em questões que os afetam, o Click no Bullying está a contribuir para a criação de estratégias e soluções eficazes e adequadas para os problemas que envolvem estes grupos. Para tal,

a Coordenadora do projeto ACIS+, PUSH e Click no Bullying, juntamente com a sua equipa, elaborou conteúdos inerentes à temática do projeto (*cyberbullying*), além de realizar momentos de contacto permanente entre os parceiros.

Em termos de elaboração das atividades, o Click no Bullying apresenta na sua candidatura, *guidelines* gerais, como por exemplo, a temática, a população-alvo, quantas sessões são necessárias, entre outras questões. No entanto, quanto ao conteúdo das formações em si, isso está dependente do *Know How* da equipa de cada país parceiro. Posto isto, as equipas reúnem-se e decidem o que incluir no manual orientador para aplicar no terreno. As ações realizadas incidem sobre temáticas como a segurança na Internet, meios digitais, conceitos de Bullying e cyberbullying, formas de prevenção e combate, entre outras. Para a dinamização das mesmas recorre-se a metodologias participativas, assim como metodologias de educação não-formal, que promovem um espaço para debates e troca de conhecimentos e estimulam a liberdade e criatividade dos jovens.

Após a elaboração dos conteúdos formativos, são estabelecidas redes de contacto com instituições interessadas para a realização de ações de sensibilização e de informação ao público-alvo. Portanto, o objetivo último incide em formar técnicos de juventude (*youth workers*) para que depois estes estejam dotados para capacitar outros jovens em torno desta problemática. Para tal, as equipas do Click no Bullying intervêm pelo menos duas vezes por mês, através de ações formativas com estes jovens ao longo de 6 meses. É de realçar que muitos destes jovens da população-alvo, apresentam muitas vezes situações de vulnerabilidade (jovens de casas de acolhimento, acompanhados por comissões de proteção de crianças, jovens de territórios problemáticos, com contextos familiares e educacionais complexos e desafiantes, etc.), ou seja, jovens a quem sem este projeto, este tipo de informações sobre estas temáticas, provavelmente nunca chegariam. Através do Click no Bullying, procura-se combater

outros tipos de problemas e necessidades que estes jovens possam ter - com a presença da equipa da APDES no terreno é esperado que seja criado um impacto e uma mudança significativa que vai além dos propósitos do projeto.

“Isso acaba sempre sendo uma mais-valia porque é um projeto que... que para além de tentar disseminar práticas para a prevenção e o combate de uma problemática que é o cyberbullying, também permite que vários jovens consigam experienciar de uma forma completamente distinta outras realidades sociais, outras culturas, de uma forma que de outro modo talvez não fosse possível. E também nós, através das nossas ações locais, conseguimos por vezes criar aqui um impacto e uma mudança significativa, que muitas vezes vai além dos próprios propósitos do projeto. Muitas vezes apenas a nossa presença, a capacidade de dinamizar, o facto de escutarmos, (...), é muito importante para depois deixar aqui pistas, para que a gente possa fazer um projeto de futuro que podem ser interessantes para essa mesma população.”

- Entrevista à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying

O contacto entre a APDES e as instituições interessadas é realizado por parte da equipa da APDES. Ou seja, é a equipa do Click no Bullying que procura, selecciona e entra em contacto com as instituições. Devido aos 20 anos de atuação da APDES no território de Gaia e arredores, já são muitas as conexões e parcerias realizadas com instituições do território, facilitando os caminhos para chegar a uma população de referência. Caso ainda não haja essa conexão, a Coordenadora do ACIS+, PUSH e Click no Bullying refere que o processo é bastante simples: apenas entram em contacto via telefone ou email, demonstram o interesse de atuar junto de determinada população, apresentam o trabalho a desenvolver e propõem uma parceria.

Além do efeito direto nos jovens e nos técnicos de juventude (*youth workers*), o Click no Bullying almeja alcançar decisores políticos e locais para que seja possível a informação chegar a toda a comunidade.

3.5.1 Training course em Bucareste (Roménia)

No âmbito do projeto Click no Bullying, houve a oportunidade de nos deslocar até Bucareste, na Roménia, um dos parceiros do projeto, para a realização de um Training Course enquanto *youth worker*. O referido Training Course ocorreu entre os dias 21 e 24 de maio de 2024, num escritório disponibilizado no centro de Bucareste pela anfitriã ACCES.

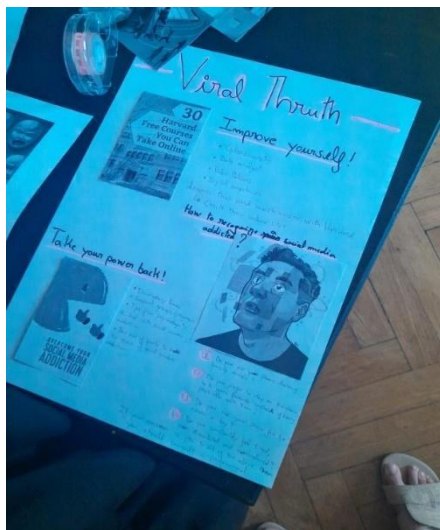
No Training Course havia ao todo 7 *youth workers*: 3 da Turquia, todas elas raparigas e com idades aproximadas no início dos 20 anos; a Roménia contou com 3 *youth workers*, também elas todas raparigas, uma com 24, outra com 23 e outra com 18 aproximadamente. Com as *youth workers* estavam os seus responsáveis, o coordenador da Turquia que era um homem de meia-idade pouco falador, já a coordenadora da Roménia era uma senhora de meia-idade bastante prestável e simpática.

O intuito do Training Course incide em formar jovens (os *youth workers*) sobre a problemática do *cyberbullying* para que depois estes possam intervir nas suas localidades com os grupos-alvo. As sessões do Training Course ocorreram ao longo de 3 dias, divididas por 4 módulos: o primeiro módulo dizia respeito à temática “Jovens e contextos online”; o segundo era relativo a “perigos online, ofensas e ameaças”; o terceiro era relativo a “*cyberbullying*: como prevenir e combater” e por último, o módulo “capacidades socioemocionais”. As metodologias utilizadas incidiam em modelos formais e não formais de educação, como por exemplo jogos interativos, pequenos momentos de mímica, entre outros. Além de assistir às sessões mais expositivas,

também nos foi pedido para respondermos a um pré-teste relativo aos nossos conhecimentos sobre termos *online* e os significados que atribuímos aos mesmos, assim como as nossas expectativas quanto à formação.

Durante o Training Course, os módulos apresentavam modalidades de ensino variadas, fazendo um bom equilíbrio entre a educação formal mais expositiva e a educação não-formal, dando uso a atividades práticas como a elaboração de uma capa de jornal (Figura 4) que englobasse uma notícia sobre um perigo da *Internet*, um aspeto positivo do uso da *Internet* e outra notícia sobre como ultrapassar uma consequência negativa da *Internet*. Esta atividade, tal como outras que por exemplo tivemos de dar uso à nossa imaginação através de uma pequena representação teatral, também incentivaram o trabalho de grupo, impulsionando a proximidade e o trabalho entre as diferentes *youth workers* europeias.

Figura 4 – CAPA DE JORNAL ELABORADA NO ÂMBITO DO TRAINING COURSE DO CLICK NO BULLYING, ROMÉNIA
(25/05/2024)



Quanto a estas interações houve algumas dificuldades, uma vez que algumas *youth workers* não eram muito fluentes em inglês, o que dificultava o diálogo e a criação de laços entre os envolvidos. Por outro lado, por parte da equipa turca, notou-se um certo fechamento quanto à convivência com o restante grupo. Inclusive, durante as sessões expositivas do Training Course, era visível um certo desinteresse pelo que estava a ser lecionado. No entanto, principalmente por parte dos anfitriões, o ambiente foi sempre muito alegre e acolhedor, recebendo-nos sempre com simpatia e com bens alimentares típicos romenos, numa forma de boas-vindas ao seu país. Por outro lado, houve um esforço por parte das equipas para haver momentos de convívio fora do Training Course, como pausas para almoço em conjunto que levavam a uma partilha de culturas bastante dinâmica.

No final da visita a Bucareste o *feedback* foi muito positivo. Os participantes congratularam a equipa portuguesa da APDES pelo Training Course, referindo que foi excelente tanto a nível de informação, como de apresentação e de escolhas metodológicas de ensino.

“Tanto a líder da Roménia como a *youth worker* mais velha ficaram maravilhadas com as sessões, principalmente com o PowerPoint. Por outro lado, também felicitaram pelas escolhas metodológicas de ensino, dizendo que os pequenos jogos e atividades tornavam tudo mais interessante.”

(Notas em diário de campo, Anexo 4.6, 24 de maio de 2024)

As informações deste Training Course foram disponibilizadas aos parceiros em formato de manual com o intuito dos *youth workers* utilizarem as informações prestadas, assim como as metodologias de intervenção, nos seus contextos nacionais e locais. Estas metodologias de intervenção já tinham sido testadas no contexto

português, sendo que segundo a equipa técnica do Click no Bullying da APDES, estas demonstraram-se um sucesso, tendo tido uma receptividade positiva na população alvo.

3.5.2 Reflexões críticas sobre o projeto Click no Bullying

Após ter sido oferecida a oportunidade de acompanhar a equipa do Click no Bullying da APDES, no âmbito da sua dinamização de um *training course* em Bucareste (Roménia), conseguimos compreender os objetivos do projeto e os seus modelos de intervenção.

O *training course* demonstrou-se enriquecedor no que diz respeito ao aumento da literacia sobre a problemática do *cyberbullying*, nomeadamente quanto à sua natureza e efeitos na sociedade. Por outro lado, a equipa da APDES foi capaz de dotar os *youth workers* e todos os presentes com técnicas e ferramentas de intervenção social e comunitária de proximidade sobre esta temática, de forma a que os presentes sejam capazes de atuar junto da população alvo: jovens entre os 13 e os 35 anos.

Das intervenções já realizadas pela equipa da APDES em território nacional, conseguimos perceber os (e)feitos que as ações do *Click no Bullying* apresentam nestas comunidades. Além do aumento da literacia digital dos mesmos, o facto de se atuar junto de populações jovens vulneráveis, permite a colmatação de outras necessidades e problemas encontrados nesta população. Esta intervenção social e comunitária de proximidade permite o entendimento de pistas e temáticas para futuros projetos junto destes jovens.

Considerações finais

Num olhar reflexivo sobre o percurso de estágio, considera-se que os objetivos estabelecidos para o mesmo foram cumpridos, exceto no que diz respeito à análise da APDES enquanto entidade patronal. Com o bloqueio das atividades do projeto ACIS+ abriram-se portas para outros projetos e realidades diversas, o que acabou por superar qualquer expectativa inicial. A experiência no trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade na APDES demonstrou-se enriquecedora tanto a nível pessoal, como académico e profissional.

Ao longo das experiências nos diferentes projetos, fomos conseguindo perceber a resposta para a pergunta de partida - Como caracterizar o papel e a ação de uma ONGD enquanto interventora social e comunitária de proximidade? - A estadia na APDES mostrou-nos como as intervenções sociais e comunitárias de proximidade influenciam positivamente as diversas populações-alvo com as quais operam, por muito mais ou menos exigentes ou complexas que estas se demonstrem. As populações alvo dos projetos integrados no âmbito do estágio incidiram em pessoas em situação de sem-abrigo (no caso do projeto PUSH), a utilizadores de droga (Girugaia); pessoas em situação de vulnerabilidade, como idosos e crianças (no caso do NVTB), a jovens entre os 13 e 35 anos (no caso do Click no Bullying) e a técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade que atuam no concelho de Vila Nova de Gaia (no caso do ACIS+).

Os pontos fortes destes projetos da APDES assentam na relação criada pelas equipas técnicas com as várias populações alvo e instituições envolvidas. Tudo isto é possível devido ao trabalho de proximidade e em rede realizado pela APDES, interligado com a competência técnica, empatia e eficácia das suas intervenções. O facto de serem as equipas a deslocarem-se aos contextos de vida da população permite (e)feitos mais positivos nas intervenções estabelecidas pelos projetos, nomeadamente no que diz

respeito à quantidade de pessoas possíveis de alcançar. Esta questão foi bastante notória no caso do Projeto PUSH, onde inicialmente se tinha planeado aplicar as atividades com a população-alvo no estádio universitário da UP. Esta vertente não se revelou sucedida, tendo-se optado por dinamizar as atividades do PUSH na Sala de Consumo Assistido do Porto, o que facilitou o acesso à população alvo. A partir desta decisão, a adesão às atividades do projeto, por parte da população-alvo, foi bastante positiva, perspetivando-se a realização de mais atividades num futuro próximo.

O papel dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade denota-se exigente, revelando que não são apenas necessários os conhecimentos académicos de base que os técnicos trazem consigo. Apesar destes serem fundamentais, e onde até a multidisciplinaridade das equipas se demonstra uma das maiores valias das intervenções sociais e comunitárias de proximidade, existem outras competências essenciais para o trabalho destes profissionais: as denominadas *soft skills* inerentes aos próprios técnicos. No trabalho com populações vulneráveis destaca-se uma grande necessidade de competências como a capacidade de empatia, de gestão de conflitos, capacidade de comunicação clara e assertiva, assim como uma visão e postura de afastamento ao senso comum, além da capacidade de trabalho de equipa e de gestão. Isto porque, muito além das atividades no terreno, são necessárias tarefas planeadas *a priori*, principalmente quando falamos na coordenação e gestão dos projetos.

No caso das entrevistadas J e C, enquanto Coordenadoras de projetos de intervenção social e comunitária de proximidade, as suas atividades diárias incidem essencialmente na gestão dos projetos, no que concerne ao planeamento das atividades, gestão de horários, recursos humanos, financeiros e materiais. Por outro lado, também criam contactos com outras instituições e populações alvo para levar a cabo as atividades dos projetos, o que também envolve aqui o trabalho de disseminação dos mesmos. Em contrapartida, estas atividades podem projetar para uma sobrecarga

dos técnicos, visto que estes estão alocados em diversos projetos simultaneamente. A capacidade de gestão de tempo e de tarefas, aliada à necessidade de mais recursos humanos e financeiros, revela-se como um dos maiores desafios para os técnicos e para a organização.

A APDES, tal como muitas outras ONGD enfrentam constrangimentos como problemas de financiamento, visto que o investimento se revela quase sempre insuficiente para colmatar todas as necessidades encontradas no terreno dos projetos da APDES. Por outro lado, o fator tempo dos projetos também se apresenta como um dos maiores entraves, uma vez que a curta duração dos projetos afeta os (e)feitos positivos que seria possível alcançar. Nomeadamente nos projetos NVTB e PUSH, as populações alvo beneficiariam em muito com um trabalho mais contínuo e não com uma mera prestação de serviços.

O fator financiamento e o fator tempo também impedem a própria questão das avaliações de impacto dos projetos. As avaliações dos vários projetos passam apenas por meras avaliações quantitativas, de relatórios finais de prestação de contas e cumprimento de objetivos estipulados pelos financiadores. As condições atuais da instituição, aliadas ao fraco investimento financeiro e ao curto espaço de tempo de duração dos projetos, não permitem uma avaliação de impacto a médio e longo prazo. Posto isto, constituiria um projeto futuro interessante investir na avaliação de alguns dos projetos da APDES, principalmente aqueles que tiveram a oportunidade de sobreviverem mais no tempo.

Tendo em conta este contexto organizacional apresentado, seria interessante para uma atividade futura a aplicação das técnicas do grupo focal e do inquérito por questionário desenvolvidas no âmbito do estágio, mas que não foram possíveis aplicar. Através da aplicação dos mesmos, os técnicos, juntamente com os membros de gestão e da direção, podem encontrar respostas a alguns dos problemas que a organização

poderá apresentar em algumas valências. Desta forma, poderíamos colmatar igualmente o problema analisado da falha na comunicação interna da APDES, permitindo um ambiente organizacional mais harmonioso e fluído, capaz de alcançar (e)feitos ainda maiores do que aqueles que foram verificados ao longo do estágio.

Referências bibliográficas

- Almeida H. & Ferreira V. (2016). *Kit de ferramentas para diagnósticos participativos*. CES - Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Disponível em: http://lge.ces.uc.pt/outputs.php#primeiro_cont
- Almeida, J. & Pinto, J. (1975). *Teoria e investigação empírica nas ciências sociais*. 11(42-43), p.365-445.
- Antunes, H. (2008). Metodologias em Ciências Sociais: uma análise reflexiva. In *III Congresso Português de Sociologia: Práticas e Processos da Mudança Social*. Oeiras: Associação Portuguesa de Sociologia.
- Agência Piaget para o Desenvolvimento. (2019). *APDES: In people we trust*. <https://apdes.pt/pt/home/>
- APDES. (2022). *Capacitação dos profissionais de intervenção social*. Arquivo documental.
- APDES. (2019). *ClickNoBullying*. Disponível em: <https://apdes.pt/pt/portfolio/clicknobullying/>
- APDES. (2019). *O Projeto GiruGaia vê renovado o seu financiamento e apresenta inovações na sua abordagem*. Disponível em: https://apdes.pt/pt/gva_event/o-projeto-girugaia-ve-renovado-o-seu-financiamento-e-apresenta-inovacoes-na-sua-abordagem/
- APDES. (2024). *Seminário final Não Vale Tb: Vale do Tâmega e Sousa*. Arquivo de palestra da APDES, Vila Nova de Gaia.
- Associação Portuguesa de Sociologia. (2020). *Código deontológico*. <https://aps.pt/codigo-deontologico/>

Azevedo, A. & Silva, M. (2023). Motivations for and barriers to innovation in non-profit organizations: The case of nursing homes in Northern Portugal. *International Journal of Innovation Studies*. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.ijis.2023.04.002>

Azevedo, N. (2012) – Os grupos focais: traços preliminares sobre o Centro Histórico de Guimarães. Em Praça, Henrique (coord.) - *Paisagem com cidade e maçãs vermelhas*. p. 37-45. [Consultado em 15 de junho de 2024]. Disponível em: <https://issuu.com/setepes/docs/studyhistoriccentreguimaraes>.

Azevedo, N. (2014). *Políticas culturais, turismo e desenvolvimento local na Área Metropolitana do Porto*. Fragmentos de um estudo de caso (1980-2001). Edições Afrontamento.

Azevedo, N. (2017), Artes e inclusão social: projetos e ações enquanto experiências metodológicas, *Sociologia: Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto*, Número temático – Processos sociais e questões sociológicas, pp. 28-41. DOI: 10.21747/08723419/soctem2017a2

Bardin, L. (1997). *Análise de conteúdo*. Lisboa, Edições Persona.

Barbosa, E. & Gomes, M. (1999). *A técnica de Grupos Focais para obtenção de dados quantitativos*. Educativa: Instituto de Pesquisas e Inovações Educacionais.

Burawoy, M. (2005). Por uma Sociologia Pública. *Política e Trabalho* (Revista de Ciências Sociais). p. 9 – 50.

Business Council for Sustainable Development (BCSD). (2022). *Objetivos de Desenvolvimento Sustentável*. <https://ods.pt/ods/>

Camões: Instituto da Cooperação e da Língua. (sd). *Procedimento de Registo de ONGD*. Disponível em: <https://www.instituto-camoes.pt/activity/o-que->

[fazemos/cooperacao/atuacao/financiamos/perguntas-frequentes-ongd-2/procedimento-de-registo](#)

Câmara Municipal de Gaia. (sd). *Plano de Desenvolvimento Social: Vila Nova de Gaia (2017-2021)*.

Carmo, H. (2008), *A formação em serviço social: ameaças, oportunidades e rotas possíveis*, Seminário Europeu 'A formação em Serviço Social: desafios Contemporâneos', Universidade Lusíada (Maio de 2008) (mimeo).

Conta Satélite da Economia Social (CSES). (sd). *Conta Satélite da Economia Social em 2019-2020*. CASES - Cooperativa António Sérgio Para a Economia Social. Disponível em: <https://cases.pt/contasatelitedaes/>

Costa, D. (2009). Intervenção social em parceria: fatores facilitadores e de bloqueio. *Lusíada*, (35), (Intervenção Social).

Creswell, J. (2009). *Research design: Qualitative, Quantitative and Mixed Methods Approaches*. SAGE - 3ª ed.

Diário da República. (2007). *Decreto de Lei nº4/2007*, série I, 161 (Janeiro). <https://diariodarepublica.pt/dr/legislacao-consolidada/lei/2007-66798712>

European Commission. (2005). *The European Charter for Researchers*. Disponível em: www.europa.eu.int/eracareers/europeancharter

European Commission. (2021). *Ethics in Social Science and Humanities*. https://ec.europa.eu/info/funding-tenders/opportunities/docs/20212027/horizon/guidance/ethics-in-social-science-and-humanities_he_en.pdf

Ever, A. & Laville, J. (2005). *Defining the third sector in Europe*. Reino Unido: Edward Elgar. Disponível em:

<https://www.ssc.wisc.edu/~wright/Social%20Economy%20PDFs/EversLaville-1-Defining%20the%20third%20sector.pdf>

Ferreira, P. (2008). A utilização da metodologia de investigação-ação na intervenção social: uma reflexão teórica. *Lusíada*, 32(34) (Intervenção Social).

Felgueiras, S. (Coordenação e Apresentação). (2020, 14 de dezembro). Donativos nas mãos erradas. (Temporada 9, Episódio 5), (Episódio de série de TV). *Sexta às 9*. RTP. Disponível em: <https://www.rtp.pt/play/p6596/e456690/sexta-as-9>

Filho, F. & Mariano, C. (2019). Serviço público como forma de efetivação de direitos fundamentais em comunidade em situação de vulnerabilidade social. *A&C - Revista de Direito Administrativo & Constitucional*. DOI: <https://doi.org/10.21056/aec.v19i77>

Garrido, A. (2016). *O sucesso na intervenção Comunitária: as lógicas de trabalho da APDES*. Relatório de Estágio. Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Guerra, I. (2006). *Fundamentos e Processos de uma Sociologia de ação: O planeamento em Ciências Sociais*. Princípia, (2).

Henriques, S. & Santos, J. (2021). *Inquérito por questionário: Contributos de conceção e utilização em contextos educativos*. Universidade Aberta. DOI: <https://doi.org/10.34627/3s9s-k971>

Lawrence, K. & Unterhitzberger, C. (2022). Diary method in project studies. *Project Leadership and Society*, (3). DOI: <https://doi.org/10.1016/j.plas.2022.100054> .

Lopes, M. (2022). Perfis de avaliação nas organizações do terceiro setor : implicações diferenciadas na aprendizagem organizacional. *Sociologia, Problemas e Práticas* [Online], (99), consultado o 6 maio de 2024. Disponível em: <http://journals.openedition.org/spp/11023>

Matos, M. (2009). Da intervenção Comunitária à mediação comunitária. *Educação, Sociedade e culturas*, (29), p. 175-189.

Mendes, D. & Antunes, M. (2022). (Re)construindo vidas: intervenção comunitária e desenvolvimento humano. *Espacios en blanco. Serie indagaciones*, 32(2), p. 57-70. Epub 06 de agosto de 2022. <https://dx.doi.org/10.37177/unicen/eb32-331>

Mioto, T., & Célia, R. (2002). O trabalho com Redes como procedimento de intervenção profissional: o desafio da requalificação dos serviços. *Revista Katálysis*, 5(1), p. 51–58. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=179618286005>

Monteiro, A. (1996). A avaliação nos projetos de intervenção social: Reflexões a partir de uma prática. *Sociologia - Problemáticas e práticas*, (22), p.137-154 (Universidade da Beira Interior).

Morais, A. M., & Neves, I. P. (2007). Fazer investigação usando uma abordagem metodológica mista. *Revista Portuguesa de Educação*, 20(2), p. 75-104.

Nações Unidas. (sd). Objetivos de Desenvolvimento Sustentável. *Centro Regional de Informação para a Europa Ocidental*. <https://unric.org/pt/objetivos-de-desenvolvimento-sustentavel/>

Parente, C. (sd). A avaliação. Em C. Parente (Ed), *Departamento de Sociologia*. Universidade do Porto.

Parente, C. (sd). Metodologias de investigação e intervenção. Em C. Parente (Ed), *Departamento de Sociologia*. Universidade do Porto

PORDATA. (2021). *Emprego: total e por ramo de atividade, equivalente a tempo completo*. Disponível em: <https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela/5841073>

(acedido a 25 de maio de 2024)

PORDATA (2024). *Agregados domésticos privados unipessoais: total e de indivíduos com 65 e mais anos.*

<https://www.pordata.pt/db/portugal/ambiente+de+consulta/tabela/5841579>

Plataforma Portuguesa das ONGD. (sd). *ONGD Associadas*. Disponível em: <https://www.plataformaongd.pt/quem-somos/ongd-associadas>

Popper, K. (1945). *The open society and its enemies*.

PUSH. (18 de julho de 2024). *PUSH WEBINAR by APDES*. (vídeo). Youtube. https://www.youtube.com/watch?v=SEOqsuGpU4s&ab_channel=PUSH

Project PUSH: Promoting Unity through Sport for Homeless. (sd.). *About the Project Push*. (Consultado a 20 de junho de 2024). Disponível em: <https://projectpush.eu/project/>

Quintão, C. (2011) – O terceiro sector e a sua renovação em Portugal. Uma abordagem preliminar. *IS Working Papers*, (2), p.131-142. Disponível em: http://isociologia.pt/App_Files/Documents/is-wp-ns-002_110411025242.pdf.

Salamon, L. & Sokolowski, W. (2018). *The size and composition of the European third sector*. p. 49-93.

Silva, A. & Pinto, J. (1999). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.

Suarez-Balcazar, Y. & Harper, G. (2024). *Empowerment and participatory evaluation of community interventions*. New York

ANEXOS

Anexo 1 - Grupo Focal

Anexo 1.1 - Guião de Grupo Focal aos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES

Natureza e organização de uma ONG portuguesa: Os testemunhos dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES

Início:

- Boas-vindas da moderadora, introdução e apresentação da atividade (objetivos, agenda, dinâmica) (5 min)
- Dinâmica de ativação, vídeo (16 min)

https://www.youtube.com/watch?v=tO509cDkOTM&ab_channel=Drugreporter

Desenvolvimento:

- Apresentação em PowerPoint dos resultados dos inquéritos aplicados previamente à atividade de grupo focal
- Discussão e análise das questões pelo grupo (30min)
- Pausa (10 min)

Encerramento:

- Conclusão (30min)
- Encerramento da atividade (5min)

Recursos a serem usados:

- Computador
- Guião de grupo focal;
- Lista de participantes;

- Caderno de notas;
- Canetas;
- Bebidas e snacks.

Hora de início	Hora de fim	Atividade	Descrição
		Abertura do grupo focal	1. Bem-vindos. Esta atividade de grupo focal destina-se a analisar o que vocês pensam e sentem sobre a vossa organização em termos de missão, visão e estratégia. Esta atividade não levará mais que duas (02) horas; 2. Apresentação da responsável e da atividade a levar a cabo; 3. Apresentação da agenda com as atividades (vídeo, apresentação pp, discussão); 4. Explicar a importância da participação ativa de todos; 5. Regras do dia: • A regra mais importante é que apenas uma pessoa fala de cada vez. • Vocês não têm que falar em nenhuma ordem específica. • Quando alguém tiver algo para dizer, por favor, faça-o. É importante que os pontos de vista possam ser obtidos de cada um de vocês. • Por favor coloquem os telefones no modo silencioso, se alguém tiver que atender uma chamada por favor faça isso de modo a não interromper e o mais rápido que puder. • O meu papel enquanto moderadora é orientar esta discussão. 6. Apresentação dos participantes (Nome, idade, área de formação, atividade profissional, naturalidade....)
		Desenvolvimento	1. Vamos começar por visualizar um vídeo de ativação ao tema, que reflete o trabalho da APDES; 2. Agora vamos passar para uma apresentação em powerpoint dos resultados dos inquéritos preenchidos por vocês antes do grupo focal;

			3- Indicar que começaremos com a discussão em grupo, reforçando as regras; 6. Iniciaremos a conversa com o seguinte: “Vamos dar-lhes alguns minutos para pensarem sobre os aspectos estratégicos que a APDES tem atualmente, que indicaram nos inquéritos - há alguém disposto a partilhar as suas opiniões?”; 7. Pedir para dizerem palavras ou frases sobre a missão, visão e estratégia da organização no que diz respeito ao seu trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade para que estejamos todos alinhados e eu escrevo na última página do PP dedicada a este momento Observação: observar atentamente os comportamentos dos participantes; 8- Perguntar sobre os aspetos positivos e negativos que foram apontados nos inquéritos sobre o trabalho interventivo da APDES e enquanto entidade patronal; 9. Perguntar e debater sobre possíveis soluções para os problemas apontados - o que está na origem dos problemas? o que fariam diferente? quais as soluções?; 10. Validar se todas as perguntas estão a ser respondidas.
		Encerramento	1. Fazer uma conclusão e sumário sobre os tópicos que foram debatidos; 2. Dinâmica de encerramento: Agradecer aos participantes pelo interesse na atividade realizada. “Esta foi uma sessão com muito sucesso. As vossas opiniões serão um recurso valioso para o estudo. Esperamos que tenham achado uma discussão interessante. Se há algo com o qual vocês não estejam satisfeitos, por favor entrem em contacto através de e-mail ou telefone.”

Anexo 1.2 – Questionário aos Técnicos de Intervenção Social e Comunitária de proximidade da APDES

Grupo focal - Natureza e organização de uma ONG portuguesa: os testemunhos dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES

Após ter lido a folha de informação ao participante e ter assinado o consentimento de participação para o grupo focal, é-lhe pedido, por favor, que preencha este pequeno questionário.

As informações que prestará a este questionário são **anónimas e confidenciais**, sendo que os seus dados servirão para **constituir um perfil dos Técnicos Sociais de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES** e uma forma de **autoavaliação da APDES enquanto organização**, tendo em conta os significados e expectativas dos seus Técnicos Sociais.

Adicionalmente, as conclusões dos dados deste inquérito serão utilizadas como **material de reflexão e discussão no grupo focal a realizar**, além de servirem como **material de estudo para um estágio curricular no âmbito do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto**. Por fim, as conclusões, tanto do questionário como do grupo focal, serão a base de um pequeno **relatório de *feedback*** a ser entregue à direção da APDES, num sentido de *feedback* da sua atuação enquanto ONG e entidade patronal.

Por fim, a última secção do questionário serve para agendar a atividade de grupo focal, de forma a perceber qual o regime, horário e data são mais benéficos para os participantes.

Irá receber futuramente um email com o agendamento da atividade.

Qualquer dúvida ou comentário, pode entrar em contacto com a responsável, Inês Figueiredo Pereira, através:

Tlm:

Email:

- Leia atentamente cada questão colocada.
- Assinale a resposta que melhor se identifica com a sua opinião.

As suas respostas são estritamente anónimas e confidenciais.

Obrigada pela sua participação!

** Indica uma pergunta obrigatória*

I- Dados socioprofissionais

As informações prestadas nesta secção não têm a finalidade de identificação dos participantes, apenas têm interesse estatístico.

1- Sexo ** Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Feminino
- ☐ Masculino
- ☐ Prefiro não responder

2- Idade ***

3- Tempo de vinculação à APDES

4- Tipo de vinculação * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Contrato a termo certo
- ☐ Contrato a termo incerto
- ☐ Contrato sem termo
- ☐ Contrato a tempo parcial
- ☐ Contrato de curta duração
- ☐ Trabalho temporário
- ☐ Prestação de serviços

5- Área de Formação * *Marcar apenas uma oval.*

- ☐ Psicologia
- ☐ Sociologia
- ☐ Serviço Social
- ☐ Educação Social
- ☐ Criminologia
- ☐ Direito
- ☐ Economia
- ☐ Enfermagem
- ☐ Outra:

II - Trabalho interventivo e organizacional

Nesta secção pretende-se conhecer o nível de envolvimento dos técnicos com a organização e os significados que atribuem ao desempenho da mesma enquanto interventora social e comunitária de proximidade e enquanto entidade patronal.

6 - Numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale "Total desconhecimento" e 5 a * "Total conhecimento", Qual o seu nível de conhecimento da missão organizacional da APDES? *Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Total desconhecimento	☐	☐	☐	☐	☐	Total conhecimento

6.1 - Por favor indique qual é a missão da APDES.

6.2 - Numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale a "Não me identifico" e 5 * equivale a "Identifico-me", em que grau se Identifica com a missão da APDES?
Marcar apenas uma oval.

	1	2	3	4	5	
Não me identifico	☐	☐	☐	☐	☐	Identifico-me totalmente

7- Entre 1 e 5, tendo em conta que 1 equivale a "Total desconhecimento" e 5 * equivale a "Total conhecimento", Qual o seu nível de conhecimento dos valores morais da organização? *Marcar apenas uma oval*

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

1	2	3	4	5
☐	☐	☐	☐	☐

Total desconhecimento Total conhecimento

7.1 - Por favor indique os principais valores morais da APDES enquanto ONG.

7.2 - Numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale a "Não me identifico" e 5 a * "Identifico-me totalmente", por favor indique em que grau se identifica com os valores morais da APDES. *Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	Não me identifico
Identifico-me totalmente	☐	☐	☐	☐	☐	

8. Numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale a "Discordo totalmente" e 5 * equivale a "Concordo totalmente", Considera que a estratégia atual da APDES é adequada às necessidades das populações alvo e do seu ambiente? *Marcar apenas uma oval.*

	1	2	3	4	5	
Discordo totalmente	☐	☐	☐	☐	☐	Concordo totalmente

8.1 - Selecione as opções que considera serem os pontos mais fortes da intervenção social e comunitária de proximidade da APDES?

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Competência técnica dos técnicos sociais/equipas
- ☐ Características dos projetos
- ☐ Durabilidade dos projetos
- ☐ Recursos humanos suficientes/ajustados
- ☐ Públicos-alvo acessíveis
- ☐ Metodologia e técnicas adequadas
- ☐ Recursos financeiros e materiais suficientes/adequados
- ☐ Proximidade e laços de confiança com as comunidades
- ☐ Respeito pelos direitos humanos
- ☐ Trabalho em equipa harmonioso
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Outra:

8.2 - Selecione as opções que considera serem os pontos mais fracos da intervenção social e comunitária de proximidade da APDES?

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Desinteresse dos Técnicos de Intervenção
- ☐ Desmotivação dos Técnicos de Intervenção
- ☐ Falta de competências técnicas e metodológicas dos Técnicos de Intervenção

- ☐ Falta de Supervisão dos projetos
- ☐ Falta de recursos humanos
- ☐ Falta de recursos financeiros e materiais
- ☐ Populações-alvo complexas/inacessíveis
- ☐ Falta de conhecimentos metodológicos e/ou técnicos
- ☐ Fraca relação interpessoal nas equipas técnicas
- ☐ Durabilidade dos projetos
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Outra:

9- Numa escala de 1 a 5, sendo que 1 equivale a "Discordo totalmente" e 5 * equivale a "Concordo totalmente", em que grau considera que a estratégia atual da APDES é adequada para os seus técnicos de intervenção? *Marcar apenas uma oval.*

Discordo totalmente 1 2 3 4 5 Concordo totalmente

15. 9.1 - Selecione as opções, enquanto Técnico/a Social, que considera serem os principais aspetos positivos em trabalhar para a APDES enquanto ONG.

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Relação com colegas de equipa

- ☐ Relação com a direção da APDES
- ☐ Poder trabalhar/intervir junto de pessoas e comunidades vulneráveis
- ☐ Renumeração
- ☐ Ambiente de trabalho
- ☐ Instalações físicas da APDES
- ☐ Bons/adequados sistemas avaliativos de desempenho de todos os trabalhadores da APDES
- ☐ Reuniões entre equipas e coordenadores/supervisão
- ☐ Horário de trabalho
- ☐ Distância ao meu local de residência
- ☐ Aumento da minha experiência profissional enquanto Técnico de Intervenção
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Outra:

9.1 - Selecione as opções, enquanto Técnico/a Social, que considera serem os principais aspectos negativos em trabalhar para a APDES enquanto ONG.

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ Relação com os colegas de trabalho
- ☐ Relação com a direção da APDES
- ☐ Trabalho desempenhado pouco desafiante
- ☐ Renumeração
- ☐ Instalações físicas da APDES
- ☐ Ambiente de trabalho
- ☐ Insuficiência/ausência de Sistemas avaliativos de desempenho de todos os trabalhadores da APDES

- ☐ Horário de trabalho
- ☐ Distância ao meu local de residência
- ☐ Sistemas avaliativos de desempenho de todos os trabalhadores da APDES
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Outra:

III - Agendamento da atividade de Grupo focal

Por favor selecione as opções que mais o/a beneficiam.

Tenha em conta que a atividade de grupo focal terá uma duração de aproximadamente 1h30min/2h

Regime *Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Online
- ☐ Presencial

Data *Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ 28 de abril
- ☐ 29 de abril
- ☐ 1 de maio
- ☐ 5 de maio
- ☐ 6 de maio
- ☐ Outra:

Horário *Marcar tudo o que for aplicável.*

- ☐ Manhã
- ☐ Tarde
- ☐ Pós-laboral

Anexo 1.3 – Folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade)

Folha de Informação ao Participante

Grupo focal

Título da atividade: Natureza e organização de uma ONG portuguesa: Os testemunhos dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES.

Destinatários: Técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES

Responsável: Inês Figueiredo Pereira

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Mestrado em Sociologia - Estágio Curricular

Contacto telefónico:

Email:

Pretendo convidá-lo(a) a participar num estudo sobre Organizações Não Governamentais (ONG), nomeadamente sobre o seu trabalho enquanto interventor(a) social e comunitário de proximidade em comunidades vulneráveis. O meu nome é Inês Figueiredo Pereira, sou estudante do 2.º ano do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e estou neste momento a realizar o meu estágio curricular na Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES).

O meu intuito é realizar uma atividade de **grupo focal** aos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES, sendo que os mesmos serão preferencialmente divididos em dois grupos distintos. Adicionalmente, antes da

atividade de grupo focal, será pedido que preencha um questionário relativamente ao tópico de discussão que será usado como material de reflexão e discussão para a atividade de grupo focal. Os grupos focais objetivam compreender o funcionamento e organização da APDES enquanto ONG e as percepções, experiências, sentimentos e expectativas dos seus técnicos, considerando o seu papel e/ou trabalho de intervenção social e comunitária de proximidade nos vários projetos e enquanto técnico da APDES como entidade patronal.

Se aceita participar ou não é uma escolha sua. Se não desejar participar, não precisa de me dar nenhum motivo. Decidir não participar não o afetará em nada. Se quiser participar, mas mais tarde mudar de ideia, pode sair do estudo a qualquer momento.

Esta Folha de Informação do Participante é para o/a ajudar a decidir se deseja participar, explica o motivo da minha “estadia” na APDES, por que razão eu gostaria de ouvir as suas opiniões, quais os benefícios e riscos envolvidos com a sua participação e o que acontecerá após o término do estudo. Vou fornecer-lhe essas informações e responder a quaisquer perguntas que possa ter. Não precisa decidir imediatamente se irá ou não participar neste estudo. Antes de decidir, se quiser conversar sobre o estudo com outras pessoas, como por exemplo familiares, amigos ou funcionários da instituição, sinta-se à vontade, eu espero pela sua decisão.

Se concordar em participar neste estudo, será solicitado que assine o Termo de Consentimento apresentado na última página deste documento. Ficará com uma cópia deste documento, também assinado por mim.

Adicionalmente, mesmo que não queira participar no grupo focal, sinta-se à vontade para preencher o referido questionário, a sua colaboração é de extrema importância e completamente anónima. Aos restantes que queiram participar no grupo focal, peço por favor que preencham efetivamente o questionário.

Este documento tem 4 páginas, incluindo o termo de consentimento.

Qual é o objetivo deste estudo?

Este estudo servirá como material empírico para o meu relatório de estágio, no âmbito da conclusão do Mestrado em Sociologia da FLUP. O estudo servirá para conhecer o panorama da APDES quanto à sua organização/funcionamento e do trabalho interventivo realizado junto das comunidades, assim como os significados que os seus técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade atribuem ao trabalho desenvolvido. O estudo servirá também para oferecer informações produtivas sobre os pontos fortes e fracos da dinâmica organizacional e algumas recomendações sobre como melhorar o funcionamento da instituição em si.

Este estudo foi aprovado pela orientação do Mestrado de Sociologia da FLUP e pela direção da APDES.

O que implica a minha participação neste estudo?

O interesse em convidá-lo(a) a participar na atividade de grupo focal deve-se ao facto de você fazer parte da equipa técnica de intervenção social da APDES. Gostaria de fazer algumas perguntas para reunir as suas opiniões e pontos de vista sobre certos aspetos de como a instituição funciona. É importante ouvir o maior número possível de pessoas, para que eu considere todas as perspetivas ao escrever meu relatório. O grupo focal não tirará mais de **2 horas** do seu tempo.

Quais são os potenciais benefícios e riscos deste estudo?

A participação neste estudo não implica riscos para si, para a sua família, para o seu trabalho ou para a instituição. Os benefícios potenciais dizem respeito a ajudar a

entender melhor como a instituição pode melhorar alguns aspetos do seu funcionamento, que se traduzirão num ambiente melhor para todos aqueles que nela trabalham e para a população-alvo dos projetos promovidos pela APDES.

Quais são os meus direitos?

A sua participação é completamente voluntária e não remunerada. É livre para recusar participar ou para se retirar do estudo a qualquer momento, sem com isso sofrer nenhuma consequência.

Ninguém será informado sobre a sua decisão se optar por participar ou se decidir parar depois de começarmos e em nada isso o afetará. Qualquer informação que possa partilhar será mantida em sigilo. Ninguém além de mim terá acesso ao conteúdo da conversa.

Ao escrever o meu relatório, não mencionarei nomes nem partilharei detalhes que permitam identificar individualmente qualquer pessoa.

O que acontece depois deste estudo terminar?

Depois de realizadas estas atividades, usarei alguns dos pontos debatidos para escrever o meu relatório de estágio e darei uma síntese avaliativa dos pontos positivos e negativos à direção da APDES quanto à sua organização e funcionamento.

As gravações do grupo focal com os participantes serão armazenadas no meu computador pessoal num arquivo encriptado durante o estudo. Quando o estudo terminar, todos os materiais que eu recolher serão destruídos. Mantereí armazenados de forma segura os consentimentos informados assinados por um período de 1 ano. Depois disso, também os destruirei.

Termo de consentimento de participação na atividade de grupo focal aos técnicos de intervenção sociais e comunitária de proximidade da APDES

Natureza e organização de uma ONG portuguesa: os testemunhos do trabalho dos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade da APDES

Marque para indicar que concorda com o seguinte:

- Li e compreendi a folha de informação ao participante;
- Autorizo que a entrevista seja gravada em áudio;
- Foi-me dado tempo suficiente para considerar se devo ou não participar neste estudo;
- Foi-me oferecida a oportunidade de pedir apoio a um funcionário/a, família ou amigos para me ajudar a entender o estudo, assim como a minha decisão de participação ou não no mesmo;
- Estou satisfeito/a com as respostas que recebi em relação ao estudo e tenho uma cópia deste termo de consentimento e folha de informações;
- Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária (minha escolha), não remunerado e que posso retirar-me do estudo a qualquer momento sem que isso me afete de alguma forma;
- Entendo que a minha participação neste estudo é confidencial e que nenhum material que me possa identificar pessoalmente será usado nos resultados deste estudo;
- Sei com quem entrar em contacto se tiver alguma dúvida sobre o estudo em geral.

Declaração do participante

Eu abaixo assinado aceito participar neste estudo.

Assinatura:

Data: / /

Declaração da responsável pelo estudo:

Eu abaixo assinado forneci uma explicação verbal do estudo ao participante e respondi às suas perguntas. Acredito que o participante entendeu o estudo e tenha dado consentimento informado para participar.

Assinatura:

Data: / /

Anexo 2 – Entrevistas semiestruturadas aos membros da direção da APDES

Anexo 2.1 Guião entrevistas semiestruturadas (membros da direção da APDES)

Título da atividade: Natureza, dinâmica, organização e funcionamento de uma ONG portuguesa: Os testemunhos do membros dos membros da direção da APDES

Destinatários: Membros do quadro executivo da APDES

Responsável: Inês Figueiredo Pereira

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Mestrado em Sociologia - Estágio Curricular

Contacto telefónico:

Email:

Objetivos

Geral: Explorar elementos caracterizadores da APDES, bem como do seu funcionamento e dinâmica de ação organizacional.

Específicos:

- Conhecer a trajetória académica e profissional da pessoa entrevistada;

- Identificar as características organizacionais subjacentes à APDES;
- Compreender a origem, funcionamento e dinâmica da ação da APDES;
- Descrever as atividades principais realizadas pela APDES;
- Identificar os recursos, materiais e estratégias de intervenção utilizadas para colocar em prática os projetos e atividades;
- Identificar as parcerias e financiamentos que APDES dispõe para a continuidade das suas intervenções;
- Compreender o trabalho da APDES enquanto entidade patronal e qual a dinâmica organizacional;
- Reconhecer os pontos fortes, aspetos a melhorar e perspectivas de futuro da APDES.

Categoria	Sub-categoria	Indicadores	Questões	Notas
	1.1 Introdução	Boas vindas ao entrevistado; Agradecimento pela participação; Apresentação dos intervenientes;		
	1.2 Contextualização e objetivos da entrevista	Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respetivos objetivos		

1. Introdução à entrevista	1.3 Motivação do entrevistado	Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do estudo		
	1.4 Confidencialidade	Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos		
	1.5 Autorização para a gravação áudio	Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise; Informar que esta gravação será destruída após a análise da mesma.		
2. Perfil académico e profissional	2.1 Caracterização do perfil académico	Formação académica	2.1.1 Fale-me um pouco de si e da sua formação académica	Idade: Sexo: Formação:
	2.2 Caracterização do perfil profissional	A nível profissional	2.2.1 Que trabalho(s) desempenhou antes de vir trabalhar para a APDES? 2.2.2 Há quanto tempo trabalha nesta instituição? 2.2.3 Quais os motivos que o levaram a trabalhar nesta instituição? 2.2.5 Como caracteriza o seu papel na APDES? Que tarefas realiza diariamente? 2.2.6. Que competências (técnicas, metodológicas,	

			<i>soft skills</i>), considera fundamentais para o desempenho da sua função? 2.2.7. Como avalia o trabalho que realiza?	
3. Génese da APDES e a sua essência organizacional	3.1 Caracterização da APDES	Origem e natureza organizacional	3.1.1 Consegue dizer qual é a história da APDES e qual a sua evolução em termos de valores e missão? 3.1.2 Se tivesse que definir a APDES em 3 palavras, quais seriam? 3.1.3 Quais são os principais objetivos da APDES?	
		Funcionamento da APDES	3.1.5 Quantas pessoas trabalham na APDES ? Quais são as condições contratuais dos mesmos? 3.1.6 Como é realizado o recrutamento dessas mesmas pessoas? 3.1.7 Quais os órgãos/departamentos que constituem a APDES? E como se articulam entre si? (trabalho colaborativo) 3.1.8 Qual o espaço físico de que dispõe a ONG?	
			3.1.12 Que grupos sociais são abrangidos pelos vossos	

4. Dinâmica organizacional		Público-Alvo Caracterização	projetos? Existe um grupo social dominante? 3.1.13 Como é feito o contacto com a APDES? (Autonomamente ou por incentivo da APDES)	
		Atividades/Projetos	4.1.1 Quais são as áreas de intervenção? 4.1.2 Que serviços são prestados? 4.1.3. Como são planificados e elaborados os projetos/atividades? 4.1.4 Existem avaliações aos projetos quanto ao seu impacto e do trabalho da APDES?	
		Organização da APDES	4.1.5. Sendo uma ONG, a APDES conta com apoios externos. Que tipo de entidades financiam e/ou apoiam a APDES? 4.1.6. Como está hierarquizada a APDES e como está distribuído o poder de decisão? 4.1.7 Qual a sua perceção sobre a satisfação dos trabalhadores da APDES? Quais considera serem os principais benefícios de ter a APDES como entidade patronal? Que aspetos precisam de ser ajustados?	

			4.1.8. Existe algum sistema de recompensas/penalizações? 4.1.9. Existem sistemas de avaliação ao desempenho da organização e dos seus trabalhadores de forma individual? Quais/Porquê?	
5. Balanço	5.1. Potencialidades e constrangimentos	Fatores positivos	5.1.1 Quais os pontos fortes da associação?	
		Fatores negativos	5.1.2 E os principais constrangimentos? 5.1.3 Que estratégias utilizaram para superar eventuais contratempos?	
	5.2. Considerações gerais	Perspetivas de futuro	5.2.1. Tendo em conta o balanço destes anos que trabalha na APDES, o que vê no futuro da mesma? O que se mantém? O que vai mudar? Considera um futuro positivo ou negativo?	
6. Considerações finais e agradecimentos	6.1 Informações adicionais		6.1.1 Quer acrescentar algum aspeto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas?	
	6.2 Agradecimentos		6.2.1 Agradecer pela participação e enfatizar a importância da mesma para o estudo.	

Anexo 2.2 – folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (membros da direção da APDES)

Folha de informação ao participante

Entrevista semi-estruturada aos membros do quadro executivo da APDES

Título da atividade: Natureza, dinâmica, organização e funcionamento de uma ONG portuguesa: Os testemunhos dos membros do quadro executivo da APDES

Destinatários: Membros do quadro executivo da APDES

Responsável: Inês Figueiredo Pereira

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Mestrado em Sociologia - Estágio Curricular

Contacto telefónico:

Email:

Pretendo convidá-lo(a) a participar num estudo sobre Organizações Não Governamentais (ONG), nomeadamente sobre o seu trabalho enquanto membro do quadro executivo da Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES). O meu nome é Inês Figueiredo Pereira, sou estudante do 2.º ano do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e estou neste momento a realizar o meu estágio curricular na APDES.

O meu intuito é realizar uma entrevista semi-estruturada (individual) aos membros do quadro executivo da APDES com o objetivo de conhecer os membros deste departamento da instituição quanto à sua formação e tarefas desempenhadas. Por outro lado, pretendo explorar os elementos caracterizadores e funcionais da APDES enquanto ONG, bem como o seu funcionamento e dinâmica de ação organizacional.

Se aceita participar ou não é uma escolha sua. Se não desejar participar, não precisa de me dar nenhum motivo. Decidir não participar não o afetará em nada. Se quiser participar, mas mais tarde mudar de ideia, pode sair do estudo a qualquer momento.

Esta folha de informação do participante é para o/a ajudar a decidir se deseja participar, explica o motivo da minha “estadia” na APDES, por que razão eu gostaria de falar consigo, quais os benefícios e riscos envolvidos com a sua participação e o que acontecerá após o término do estudo. Vou fornecer-lhe essas informações e responder a quaisquer perguntas que possa ter. Não precisa decidir imediatamente se irá ou não participar neste estudo. Antes de decidir, se quiser conversar sobre o estudo com outras pessoas, como por exemplo familiares, amigos ou funcionários da instituição, sinta-se à vontade, eu espero pela sua decisão.

Se concordar em participar neste estudo, será solicitado que assine o Termo de Consentimento apresentado na última página deste documento. Ficará com uma cópia deste documento, também assinado por mim.

Este estudo foi aprovado pela orientação do Mestrado de Sociologia da FLUP.

Este documento tem 4 páginas, incluindo o termo de consentimento.

Qual é o objetivo deste estudo?

Este estudo servirá como material empírico para o meu projeto de estágio, no âmbito da conclusão do Mestrado em Sociologia da FLUP. O estudo servirá para conhecer o panorama da APDES quanto à sua origem, organização, funcionamento e dinâmica enquanto ONG e enquanto entidade patronal. Para tal, pretendo ouvir o seu contributo para a instituição e as suas perspetivas sobre a mesma.

O que implica a minha participação neste estudo?

O interesse em convidá-lo(a) para uma entrevista deve-se ao facto de fazer parte do quadro executivo da APDES. Gostaria de fazer algumas perguntas para reunir as suas opiniões e pontos de vista sobre certos aspetos de como a instituição funciona. É importante ouvir o maior número possível de pessoas, para que eu considere todas as perspetivas ao escrever meu projeto. A entrevista não tirará mais de 1h do seu tempo.

Quais são os potenciais benefícios e riscos deste estudo?

A participação neste estudo não implica riscos para si, para a sua família, para o seu trabalho ou para a instituição. Os benefícios potenciais dizem respeito a ajudar a entender melhor como a instituição pode melhorar alguns aspetos do seu funcionamento, que se traduzirão num ambiente melhor para todos aqueles que nela trabalham e para a população-alvo dos projetos promovidos pela APDES.

Quais são os meus direitos?

A sua participação é completamente voluntária e não remunerada. É livre para recusar participar ou para se retirar do estudo a qualquer momento, sem com isso sofrer nenhuma consequência.

Ninguém será informado sobre a sua decisão se optar por participar ou se decidir parar depois de começarmos e em nada isso o afetará. Qualquer informação que possa partilhar será mantida em sigilo. Ninguém além de mim terá acesso ao conteúdo da conversa.

Ao escrever o meu relatório, não mencionarei nomes nem partilharei detalhes que permitam identificar individualmente qualquer pessoa.

O que acontece depois deste estudo terminar?

Depois de realizadas estas atividades, usarei alguns dos pontos debatidos para escrever o meu projeto de estágio sobre as especificidades do trabalho e funcionamento da APDES enquanto ONG.

As gravações do grupo focal com os participantes serão armazenadas no meu computador pessoal num arquivo encriptado durante o estudo. Quando o estudo terminar, todos os materiais que eu recolher serão destruídos. Mantereí armazenados de forma segura os consentimentos informados assinados por um período de 1 ano. Depois disso, também os destruirei.

Termo de consentimento de participação em entrevista aos membros do quadro executivo da APDES

Natureza, dinâmica, organização e funcionamento de uma ONG portuguesa: Os testemunhos dos membros do quadro executivo da APDES

Marque para indicar que concorda com o seguinte:

- Li e compreendi a folha de informação ao participante;
- Autorizo que a entrevista seja gravada em áudio;
- Foi-me dado tempo suficiente para considerar se devo ou não participar neste estudo;
- Foi-me oferecida a oportunidade de pedir apoio a um funcionário/a, família ou amigos para me ajudar a entender o estudo, assim como a minha decisão de participação ou não no mesmo;
- Estou satisfeito/a com as respostas que recebi em relação ao estudo e tenho uma cópia deste termo de consentimento e folha de informações;
- Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária (minha escolha), não remunerado e que posso retirar-me do estudo a qualquer momento sem que isso me afete de alguma forma;
- Entendo que a minha participação neste estudo é confidencial e que nenhum material que me possa identificar pessoalmente será usado nos resultados deste estudo;
- Sei com quem entrar em contacto se tiver alguma dúvida sobre o estudo em geral.

Declaração do participante

Eu abaixo assinado aceito participar neste estudo.

Assinatura:

Data: / /

Declaração da responsável pelo estudo:

Eu abaixo assinado forneci uma explicação verbal do estudo ao participante e respondi às suas perguntas. Acredito que o participante entendeu o estudo e tenha dado consentimento informado para participar.

Assinatura:

Data: / /

Anexo 2.3 - Grelha de categorias de análise de conteúdo da entrevista semiestruturada ao diretor executivo da APDES

Data: Hora: Local:			
Categoria	Sub-categoria	Resumo	Excerto
Perfil, pessoal, académico e profissional			
Génese da APDES e a sua essência organizacional	Origem e natureza organizacional		
	Planificação e implementação dos projetos e atividades		
	Planificação e implementação dos projetos e atividades		
	Avaliação dos projetos e impacto do trabalho da		

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

	APDES		
Balanço	Potencialidades da APDES		
	Constrangimentos da APDES		
Considerações finais	Perspectivas de futuro da APDES		

Anexo 2.4 - Grelha de análise de conteúdo da entrevista semiestruturada ao diretor executivo da APDES

Grelha de análise entrevista semiestruturada ao diretor executivo da APDES			
Data: 17 de junho de 2024 Hora: 16h - 17:18 (1 hora e 18 minutos de duração) Local: Entrevista Online (Zoom)			
Categoria	Subcategoria	Resumo	Excerto

Perfil, pessoal, académico e profissional		O entrevistado é do sexo masculino, formado em Psicologia do Comportamento Desviante (Justiça e Comunitária), pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto, entre os anos de 1988-1993, ou seja, licenciatura pré-bolonha. Em termos de atividade profissional, o diretor executivo da APDES iniciou a sua carreira enquanto dirigente do Cineclube do Porto onde procurou abrir o cinema para toda a sociedade, afastando-se da ideia de um cinema erudito. Em 1995 lançou um ciclo de cinema em torno da problemática da SIDA, onde procurava analisar como o cinema e a arte a retratavam. A partir disso, promoveu programas de sensibilização, informação e prevenção da SIDA em escolas locais e universidades. No ano de 1996 passou para o setor empresarial, numa associação patronal de automóveis. Este emprego em nada tinha a ver com a Psicologia e o comportamento desviante, mas foi importante para perceber o tecido associativo e organizacional. De seguida foi convidado por uma amiga a trabalhar num projeto de empoderamento social em Aveiro, no Bairro de Santiago. O objetivo era empoderar jovens desfavorecidos e marginalizados através da arte, da música e da dança. Aqui iniciou o trabalho de minimização de riscos, albergado por uma IPSS intitulada Florinhas do Vouga, procurando combater o consumo de droga nestes jovens. No início dos anos 2000 deu aulas na Escola do Comércio do Porto onde conheceu uma colega que o viria a convidar para um projeto europeu (Programa Equal), de coesão social, a ser liderado pelo Instituto Piaget. O objetivo era criar uma Associação de Desenvolvimento Local (ADL) em Canelas (Gaia). Este projeto é o que vai dar origem à APDES.	<i>E eu então sou licenciado em Psicologia, portanto, naquela licenciatura que é anterior, um bom pedaço anterior à... Bolonha. Ao Tratado de Bolonha, sim. Portanto, são uns cinco anos. (...)E a minha especialização, mas nós tínhamos a licenciatura, mas dentro da licenciatura havia uma especialização, a minha especialização foi Psicologia de Comportamento Desviante, na Faculdade de Psicologia do Porto, na FPCEUP, Psicologia do Porto de Ciências de Educação.</i> <i>E após a minha licenciatura, eu fiz algumas coisas assim bastante diversas e dispersas. Uma foi, durante um ano fui dirigente do Cine Clube do Porto, no Cine Clube (...). Tinha assim funções, fazia parte da direção, tinha funções executivas e a nossa preocupação foi muito já abrir o Cine Clube um pouco mais à sociedade, à sociedade geral, não só ao cinema e pelos amantes de filmes... E fizemos trabalhos em torno do, por exemplo, lançamos um ciclo de cinema em torno das... Isto em 1995, ou 94, 95, em torno da SIDA e como é que o cinema, a arte e o cinema em particular, retratava a problemática da SIDA, que na altura estava muito, uma coisa muito quente na nossa sociedade. E para além desse ciclo de cinema, também promovemos programas de raise awareness e desenvolvimento de informação e prevenção em escolas.</i> <i>E depois disso, retornei aí sim em grande força à psicologia da desviância, porque tinha sido convidado por uma amiga, por uma colega, para continuar o trabalho que ela estava a desenvolver, mas que ela iria sair para Lisboa, em Aveiro, no chamado Bairro dos Comboios Amarelos, Bairro de Santiago, para fazer o mesmo trabalho de empoderamento. De certa forma, era um trabalho de empoderamento através da arte, através da música, da dança hip-hop e do rap, o trabalho de empoderamento de miúdos que tinham abandonado o percurso escolar, e qual, devido a várias situações, não sei, viverem em famílias não estruturadas, alguns</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>terem comportamentos mais ou menos ilícitos, muitos deles já terem uma trajetória de consumo de drogas, nomeadamente a canábis, a marijuana canábis, mas ainda era um bocadinho trabalhar com eles o seu autoconceito, a visão de si mesmo, e mais do que isso, um projeto de vida usando a arte, e neste caso uma arte mais urbana, mais folclórica, neste caso a dança hip-hop, onde eles eram craques, tinham grandes competências nisso (...)</i> <i>(...) o meu trabalho me tinha passado, durou dois anos e tal, foi numa pequena IPSS de Aveiro (...) que é as Florinhas do Vouga, e na altura, foi a primeira vez que eu tive contacto com a redução de riscos, sem lhes chamar redução de riscos, porque eu não sabia que existia redução de riscos, tinha a ver muito com intervenção comunitária, tinha a ver muito também com (...) a aceitação de consumos que os miúdos faziam, sem diabolizá-los e sem diabolizar o seu comportamento, tentando compreender porque é que aquilo acontecia, portanto, tinha a ver muito com a redução e a mitigação dos danos que é que os consumos poderiam trazer aos miúdos, mas mais do que isso, tinha que ver com explorar o potencial criativo de cada um deles, enquanto sujeito, e depois identificar, como se fosse um grupo, enquanto grupo, e tentar fazer com que esse potencial criativo lhes permitisse o seu crescimento, os seus elementos, como seres integrados, e não como seres desinseridos e desviados ou desviantes da sociedade.</i>
Génese da APDES e a sua essência organizacional	Origem e natureza organizacional	A APDES nasceu do insucesso do projeto da Associação de Desenvolvimento Local (ADL) de Canelas, ao abrigo do programa Equal da União Europeia. Isto porque a equipa, nomeadamente o Q, não conseguiram seduzir e motivar as associações locais a constituírem uma ADL. Posto isto, surgiu a ideia, vinda de Q, para serem os próprios técnicos do projeto a constituir a ADL desejada. A equipa toda achou boa ideia e conseguiram convencer o Instituto Piaget a ser a entidade-mãe desta agência. Desta forma, comprometeram-se a utilizar o nome do Piaget visto que eram financiados	<i>A APDES, no fundo, mais não é do que uma criança, um bebé, que nasce de um insucesso, por uma falha, neste caso minha, da nossa equipa, mas minha, porque não fomos capazes, ou eu não fui capaz de convencer, seduzir, motivar, não sei, criar uma dinâmica positiva que permitisse às associações locais, Canelas (...) se voltarem em consórcio para a constituição de uma associação de desenvolvimento local, de uma dita ADL. E quando o projeto já estava a chegar ao fim e perante este insucesso, eu resolvi</i>

		economicamente e logisticamente por este Instituto. A partir deste acordo nasceu a APDES a 29 de setembro de 2004. A APDES lançou-se com um grupo de técnicos com princípios de minimização de riscos e redução de danos a partir do projeto GiruGaia, além da área de intervenção de empreendedorismo social. Desta forma, a APDES apresenta-se como uma associação de desenvolvimento local, que procurou também trabalhar em rede com outras instituições e pensamentos do globo. O seu <u>primeiro eixo de atuação é o eixo da prestação de serviços</u>, onde ocorre a intervenção propriamente dita, que alberga projetos como, por exemplo, o GiruGaia, Porto G, a Sala de Consumo Assistido, etc. Por outro lado, o projeto da Escola da Palankinha, em África. Portanto, a APDES objetiva alcançar as populações mais vulneráveis, aquelas que tendem a ser esquecidas pela sociedade, pelos financiadores e pelas políticas públicas (quer sejam de educação, saúde ou emprego). Para tal, almejam mais do que uma mera prestação de serviços assistencialista, mas sim prestar serviços que sejam eficazes e que ajudem a transformar vidas dos indivíduos e das suas comunidades. O <u>segundo eixo de atuação é o da Investigação</u>. A APDES sempre esteve em colaboração com faculdades como a FLUP e a FPCEUP, o SESI de Coimbra, a Escola de Frankfurt de Ciências Aplicadas, com a John Hopkins e outros centros de investigação. Adicionalmente, a própria APDES chegou a ter 7 doutorados nos seus quadros a conduzir a investigação e a produzir conhecimento. Assim, a APDES procura avaliar a eficácia e qualidade do seu próprio trabalho, monitorizando e modificando práticas, de acordo com o impacto que tinha junto das populações com quem trabalhavam. Contudo, a APDES já não dispõe de meios financeiros suficientes para continuar com este eixo. O <u>terceiro eixo diz respeito a uma dimensão mais política, o chamado Advocacy</u>, onde se procura refletir sobre as políticas públicas, os regulamentos, as normas, as portarias, entre outras, quer a nível nacional como internacional. Desta forma, a APDES procura compreender se as políticas que estão a ser implementadas no terreno estão a ser desenhadas e aplicadas de forma ajustada às várias realidades das populações. Sobre isto a APDES já fez várias	<i>perguntar aos meus colegas de equipa (...) se não seria boa ideia de nós próprios, técnicos deste projeto, de sermos nós a constituir a ADL. Ou seja, transformar o projeto que já tínhamos voltado para o empreendedorismo, empresarial, do próprio sujeito, o autoemprego e este empreendedorismo social, mais do associativismo, a partir destas duas grandes componentes, criar, criámos uma agência para o desenvolvimento local. (...) Convencemos o Instituto de Piaget a ser a entidade-mãe, digamos assim, desta nova agência. Nós constituiríamos uma equipa autónoma, que seria também autónoma do ponto de vista económico e jurídico. Ou seja, seria uma nova associação. E em troca usaríamos o nome do Piaget e contaríamos com o seu apoio financeiro, parte do apoio financeiro e logístico. E deste bom entendimento, constituiu-se a APDES em 29 de setembro de 2004.</i> <i>Entretanto, nós já tínhamos também adicionado um novo projeto, uma nova atividade, e não é antes da APDES estar constituída, mas à nossa equipa, que era o GiruGaia, o grupo de intervenção de rua na área de Vila Nova de Gaia. Aí sim, já com os princípios da redução de riscos assumidos e teorizados na própria equipa, e com estes dois ramos de intervenção, um na área do empreendedorismo social e o outro na área da redução de riscos com o GiruGaia, avançámos para a formalização da APDES.</i> <i>A APDES trazia assim muito aquela visão do global, que era pensar globalmente e agir localmente. E nós desde o início, desde 2004, que abraçamos muito esse conceito. E portanto, para além de uma entidade com intervenção local, foi sempre uma entidade também que procurou e buscou redes internacionais, quer de carácter europeu, quer de carácter mesmo global.</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		recomendações políticas ao Governo Português, junto de grandes redes internacionais, à Comissão Europeia (nomeadamente a políticas sobre drogas) e também recomendações políticas na área da Educação ao Governo Angolano.	
	Planificação e implementação dos projetos e atividades	A planificação dos projetos da APDES, idealmente, partiriam sempre do feedback e dos resultados das investigações, diagnósticos, outputs, avaliações e no diálogo com atores políticos. Isto ainda acontece, contudo, muitas das vezes a APDES, tal como outras ONGD, têm de se sujeitar às chamadas “Calls”, ou seja, aos mecanismos de financiamento que abrem a determinado momento (podem ser nacionais ou da UE). Por vezes, aquilo que está proposto por estas calls nem sempre está alinhado com os objetivos e valores interventivos da organização e até por muitas vezes não são dentro de metodologias que a APDES considera mais ajustadas para intervir em determinado contexto e/ou população. No entanto, o que a APDES tenta fazer é candidatar-se a essas Calls e depois tentar adaptar, moldar, flexibilizar a rigidez que possa existir nessas Calls, para aquilo que consideram mais ajustado e eficaz numa determinada realidade. Por outro lado, onde a APDES encontra mais liberdade de atuação, de acordo com os seus princípios e desenhos metodológicos próprios, é através de financiamentos privados (ex: fundações internacionais). Uma vez que, segundo Q, esses financiadores são muito mais receptivos a esta liberdade de intervenção das ONG.	<i>É isso, pronto, é uma boa questão porque idealmente os projetos da APDES partiriam sempre do feedback e dos resultados... Sim, dos resultados dos outputs e dos, por exemplo, da avaliação e da investigação, não é? Ou desse diálogo feito pelos decisores políticos. O que acontece muitas das vezes, ou algumas vezes, é que nós também temos que nos sujeitar às calls, aos mecanismos de financiamento que são abertos em determinado momento, ou, por exemplo, pela Comissão Europeia, pela União Europeia, através da Comissão Europeia, ou então, por exemplo, pelo governo português, em que, por vezes, nem sempre o financiamento e o desenho das calls, aquilo que as propõem como sofácia de intervenção e de investigação são necessariamente aquilo que nós queremos ou que nós achávamos que era o mais ajustado. O que nós temos de fazer é candidarmos mesmo a essas calls, a essas candidaturas e depois tentar adaptar, flexibilizar alguma rigidez a essas mesmas calls, não é?</i> <i>(...) Se isto resulta apenas das avaliações que fazemos através das investigações e não sei quê... isto resulta dos resultados da avaliação, onde nós fazemos um determinado tipo de projeto e um determinado tipo de intervenção e do diálogo com determinados atores políticos... não. Nem sempre resulta disso, não é? Agora o que muitas vezes, como eu digo, há um pré-condicionamento até burocrático, como tu disseste, um pré-condicionamento que vem da escrita dos próprios concursos e da forma de gerir depois a implementação dos próprios serviços...</i> <i>(...) onde nós encontramos maior liberdade, como eu dizia, é quando temos financiamentos privados, em particular de fundações</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>internacionais. É aí, nós podemos colocar o propósito que queremos, o desenho metodológico que vamos seguir, porque normalmente esses financiadores são muito mais receptivos a esta liberdade na intervenção por parte das ONGs.</i>
	Avaliação dos projetos e impacto do trabalho da APDES	Nos dias que correm a APDES limita-se a realizar avaliações processuais ou de resultados imediatos, uma vez que não dispõe hoje de recursos que a permitiriam realizar avaliações mais robustas como faziam outrora, tal como referido anteriormente. No entanto, este tipo de preocupação pela avaliação que a APDES teve, está a começar a ser recuperado no trabalho da Sala de Consumo Assistido do Porto. Isto porque, desde o início, conseguiram garantir um financiador público, neste caso a Câmara Municipal do Porto, juntamente com o Observatório da Droga e de uma rede europeia de redução de riscos. Inclusive, esta metodologia de avaliação utilizada na Sala de Consumo Assistido do Porto denota-se como pioneira na área, sendo até cobiçada para ser utilizada a nível europeu e noutros projetos da APDES	<i>Quer registo processual, tem aqueles indicadores mais fáceis de “quantas seringas foram entregues? Quantas é que recebemos?(...) Mas aquela de impacto de “quantos indivíduos mudaram os seus comportamentos?”, não é? (...) coisas assim do género que nós tínhamos um bocadinho antes e deixámos de ter porque precisamente perdemos a equipa... a culpa não é da equipa do Girugaia, não é da responsabilidade da equipa do Girugaia, é mesmo o facto de nós termos perdido esta massa crítica em termos do orçamento, não temos recursos em termos de gabinete de trabalho de avaliação ou departamento de avaliação e... departamento de investigação e avaliação... falta-nos esses recursos para permitir manter esta avaliação mais robusta e de acompanhamento às equipas.</i> <i>Onde nós ainda mantemos alguma... alguma não, uma e estamos a recuperar um modelo de avaliação muito forte é na Sala de Consumo Assistido no Porto... porque aí desde o início conseguimos garantir junto do financiador público, neste caso a Câmara Municipal do Porto e agora junto do Observatório de Badajoz das drogas e agora junto da rede europeia de redução de riscos, correlation, conseguimos ter aqui algum financiamento (...) para trabalharmos uma metodologia robusta no que respeita à Sala de Consumo Assistido. E aí sim estamos a parametrizar alguns indicadores de impacto (...) E mais ainda, estamos a desenvolver uma metodologia de avaliação processual e de impacto que neste momento o próprio Observatório das Drogas está a utilizar como uma metodologia pioneira, que o</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>Observatório gostaria de escalar a nível europeu (...) e a ideia será no futuro tentar a partir desta metodologia que estamos agora a desenhar para a Sala... generalizá-la para outros serviços e projetos da APDES e para alguma das nossas equipas.</i>
Balanço	Potencialidades da APDES	Segundo Q, as maiores potencialidades da APDES, no seu trabalho de intervenção social e comunitária, diz respeito ao seu sentido de compromisso com as populações vulneráveis. O trabalho da APDES vai além de uma prestação de serviços assistencialista, esta objetiva integrar as populações nos próprios ciclos dos projetos de intervenção, em todas as suas fases, procurando aplicar metodologias e projetos eficientes e eficazes, em vista de emancipar as populações através de metodologias de proximidade. Outra potencialidade diz respeito à qualidade e inovação das intervenções. Devido às alterações de contextos, tanto a nível financeiro, político, cultural, mas também das próprias populações, há uma necessidade constante por parte da APDES de reinventar os seus métodos de intervenção, mantendo o maior nível de qualidade necessária para uma continuidade de prestação de serviços eficientes e eficazes adaptadas às populações vulneráveis que atendem.	<i>Eu acho que é o sentido de compromisso. A procura da participação, sentido de compromisso face às populações com as quais trabalha, a participação dessas próprias populações ou a tentativa que estas populações participem no ciclo, na maior parte das fases ou partes do ciclo de um projeto ou de uma intervenção, nomeadamente na fase de diagnóstico, no desenho, implementação e avaliação, nem sempre acontece. Há momentos, houve momentos da APDES em que isso aconteceu mais e em que aconteceu menos. Agora está a voltar a acontecer mais, devagarinho, outra vez.</i> <i>E eu acho que uma das características da APDES foi sempre o facto de se ter aberto às comunidades com que eu trabalhava de uma forma quase paritária. Uma forma... Na tentativa pelo menos de o fazer de forma muito democrática, muito horizontal.</i> <i>Mas, portanto, compromisso, participação e eu, por aí, a outra palavra, eu diria mesmo... Eu vou-me atrever a dizer isto, mas eu não é assim, eu acho que tem a ver com qualidade, qualidade da inovação. (...) Eu acho que a ideia de se reinventar um pouco na sua intervenção. (...) Mas também há a necessidade de nos ter que reinventar, por vezes. Quando o contrato não é mais exigido (...) contexto, as populações ou os recursos mudam e portanto não estar sempre a dar a mesma resposta quando as condições políticas ou económicas ou de contexto ou culturais mudaram radicalmente numa determinada comunidade ou num determinado país ou até no grande espaço europeu e isso(...). Qualidade no sentido, não é qualidade não no</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>sentido de um desempenho superior ou de algo que é melhor e maior, qualidade no sentido de uma resposta que é qualitativamente adaptada às populações com que se trabalha, às pessoas com que se trabalha, mais nesse sentido.</i>
	Constrangimentos da APDES	A APDES apresenta diferentes tipos de constrangimentos para um harmonioso ambiente de trabalho de intervenção. O primeiro, segundo Q, diz respeito a problemas intrínsecos à própria APDES. Exemplos disso são dados pelo diretor executivo referindo nomeadamente problemas de comunicação entre os trabalhadores das várias equipas de intervenção, assim como a comunicação entre os técnicos com os membros da direção e de gestão. As razões apontadas para este panorama de má comunicação dizem respeito, segundo Q, a desligamentos económicos exteriores à APDES, uma vez que as ONG vivem de financiamentos externos, muitas vezes casuísticos, alvos de cortes repentinos, atrasos, descontinuidades. Por conseguinte, estas incertezas financeiras trazem imensos constrangimentos no pagamento de salários. Estas são as causas que Q refere que mais afetam a motivação dos trabalhadores, assim como a fluidez e abertura da comunicação entre os diferentes trabalhadores da APDES. Consequentemente, esta situação leva a uma perda de identidade da ONG entre as próprias equipas, ou seja, os trabalhadores sentem-se desconectados à identidade e pertença para com a instituição para a qual trabalham. Segundo Q, os elementos mais antigos da APDES não têm esse problema, contudo os elementos mais recentes foram afetados pelas crises que a APDES atravessou ou que ainda atravessa, pois deixou de haver tempo e disponibilidade para a momentos de construção de identidade organizacional. Estes momentos dizem respeito a um processo construtivo e de comunicação onde todos os trabalhadores têm voz, poder de decisão, de reflexão e de crítica. No entanto, a vontade de melhorar a comunicação dentro da APDES é grande por parte de Q. Inclusive, é perspectivado o retorno das assembleias entre os trabalhadores. Estas atividades eram bastante comuns no quotidiano da APDES, constituindo um reflexo de	<i>E aí a responsabilidade é nossa, é minha, da direção, é tentar manter ligadas as equipas com a direção e a de si. Nos últimos anos, nos últimos dois, três anos, devido aos constantes desligamentos económicos, e depois aí sim. E, portanto, nós, como equipas e financeiros vindos de fora, a APDES, nós, em termos de geração, não fomos capazes de manter os canais de comunicação tão abertos e tão fluídos, e, portanto, não fomos capazes de manter as equipas tão conectadas com o todo da APDES.</i> <i>E não fomos, de certa forma, capazes de reforçar uma identidade APDESiana nas próprias equipas. Nos elementos mais antigos, isso mantém-se porque estão aqui há muitos anos, nos mais novos, e eu acho que é fácil perceber que eles não se mantêm tão conectados com a APDES. Não estou a dizer que não são, que não respeitam e que não se identificam (...) mas acho que nós, da direção, em particular eu, não temos tido tempo a criar momentos de construção dessa própria identidade. (...) lá está, a identidade não é uma máscara que tu usas, que é alugado, não é? Um processo construtivo em que todos participam, em que todos também podem criticar, em que todos podem acrescentar qualquer coisinha, e neste momento isto não tem sido criado, estes momentos de reflexão, e eu começo logo assim para esta autocrítica que me tem constrangido um bocadinho.</i> <i>Aqui houve períodos em que, por exemplo, a questão salarial também foi muito preocupante na APDES, devido a constrangimentos financeiros externos, mais uma vez, porque o financiamento de organizações como a APDES são financiamentos, casuísticos, que estão definidos por, por vontades políticas, que têm muitos cortes, muitas descontinuidades, não é?</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		uma dinâmica positiva, de diálogo, discussão e democracia	<i>Por parte da Administração Pública Central, são capazes, de repente, de deixar de financiar e não explicar porquê, são capazes de manter um ou dois meses o financiamento suspenso e não te explicam porquê, e não te avisam, e isto traz imensos constrangimentos, pois não é, no pagamento de salários.</i> <i>Mas nos últimos, ainda assim, nos últimos dois anos, já são dois anos, na maior parte dos trabalhadores, não na direção, por exemplo, fomos capazes de assumir esta regularidade com uma ou outra dificuldade. (...) E, portanto, aqui cria-se para uma estabilidade, porque se não houver uma estabilidade salarial, é difícil os trabalhadores poderem desempenhar o seu trabalho, como é, com alguma qualidade, porque não têm, pá, paz de espírito, não têm uma riqueza material que advenha o seu salário, não é? Provoca-se um sentimento de injustiça e isto não é correto. E, portanto, foi essa questão salarial, mas está ultrapassada. A da comunicação não está, do meu ponto de vista, portanto, é algo que nós temos que modificar e retomar.</i> <i>Nós tínhamos, por exemplo, reuniões muito recorrentemente e, às vezes, tínhamos assembleias mesmo com trabalhadores, que eram muito quentes, mas durante muitos anos tínhamos isso, mas o facto de serem quentes era, ao mesmo tempo, também muito produtivo. E eram produtoras de identidades, não é? Nem sempre eram assembleias tranquilas, havia muitos pontos de vista, mas isso, para mim, era reflexo de uma dinâmica positiva, não é? (...) Ou seja, era sinal de democracia para todos os efeitos. E nós queremos urgentemente retomar isto (...)</i>
Considerações		Quanto ao futuro da APDES, Q perspetiva uma contínua sobrevivência e reinvenção da ação da ONGD, algo que foi e continuará a ser uma característica intrínseca das organizações sociais. O diretor enfatiza também a problemática do crescimento de partidos e ideologias conservadoras, que colocam em causa os	<i>O nosso maior medo agora passa até pela questão ideológica, passa pelos movimentos de tendência de direita radical, não é conservadora, é ultraconservadora, e em que os progressos civilizacionais feitos nos últimos 20, 25 anos na Europa, como no mundo todo, e em Portugal</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

 finais	Perspectivas de futuro da APDES	apoios para as comunidades vulneráveis. Por esta razão, colocam também em perigo o trabalho das ONG e outras associações por falta de investimentos financeiros. Contudo, esta é só mais uma pedra no seu caminho, que tanto as populações como as organizações estão preparadas para ultrapassar pois, segundo Q, o constante trabalho em rede e saber escolher os seus aliados são o segredo para a vitalidade das mesmas. Tanto as ONG como as comunidades com quem trabalham são um símbolo de resistência, onde no final a união faz a força.	<i>também, de maior abertura àquele que é diferente, de maior abertura ao outro (...) e por consequência às comunidades de situação de maior vulnerabilidade, possa estar ameaçado (...) Eu acho que estamos a entrar numa lógica muito acelerada de fechamento, fechamento político, fechamento ideológico, de fechamento cultural, em que, por exemplo, aquele que é diferente de nós começa a ter outra vez a ser viabilizado, outra vez a ser colocado fora do perímetro da dita sociedade normalizada.</i> <i>E eu acho que as equipas e as instituições que trabalham neste campo (...) vão sofrer também com isso.</i> <i>Mas eu acho que este tipo de organizações, tal e qual como as populações com que trabalho, e tal e qual como estas comunidades em situação de vulnerabilidade com que trabalhamos, acho que todos nós temos uma característica que nos une... Somos muito resistentes, somos sobreviventes. Estas populações são o epítome, são o último grito da resistência.</i> <i>Portanto, eu diria que não vai ser fácil também terminar com estas ONGs, e os seus projetos(...) acho que um dos nossos maiores trunfos é o sermos capazes de atuar em rede. (...) Devem ser capazes, e estou cada vez a fazer mais isso, de construir pontes de contacto entre si, construir uma espécie de frente comum (...) É muito mais poderoso do que aquilo que os desunem, e que a nossa causa comum são estas políticas e estas populações com que trabalhamos. E que uma coisa ainda muito mais importante do que a solidariedade entre as ONGs e entre os movimentos é a solidariedade com essas próprias populações, com essas próprias comunidades</i>

Anexo 3 - Entrevistas semiestruturadas às coordenadoras dos projetos ACIS+, Não Vale TB, PUSH, Girugaia e Click no Bullying

Anexo 3.1- Guião de entrevista semi-estruturada às coordenadoras dos projetos ACIS+, Não Vale TB, PUSH, Girugaia e Click no Bullying

Título da atividade: Natureza, dinâmica, funcionamento e intervenção social e comunitária de proximidade dos projetos de uma ONG portuguesa: Os testemunhos das coordenadoras dos projetos ACIS+, GiruGaia, PUSH, Não Vale TB e Click no Bullying da APDES

Destinatários: Coordenadoras de projetos da APDES

Responsável: Inês Figueiredo Pereira

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Mestrado em Sociologia - Estágio Curricular

Contacto telefónico:

Email:

Objetivos

Geral: Explorar elementos caracterizadores de projetos (ACIS+, PUSH, GIRUGAIA, NVTB E CnB) da APDES, bem como do seu funcionamento e dinâmica de ação interventiva.

Específicos:

- Conhecer a trajetória académica e profissional da pessoa entrevistada;
- Identificar as características interventivas subjacentes à ação da APDES;
- Compreender o funcionamento e dinâmica da ação interventiva da APDES;
- Descrever as atividades principais realizadas pelos projetos de intervenção social e comunitária da APDES;
- Identificar os recursos, materiais e estratégias de intervenção utilizadas para colocar em prática os projetos e atividades;

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

- Identificar as parcerias e financiamentos que APDES dispõe para a continuidade das intervenções dos seus projetos;
- Reconhecer os pontos fortes e aspetos a melhorar nos projetos em questão

Categoria	Subcategoria	Indicadores	Questões	Notas
1. Introdução à entrevista	1.1 Introdução	Boas vindas ao entrevistado; Agradecimento pela participação; Apresentação dos intervenientes;		
	1.2 Contextualização e objetivos da entrevista	Informar o entrevistado sobre o contexto/âmbito de realização da entrevista e respetivos objetivos		
	1.3 Motivação do entrevistado	Sublinhar a importância da colaboração do entrevistado para a realização do estudo		
	1.4 Confidencialidade	Garantir a confidencialidade dos dados recolhidos		
	1.5 Autorização para a gravação áudio	Pedir autorização para a gravação áudio da entrevista, para facilitar a recolha e organização dos dados, para posterior análise; Informar que esta gravação será destruída após a análise da mesma.		
	2.1 Caracterização do perfil académico	Formação académica	2.1.1 Fale-me um pouco de si e da sua formação académica	Idade: Sexo: Formação:

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

2. Perfil académico e profissional	2.2 Caracterização do perfil profissional	A nível profissional	2.2.1 Que trabalho(s) desempenhou antes de vir trabalhar para a APDES? 2.2.2 Há quanto tempo trabalha nesta instituição? 2.2.3 Quais os motivos que o levaram a trabalhar nesta instituição? 2.2.5 Como caracteriza o seu papel na APDES? Que tarefas realiza diariamente? 2.2.6. Que competências (técnicas, metodológicas, <i>soft skills</i>), considera fundamentais para o desempenho da sua função? 2.2.7. Como avalia o trabalho que realiza?	
		3.1 Natureza dos projetos	3.1.1. Como são criados/planeados os projetos? 3.1.2. Sendo uma ONG, a APDES conta com apoios externos. Que tipo de entidades financiam e/ou apoiam os seus projetos? 3.1.3 Quais são os principais objetivos dos projetos que coordena?	
		3.2 Públicos-Alvo Caracterização	3.2.1 Que grupos sociais são abrangidos pelos vossos projetos? Existe um grupo social dominante? 3.2.2 Como é feito o contacto com a APDES? (Autonomamente ou por incentivo da APDES)	

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

3. Caracterização dos projetos de intervenção social		Atividades/Projetos	4.1.1 Quais são as áreas de intervenção? 4.1.2 Que serviços são prestados? 4.1.3. Como são planificados e elaborados os projetos/atividades? 4.1.4 Existem avaliações aos projetos quanto aos seus resultados imediatos ou até mesmo impactos mais distantes? Quais? Quando?	
5. Balanço	5.1. Potencialidades e constrangimentos	Fatores positivos	5.1.1 Quais os pontos fortes destes projetos?	
		Fatores negativos	5.1.2 E os principais constrangimentos? 5.1.3 Que estratégias utilizaram para superar eventuais contratempos?	
	5.2. Considerações gerais	Perspetivas de futuro	5.2.1. Tendo em conta o balanço destes anos que trabalha na APDES, o que vê no futuro dos projetos que coordena? O que se mantém? O que vai mudar? Considera um futuro positivo ou negativo?	
6. Considerações finais e agradecimentos	6.1 Informações adicionais		6.1.1 Quer acrescentar algum aspeto ou esclarecimento complementar sobre as questões levantadas?	
	6.2 Agradecimentos		6.2.1 Agradecer pela participação e enfatizar a importância da mesma para o estudo.	

Anexo 3.2 - Folha de informação ao participante + termo de consentimento informado (entrevista semiestruturada às Coordenadoras dos projetos Não Vale Tb, ACIS+, PUSH, Girugaia e Click no Bullying

Folha de informação ao participante
Entrevista semiestruturada às coordenadoras de projetos da APDES

Título da atividade: Natureza, dinâmica, funcionamento e intervenção social e comunitária de proximidade dos projetos de uma ONG portuguesa: Os testemunhos das coordenadoras dos projetos ACIS+, GiruGaia, PUSH, Não Vale TB e Click no Bullying da APDES

Destinatários: Coordenadoras dos projetos ACIS+, GiruGaia, PUSH, Não Vale TB e Click no Bullying da APDES

Responsável: Inês Figueiredo Pereira

Instituição: Faculdade de Letras da Universidade do Porto - Mestrado em Sociologia - Estágio Curricular

Contacto telefónico:

Email:

Pretendo convidá-lo(a) a participar num estudo sobre Organizações Não Governamentais (ONG), nomeadamente sobre o seu trabalho enquanto coordenadora de determinados projetos de intervenção social e comunitária de proximidade da Agência Piaget para o Desenvolvimento. O meu nome é Inês Figueiredo Pereira, sou estudante do 2.º ano do Mestrado em Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto (FLUP) e estou neste momento a realizar o meu estágio curricular na APDES.

O meu intuito é realizar uma entrevista semi-estruturada (individual) às coordenadoras dos projetos em que tive oportunidade de participar durante o meu estágio na APDES. O objetivo

desta entrevista incide em conhecer as coordenadoras destes projetos de forma mais aprofundada quanto à sua formação e tarefas desempenhadas.

Se aceita participar ou não é uma escolha sua. Se não desejar participar, não precisa de me dar nenhum motivo. Decidir não participar não o afetará em nada. Se quiser participar, mas mais tarde mudar de ideia, pode sair do estudo a qualquer momento.

Vou fornecer-lhe informações sobre o estudo e responder a quaisquer perguntas que possa ter. Não precisa de decidir imediatamente se irá ou não participar neste estudo. Antes de decidir, se quiser conversar sobre o estudo com outras pessoas, como por exemplo familiares, amigos ou funcionários da instituição, sinta-se à vontade, eu espero pela sua decisão.

Se concordar em participar neste estudo, será solicitado que assine o Termo de Consentimento apresentado na última página deste documento. Ficará com uma cópia deste documento, também assinado por mim.

Este estudo foi aprovado pela orientação do Mestrado de Sociologia da FLUP.

Este documento tem 4 páginas, incluindo o termo de consentimento.

Qual é o objetivo deste estudo?

Este estudo servirá como material empírico para o meu projeto de estágio, no âmbito da conclusão do Mestrado em Sociologia da FLUP. O estudo servirá para conhecer o panorama dos projetos da APDES quanto aos seus objetivos, caracterização, dinâmica de funcionamento e resultados imediatos. Para tal, pretendo ouvir o seu contributo no que diz respeito ao seu trabalho de planeamento, monitorização e avaliação dos projetos que coordena.

O que implica a minha participação neste estudo?

O interesse em convidá-lo(a) para uma entrevista deve-se ao facto de ser coordenadora de projetos sociais da APDES. Gostaria de fazer algumas perguntas para reunir as suas opiniões e

pontos de vista sobre certos aspetos de como os mesmos funcionam e se caracterizam. A entrevista não tirará mais de 1h do seu tempo.

Quais são os potenciais benefícios e riscos deste estudo?

A participação neste estudo não implica riscos para si, para a sua família, para o seu trabalho ou para a instituição. Os benefícios potenciais dizem respeito a ajudar a entender melhor os projetos e a atuação das suas equipas.

Quais são os meus direitos?

A sua participação é completamente voluntária e não remunerada. É livre para recusar participar ou para se retirar do estudo a qualquer momento, sem com isso sofrer nenhuma consequência.

Ninguém será informado sobre a sua decisão se optar por participar ou se decidir parar depois de começarmos e em nada isso o afetará. Qualquer informação que possa partilhar será mantida em sigilo. Ninguém além de mim terá acesso ao conteúdo da conversa.

Ao escrever o meu relatório, não mencionarei nomes nem partilharei detalhes que permitam identificar individualmente qualquer pessoa.

O que acontece depois deste estudo terminar?

Depois de realizadas estas atividades, usarei alguns dos pontos debatidos para escrever o meu projeto de estágio sobre as especificidades do trabalho e funcionamento da APDES tendo em conta o seu trabalho de intervenção social e comunitária.

As gravações do grupo focal com os participantes serão armazenadas no meu computador pessoal num arquivo encriptado durante o estudo. Quando o estudo terminar, todos os materiais que eu recolher serão destruídos. Mantereí armazenados de forma segura os consentimentos informados assinados por um período de 1 ano. Depois disso, também os destruirei.

Termo de consentimento de participação em entrevista às coordenadoras dos projetos

ACIS+, Não Vale TB, GiruGaia, PUSH e Click no Bullying

Natureza, dinâmica, funcionamento e intervenção social e comunitária de proximidade dos projetos de uma ONG portuguesa: Os testemunhos das coordenadoras dos projetos ACIS+, GiruGaia, PUSH, Não Vale TB e Click no Bullying da APDES

Marque para indicar que concorda com o seguinte:

-
- Li e compreendi a folha de informação ao participante;
 - Autorizo que a entrevista seja gravada em áudio;
 - Foi-me dado tempo suficiente para considerar se devo ou não participar neste estudo;
 - Foi-me oferecida a oportunidade de pedir apoio a um funcionário/a, família ou amigos para me ajudar a entender o estudo, assim como a minha decisão de participação ou não no mesmo;
 - Estou satisfeito/a com as respostas que recebi em relação ao estudo e tenho uma cópia deste termo de consentimento e folha de informações;
 - Entendo que a minha participação neste estudo é voluntária (minha escolha), não remunerado e que posso retirar-me do estudo a qualquer momento sem que isso me afete de alguma forma;
 - Entendo que a minha participação neste estudo é confidencial e que nenhum material que me possa identificar pessoalmente será usado nos resultados deste estudo;
 - Sei com quem entrar em contacto se tiver alguma dúvida sobre o estudo em geral.
-

Declaração do participante

Eu abaixo assinado aceito participar neste estudo.

Assinatura:

Data: / /

Declaração da responsável pelo estudo:

Eu abaixo assinado forneci uma explicação verbal do estudo ao participante e respondi às suas perguntas. Acredito que o participante entendeu o estudo e tenha dado consentimento informado para participar.

Assinatura:

Data: / /

Anexo 3.3 Categorias de análise das entrevistas semiestruturadas às Coordenadoras dos projetos ACIS+, PUSH, Click no Bullying, NVTB e Girugaia

Categorias de análise às entrevistas semiestruturadas às Coordenadoras dos projetos ACIS+, PUSH, Click no Bullying, NVTB e Girugaia¹¹

Dia:
Hora:
Local:

Categoria	Subcategoria	Resumo	Excerto
Caracterização pessoal, académica e profissional			
Tarefas realizadas na APDES e competências essenciais enquanto técnica social e coordenadora de projetos	Tarefas realizadas enquanto técnica social e coordenadora de projetos		
	Competências fundamentais (técnicas, metodológicas, soft skills) para o desempenho de funções		
Caracterização dos projetos de intervenção social e comunitária (Financiamentos, natureza dos projetos, públicos-alvo, atividades, tarefas)			
Balanço	Pontos fortes dos projetos		
	Constrangimentos dos projetos		

¹¹ As categorias de análise das entrevistas semiestruturadas podem ter variantes consoante o percurso individual dos entrevistados e das especificidades dos projetos

Anexo 3.4 - Grelha de análise da entrevista semiestruturada à Coordenadora dos projetos ACIS+, PUSH e Click no Bullying

Grelha de análise da entrevista semiestruturada à Coordenadora J (ACIS+, PUSH, Click no Bullying)

Dia: 6/6/2024

Hora: 15:54 - 17:07 (1 hora e 53 minutos de duração)

Local: conferência zoom (online)

Categoria	Subcategoria	Resumo	Excerto
Caracterização pessoal, académica e profissional		J tem 30 anos, é socióloga de formação pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto (2011-2016). Após terminar o mestrado, J enveredou pelo caminho da investigação, nomeadamente na área da Sociologia Urbana e Planeamento Urbano, ao abrigo de um projeto da Faculdade de Engenharia do Porto. Após 4 anos na área de investigação, J decidiu mudar o seu caminho profissional e decidiu entrar na área da intervenção social e comunitária, uma vez que este ramo da Sociologia a apaixonava mais e onde J se via a construir uma carreira a longo prazo. Aí iniciou o seu trabalho numa IPSS chamada CAIS, no Porto, que trabalha na integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo através da capacitação, educação de adultos e projetos de vida. Além disso, também trabalhou com esta população numa vertente mais de minimização de riscos e dependências, problemas ligados à justiça, habitação, entre outros problemas sociais. Mais tarde surgiu a oportunidade de integrar a APDES, o que significa aprofundar e enriquecer mais a sua carreira enquanto socióloga de intervenção social e comunitária. O seu primeiro projeto na APDES estaria igualmente ligado à população em situação de sem-abrigo. Este projeto era mais um projeto de acompanhamento social, com respostas imediatas, como por	<i>Ok, eu sou a J, tenho 30 anos, sou socióloga de formação, tirei a licenciatura e mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 2011 e 2016.</i> <i>Quando terminei a minha formação, inicialmente eu achava que o meu caminho seria mais pela área da investigação, portanto gostava mais de fazer parte de projetos de foro de mais investigação, mais académicos, sobretudo na área da Sociologia Urbana, do Planeamento Urbano, e de facto depois de terminar o curso em Sociologia, estive cerca de quatro anos a trabalhar num projeto de investigação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.</i> <i>Depois surgiu aqui a vontade e o interesse de mudar um pouco o meu rumo profissional, e aí enveredei mais pela área da intervenção. A intervenção social e comunitária, que de facto era aquilo que mexia mais comigo ao nível profissional, e através desse caminho eu gostaria de construir, digamos, uma carreira. (...) Aí comecei a trabalhar numa instituição, numa IPSS (...), onde desempenhei funções ligadas a mais a área de integração de pessoas em situações sem-abrigo (...)</i> <i>Mais tarde surgiu a oportunidade de facto de integrar a APDES, que de facto ofereceu a</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		exemplo: alimentação, kits de higiene, entre outros. Por outro lado, também se proporcionam respostas mais duradouras como auxílio na inserção no mercado de trabalho, inserções profissionais, etc. Após o fim deste projeto, J começou a integrar outros projetos da APDES, com populações-alvo e temáticas variadas.	<i>possibilidade de eu continuar, digamos, esse percurso na área da intervenção social e comunitária.</i>
Área da Investigação VS área de intervenção		J refere ainda que tanto a área de investigação como a de intervenção são bastante instáveis. Por um lado, a área de investigação consegue ter alguma estabilidade se o investigador quiser avançar para um doutoramento, pois permite subir na hierarquia. No entanto, é um trabalho bastante de escritório, muito académico e que nem toda a gente aguenta muito tempo nessa rotina. Adicionalmente, a área de investigação, mesmo com um doutoramento, é bastante precária pois vive-se através de projetos e mal um acaba, o investigador fica sem retaguarda. J ainda enfatiza o facto de um investigador não ser sequer considerado um trabalhador, não há um contrato, mas sim bolsas (não existem descontos para a segurança social ou finanças, o que deixa os investigadores desprotegidos de qualquer constrangimento). Por outro lado, a área de intervenção social também apresenta inúmeras fraquezas, referindo quase até que esse facto é de senso comum. Isto porque, segundo J, a área social desde IPSS e ONG, vivem unicamente de injeções de financiamento. A estabilidade das organizações e por conseguinte dos seus trabalhadores, está sempre dependente da quantidade e do tecto destes financiamentos, que normalmente nunca são suficientes para as exigências do trabalho a realizar e que permita oferecer aos técnicos um nível de vida confortável. Apesar de haver uma suposta tabela salarial que vai aumentando conforme o grau académico e anos de experiência, o salário médio nunca está muito longe do salário mínimo nacional. Resumidamente, esta também é uma área precária, repleta de inseguranças e incertezas.	<i>É assim, por acaso sinto que tanto a área de investigação como a área de intervenção social são áreas bastante instáveis... E até diria precárias ao nível de estabilidade, seja ao nível de profissão na carreira, seja ao nível de remuneração e de ganhos pessoais.</i> <i>Por um lado, a área da investigação consegue-se alcançar até alguma estabilidade se quisermos evoluir a nível de estudo, por exemplo, naquela altura, se eu eventualmente fosse para o doutoramento (...) O doutoramento também é uma área bastante precária, não haveria ali grande sustento e solidez no próprio trabalho, porque também sobrevive através de projetos.</i> <i>Por outro lado, aqui na questão da intervenção comunitária, não vale a pena fazer dourar a pílula, entre aspas, é uma área precária em Portugal, isso é algo certo e sabido, porque a área social, sobretudo no que diz respeito a IPSS, entidades ONGs, que sobrevivem através, nomeadamente, de financiamentos estatais, estão dependentes de injeções financeiras dos países. (...) Portanto, o salário é um salário médio nacional mas não muito acima daquilo que é atualmente o salário mínimo nacional. Portanto, em termos remuneratórios é uma carreira precária, sempre um bocadinho de mãos dadas com aquilo que o Governo pode ou não decidir e que está sempre dependente muito da existência e da duração de projetos.</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

Tarefas realizadas na APDES enquanto técnica social e coordenadora de projetos		J é socióloga mas também se categoriza como especialista de trabalho social. Atualmente J está inserida em 3 projetos, dois dos quais são projetos Erasmus+ e outro é de um fundo municipal. A mesma refere que não tem propriamente um cargo fixo na APDES, algo que é geral neste tipo de organizações. No geral, J refere que realiza tarefas de gestão dos projetos onde está inserida, ou seja, ela tem a função de coordenar tudo aquilo a que diz respeito ao funcionamento do projeto - questões burocráticas, mediações financeiras com interessados, gestão de horários das equipas, gestão de materiais, questões de planeamento, concepção e avaliação de toda a informação a ser utilizada no projeto, assim como as suas metodologias e técnicas. Por outro lado, J refere que no seu dia a dia também realiza bastantes tarefas de disseminação dos projetos, principalmente através das redes sociais, ou seja, tem de criar publicações que albergam também competências criativas. Por outro lado, também escreve, por vezes, textos para as newsletters da APDES.	<i>Portanto, eu sou técnica social na APDES, sou socióloga, mais especificamente estou categorizada como especialista de trabalho social.</i> <i>Eu não tenho... Eu não tenho um cargo que, digamos, que seja fixo na APDES independentemente de projetos.</i> <i>O meu dia-a-dia na APDES pode ser mais definido, lá está, pela gestão destes projetos. (...) portanto, tenho aqui a função de coordenar tudo aquilo que é o funcionamento do projeto em si, enquanto parte burocrática, ou seja, tudo que é necessário a algum funcionamento do projeto, como documentos necessários, evidências para comprovação do projeto, faço a mediação entre a parte financeira e potenciais parceiros, ou outras pessoas que trabalhem também no projeto, eu não faço parte da parte financeira, mas faço a mediação com essa área, e depois em termos técnicos é tudo o trabalho de planeamento, concepção e avaliação de toda a informação que vamos usar no projeto, bem como metodologias. Quando se aplica, definição de públicos-alvo, definição de cronogramas, temos projetos que contactam com a população-alvo, precisamos de fazer agendamentos mais ou menos regulares para executar tudo aquilo que o projeto impõe, há aqui, portanto, uma necessidade de existir um cronograma, um cronograma que tanto é do projeto, ou seja, de... de... eventos que são obrigatórios, como um cronograma para a equipa técnica se deslocar ao terreno. (...) fazer a gestão de horários, de disponibilidades, eu faço também a gestão dessa parte, fazer a marcação, perceber quais são os materiais necessários, recursos físicos, recursos materiais, recursos humanos, recursos financeiros para... executar esse trabalho.</i> <i>E depois todo o processo de avaliação de resultados, disseminação, fazemos também muito, e eu faço no meu dia a dia, a questão de gestão de redes sociais associadas a projetos, portanto preparação de posts para Facebook, Instagram. Também, por vezes, escrevo informações para as newsletters da própria APDES sobre os projetos. Tudo isso faz parte do processo de disseminação, que é para fazer chegar</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>todas as informações dos projetos às instituições parceiras e à comunidade em geral.</i>
Competências fundamentais (técnicas, metodológicas, soft skills) para o desempenho de funções		A coordenadora J destaca que haver equipas multidisciplinares é uma mais valia para o trabalho em intervenção social e comunitária, uma vez que enriquece todo o contexto de trabalho. Sendo socióloga, a coordenadora refere que a sua formação académica se destaca os conhecimentos metodológicos da Sociologia como muito importantes para as suas tarefas e funções do quotidiano. Por outro lado, o pensamento sociológico de olhar para a realidade, tal como o afastamento do Senso Comum, a não generalização, entre outras. Contudo, a mesma refere que na área de intervenção social e comunitária, as competências que coloca em prática diariamente não provêm necessariamente da sua formação académica. J refere que são as <i>soft skills</i> que se impõem como fundamentais no trabalho de atendimento a populações vulneráveis nos mais diversos projetos sociais. Não obstante, este tipo de competências são desenvolvidas naturalmente com a experiência de trabalho. Entre as <i>soft skills</i>, as mais importantes, segundo a coordenadora J, é a Gestão de Conflitos, tanto com a população-alvo como entre as equipas. Adicionalmente podemos referir a empatia, resiliência, comunicação clara e assertiva. Todavia, J explica que o trabalho de intervenção social e comunitária é uma experiência subjetiva, que todos os técnicos vê à sua maneira o tipo de competências que devem ser acionadas em determinados contexto e dependendo também da população alvo com quem trabalham, pois é comum haver momentos disruptivos. Por essa razão, as <i>soft skills</i> impõem-se sobre as competências metodológicas, técnicas e conceptuais que os técnicos trazem da sua formação académica.	<i>Portanto, pessoalmente falando da área de sociologia, em termos metodológicos, que é uma área muito forte em termos de análise de técnicas e de métodos, sobretudo virados para o aprofundamento sociológico e social, consigo aplicar muito dessas metodologias no meu dia-a-dia de trabalho, quando necessário.</i> <i>Mas, acima de tudo, eu diria que nesta área de intervenção comunitária e social, muitas das competências que hoje em dia coloco em prática diariamente, não vêm tanto daquilo que eu aprendi durante a minha formação, se bem que é sempre necessário, sobretudo aquela questão, por exemplo, da não generalização de um contexto, portanto ter atenção a não ter as generalizações apressadas, o corte com o senso comum, que é algo que basicamente diariamente temos que fazer no contato com as populações, a análise das regularidades, dos padrões e daquilo que não é padrão e, portanto, fazer esse contraste, não generalizando.</i> <i>Mas, tirando isso, eu diria que, para além de todas essas competências mais ou menos técnicas que vêm da nossa formação, eu diria que a soft skill... são aquelas que mais se impõem no trabalho com populações vulneráveis, com projetos sociais. (...)Gestão de conflitos, diria que é uma das competências. Mais importantes, não só no funcionamento entre equipas, como também no contacto entre técnicos e população. A capacidade de empatia, diria que também é um ponto fundamental. Gestão de conflitos, gestão de crises, sim, e essa questão acho que é importante. Comunicação clara e assertiva. Acho que também são... competências muito importantes no trabalho que fazemos, sobretudo quando lidamos com equipas e estamos em simultânea em vários projetos e temos, por vezes, hierarquias. Acho que a questão da comunicação clara e assertiva é muito importante para evitar aqui falhas na comunicação,</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>esquecimentos, algum tipo de conflito. A questão da resiliência, tem muito que se lhe diga.</i> <i>Provavelmente, pelo menos na minha opinião, a soft skills impõe isso muitas vezes. São coisas muito mais importantes do que algumas competências mais técnicas, teóricas ou conceptuais, que trazemos detrás.</i>
Caracterização dos projetos de intervenção social e comunitária (Natureza dos projetos, públicos-alvo, atividades, tarefas)	ACIS+	O ACIS+ é um projeto que advém de um fundo municipal que foi criado na altura da pandemia Covid-19, de forma a apoiar e incrementar a resiliência de algumas instituições locais. A Coordenadora J acompanha este projeto desde novembro de 2023, que tem como população-alvo os técnicos sociais do concelho de Vila Nova de Gaia (pessoas da área da Psicologia, Sociologia, Serviço Social, Educação Social, entre outras relevantes). O seu objetivo último é levar conhecimento, principalmente no que diz respeito à intervenção comunitária, redução de riscos e minimização de danos, para esta população. Devido à longa experiência da APDES nestas áreas, pretende-se partilhar os conhecimentos desta ONG com outras instituições e/ou trabalhadores de carácter social que trabalham com outras populações ou comunidades. O contacto da APDES para com a população-alvo foi iniciada através das redes sociais da ONG, tentando assim chegar aos profissionais da área social sem nenhum contacto direto. Após este contacto indireto, aí sim se optou por um contacto direto a instituições de referência, através de email, com uma carta assinada pelo diretor executivo da APDES e com toda a informação sobre o projeto. O sistema desenhado para manifestação e receção de interesse é bastante simples: foi criado uma ficha no Google Forms. Após o preenchimento dos interessados, foi criada uma base de dados com as informações dos interessados e aí é feita uma triagem, pois nem todos os interessados têm o perfil necessário para o projeto (alguns eram estudantes, outros não trabalhavam no concelho de Gaia, etc). Desta forma, tenta-se criar um grupo ou uma turma,	<i>O ACIS é um projeto que advém de um fundo municipal que foi criado na altura de Covid-19 para dar apoio e incrementar a resiliência de algumas instituições locais.</i> <i>Portanto, o ACIS+, é um curso profissional aqui no município (...). No fundo, o objetivo é levar conhecimento, sobretudo de âmbito técnico, metodológico, daquilo que é o trabalho diário dos projetos da APDES, mais baseado em intervenção comunitária, redução de riscos e minimização de danos, para esses profissionais que trabalham no município, que trabalham muitas vezes noutras instituições, noutros contextos e que certamente também teriam interesse em fazer crescer as suas competências.(...)E, portanto, pretendia levar de forma mais genérica ao concelho esses conhecimentos.</i> <i>Como é que nós fazemos o contacto? Inicialmente, o projeto ACIS+ começou por fazer alguma disseminação nas redes sociais da instituição e, dessa forma, tentar chegar aos profissionais da área social, portanto, sem qualquer logo contacto direto. (...)E, passadas algumas semanas, fizemos, de facto, o contacto mais direto, com pessoas de referência em cada instituição, através de um email, com uma carta também assinada pelo diretor executivo da APDES, com toda a informação do projeto. O nosso sistema de recepção de manifestações de interesse e inscrições também é muito simples. Funcionámos com email, normalmente, portanto, ou pelo forms, em que as pessoas revelam o seu interesse pelo projeto. Nós fazemos um registo, temos uma base de dados em que colocámos todo o seu interesse, a sua disponibilidade e fazemos um registo também do perfil da pessoa que nos contacta, depois também</i>

mais ou menos coesa. No entanto, o ACIS+ ainda não entrou em prática.

O problema para o atraso do arranque do ACIS+ diz respeito ao facto de esta ser uma formação certificada pela DGERT, ou seja, são necessários que certos características sejam respeitadas. Como os módulos vão ser lecionados pelos trabalhadores da APDES, é necessário que todos eles tenham um certificado/diploma que os permita dinamizar uma ação de formação certificada. O facto de haver um duplo papel de técnico de intervenção e de formador, por parte dos trabalhadores da APDES, leva a uma sobrecarga do seu trabalho, não havendo ainda disponibilidade para fazerem simultaneamente a formação de formadores e o seu trabalho quotidiano. Esta questão, segundo a Coordenadora J, é um problema mais a nível de gestão da Organização do que dos técnicos. Pois, além do problema da sobrecarga de horário, aqui também entra o problema do financiamento para a Formação de Formadores, o que obriga a uma maior ginástica financeira por parte da APDES.

Por conseguinte, o ACIS+ ficou parado na fase de disseminação, propaganda, receção e manifestação de interesse, assim como uma auscultação de necessidades/diagnóstico. Este último é segundo J, uma ferramenta essencial para auscultar as verdadeiras necessidades formativas desta população e que de facto vai servir a APDES como um guia para o planeamento das formações. Todavia, ainda não foram criadas as condições necessárias para o projeto avançar na prática

para conseguirmos colocá-la. E ser, portanto, um grupo que seja mais ou menos coeso.

Sim, foi feito um diagnóstico de necessidades à população, uma ferramenta muito necessária e essencial para conseguirmos também auscultar aqui quais são as verdadeiras necessidades formativas desta população e que de facto vai nos servir como um guia quando esta fase de planeamento das próprias aulas, digamos assim, passarem do papel de uma forma mais real para a prática... E aí teremos à nossa frente, de facto, pessoas que já registaram e demonstraram aquilo que mais necessitam e aquilo que menos necessitam e assim também podemos ajustar quase que uma formação personalizada e mais adequada às suas necessidades viárias.

É ter, portanto, aqui uma... sessões de formação, previsivelmente serão certificadas pela DGERT e que, portanto, terão módulos que serão lecionados. Ou dinamizados, por assim dizer, por trabalhadores da APDES, que tenham mais ou menos sensibilidade nessas áreas de conhecimento, prática, experiência... E que levem, portanto, o conhecimento para fora. No final dessas sessões, os formandos terão direito a um certificado. Essa formação também fará parte e poderá integrar os planos de formação anual das instituições ou empresas dos quais fazem parte. Mas neste momento, o projeto ainda não arrancou.

Talvez os maiores entraves tenham a ver com a gestão atual organizacional... No sentido de que, como é um projeto que exige que os trabalhadores da APDES tenham também o papel de formadores, portanto, acaba por haver aqui uma duplicação do papel profissional daquela pessoa, a par de ser necessário e ser exigível quase que tenham uma formação ajustada para que possam também lecionar formações, isso neste momento está a ser um entrave. Porquê? Porque existe a disponibilidade para que as pessoas possam ficar simultaneamente nos projetos nos quais trabalham e acumulem horário também no processo de formação que irá existir e que visivelmente durará vários meses...E, portanto, toda essa gestão, para ser trabalhada, é

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>necessária. Portanto, não é algo complexo, porque exige que as pessoas consigam aqui deslocar-se e alocar-se numa perspectiva quase dupla durante alguns meses.</i> <i>Portanto, nós tivemos toda a fase de disseminação, de propaganda, digamos assim, de contacto direto, de recepção de manifestação de interesses e inscrições, mas ainda não tivemos condições imediatas para fazer o projeto avançar na prática.</i>
	Click no Bullying	O projeto Click no Bullying é um projeto Erasmus+ de pequena escala, que envolve 3 parceiros: Roménia, Turquia e Portugal. J coordena este projeto desde a sua implementação, em novembro de 2023, onde trabalha juntamente com uma colega da área da Psicologia e outra da Criminologia. O objetivo do Click no Bullying é sensibilizar, combater o cyberbullying, aumentando a literacia digital dos jovens entre os 13 e os 35 anos. Para tal, a Coordenadora J, juntamente com a sua equipa, elabora conteúdos inerentes à temática do projeto (cyberbullying), além de realizar momentos de contacto permanente entre os parceiros. Em termos de elaboração das atividades, o Click no Bullying apresenta na sua candidatura, guidelines gerais, como por exemplo, a temática, a população-alvo, quantas sessões são necessárias, etc. No entanto, quanto ao conteúdo das formações em si, isso está dependente do <i>Know How</i> da equipa de cada país parceiro. Posto isto, as equipas reúnem-se e decidem o que incluir no manual orientador para aplicar no terreno. Após a elaboração dos conteúdos formativos, são estabelecidas redes de contacto com instituições interessadas para a realização de ações de sensibilização e de informação ao público-alvo. Portanto, o objetivo último incide em formar técnicos de juventude para depois capacitarem outros jovens em torno desta problemática. Para tal, prevê-se ir pelo menos duas vezes por mês fazer ações formativas com estes jovens ao longo de 6 meses. É de realçar que muitos destes jovens da população-alvo, apresentam muitas vezes	<i>E o Click no Bullying é um projeto Erasmus+, de pequena escala, que envolve três parceiros internacionais, Roménia e Turquia.</i> <i>(...) é um projeto que visa a sensibilização, o combate, a literacia digital sobre o problema do cyberbullying nas camadas mais jovens. Portanto, é um projeto que tem como população-alvo jovens que podem ter idades entre 13 e 35 anos. Portanto, é este o nosso público-alvo.</i> <i>Portanto, nós temos aqui que cumprir uma série de passos, do work it as, que assim se chama-lo, e que inicialmente passam pela concepção dos conteúdos inerentes ao projeto, esta temática de cyberbullying, da literacia digital entre os jovens e para além de todo o contacto necessário e permanente entre os parceiros, etc., que prestam a participação. Envolve o acontecimento de várias ações locais com os jovens e técnicos de juventude. Portanto, é nosso papel tentar formar técnicos de juventude para depois capacitarem jovens em torno desta problemática.</i> <i>Temos como objectivos neste projeto ir por menos duas vezes por mês a locais onde estes jovens possam frequentar ao longo de 6 meses e fazer ações significativas com eles.</i> <i>Falamos aqui de jovens que, por exemplo, estejam em casos de acolhimento, que sejam acompanhados pelas comissões de protecção de crianças e jovens, as CPCJ's, jovens que possam estar inseridos em territórios, em territórios mais problemáticos, com contextos familiares e educacionais também mais complexos e multidesafiantes e, através deste</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		situações de vulnerabilidade (jovens de casas de acolhimento, acompanhados por comissões de protecção de crianças, jovens de territórios problemáticos, com contextos familiares e educacionais complexos e desafiantes, etc), ou seja, jovens a quem sem este projeto, este tipo de informações sobre estas temáticas, provavelmente nunca chegariam. Por outro lado, através do Click no Bullying, procura-se combater outros tipos de problemas e necessidades que estes jovens possam ter - com a presença da equipa da APDES no terreno é esperado que seja criado um impacto e uma mudança significativa que vai além dos propósitos do projeto. O contacto entre a APDES e as instituições interessadas é realizado por parte da equipa da APDES. Ou seja, é a equipa do Click no Bullying que procura, seleciona e entra em contacto com as instituições. Devido aos 20 anos de atuação da APDES no território de Gaia e arredores, já são muitas as conexões e parcerias realizadas com instituições do território, facilitando os caminhos para chegar a uma população de referência. Caso ainda não haja essa conexão, J refere que o processo é bastante simples: apenas entram em contacto via telefone ou email, demonstram o interesse de atuar junto de tal população, apresentam o trabalho a desenvolver e propõem uma parceria.	<i>projecto, tentamos buscar eles e também criar a conta para outros tipos até de necessidades que possam ser comandadas com a nossa intervenção.</i> <i>(...) também permite que vários jovens consigam experienciar de uma forma completamente distinta outras realidades sociais, outras culturas, de uma forma que de outro modo talvez não fosse possível. E também nós, através das nossas ações locais, conseguimos por vezes criar aqui um impacto e uma mudança significativa, que muitas vezes vai além dos próprios propósitos do projeto. Muitas vezes apenas a nossa presença, a capacidade de dinamizar, o facto de escutarmos, de... de auscultarmos aquilo que para eles é certo e sabido e aquilo que até gostariam mais de saber, é muito importante para depois deixar aqui pistas, para que a gente possa fazer um projeto de futuro que podem ser interessantes para essa mesma população.</i> <i>Normalmente a orientação é sempre à APDES Instituição, ou seja, somos nós, equipa técnica, que procura, seleciona e entra em contacto com as instituições.</i>
	PUSH	O projeto PUSH é um projeto Erasmus+ que arrancou em março de 2023. contudo, a Coordenadora J só integrou o projeto no final de fevereiro de 2024, já no seu final, sendo que o PUSH terminou no início de junho. O projeto PUSH é um projeto europeu que envolve a Holanda, Hungria, Itália e Portugal, tendo como objetivo último a promoção de práticas desportivas para a integração social de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo. A Coordenadora J explica que aqui em Portugal este tipo de ações interventivas nunca são vistas como prioritárias, pois elas exigem financiamentos que são alinhadas com outros tipos de intervenção.	<i>O push, eu integrei o projeto push em uma fase quase final. O projeto estava em curso mais ou menos desde março de 2023. Eu o integrei no final de fevereiro de 2024. Houve mudança de equipa.</i> <i>O projeto push é um projeto também europeu que envolve países como a Holanda, Itália e Hungria... E, portanto, pretende promover o desporto, a atividade física, como um mote. Para a integração social de pessoas que estejam em situações de sem abrigo. No fundo, este projeto baseia-se muito nesta questão da prática, do exercício e da atividade física. Sempre com este propósito de envolver todas as outras dimensões da vida quotidiana de quem está nessa condição.</i>

O PUSH, em termos práticos, visa que em cada país parceiro se tente aplicar um sistema de atividade desportiva com esta população. Algo que promova, a baixo custo, uma estrutura continua de integração desta população. O trabalho da APDES para o PUSH consistiu num teste das guidelines na Sala de Consumo Assistido do Porto, com a população que frequenta este espaço e que se encontra em Situação de Sem-Abrigo. Portanto, é uma população que se encontra numa estrutura de vulnerabilidade e e fragilidade social muito grande. As atividades consistiram em atividades de ginástica, de tonificação muscular, de futebol e ainda um momento mais intimista onde a professora de ginástica se disponibilizou para treinar individualmente com indivíduos do grupo que apresentavam determinadas deficiências ou incapacidades físicas ou outros problemas de saúde, através de técnicas muito específicas ligadas à fisioterapia, fisioterapia, exercícios de recuperação e reabilitação. Este fator demonstra-se muito benéfico pois assim todo o grupo se sentiu incluído, não excluindo aqueles com dificuldades motoras, o que potencia o aumento da sua autoestima.

O feedback da população sobre estas atividades foi muito positivo, referindo que a prática desportiva é algo importante para eles. Foi demonstrado também interesse numa prática constante destas ações desportivas com esta população (semanalmente, pelo menos). Isto deveria ter sido a realidade do Projeto PUSH, contudo, até à reestruturação da equipa do PUSH, onde entrou a Coordenadora J, nada tinha sido feito neste âmbito. A aplicação prática do PUSH foi esquecida e deixada até aos prazos limites do projeto, o que colocou em causa os resultados e impactos dos objetivos para com a população-alvo e com os restantes parceiros, que se demonstraram descontentes com esta postura da APDES.

Não obstante, o PUSH apresentou ter importância para a população da Sala, demonstrando vontade em melhorar os espaços logísticos disponíveis, criação de outros espaços adequados (mais

Aqui em Portugal, a atividade física e o exercício, muitas vezes não são prioritários, nem como estão nos planos pessoais... Nem também nas políticas sociais que são direcionadas às pessoas que estão em situação sem abrigo.

O objetivo é tentar implementar em cada país, junto da população alvo, aqui um sistema de atividade física de baixo custo, que tenha aqui uma estrutura, uma rotina e que, de facto, promova a integração das pessoas nessa situação.

Nós, recentemente, fizemos... O teste das guidelines do projeto na sala de consumo assistido do Porto, que também é um projeto da APDES, com a população, com os, neste caso, os utilizadores de droga, que se dirigem à sala de consumo assistido e que estão em situação sem abrigo. Portanto, pessoas que também estão numa estrutura de vulnerabilidade social e fragilidade muito visível. E que, segundo o feedback que tivemos, é que o exercício físico também é muito importante para eles. Apesar de só termos feito o teste das guidelines, o feedback que nos ofereceram foi que, se existissem aquelas atividades diariamente ou semanalmente, seria o ideal para eles. Eles demonstraram muita vontade em assim ser. Com a melhoria dos espaços físicos disponível, com criação, por exemplo, de espaços com sombra, espaços mais confortáveis, mais dignos, com também a possibilidade de terem kits de higiene pessoal, de uma forma mais regular, com o reforço da alimentação. A sala fornece kits de alimentação,

Nós fizemos atividades de ginástica, de unificação muscular, de futebol e também houve um momento muito intimista e muito necessário também a nosso ver, que foi o facto da professora de Educação Física ter momentos individuais só com um participante, no caso pessoas com algum tipo de deficiência física, com algum tipo de dificuldade de mobilidade, problemas de saúde (...) E a professora utilizou técnicas muito específicas, muito ligadas à fisioterapia, à fisioterapia, ao exercício físico de

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		confortáveis, mais dignos), assim como a possibilidade de oferecer um reforço em bens alimentares e de higiene. O mais positivo a denotar nesta experiência da APDES com o PUSH foi o facto de esta população ter imensa dificuldade de acesso a práticas desportivas e aos tipos de cuidados que foram prestados. Se estas guidelines do PUSH fossem realizadas desde o início e até disseminadas para outras instituições, poderíamos estar presentes a um projeto de enorme sucesso.	<i>recuperação, de reabilitação e as pessoas ficaram muito satisfeitas com isso.</i> <i>Porque muitas vezes é difícil terem esse tipo de cuidado e esse tipo de acesso a cuidados fora daquilo que às vezes são as áreas sociais, as respostas sociais e até informais da comunidade... E portanto, sim, é um projeto que tem muitas pernas para dar, que tem potencial e que poderá fazer a diferença não só numa instituição, mas como em várias. Se as guidelines e o propósito do projeto forem bem disseminados.</i>
Considerações finais	Balanço dos 3 projetos	Em nenhum destes 3 projetos a Coordenadora J esteve presente nos seus momentos de conceção, ou seja, o planeamento dos mesmos é feito com bastante antecedência à sua implementação efetiva. Estas fases dos projetos são normalmente realizadas por membros da APDES. Contudo, nem sempre as candidaturas e conceções dos projetos são acompanhadas pelos futuros trabalhadores e técnicos de intervenção que vão trabalhar nos mesmos. Quanto aos pontos fortes dos projetos, a coordenadora J ressalva o cariz comunitário com as populações. A intervenção de proximidade, onde as equipas de intervenção vão ao contexto natural das populações, envolvendo atores, instituições e decisores locais, moldando o tipo de serviço e resposta para que seja possível chegar efetivamente ao problema e fenómeno em causa. Por outro lado, apesar destes projetos serem muito temáticos, são capazes de abarcar um elevado número de pessoas, o que permite alcançar resultados significativos. A Coordenadora J também refere que é possível perceber de forma imediata mudanças significativas de mudanças de comportamentos, em termos de práticas ou de algum aspeto do dia a dia. Estes fatores são bastante recompensadores para a equipa técnica e sentem que de facto geram mudança social. Todavia, os projetos também apresentam fraquezas, nomeadamente no que diz respeito à sua duração e financiamento. Estes são, segundo a Coordenadora J, os maiores entraves dos projetos. A Coordenadora J explica que os	<i>Eu considero que todos estes projetos têm um cariz muito ligado à comunidade e a populações de algo muito específicas, com problemáticas muito significativas e também muito simbólicas na realidade social. É sempre o facto da nossa intervenção ser feita de proximidade, do facto de tentarmos sempre ao máximo irmos nós ao contexto natural das populações, tentarmos adequar o tipo de serviço e de resposta que temos a essas populações, para que consigamos de facto chegar àquilo que é a sua vivência natural dos fenómenos. Depois, como outros pontos fortes, a capacidade destes projetos, apesar de serem muito temáticos, têm de abarcar também, se quisermos, o número elevado de pessoas e portanto ter aqui uma repercussão bastante significativa.</i> <i>Nós habitualmente envolvemos muitas instituições locais, mas também decisores locais, muitas vezes são envolvidos nestes processos</i> <i>(...) nós conseguimos, por vezes de forma imediata, perceber uma mudança significativa em algum tipo de comportamento, em algum tipo de prática, em algum tipo de aspeto do seu dia a dia.</i> <i>Em termos de pontos mais frágeis dos projetos, eu falo sempre nisto, e acho que tem muito a ver com a questão tempo e dinheiro. No sentido de tempo e financiamentos. (...) são projetos que dependem de candidaturas, de financiamentos, de apoios estatais, muitas vezes próprias alterações de governo, de cor política, podem influenciar ou não aqui o nível de</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

financiamentos estão dependentes da vontade do Estado, que é influenciada principalmente pela cor política, que apresentam interesses diferentes e que muitas vezes negligenciam a área social. Por outro lado, projetos que duram 1 a 2 anos, nunca se revelam suficientes para aqueles que trabalham no terreno, pois não conseguem perceber de facto o impacto na comunidade. Isto porque o tempo de criação de tecnologias de avaliação robustas e significativas é muito mais longo do que aquilo que o projeto permite. Esta questão está interligada com o fator do financiamento, uma vez que para ter um projeto mais duradouro é preciso haver financiamento que nunca se denota como suficiente, obrigando as ONG a estar dependente daquilo que está disponível.

Por conseguinte, as avaliações destes projetos acabam por ser apenas avaliações de resultados imediatos, como por exemplo relatórios finais ou intermediários, a nível quantitativo ou qualitativo, apenas para apresentar os resultados esperados descritos na candidatura. O normal, segundo a Coordenadora J, é a equipa cortar de imediato o contacto com a população com que intervieram, o que é na sua perspetiva uma grande falha. Esta dinâmica obriga os técnicos a terem de começar sempre do zero quando se candidatam a um financiamento novo, prejudicando também o impacto nas comunidades pois quando o projeto acaba deixa de existir qualquer acompanhamento, acabando por ser a própria comunidade a maior lesada.

Adicionalmente, os projetos são muitas vezes sujeitos a adiamentos e mudanças de equipa. A questão do adiamento leva a que o projeto seja condensado no tempo, obrigando a um apressamento da intervenção do projeto, prejudicando uma ação harmoniosa e positiva.

aceitação de determinados temas na agenda política... E sobretudo na área social. Conseguimos perceber que em termos políticos há interesses muito distintos quando se fala, por exemplo, de consumo de drogas, apoios sociais, subsídios sociais, portanto há aqui quase que andar em pés de lã a tratar determinadas problemáticas porque nem sempre, e em certos contextos políticos que nós vivemos, não são a favor de existir muitos financiamentos para essas finalidades.

São projetos que, para quem trabalha no terreno, normalmente são muito curtos. São projetos por vezes de um ano, um ano e meio, dois anos, mas que, para quem trabalha na área social, são termos curtos para se de facto incutir e impactar na comunidade. Normalmente precisaríamos sempre de mais tempo para criar um planeamento, uma concessão, tecnologias de avaliação de facto robustas, significativas e muitas vezes o que nos apercebemos é que quando damos por ela o projeto está a terminar e sentimos falta de haver ali mais algum tempo para conseguirmos colocar em prática o que pretendemos.

São populações que têm muitas necessidades aos vários níveis. Os contextos de trabalho e de gestão de projetos também muitas vezes necessitam de diversos recursos humanos e recursos materiais... e portanto acho que a questão do tempo e de financiamento são centrais para que os projetos pudessem ter uma visão mais a longo prazo. E as pessoas que trabalham nos projetos também pudessem ter essa visão e conseguissem sentirem-se também mais consistentes, mais estáveis, com um impacto significativo. Sem pensar que amanhã já é o término, não é?

Mas, infelizmente, a realidade é que muitas vezes quando os projetos terminam, existe um corte bastante substancial com aquilo que foi o nosso trabalho e objeto de trabalho. As populações com quem trabalhamos, portanto, quando termina um projeto de financiamento, o contacto fica por ali. O que, a meu ver e creio também que para a maioria dos técnicos desta área, realmente é uma falha

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>muito significativa. Porquê? Porque depois, quando existir, porventura, outra candidatura ou outro projeto... vamos ter de partir do zero. Ao invés de uma linha de continuidade. Mas lá está, voltamos ao mesmo assunto: a questão do tempo e do dinheiro. Em termos de financiamento, como são algo limitados, acabam por limitar também a nossa... o nosso papel, a nossa presença e a nossa capacidade de ter uma avaliação contínua sobre essas populações. Porque não existindo recursos, o projeto terminando... temos de ficar por ali. Infelizmente. Portanto, as populações são provavelmente quem mais acabam por acarretar riscos e lacunas porque chega ali àquela fase, onde também deixam de ter o nosso acompanhamento.</i> <i>Os projetos, muitas vezes, devido a várias variáveis, são sujeitos a adiamentos, a mudanças de equipa, seja por causa de algo específico. E muitas vezes essas alterações temporais, fazem com que, por exemplo, se condense no tempo algo que seria para ser mais alargado e portanto há aí quase uma pressa para conseguir cumprir com todos os propósitos. E como disse há pouco, daquilo que é a prática dos técnicos de intervenção social, é preciso haver um modus operandi mais permanente e não... um modus operandi de conseguir cumprir com alguns passos, objetivos e depois ficar estancado quando termina o projeto. Eu penso que isso é um dos pontos talvez negativos dos projetos e que por exemplo não se compactua com a natureza das populações alvo, com a natureza dos problemas alvo, que são tão sensíveis e complexos e muito desafiantes, com as quais trabalhamos e que exigiam assim de forma mais digna e abrangente, completa e confortável... equipas técnicas que lhes dessem também a confiança para verem em nós uma potencial mudança para eles. ok? Esta questão dos projetos serem muito condensados no tempo e de correrem por vezes atrás da parte quantitativa... que é também muito importante, certo. Mas que também nos limita de outros aspetos que seriam bastante, bastante importantes.</i>

Anexo 3.5 - Grelha de análise da entrevista semiestruturada à Coordenadora dos Projetos GiruGaia e Não Vale TB

Grelha de análise da entrevista à Coordenadora dos Projetos GiruGaia e Não Vale TB

Dia: 18 de junho de 2024
 Hora: 15h - 15h 56 min (56 minutos de duração)
 Local: Reunião por Zoom (online)

Categoria	Subcategoria	Resumo	Excerto
Caracterização pessoal, académica e profissional		A coordenadora dos projetos Girugaia e Não Vale TB da APDES é licenciada em Psicologia e mestre em Psicologia do Comportamento Desviante pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto. A coordenadora sempre teve muito interesse pela área do desvio e dos comportamentos aditivos, apesar de ter feito estágio curricular junto de vítimas de violência doméstica. Após a conclusão dos estudos, enveredou pela área dos comportamentos aditivos e acabou por estagiar na APDES no Girugaia, onde acabou por ficar inserida permanentemente. Desta forma, a Coordenadora do Girugaia e Não Vale TB encontra-se a trabalhar na APDES há 4 anos.	<i>Olha, a minha formação base é Psicologia, portanto, eu tirei o meu mestrado em Psicologia de Comportamento Desviante durante cinco anos na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, no Porto.</i> <i>Sempre tive como interesse ir para a área do desviante e esta área mais dos comportamentos aditivos, neste caso, apesar do meu percurso profissional ter começado com vítimas de violência doméstica. Fiz o meu estágio juntamente com vítimas de violência doméstica, o curricular (...)</i> <i>(...) depois, muito por relação com a minha orientadora de estágio, tive mais contacto aqui com a área dos comportamentos aditivos e vim para a APDES fazer um mini estágio, que foi quando conheci o GirUGaia. E pronto, a partir daí, depois candidatei-me, quando eles abriram vaga, à vaga de uns projetos da APDES e a partir do momento em que entrei, comecei a ir, estando em vários projetos, até agora, estar de forma mais fixa no GiruGaia.</i> <i>Acho que já vai fazer... Acho que já vai fazer... Três, quatro anos, mais ou menos. Três, quatro anos.</i>
Tarefas realizadas na APDES e competências essenciais	Tarefas realizadas enquanto técnica social e coordenadora de projetos	Quanto ao seu papel de coordenadora do Girugaia e do Não Vale TB, esta afirma que acaba por ter um papel mais de gestão de equipas (horários, tarefas, saídas de campo), do trabalho no terreno e das pessoas que atendem, entre outras tarefas mais	<i>Ok, é que no GiruGaia eu sou a coordenadora de equipa, por isso é que acabo por ter aqui um bocadinho mais as funções de gestão, não só do trabalho que é feito na rua, mas também das próprias pessoas, e também é difícil lidar com</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

enquanto técnica social e coordenadora de projetos		burocráticas como elaboração de relatórios mensais, intermédios e finais, onde fazem uma monitorização e avaliação do cumprimento dos objetivos.	<i>peçoas, fazer a gestão das peçoas, por isso acabo por ter que gerir um bocadinho quais é que são as tarefas que estão associadas a cada uma das áreas de intervenção, e os diferentes profissionais que nós temos aqui, definir um bocadinho também timings em que cada um atua e o que é que cada um faz, gerir saídas, horários, além depois da parte do terreno, não é? Porque além de coordenadora também sou técnica e portanto faço todas as tarefas que os meus colegas fazem, acrescentando as tarefas de gestão de equipa e do projeto. Claro que depois temos as partes mais burocráticas, não é? Que é prestar relatórios e informações mais específicas ao ICAD, portanto nós temos que enviar relatórios mensalmente, depois também tem um relatório intermédio, um relatório final em que nós vamos fazendo aqui uma monitorização do projeto e avaliar se estão ou não estão a ser alcançados, e justificar ou se tentarem ou não a ser alcançados.</i>
	Competências fundamentais (técnicas, metodológicas, soft skills) para o desempenho de funções	A coordenadora do Girugaia e do NVTB destaca que a formação académica é essencial para ter conhecimentos base a utilizar no terreno. Contudo, nos contextos reais, são necessárias outras competências pessoais que vão desde a forma de estar, personalidade e a forma como o técnico lida com os problemas e conflitos que possam existir. Por outro lado, o trabalho em equipa também se denota como uma competência fundamental no trabalho de intervenção social e comunitária. A coordenadora do Girugaia e NVTB destaca também que ao nível da gestão de equipa, enquanto coordenadora, são as soft skills que se revelam como fundamentais, sendo algo que se desenvolve mais a nível pessoal e não tanto a nível académico.	<i>Eu acho que sim, principalmente, assim, enquanto coordenadora de projeto, sem dúvida. Acho que, ok, a parte mais formativa, mais académica, te dá aqui mais à vontade e conhecimentos que tu vais usar como base, mas depois quando estás com a realidade, tens que ter competências mais próprias e também vai muito de acordo com a tua forma de estar, a tua personalidade, a forma como tu lidas com os problemas, com os conflitos e acho que é mais essa parte depois que vai acabar por determinar o teu comportamento também em equipa e mais a nível de gestão, por isso que eu acho que principalmente a nível de gestão de equipa são soft skills, mas a nível pessoal que tu vais desenvolvendo e não tanto académico.</i>
		O Girugaia é financiado em grande medida pelo Instituto para os Comportamentos Aditivos e as Dependências (ICAD), em cerca	<i>Sim, a maior fatia do financiamento na parte do Giro Gaia é na parte do ICAD, ou seja, o ICAD financia cerca de 80% do nosso projeto e depois</i>

Caracterização dos projetos de intervenção social e comunitária (Financiamentos, natureza dos projetos, públicos-alvo, atividades, tarefas)	Girugaia	de 80%. Em complemento, os restantes 20% são financiados por capitais próprios da APDES. Apesar do Girugaia ser um projeto que existe na APDES desde 2004, é necessário fazer uma candidatura a cada 2 anos, que pode ou não ser aceita pelas entidades financiadoras e podem contar numa candidatura com o apoio de determinadas entidades privadas ou não, sendo que os objetivos do Girugaia têm de estar sempre de acordo com os objetivos destes financiamentos. Tendo isto em linha de conta, muitas vezes, segunda a Coordenadora do Girugaia, os financiamentos acabam por se revelar insuficientes face à realidade encontrada no terreno, o que acaba por limitar as ações que têm no terreno com os utentes. O Girugaia presta então serviços de substituição de opióides (metadona por heroína) essencialmente. No entanto, têm sempre como funções uma vocação de educação para a saúde e literacia. Por outro lado, também prestam cuidados psicossociais e fazem a ponte com serviços de saúde, dada a condição de afastamento da população alvo com as estruturas de saúde, as equipas do Girugaia acabam por fazer o acompanhamento dos utentes a outros serviços de saúde, trabalhando para que os profissionais de saúde tenham uma postura mais compreensiva e integrante desta população. Por fim, o Girugaia também trabalha com o Banco Alimentar para fornecer aos seus utentes alguns bens alimentares de forma a colmatar um certo nível de lacuna alimentar que esta população apresenta. Algo que distingue o Girugaia de outros projetos de substituição de opiáceos é o facto de serem a única equipa de rua da zona norte do país que faz uma integração imediata dos utentes nos seus serviços. Ou seja, os utentes vão ter com a equipa num dos pontos de encontro na rua e podem logo	<i>20% tem que ser capitais próprios da APDES, sendo que esses 20% depois podem ser complementados com empresas privadas. Nós fazemos uma candidatura, apresentamos o nosso projeto, propomos uma verba, uma verba para eles financiarem e pode ou não ser aceito por outras entidades, mas também temos parcerias com entidades privadas que dão algumas contribuições para o andar do projeto mas a grande fatia é mesmo do ICAD, da parte do Estado que contribui com esse financiamento, tendo em conta também os objetivos que eles querem ser alcançados temos de estar sempre em linha com os objetivos deles.</i> <i>O financiamento acaba por ser insuficiente face naquilo que depois é a realidade do trabalho, na teoria os gastos são calculados, mas depois quando estás no terreno, consegues perceber que os gastos são muito superiores àquilo que é financiado e é que acaba a teoria ainda estás com muitos cortes no que eu ouço colocar maior peso na própria entidade (...) pronto, no fundo o financiamento acaba por não ser com a realidade que nós temos no terreno ou seja, acaba por ser insuficiente que depois nós enfrentamos queridos humanos, recursos por exemplo de combustível porque nós exige muitas deslocações a parte também material toda uma gestão que depois nós temos que tentar minimizar os gastos porque também não temos uma margem assim tão grande para explorar e por isso acabamos por ser limitados também nas próprias ações que conseguimos ter com os utentes (...)</i> <i>E9: (...)no Girugaia o nosso o nosso serviço mais essencial é mesmo o programa de substituição opiácea de baixa limidade de exigência ou seja, temos aqui a substituição da metadona pelos consumos de heroína e essa é a base aqui da nossa existência depois temos sempre a parte mais de educação para a saúde literacia, psicossocial apoio também a nível mais psicológico tentamos ser também uma ponte com os serviços de saúde porque é uma população, estas populações (...) são populações que estão um bocadinho mais afastadas da estrutura de saúde e por isso nós</i>

integrar nos cuidados prestados, não tendo de passar por burocracias ou avaliações médicas prévias. Este pormenor é muito importante pois esta população alvo é bastante volátil e assim é facilitada a entrada nos serviços. Por outro lado, há também utentes que são reencaminhados por outros serviços de saúde ou outras equipas de tratamento, dependendo da localidade da pessoa. Posto isto, o trabalho em rede também se demonstra fundamental para esta população.

Quanto à avaliação do projeto, o Girugaia tem metas a cumprir, em termos mais quantitativos. É possível perceber que o Girugaia é uma importante rede de suporte para esta população, uma vez que as equipas conseguiram estabelecer uma verdadeira relação de proximidade, tendo um impacto muito positivo e significativo na vida quotidiana dos utentes. O Girugaia é uma figura de referência para qualquer necessidade da população-alvo, quer a nível de prestação de cuidados de saúde, medicação, marcação de consultas, problemas psicológicos, jurídicos, habitacionais, alimentares, financeiros, profissionais, entre tantos outros. Quanto ao principal objetivo, a substituição do consumo de heroína, é notável a redução ou até abandono do consumo desta substância a médio e longo prazo.

Os pontos a melhorar no Girugaia seria a questão da burocracia que é necessário para por exemplo marcar consultas para os utentes, que muitas das vezes não têm capacidades para tratar destas formalidades. Por essa razão, a coordenadora refere que deveria ser instaurado uma espécie de “via verde” para este tipo de utentes, de forma a facilitar a adesão dos mesmos às consultas. Por outro lado, voltamos a falar da questão do financiamento insuficiente como um entrave a uma intervenção eficaz. Mais financiamento permitiria uma maior

tentamos minimizar um bocadinho aqui este afastamento e acompanhá-los a consultas tentar que os próprios médicos tenham uma postura mais compreensiva menos julgadora para com eles.

(...) depois também temos a parte um bocadinho da distribuição de alimentos ou seja, nós também recebemos alguma alimentação do Banco Alimentar e acabamos também por tentar diminuir um bocadinho a lacuna alimentar que existe por parte dos utentes com alguns bens alimentares dentro daquilo que conseguimos também.

Certo nós aqui temos uma característica que nos distingue muito bem que é o facto de sermos aqui a única equipa de rua da parte norte em que nós fazemos uma integração imediata portanto os utentes podem vir ter connosco à carrinha no momento se quiserem integrar o nosso programa de metadona eles fazem isso na hora ou seja, não têm que esperar posteriormente por uma consulta de avaliação da nossa médica isso também faz com que nós consigamos dar uma resposta imediata às necessidades que os utentes apresentam porque também esta vontade deles é muito volátil (...) nós fazemos sempre cinco locais de paragem diariamente e qualquer pessoa pode procurar os nossos serviços autonomamente mas também temos alguns que chegam até nós através do encaminhamento por serviços de saúde, outras equipas de tratamento outras equipas de rua isso acaba por ser um bocadinho dependendo da resposta de onde a pessoa vem portanto pode vir encaminhada por profissional de saúde ou profissional social como pode vir também de iniciativa própria.

Nós temos algumas metas que temos de cumprir em termos mais quantitativos (...) a nível de impacto mais qualitativo o que nós conseguimos perceber nesta população é que por exemplo nós somos quase que uma rede de suporte para esta população nós conseguimos estabelecer uma relação de proximidade que faz com que sejamos figuras de referência para estas pessoas e por isso acaba por ter um impacto muito positivo e muito

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		abrangência do território, visto que o concelho de Gaia é bastante vasto e existe a necessidade de alargar os serviços do Girugaia. A questão do financiamento também se alarga para a renumeração dos técnicos, acabando por os desmotivar e criar instabilidade dentro das equipas	<i>real, muito diário na vida delas (...) nós somos logo a primeira pessoa a quem eles recorrem e por norma nós temos uma resposta também muito rápida que acaba por ser imediato ou à necessidade das pessoas por isso acho que a esse nível consegues logo na rua avaliar esse impacto pois a redução de riscos também temos que tentar perceber que isso não tem pertinência por isso também temos que perceber que um dos objetivos é promover a manutenção da adesão das pessoas ao nosso programa de medicação e regressar aos consumos de de heroína, de cocaína o que seja e a esse nível também conseguimos ter um impacto muito positivo e muito real nos utentes E assim a médio e longo prazo em nível de redução ou até mesmo abandono de consumos de melhoria de qualidade de vida a vários sobre várias variáveis.</i> <i>olha, como pontos fracos, temos as vezes acho que já tem vindo a melhorar também por o trabalho que tem sido feito pela equipa técnica mas as vezes as relações institucionais são muito burocráticas ainda, portanto nós temos aqui uma população vulnerável que não tem o mesmo tipo de paciência por exemplo, ou o mesmo tipo de capacidade de tratar de papelada o que seja que nós temos e muitas das vezes, sei lá temos um utente que precisa de uma consulta de dermatologia até conseguirmos ter um utente que tenha realmente a consulta (...) isso acho que devia haver aqui quase que uma via verde mais da articulação entre os serviços para tentar maximizar também a resposta ao utente.</i> <i>(...) em termos de pontos fracos deixa-me pensar o financiamento também o financiamento é insuficiente, acaba por nos limitar quer na atuação que temos com os próprios utentes, quer na exploração de novas locais, por exemplo, de intervenção nós sabemos que Gaia é um território muito grande, nós abrangemos uma parte, mas sabemos que existem ainda muitos locais que estão a descoberto e sem a nossa intervenção o baixo financiamento também a nível dos técnicos as remunerações não são como as pessoas gostavam o que faz também com que seja muito instável a</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			<i>equipa, quer a nível de enfermagem, quer a nível de técnicos mesmo e acho que é isso</i>
	Não Vale TB	O projeto Não Vale TB (NVTB) nasceu da necessidade de nos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel ainda apresentarem taxas muito elevadas de diagnósticos de tuberculose na sua população. Por conta disto, as populações mais vulneráveis apresentam um afastamento preocupante dos cuidados de saúde. Por conseguinte a equipa do NVTB vai numa lógica de minimização de riscos tentar prestar serviços que se diferenciam das respostas que haviam nestes concelhos. A principal diferença é que o NVTB tem uma lógica de intervenção de proximidade, ou seja, é a equipa que vai ao encontro das populações no seu ambiente natural de vida, procurando perceber quais são as suas verdadeiras necessidades, ouvindo na primeira pessoa aquilo que são as suas preocupações e objetivos. O intuito das saídas de campo incide no aumento da literacia para a saúde relativamente a esta doença, uma vez que apesar de ser uma doença com bastante incidência nestes territórios, é visível a falta de conhecimento sobre a mesma por parte da população, o que atrasa o diagnóstico e a procura de cuidados de saúde sobre determinados sintomas, que acabam normalizados. Além da sessão de informação sobre a doença, era aqui feito um primeiro rastreio através de um inquérito de sintomas, que caso apresentasse 2 ou mais sintomas, os indivíduos seriam encaminhados para um rastreio no CDP mais próximo da sua zona de residência. Adicionalmente, também eram realizados rastreios a doenças sexualmente transmissíveis, dado que este é um tema bastante tabu nestas localidades mais pequenas, onde há uma grande proximidade entre os conterrâneos, até mesmo com os profissionais de saúde, o que	<i>(...) o Não Vale TB surgiu muito aqui da necessidade que se foi perceber daqueles dois concelhos Marco de Canaveses e Penafiel terem taxas muito elevadas de tuberculose ainda a ser diagnosticados e aquilo que se tinha verificado é que havia um afastamento muito grande que acaba por ser quase aqui comum estas populações mais vulneráveis também aos cuidados de saúde ou seja existem números muito grandes de tuberculose mas os cuidados de saúde não conseguem chegar até aí daí também dar estrategicamente a nossa equipe enquanto uma lógica de redução de riscos nós conseguimos diferenciar-nos das respostas que haviam nos concelhos e em vez de terem de ser as pessoas a procurar os serviços nós íamos encontrar as pessoas nos contextos mais naturais de vida deles íamos nós a tentar perceber quais eram as reais necessidades no terreno ouvidas em primeira pessoa pelos próprios indivíduos e que pudessem existir a esse nível aquilo eram os objetivos de trabalhar nesse projeto.</i> <i>Os objetivos de trabalhar nesse projeto era mover muito a literacia em saúde porque apesar de ser uma doença muito frequente no conselho conseguíamos verificar que havia muita gente que não sabia o que é que era quais eram os sintomas isso também acaba por atrasar não só o diagnóstico como também a procura dos cuidados de saúde se as pessoas não têm conhecimento acabam por normalizar os sintomas e não procurar ajuda por isso a nossa intervenção ia muito no sentido de promover não só algumas informações sobre a doença mas também o próprio rastreio sendo que já acabávamos de ser ali um elemento facilitador porque fazíamos um dos primeiros passos do rastreio que é o inquérito de sintomas que nos permitia realmente fazer o rastreio juntamente também com o rastreio das doenças sexualmente transmissíveis também são um assunto muito tabu e ainda muito pouco falado têm vergonha e tentam não abordar esses assuntos com os médicos de família porque são</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		faz com que haja um entrave no diálogo sobre estes tópicos sensíveis. Assim, ao haver uma equipa de fora da sua rede, acaba por haver um maior à vontade para falar sobre estas problemáticas. Segundo a Coordenadora do NVTB, os pontos positivos sobre esta segunda edição a destacar foi a criação de uma excelente relação entre as instituições locais e com a comunidade, permitindo que a equipa do NVTB passasse a ser um veículo facilitador entre a população e os serviços de saúde. Posto isto, o NVTB teve um impacto muito positivo na minimização de riscos desta população, visto que sem estas ações os cidadãos não teriam acesso a este tipo de cuidados. No entanto, existe ainda um grande ceticismo por parte dos profissionais de saúde quanto a esta metodologia de proximidade adotada pela equipa do APDES. Segundo a Coordenadora, este ceticismo acaba por se tornar até numa certa competitividade, pois os profissionais de saúde olham muito para estas respostas públicas como questões de números (que estão a “ser roubados aos profissionais de saúde”), em vez de olharem para estas intervenções como um complemento e ajuda às respostas que já existem. Portanto, isto acaba por criar uma tensão e resistência entre as instituições. Como exemplo, a Coordenadora do NVTB refere a não criação de protocolos com o próprio centro pneumológico ou até a recusa de assistência a utentes que são encaminhados pelo NVTB. Apesar do NVTB ser cofinanciado pela Direção Geral de Saúde, uma vez que viu necessidade de haver um reforço no combate à tuberculose nestas localidades, continua a haver um ceticismo quanto ao mesmo. Outro ponto negativo apontado pela coordenadora é a questão do tempo de duração do projeto, uma vez que apesar do NVTB já ter tido duas edições, elas duram	<i>normalmente pessoas ali da rede muito conhecidas e elas acham sempre que por exemplo por pedir um rastreio já é sugestivo de ter tido um comportamento de risco e acabam por ter um bocadinho mais de medo de ser julgado do que pessoas desconhecidas que são mais de fora... e por isso acabava por haver aqui um à vontade um bocadinho maior</i> <i>Sim, olha com pontos fortes eu destacava mesmo o que se foi adotando no terreno o que acabou por nos permitir ter uma relação muito boa com a própria comunidade e com as instituições também da comunidade, ou seja, nós conseguimos ser aqui um veículo conseguimos ter facilmente acesso às pessoas porque nos conseguimos dar até elas e acabámos por conseguir também um número muito positivo de rastreios, inquéritos de sintomas o que significamos ter um impacto na própria parte da população que pelo menos responde se não fosse com a presença da nossa equipe é feito, por outro lado como pontos fracos, eu salientava muito o facto de (...) os cuidados de saúde públicos acabam por ser ainda muito céticos à intervenção que a nossa equipa fazia por isso acho que acaba por haver ali quase uma perspetiva de competitividade eles olhavam muito ainda para as respostas que existem além das respostas públicas como questões de números, não é? que iam depois ser números da instituição mais pura e não conseguiam olhar tanto para nós como um complemento à resposta que já existe e portanto isso fazia com que houvesse maior resistência, por exemplo, não estou a observar o aumento de protocolos tentarmos ter relações mais com o próprio centro de diagnóstico pneumológico para fazermos tomas, fazermos por exemplo, o contacto de indivíduos que tivessem tuberculose latente para tentar apoiá-los também a esse nível e acho que foi mesmo a principal dificuldade do projeto foi isso, haver uma resistência ainda por parte dos cuidados de saúde quanto à nossa abordagem e ver-nos como uma competitividade.</i> <i>Sim o projeto era financiado pela própria (DGS) e se nós conseguimos ter um projeto na localidade é</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		apenas um ano, o que impede a fluidez do projeto. Os meses iniciais do projeto são utilizados para recuperar o contacto com as instituições e populações, o que atrasa o sucesso das intervenções, afetando por conseguinte o impacto. Desta forma, a coordenadora gostaria que o NVTB fosse um projeto contínuo e não uma mera prestação de serviços, pois existe uma verdadeira necessidade de dar continuidade a estas intervenções. Contudo, apesar de haver uma grande vontade de trazer esta ideia para a realidade, há falta de recursos financeiros e humanos para ser levado a cabo.	<i>porque a DGS viu vantagens e o conhecimento que a APDES já conhecia a esse nível mas eu acho que a nível mais local é que depois começava a haver mais essas barragens que eles não achavam tanto que houvesse essa necessidade porque eles acham que o problema já está controlado dentro daquilo que é possível e por isso não é preciso variar muito no tipo de resposta porque eles estão a conseguir dar resposta a tudo aquilo que existe.</i> <i>Eu acho que foi positivo mas que ainda não terminou, ou seja temos também muitas tensas com uma população muito grande e por isso temos aqui também a necessidade em vez de termos um projeto que dura um ano sendo um ano com intervalos ou seja, o NVTB já teve duas edições só que houve um intervalo entre essas edições o que significa que um ano depois na prática acaba por não ser um ano porque os meses iniciais têm que ser usados outra vez para restaurações que tu já tinhas com as entidades, com as comunidades por isso o ideal seria ter um tempo com um projeto de continuidade que os profissionais já estavam a trabalhar muito próximo com a comunidade e de repente tivemos que sair outra vez e não sabemos se existe outra vez para voltar acaba por interromper um bocadinho aqui quase que o sucesso da intervenção porque temos períodos em que paramos e depois voltamos ao ativo mas existe muito potencial no projeto e na resposta que ele dá.</i>

Anexo 3.6- Grelha de análise comparativa às entrevistas semiestruturadas da Coordenadora do Girugaia e NVTB e da Coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no bullying

Grelha de análise comparativa às entrevistas semiestruturadas da Coordenadora do Girugaia e NVTB e da Coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no bullying			
Sexo: ambas são do sexo feminino Idade: ambas têm 30 anos			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Trajetória antecedente à APDES	Área de Formação	“Ok, eu sou a J, tenho 30 anos, sou socióloga de formação, tirei a licenciatura e mestrado em Sociologia na Faculdade de Letras da Universidade do Porto entre 2011 e 2016.” “Olha, a minha formação base é Psicologia, portanto, eu tirei o meu mestrado em Psicologia de Comportamento Desviante durante cinco anos na Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, no Porto”	A Coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no Bullying é formada em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto e a Coordenadora do Girugaia e do NVTB é formada em Psicologia, mais concretamente em Psicologia do Comportamento Desviante pela Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
	Percurso profissional	“Sempre tive como interesse ir para a área do desviante e esta área mais dos comportamentos aditivos, neste caso, apesar do meu percurso profissional ter começado com vítimas de violência doméstica. Fiz o meu estágio juntamente com vítimas de violência doméstica, o curricular (...)” “(…) depois, muito por relação com a minha orientadora de estágio, tive mais contacto aqui com a área dos comportamentos aditivos e vim para a APDES fazer um mini estágio, que foi quando conheci o GirUGaia. E pronto, a partir daí, depois candidatei-me, quando eles abriram vaga, à vaga de uns projetos da APDES e a partir do momento em que entrei, comecei a ir, estando em vários projetos, até agora, estar de forma mais fixa no GiruGaia.” “Quando terminei a minha formação, inicialmente eu achava que o meu caminho seria mais pela área da investigação, portanto gostava mais de fazer parte de projetos de foro de mais investigação, mais académicos, sobretudo na área da Sociologia Urbana, do Planeamento Urbano, e de facto depois	O percurso profissional das duas coordenadoras é bastante distinto. Enquanto a coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no Bullying iniciou a sua vida profissional na área da investigação sociológica e só 4 anos mais tarde se interessar pela área da intervenção social (nomeadamente com comunidades vulneráveis), acabando por fazer parte da APDES, a Coordenadora do Girugaia e do NVTB sempre se inclinou mais para a redução de riscos e minimização de danos. Apesar de ter-se iniciado em estágio com vítimas de violência doméstica, acabou por fazer estágio profissional na APDES, no

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		de terminar o curso em Sociologia, estive cerca de quatro anos a trabalhar num projeto de investigação na Faculdade de Engenharia da Universidade do Porto.” “Depois surgiu aqui a vontade e o interesse de mudar um pouco o meu rumo profissional, e aí enveredei mais pela área da intervenção. A intervenção social e comunitária, que de facto era aquilo que mexia mais comigo ao nível profissional, e através desse caminho eu gostaria de construir, digamos, uma carreira. Se pudermos chamar de carreira hoje em dia é o facto de querermos evoluir e ter um, digamos, um percurso mais sustentado nesta sua área. Aí comecei a trabalhar numa instituição, numa IPSS, a CAIS, onde desempenhei funções ligadas a mais a área de integração de pessoas em situações sem-abrigo (...)”	Girugaia, onde se encontra há 4 anos.
O trabalho na APDES	Tempo de casa	“Acho que já vai fazer... Acho que já vai fazer... Três, quatro anos, mais ou menos. Três, quatro anos.”	A coordenadora do Girugaia e NVTB trabalha na APDES há 4 anos e a Coordenadora do PUSH, ACIS+ e Click no Bullying trabalha na APDES há 2 anos.
	Papel e tarefas desempenhadas na APDES	“O meu dia-a-dia na APDES pode ser mais definido, lá está, pela gestão destes projetos. Em dois dos projetos sou coordenadora, portanto, tenho aqui a função de coordenar tudo aquilo que é o funcionamento do projeto em si, enquanto parte burocrática, ou seja, tudo que é necessário a algum funcionamento do projeto, como documentos necessários, evidências para comprovação do projeto, faço a mediação entre a parte financeira e potenciais parceiros, ou outras pessoas que trabalhem também no projeto, eu não faço parte da parte financeira, mas faço a mediação com essa área, e depois em termos técnicos é tudo o trabalho de planeamento, concepção e avaliação de toda a informação que vamos usar no projeto, bem como metodologias. Quando se aplica, definição de públicos-alvo, definição de cronogramas, temos projetos que contactam com a população-alvo, precisamos de fazer agendamentos mais ou menos regulares para executar tudo aquilo que o projeto impõe, há aqui, portanto, uma necessidade de existir um cronograma, um cronograma que tanto é do projeto, ou seja, de... de... eventos que são obrigatórios, como um cronograma para a equipa técnica se deslocar ao terreno. Por exemplo, se quisermos fazer ações locais com uma dada população quatro vezes ao mês, nós temos que fazer a gestão de horários, de disponibilidades, eu faço também a gestão	Como coordenadoras de projetos de intervenção social, as suas atividades diárias incidem essencialmente na gestão dos projetos, no que concerne ao planeamento das atividades, gestão de horários, recursos humanos, financeiros e materiais. Por outro lado, também criam contactos com outras instituições e populações alvo para levar a cabo as atividades dos projetos, o que também envolve aqui o trabalho de disseminação dos mesmos.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		dessa parte, fazer a marcação, perceber quais são os materiais necessários, recursos físicos, recursos materiais, recursos humanos, recursos financeiros para... executar esse trabalho.” “E depois todo o processo de avaliação de resultados, disseminação, fazemos também muito, e eu faço no meu dia a dia, a questão de gestão de redes sociais associadas a projetos, portanto preparação de posts para Facebook, Instagram. Também, por vezes, escrevo informações para as newsletters da própria APDES sobre os projetos. Tudo isso faz parte do processo de disseminação, que é para fazer chegar todas as informações dos projetos às instituições parceiras e à comunidade em geral.” “Ok, é que no GiruGaia eu sou a coordenadora de equipa, por isso é que acabo por ter aqui um bocadinho mais as funções de gestão, não só do trabalho que é feito na rua, mas também das próprias pessoas, e também é difícil lidar com pessoas, fazer a gestão das pessoas, por isso acabo por ter que gerir um bocadinho quais é que são as tarefas que estão associadas a cada uma das áreas de intervenção, e os diferentes profissionais que nós temos aqui, definir um bocadinho também timings em que cada um atua e o que é que cada um faz, gerir saídas, horários, além depois da parte do terreno, não é? Porque além de coordenadora também sou técnica e portanto faço todas as tarefas que os meus colegas fazem, acrescentando as tarefas de gestão de equipa e do projeto. Claro que depois temos as partes mais burocráticas, não é? Que é prestar relatórios e informações mais específicas ao ICAE, portanto nós temos que enviar relatórios mensalmente, depois também tem um relatório intermédio, um relatório final em que nós vamos fazendo aqui uma monitorização do projeto e avaliar se estão ou não estão a ser alcançados, e justificar ou se tentarem ou não a ser alcançados.”	
	Competências fundamentais	“Portanto, pessoalmente falando da área de sociologia, em termos metodológicos, que é uma área muito forte em termos de análise de técnicas e de métodos, sobretudo virados para o aprofundamento sociológico e social, consigo aplicar muito dessas metodologias no meu dia-a-dia de trabalho, quando necessário.” “Mas, acima de tudo, eu diria que nesta área de intervenção comunitária e social, muitas das competências que hoje em dia coloco em prática diariamente, não vêm tanto daquilo que eu aprendi durante a minha formação, se bem que é	Relativamente às competências essenciais para o trabalho de coordenadoras e técnicas de intervenção social, as entrevistadas referem que as suas formações académicas (Psicologia e Sociologia) são a base necessária para o desempenho do seu trabalho, principalmente no que diz respeito aos conhecimentos

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		sempre necessário, sobretudo aquela questão, por exemplo, da não generalização de um contexto, portanto ter atenção a não ter as generalizações apressadas, o corte com o senso comum, que é algo que basicamente diariamente temos que fazer no contato com as populações, a análise das regularidades, dos padrões e daquilo que não é padrão e, portanto, fazer esse contraste, não generalizando.” “Mas, tirando isso, eu diria que, para além de todas essas competências mais ou menos técnicas que vêm da nossa formação, eu diria que a soft skill... são aquelas que mais se impõem no trabalho com populações vulneráveis, com projetos sociais. E que quem entra para esta área acaba por ter que aprender e apreender algum tipo de competências e que depois se tornam facilmente o tipo de competências naturais que surgem diariamente para gerir todos os desafios. Gestão de conflitos, diria que é uma das competências. Mais importantes, não só no funcionamento entre equipas, como também no contacto entre técnicos e população. A capacidade de empatia, diria que também é um ponto fundamental. Gestão de conflitos, gestão de crises, sim, e essa questão acho que é importante. Comunicação clara e assertiva. Acho que também são... competências muito importantes no trabalho que fazemos, sobretudo quando lidamos com equipas e estamos em simultânea em vários projetos e temos, por vezes, hierarquias. Acho que a questão da comunicação clara e assertiva é muito importante para evitar aqui falhas na comunicação, esquecimentos, algum tipo de conflito. A questão da resiliência, tem muito que se lhe diga.” “Provavelmente, pelo menos na minha opinião, a soft skills impõe isso muitas vezes. São coisas muito mais importantes do que algumas competências mais técnicas, teóricas ou conceptuais, que trazemos detrás.” “Eu acho que sim, principalmente, assim, enquanto coordenadora de projeto, sem dúvida. Acho que, ok, a parte mais formativa, mais académica, te dá aqui mais à vontade e conhecimentos que tu vais usar como base, mas depois quando estás com a realidade, tens que ter competências mais próprias e também vai muito de acordo com a tua forma de estar, a tua personalidade, a forma como tu lidas com os problemas, com os conflitos e acho que é mais essa parte	metodológicos de intervenção social que estas ciências sociais e humanas proporcionam. Contudo, as mesmas são insuficientes sem determinadas soft skills inerentes ao próprio técnico de intervenção. As coordenadoras referem que no trabalho com populações vulneráveis é preciso uma grande capacidade de empatia, de gestão de conflitos, uma comunicação clara e assertiva, afastamento ao senso comum, gestão e trabalho de equipa.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		depois que vai acabar por determinar o teu comportamento também em equipa e mais a nível de gestão, por isso que eu acho que principalmente a nível de gestão de equipa são soft skills, mas a nível pessoal que tu vais desenvolvendo e não tanto académico.”	
Caracterização dos projetos de intervenção social e comunitária	Natureza dos projetos	“Portanto, o ACIS+, é um curso profissional aqui no município, porque é um financiamento de âmbito municipal e, portanto, só tem esta cobertura geográfica. No fundo, o objetivo é levar conhecimento, sobretudo de âmbito técnico, metodológico, daquilo que é o trabalho diário dos projetos da APDES, mais baseado em intervenção comunitária, redução de riscos e minimização de danos, para esses profissionais que trabalham no município, que trabalham muitas vezes noutras instituições, noutros contextos e que certamente também teriam interesse em fazer crescer as suas competências. Isto porque a APDES tem um percurso também mais ligado à questão da redução de riscos e minimização de danos, é uma instituição-chave aqui no concelho nessa atuação com populações, sobretudo com consumos de substâncias psicoactivas. E, portanto, pretendia levar de forma mais genérica ao concelho esses conhecimentos.” “O Click No Bullying é um projeto que coordena desde novembro de 2023, do qual faz parte também uma equipa diversa, neste caso comigo, socióloga, psicóloga, criminóloga, portanto, e é um projeto que visa a sensibilização, o combate, a literacia digital sobre o problema do cyberbullying nas camadas mais jovens. Portanto, é um projeto que tem como população-alvo jovens que podem ter idades entre 13 e 35 anos. Portanto, é este o nosso público-alvo.” “O projeto, em termos de prática, o que é que visa, quais são os objetivos? O objetivo é tentar implementar em cada país, junto da população alvo, aqui um sistema de atividade física de baixo custo, que tenha aqui uma estrutura, uma rotina e que, de facto, promova a integração das pessoas nessa situação” “(…) o Não Vale TB surgiu muito aqui da necessidade que se foi perceber daqueles dois conselhos Marco de Canaveses e Penafiel terem taxas muito elevadas de tuberculose ainda a ser diagnosticados e aquilo que se tinha verificado é que havia um afastamento muito grande que acaba por ser quase aqui comum estas populações mais vulneráveis também aos	Os projetos PUSH, Não Vale TB e Girugaia incidem numa natureza de educação/literacia para a saúde, redução de danos e minimização de riscos, baseado numa metodologia de intervenção comunitária e de proximidade, ou seja, as equipas técnicas dirigem-se ao ambiente natural das populações alvo com o intuito de promover a integração social das mesmas. O ACIS+ diz respeito a um projeto para a coesão social e emprego, incidindo numa formação profissional para técnicos de intervenção social e comunitária do concelho de Vila Nova de Gaia. O seu objetivo é levar conhecimento no âmbito técnico, metodológico e teórico daquilo que é o trabalho na APDES baseado em intervenção comunitária e principalmente na grande valência de redução de riscos e minimização de danos.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		cuidados de saúde ou seja existem números muito grandes de tuberculose mas os cuidados de saúde não conseguem chegar até aí daí também dar estrategicamente a nossa equipe enquanto uma lógica de redução de riscos nós conseguimos diferenciar-nos das respostas que haviam nos conselhos e em vez de terem de ser as pessoas a procurar os serviços nós íamos encontrar as pessoas nos contextos mais naturais de vida deles íamos nós a tentar perceber quais eram as reais necessidades no terreno ouvidas em primeira pessoa pelos próprios indivíduos e que pudessem existir a esse nível aquilo eram os objetivos de trabalhar nesse projeto.”	
	Financiamento	“Começando pelo ACIS. O ACIS é um projeto que advém de um fundo municipal que foi criado na altura de Covid-19 para dar apoio e incrementar a resiliência de algumas instituições locais.” “E o Click no Bullying é um projeto Erasmus+, de pequena escala, que envolve três parceiros internacionais, Roménia e Turquia” “O projeto PUSH é um projeto Erasmus+ que arrancou em março de 2023” “Sim, a maior fatia do financiamento na parte do GiruGaia é na parte do ICAD, ou seja, o ICAD financia cerca de 80% do nosso projeto e depois 20% tem que ser capitais próprios da APDES, sendo que esses 20% depois podem ser complementados com empresas privadas (...)” “Sim o projeto era financiado pela própria (DGS) e se nós conseguimos ter um projeto na localidade é porque a DGS viu vantagens e o conhecimento que a APDES já conhecia a esse nível mas eu acho que a nível mais local é que depois começava a haver mais essas barragens que eles não achavam tanto que houvesse essa necessidade porque eles acham que o problema já está controlado dentro daquilo que é possível e por isso não é preciso variar muito no tipo de resposta porque eles estão a conseguir dar resposta a tudo aquilo que existe.”	O projeto PUSH e Click no Bullying são projetos Erasmus+, ou seja, são financiados pela Comissão Europeia. Já o ACIS+ é financiado por um fundo municipal (Vila Nova de Gaia). Por outro lado, o Girugaia é financiado na sua grande parte (80%) pelo ICAD, sendo que os restantes 20% são financiados por empresas privadas ou por fundos da própria APDES. Por outro lado, o NVTB é financiado pela Direção Geral de Saúde (DGS).
	Públicos-alvo	“O ACIS+, eu sou coordenadora do ACIS+, desde novembro de 2023 também, pronto, e o ACIS+, é um projeto ao nível municipal que tem como população-alvo os técnicos da área social do concelho de Vila Nova de Gaia, portanto, pessoas da área de psicologia, sociologia, serviço social, educação social,	Os públicos alvo do ACIS+ incide nos técnicos de intervenção social e comunitária das várias instituições do concelho de Vila Nova de Gaia.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		entre outras, que trabalhem em instituições em Vila Nova de Gaia e que envolvam o seu concurso” “Falamos aqui de jovens que, por exemplo, estejam em casos de acolhimento, que sejam acompanhados pelas comissões de protecção de crianças e jovens, as CPCJ's, jovens que possam estar inseridos em territórios, em territórios mais problemáticos, com contextos familiares e educacionais também mais complexos e multidesafiantes e, através deste projecto, tentamos buscar eles e também criar a conta para outros tipos até de necessidades que possam ser comandadas com a nossa intervenção.” “(…)pretende promover o desporto, a atividade física, como um mote. Para a integração social de pessoas que estejam em situações de sem abrigo. No fundo, este projeto baseia-se muito nesta questão da prática, do exercício e da atividade física. Sempre com este propósito de envolver todas as outras dimensões da vida da quotidiana de quem está nessa condição.” “(…) são populações que estão um bocadinho mais afastadas da estrutura de saúde e por isso nós tentamos minimizar um bocadinho aqui este afastamento e acompanhá-los a consultas, tentar que os próprios médicos tenham uma postura mais compreensiva e menos julgadora para com eles.”	O público alvo do Click no Bullying incide em jovens em riscos, como por exemplo jovens que estejam em casas de acolhimento, inseridos em contextos problemáticos, entre outros, em idades compreendidas dos 13 aos 35 anos. No projeto PUSH, a população alvo incide em pessoas em situação de sem-abrigo. No NVTB a população alvo são os habitantes dos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel que estejam em alguma situação de vulnerabilidade física, social, geográfica, etc. No Girugaia falamos de uma população alvo com problemas de consumos de opiáceos.
	Atividades e tarefas	“Sim, foi feito um diagnóstico de necessidades à população, uma ferramenta muito necessária e essencial para conseguirmos também auscultar aqui quais são as verdadeiras necessidades formativas desta população e que de facto vai nos servir como um guia quando esta fase de planeamento das próprias aulas, digamos assim, passarem do papel de uma forma mais real para a prática... E aí teremos à nossa frente, de facto, pessoas que já registaram e demonstraram aquilo que mais necessitam e aquilo que menos necessitam e assim também podemos ajustar quase que uma formação personalizada e mais adequada às suas necessidades viárias.” “Portanto, nós tivemos toda a fase de disseminação, de propaganda, digamos assim, de contacto direto, de recepção de manifestação de interesses e inscrições, mas ainda não tivemos condições imediatas para fazer o projeto avançar na prática.”	

“Para além de coordenar o projeto e o meu papel e enquanto também coordenadora do projeto e técnica. Portanto, nós temos aqui que cumprir uma série de passos, do work it as, que assim se chama-lo, e que inicialmente passam pela concepção dos conteúdos inerentes ao projeto, esta temática de cyberbullying, da literacia digital entre os jovens e para além de todo o contacto necessário e permanente entre os parceiros, etc., que prestam a participação. Envolve o acontecimento de várias ações locais com os jovens e técnicos de juventude. Portanto, é nosso papel tentar formar técnicos de juventude para depois capacitarem jovens em torno desta problemática. Temos como objectivos neste projeto ir por menos duas vezes por mês a locais onde estes jovens possam frequentar ao longo de 6 meses e fazer ações significativas com eles.”

“Nós, recentemente, fizemos... O teste das guidelines do projeto na sala de consumo assistido do Porto, que também é um projeto da APDES, com a população, com os, neste caso, os utilizadores de droga, que se dirigem à sala de consumo assistido e que estão em situação sem abrigo. Portanto, pessoas que também estão numa estrutura de vulnerabilidade social e fragilidade muito visível. E que, segundo o feedback que tivemos, é que o exercício físico também é muito importante para eles. Apesar de só termos feito o teste das guidelines, o feedback que nos ofereceram foi que, se existissem aquelas atividades diariamente ou semanalmente, seria o ideal para eles. Eles demonstraram muita vontade em assim ser. Com a melhoria dos espaços físicos disponível, com criação, por exemplo, de espaços com sombra, espaços mais confortáveis, mais dignos, com também a possibilidade de terem kits de higiene pessoal, de uma forma mais regular, com o reforço da alimentação. A sala fornece kits de alimentação, forneceu nesse dia, mas nós pensámos, obviamente, que quando realizássemos as sessões levar um reforço à alimentação calórica, providenciar os kits para tomarem banho e tentar criar aqui uma rotina, nem que fosse quinzenalmente, semanalmente, de atividades diversas. Nós fizemos atividades de ginástica, de unificação muscular, de futebol e também houve um momento muito intimista e muito necessário também a nosso ver, que foi o facto da professora de Educação Física ter momentos individuais só com um participante, no caso pessoas com algum tipo de deficiência física, com algum tipo de dificuldade de mobilidade, problemas de saúde, muitas vezes pessoas utilizadoras de drogas com mais idade, com

	algum tipo já de problema de saúde física. E a professora utilizou técnicas muito específicas, muito ligadas à fisioterapia, à fisioterapia, ao exercício físico de recuperação, de reabilitação e as pessoas ficaram muito satisfeitas com isso.” “(…)no GiruGaia o nosso o nosso serviço mais essencial é mesmo o programa de substituição opiácea de baixa limitade de exigência ou seja, temos aqui a substituição da metadona pelos consumos de heroína e essa é a base aqui da nossa existência depois temos sempre a parte mais de educação para a saúde literacia, psicossocial apoio também a nível mais psicológico tentamos ser também uma ponte com os serviços de saúde porque é uma população, estas populações.” “(…) depois também temos a parte um bocadinho da distribuição de alimentos ou seja, nós também recebemos alguma alimentação do Banco Alimentar e acabamos também por tentar diminuir um bocadinho a lacuna alimentar que existe por parte dos utentes com alguns bens alimentares dentro daquilo que conseguimos também.” “os objetivos de trabalhar nesse projeto era mover muito a literacia em saúde porque apesar de ser uma doença muito frequente no conselho conseguíamos verificar que havia muita gente que não sabia o que é que era quais eram os sintomas isso também acaba por atrasar não só o diagnóstico como também a procura dos cuidados de saúde se as pessoas não têm conhecimento acabam por normalizar os sintomas e não procurar ajuda por isso a nossa intervenção ia muito no sentido de promover não só algumas informações sobre a doença mas também o próprio rastreio sendo que já acabávamos de ser ali um elemento facilitador porque fazíamos um dos primeiros passos do rastreio que é o inquérito de sintomas que nos permitia realmente fazer o rastreio juntamente também com o rastreio das doenças sexualmente transmissíveis também são um assunto muito tabu e ainda muito pouco falado têm vergonha e tentam não abordar esses assuntos com os médicos de família porque são normalmente pessoas ali da rede muito conhecidas e elas acham sempre que por exemplo por pedir um rastreio já é sugestivo de ter tido um comportamento de risco e acabam por ter um bocadinho mais de medo de ser julgado do que pessoas desconhecidas que são mais de fora e por isso acabava por haver aqui um à vontade um bocadinho maior mas acho que era essencialmente isso promover a literacia a educação para a saúde, o rastreio e o tratamento também	

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		sendo que ali um dos principais problemas também estava relacionado com o consumo de álcool e tentar dedicar também às pessoas como é que o consumo de álcool durante o tratamento da tuberculose também afeta a eficiência do mesmo”	
	Avaliações	“Nós temos algumas metas que temos de cumprir em termos mais quantitativos não sei se é por aí que estás a falar a nível de impacto mais qualitativo o que nós conseguimos perceber nesta população é que por exemplo nós somos quase que uma rede de suporte para esta população nós conseguimos estabelecer uma relação de proximidade que faz com que sejamos figuras de referência para estas pessoas e por isso acaba por ter um impacto muito positivo e muito real, muito diário na vida delas porque precisam de uma qualquer coisa uma marcação de consulta, precisam de medicação nós somos logo a primeira pessoa a quem eles recorrem e por norma nós temos uma resposta também muito rápida que acaba por ser imediato ou à necessidade das pessoas por isso acho que a esse nível consegues logo na rua avaliar esse impacto pois a redução de riscos também temos que tentar perceber que isso não tem pertinência por isso também temos que perceber que um dos objetivos é promover a manutenção da adesão das pessoas ao nosso programa de medicação e regressar aos consumos de de heroína, de cocaína o que seja e a esse nível também conseguimos ter um impacto muito positivo e muito real nos utentes E assim a médio e longo prazo em nível de redução ou até mesmo abandono de consumos de melhoria de qualidade de vida a vários sobre várias variáveis.”	As avaliações dos vários projetos passam apenas por meras avaliações quantitativas, de relatórios finais de prestação de contas e cumprimento de objetivos estipulados pelos financiadores. As condições atuais da instituição, aliadas ao fraco investimento financeiro e ao curto espaço de tempo de duração dos projetos não permite uma avaliação de impacto a médio e longo prazo.
Balanço dos projetos	Pontos Fortes dos projetos	<i>“ Certo nós aqui temos uma característica que nos distingue muito bem que é o facto de sermos aqui a única equipa de rua da parte norte em que nós fazemos uma integração imediata portanto os utentes podem vir ter connosco à carrinha no momento se quiserem integrar o nosso programa de metadona eles fazem isso na hora ou seja, não têm que esperar posteriormente por uma consulta de avaliação da nossa médica isso também faz com que nós consigamos dar uma resposta imediata às necessidades que os utentes apresentam (...)</i> “Sim, olha com pontos fortes eu destacava mesmo o que se foi adotando no terreno o que acabou por nos permitir ter	Os pontos fortes destes projetos da APDES em muito dizem respeito à boa relação criada pelas equipas técnicas com as várias populações alvo e instituições envolvidas. Tudo isto é possível devido ao trabalho de proximidade e em rede realizado pela APDES, interligado com a competência técnica, empatia e eficácia das suas intervenções.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		uma relação muito boa com a própria comunidade e com as instituições também da comunidade, ou seja, nós conseguimos ser aqui um veículo conseguimos ter facilmente acesso às pessoas porque nós conseguimos dar até elas e acabámos por conseguir também um número muito positivo de rastreios, inquéritos de sintomas o que significamos ter um impacto na própria parte da população que pelo menos responde se não fosse com a presença da nossa equipe é feito (...)” “Eu considero que todos estes projetos têm um cariz muito ligado à comunidade e a populações de algo muito específicas, com problemáticas muito significativas e também muito simbólicas na realidade social. É sempre o facto da nossa intervenção ser feita de proximidade, do facto de tentarmos sempre ao máximo irmos nós ao contexto natural das populações, tentarmos adequar o tipo de serviço e de resposta que temos a essas populações, para que consigamos de facto chegar àquilo que é a sua vivência natural dos fenómenos. Depois, como outros pontos fortes, a capacidade destes projetos, apesar de serem muito temáticos, têm de abarcar também, se quisermos, o número elevado de pessoas e portanto ter aqui uma repercussão bastante significativa.” “(…) nós conseguimos, por vezes de forma imediata, perceber uma mudança significativa em algum tipo de comportamento, em algum tipo de prática, em algum tipo de aspeto do seu dia a dia. E isso é sempre o mais recompensador para nós. Enquanto equipa técnica, de facto, gerar mudança social, minimizar os riscos e também reduzir os danos, muitas vezes, daquilo que são outras práticas mais nocivas ou que possam comprometer todo o processo daquela pessoa.”	
	Pontos fracos dos projetos	“olha, como pontos fracos, temos as vezes acho que já tem vindo a melhorar também por o trabalho que tem sido feito pela equipa técnica mas às vezes as relações institucionais são muito burocráticas ainda, portanto nós temos aqui uma população vulnerável que não tem o mesmo tipo de paciência por exemplo, ou o mesmo tipo de capacidade de tratar de papelada o que seja que nós temos e muitas das vezes, sei lá temos um utente que precisa de uma consulta de dermatologia até conseguirmos ter um utente que tenha realmente a consulta, passa aqui um tempo que é absurdo e que nós também não conseguimos colmatar porque há uma baixa de adesão do utente ao serviço, chega lá e tem que	Os pontos fracos dos projetos dizem respeito, segundo as coordenadoras, a problemas de financiamento, uma vez que segundo as mesmas o investimento nunca é suficiente para colmatar todas as necessidades encontradas no terreno. Por outro lado, o fator tempo dos projetos também se apresenta como um dos maiores entraves, uma vez que a curta

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		estar imensas horas à espera, pronto, isso acho que devia haver aqui quase que uma via verde mais da articulação entre os serviços para tentar maximizar também a resposta ao utente.” “(…)em termos de pontos fracos deixa-me pensar o financiamento também o financiamento é insuficiente, acaba por nos limitar quer na atuação que temos com os próprios utentes, quer na exploração de novas locais, por exemplo, de intervenção nós sabemos que Gaia é um território muito grande, nós abrangemos uma parte, mas sabemos que existem ainda muitos locais que estão a descoberto e sem a nossa intervenção o baixo financiamento também a nível dos técnicos as remunerações não são como as pessoas gostavam o que faz também com que seja muito instável a equipa, quer a nível de enfermagem, quer a nível de técnicos mesmo e acho que é isso.” “(…) por outro lado como pontos fracos, eu salientava muito o facto de haver ainda muita há uma palavra que agora não me estou a usar, sei lá, cétricos é isso, os cuidados de saúde públicos acabam por ser ainda muito cétricos à intervenção que a nossa equipa fazia por isso acho que acaba por haver ali quase uma perspetiva de competitividade eles olhavam muito ainda para as respostas que existem além das respostas públicas como questões de números, não é? que iam depois ser números da instituição mais pura e não conseguiam olhar tanto para nós como um complemento à resposta que já existe e portanto isso fazia com que houvesse maior resistência, por exemplo, não estou a observar o aumento de protocolos tentarmos ter relações mais com o próprio centro de diagnóstico pneumológico para fazermos tomas, fazermos por exemplo, o contacto de indivíduos que tivessem tuberculose latente para tentar apoiá-los também a esse nível e acho que foi mesmo a principal dificuldade do projeto foi isso, haver uma resistência ainda por parte dos cuidados de saúde quanto à nossa abordagem e ver-nos como uma competitividade” “Em termos de pontos mais frágeis dos projetos, eu falo sempre nisto, e acho que tem muito a ver com a questão tempo e dinheiro. No sentido de tempo e financiamentos. Como nós sabemos e já falámos no início da entrevista, são projetos que dependem de candidaturas, de financiamentos, de apoios estatais, muitas vezes próprias alterações de governo, de cor política, podem influenciar ou não aqui o	duração dos projetos afeta o impacto que seria possível alcançar positivamente. As coordenadoras afirmam que nomeadamente no NVTB e PUSH, as populações alvo beneficiaram em muito com um trabalho mais contínuo e não com uma mera prestação de serviços.

nível de aceitação de determinados temas na agenda política... E sobretudo na área social. Conseguimos perceber que em termos políticos há interesses muito distintos quando se fala, por exemplo, de consumo de drogas, apoios sociais, subsídios sociais, portanto há aqui quase que andar em pés de lã a tratar determinadas problemáticas porque nem sempre, e em certos contextos políticos que nós vivemos, não são a favor de existir muitos financiamentos para essas finalidades.”

“São projetos que, para quem trabalha no terreno, normalmente são muito curtos. São projetos por vezes de um ano, um ano e meio, dois anos, mas que, para quem trabalha na área social, são termos curtos para se de facto incutir e impactar na comunidade. Normalmente precisaríamos sempre de mais tempo para criar um planeamento, uma concessão, tecnologias de avaliação de facto robustas, significativas e muitas vezes o que nos apercebemos é que quando damos por ela o projeto está a terminar e sentimos falta de haver ali mais algum tempo para conseguirmos colocar em prática o que pretendemos. E os financiamentos acabam por ser escassos, não é? Apesar de ainda existirem algumas linhas de financiamento, algumas candidaturas, acabam por ser muito também aquilo que esteja em foco na agenda política e também aquilo que possa ter importância ou não em determinado contexto para ser aceite e financiado.”

“Apesar de tudo, considero que mesmo esta área mais ligada à intervenção comunitária acaba sempre por ter algum tipo de resultado, de financiamento, mas é sempre muito escasso. São populações que têm muitas necessidades aos vários níveis. Os contextos de trabalho e de gestão de projetos também muitas vezes necessitam de diversos recursos humanos e recursos materiais... e portanto acho que a questão do tempo e de financiamento são centrais para que os projetos pudessem ter uma visão mais a longo prazo. E as pessoas que trabalham nos projetos também pudessem ter essa visão e conseguissem sentirem-se também mais consistentes, mais estáveis, com um impacto significativo. Sem pensar que amanhã já é o término, não é? É um bocadinho por aí...”

“Mas, infelizmente, a realidade é que muitas vezes quando os projetos terminam, existe um corte bastante substancial com aquilo que foi o nosso trabalho e objeto de trabalho. As populações com quem trabalhamos, portanto, quando

termina um projeto de financiamento, o contacto fica por ali. O que, a meu ver e creio também que para a maioria dos técnicos desta área, realmente é uma falha muito significativa. Porquê? Porque depois, quando existir, porventura, outra candidatura ou outro projeto... vamos ter de partir do zero. Ao invés de uma linha de continuidade. Mas lá está, voltamos ao mesmo assunto: a questão do tempo e do dinheiro. Em termos de financiamento, como são algo limitados, acabam por limitar também a nossa... o nosso papel, a nossa presença e a nossa capacidade de ter uma avaliação contínua sobre essas populações. Porque não existindo recursos, o projeto terminando... temos de ficar por ali. Infelizmente. Portanto, as populações são provavelmente quem mais acabam por acarretar riscos e lacunas porque chega ali àquela fase, onde também deixam de ter o nosso acompanhamento.”

“Os projetos, muitas vezes, devido a várias variáveis, são sujeitos a adiamentos, a mudanças de equipa, seja por causa de algo específico. E muitas vezes essas alterações temporais, fazem com que, por exemplo, se condense no tempo algo que seria para ser mais alargado e portanto há aí quase uma pressa para conseguir cumprir com todos os propósitos. E como disse há pouco, daquilo que é a prática dos técnicos de intervenção social, é preciso haver um *modus operandi* mais permanente e não... um *modus operandi* de conseguir cumprir com alguns passos, objetivos e depois ficar estancado quando termina o projeto. Eu penso que isso é um dos pontos talvez negativos dos projetos e que por exemplo não se compactua com a natureza das populações alvo, com a natureza dos problemas alvo, que são tão sensíveis e complexos e muito desafiantes, com as quais trabalhamos e que exigiam assim de forma mais digna e abrangente, completa e confortável... equipas técnicas que lhes dessem também a confiança para verem em nós uma potencial mudança para eles. ok? Esta questão dos projetos serem muito condensados no tempo e de correrem por vezes atrás da parte quantitativa... que é também muito importante, certo. Mas que também nos limita de outros aspetos que seriam bastante, bastante importantes.”

Anexo 4 - Grelha de análise de conteúdo dos diários de campo

Anexo 4.1 - Grelha de categorias de análise de conteúdo dos diários de campo

Grelha de categorias de análise de conteúdo dos diários de campo			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento		
	Aplicação/descrição		
	Análise e reflexão ¹²		
Interações	Entre a equipa		
	Entre equipa e população-alvo		
População-alvo	Descrição		
	recepção/reação		

¹² Nesta subcategoria estão presentes análises e reflexões teóricas e metodológicas dos projetos

Anexo 4.2 - Grelha de análise de conteúdo do Projeto ACIS+

Grelha síntese de diário de campo: ACIS+			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento	“As expectativas com o ACIS+ estão altas. Hoje a J estipulou algumas tarefas para a primeira quinzena de janeiro: ● Pensar no plano de monitorização e avaliação do final de cada módulo do ACIS+, assim como pensar nos métodos de avaliação (qualitativos e quantitativos), de forma a podermos estabelecer uma avaliação contínua do programa e do projeto em geral. ● Manutenção da drive do ACIS+ - atualizar semanalmente com documentos para o servidor da APDES; ● Iniciar via telefone os contactos com todas as entidades filtradas, até dia 5 de janeiro; ● Por fim, enviar emails às entidades, com o convite e informações sobre o ACIS+” (3 de janeiro de 2024) “O meu plano para hoje foi iniciar o plano de monitorização e avaliação do ACIS+. Para tal, voltei a ler a proposta do ACIS+, no que estaria assente a avaliação do mesmo. Formalizei uma tabela com a divisão dos vários módulos e blocos formativos do programa, onde defini os critérios de avaliação de cada um.” (3 de janeiro de 2024) “De seguida avancei para a avaliação do programa em si, onde me baseei na leitura dos materiais de MII, mais concretamente do módulo de intervenção social. Com isto, dividi a avaliação do ACIS+ em 3 fases:	Foi no planeamento que as tarefas desenvolvidas no estágio, no âmbito do projeto ACIS+, ocorreram. O primeiro grande desafio foi criar panfletos informativos sobre a formação e dos seus vários módulos, sendo que para tal foi realizada uma revisão da literatura sobre as várias temáticas. Por outro lado, o mais entusiasmante foi elaborar os planos de monitorização e avaliação do projeto, dando uso aos conhecimentos e ferramentas que a formação em Sociologia oferece sobre estas temáticas. A avaliação foi dividida em 3 fases: avaliação prévia (diagnóstico/auscultação de necessidades); avaliação intercalar e avaliação final (dos módulos e do projeto). Por fim, também foram elaboradas publicações e textos para divulgação e disseminação do projeto e do inquérito de auscultação de necessidades.

		1. Avaliação prévia (diagnóstico) - onde inseri o inquérito de auscultação e diagnóstico da população formanda do ACIS+, que desenhei no início do estágio. Neste pretende-se Verificar a viabilidade e o rigor da conceção do projeto e pensar na planificação inicial (o que orientou ou motivou o projeto?) – os termos de referência - o que se tinha antes do projeto? qual a situação de partida? 2. Avaliação intercalar, de acompanhamento ou ongoing: Verificar desempenho intercalar dos vários módulos de formação e determinar o que se quer avaliar, por parte dos vários intervenientes no projeto - o que faz o projeto diariamente? 3. Avaliação final - do projeto em si (qualidade/eficácia da formação e do desempenho da instituição) Aqui inseri o plano de critérios que já referi e desenhei um inquérito pedagógico a aplicar aos formandos no final de cada módulo, com o intuito de avaliar a satisfação dos formandos com as temáticas do módulo, com o processo das aulas, com o formador em questão e tentar perceber o efeitos imediatos do que foi lecionado no módulo.” (3 de janeiro de 2024) “Na parte da manhã estive a aperfeiçoar o meu trabalho no plano de monitorização e avaliação, num sentido mais estético, pois ia apresentar às colegas do ACIS+ o que já tinha realizado até ao momento. Além disso continuei as leituras sobre o tema para ter um desempenho mais rico.” (4 de janeiro de 2024) “Depois disso comecei a última etapa do plano de avaliação - o inquérito final de satisfação do programa.” (9 de janeiro de 2024) “Reunião J: Combinamos lançar uma segunda ronda de emails sobre o inquérito do ACIS+, dada a falta de adesão ao primeiro envio, assim como um possível possível envio aos indivíduos que já demonstraram	

		interesse no programa de forma a afunilar mais a nossa amostra, alterando um pouco o tipo da mesma (deixa de ser tão aleatória e abrangente).” (29 de janeiro de 2024)	
	Aplicação/descrição		
	Análise e reflexão	“No entanto, esta tarefa demonstrou-se um pouco complicada porque não está em minhas mãos definir a valência de cada critério de avaliação (assiduidade, testes, participação e trabalhos práticos).” (3 de janeiro de 2024) “Além disso, falamos também sobre a quantidade de respostas que já tivemos do ACIS+, que são já números muito positivos. No entanto, deparamo-nos com outras questões menos boas, que é a questão dos formadores. Os formadores ou “facilitadores”, como as colegas queriam designar, devem ser os próprios técnicos do ACIS+, pois o propósito do programa é trazer para fora os conhecimentos da APDES. No entanto, começamos a deparar com uma impossibilidade horária dos colegas da APDES, pois a sua participação levaria a horas extra, sobrecarga horária e isso está a tornar tudo mais difícil. Não sabemos como nos vamos livrar deste problema por enquanto, pois isso está dependente de decisões da direção.” (9 de janeiro de 2024)	As tarefas do ACIS+ revelaram-se desafiantes e produtivas, contudo, a maior dificuldade foram encontradas nos entraves institucionais, onde determinadas burocracias impossibilitaram o arranque efetivo do projeto.
Interações	Entre a equipa	“Logo de seguida a colega C juntou-se à reunião ACIS+, nesta reunião estive a mostrar o meu trabalho, que as deixou satisfeitas, acho que fiz um bom trabalho com a reação delas. Acho que até já tinha feito mais do que a J estava à espera, pois ela referiu que era interessante fazer um inquérito pedagógico a cada módulo, que seria algo a trabalharmos, coisa	As interações entre a equipa do ACIS+ sempre foram fluídas e produtivas, habitando um ambiente de entreajuda e apoio. Ao longo do estágio foram realizadas várias reuniões e conversas

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		que eu já tinha para lhes mostrar, foi isso que as deixou contentes e impressionadas.” (4 de janeiro de 2024) “Além disso falamos sobre os contactos com as instituições, algo que nos estava a deixar preocupadas pois não estamos a ter grande resposta por parte das instituições. Nesse momento questionei se o contacto através dos responsáveis com as instituições era o mais adequado, pois basta o responsável não se demonstrar interessado, para meter em causa a participação dos seus trabalhadores (que poderiam muito bem querer participar). Após isso, decidimos investir mais na divulgação através das redes sociais, tanto o instagram como o linkedIn.” (4 de janeiro de 2024) “Quando voltei, eu e a J começamos a focar sobre as conversas com a T, porque antes de eu “interromper”, elas falaram sobre o ACIS+.... que está ainda pior do que se esperava. Agora, além da falta de disponibilidade geral dos colegas da APDES, enfrentamos a obrigatoriedade dos formadores terem precisamente a certificação de formadores, o que poucos na APDES têm.... C A O S. ISTO SÓ PIORA!” (9 de janeiro) “Enviei msg à J a informar que o acabei e para quando ela puder me dar algum feedback. Ao que ela me responde que ia ver hoje e me dizia algum feedback amanhã.” (9 de janeiro de 2024)	sobre o planeamento do projeto.
	Entre equipa e população-alvo	“Além disso falamos sobre os contactos com as instituições, algo que nos estava a deixar preocupadas pois não estamos a ter grande resposta por parte das instituições.” (4 de janeiro de 2024)	As interações entre a equipa e a população alvo foram sempre realizadas à distância, quer via correio eletrónico ou pelas redes sociais
População-alvo	Descrição		descrito na análise ao inquérito de necessidades

	recepção/reação	“Além disso falamos sobre os contactos com as instituições, algo que nos estava a deixar preocupadas pois não estamos a ter grande resposta por parte das instituições.” (4 de janeiro de 2024)	A recepção da população alvo ao ACIS+ foi sempre escassa, principalmente quando contactamos diretamente as instituições de interesse. No entanto, a adesão e interesse no projeto revelou-se maior através da divulgação nas redes sociais, neste caso a título particular.

Anexo 4.3 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto Não Vale TB

Grelha síntese de diário de campo: Não Vale TB

Grelha síntese de diário de campo: Não Vale TB			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento		Não houve responsabilidades ou interação neste âmbito. O planeamento das atividades já estavam feitas pela restante equipa técnica e coordenação responsável, incidindo num plano interventivo estruturado pronto a implementar nos vários contextos. Contudo, existe documentação proporcionada pela equipa relativamente ao planeamento das atividades. As mesmas serão alvo de análise documental.
		“Eram pouco antes das 10h da manhã quando chegamos ao ASSCD Rans, onde demos mais duas sessões de Não vale TB.”(20 de dezembro de 2023) “A sessão foi muito mais interativa fisicamente, além da linguagem ter sido muito mais infantilizada	As atividades realizadas no âmbito do NVTB incidiram maioritariamente em saídas de campo (9 saídas de campo). Nestas saídas de campo acompanhamos a equipa técnica nas suas intervenções comunitárias e de proximidade,

	Aplicação/descrição	quando se falava do vírus da tuberculose e de todos os cuidados a ter. Houve até uma atividade, com as crianças, com perguntas de verdadeiro ou falso + qual a pergunta certa, referentes à tuberculose, onde as crianças tiveram de se meter em fila indiana e após efetuada a pergunta, as crianças tinham de ir para a esquerda ou para a direita, consoante a resposta que achavam correta, apresentada no power-point da APDES” (20 de dezembro de 2023) “Após terminada a sessão matinal com as crianças, deslocamo-nos até um café no centro da vila, que está sinalizado pela DGS, como um local de grande risco de contágio. No mesmo fomos entregar um cartaz sobre o “Não Vale TB”, que tinha algumas informações sobre a tuberculose e algumas medidas de prevenção. Depois do almoço, iniciamos a sessão com os idosos da mesma associação, por volta das 14h. A sessão voltou aos moldes de Marco de Canaveses, com o mesmo powerpoint.” (20 de dezembro de 2023) “Após a sessão, iniciamos os inquéritos de sintomas à tuberculose, os rastreios às DSTs, a medição dos diabetes e da tensão.” (20 de dezembro de 2023) “Hoje deu-se mais uma saída de terreno do Não Vale TB. O destino foi o centro de Penafiel, numa Universidade sénior mesmo no centro da cidade, chamada ADISCREP. No entanto, a primeira paragem, por volta das 11:30, foi na ótica onde trabalha o presidente de uma junta de freguesia de Penafiel, onde falamos com o mesmo relativamente a uma possível ação de terreno do NVTB” (22 de janeiro de 2023) “Após o almoço da equipa técnica, passamos por um café de um grupo folclore da zona, onde achamos que seria um local interessante para fazermos uma ação Não Vale TB.” (22 de janeiro de 2023) “Após a apresentação interativa sobre a	integrando as funções da equipa nas suas atividades. As mesmas incidiram na exposição à população alvo de uma apresentação sobre a tuberculose, tendo em conta os seus sintomas associados, formas de prevenção e de intervenção, entre outras curiosidades. Desta forma, perspetiva-se o aumento da literacia da comunidade sobre esta doença que tanto afeta os concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel, procurando promover boas práticas de saúde e cuidados. Além desta exposição sobre a tuberculose, também foi feita uma apresentação sobre DSTs, a pedido de uma das instituições visitadas. Isto pois, além da apresentação de sensibilização, a equipa do NVTB realiza inquéritos de sintomas à tuberculose e rastreios a DSTs. Por isso, através de uma exposição sobre algumas das doenças sexualmente transmissíveis, é possível aumentar o alerta sobre as mesmas, ativando a população para um maior cuidado sobre DSTs e aumentado também o seu interesse pelos rastreios oferecidos. Por fim, também era tarefa da equipa técnica medir tensões e glicose. No âmbito do NVTB também foi marcada presença no seminário final do projeto, que ocorreu no CIM, em Penafiel. Este dia foi voltado para um seminário sobre a Tuberculose em todas as suas valências. Na mesma estiveram presentes inúmeros atores como profissionais de saúde, investigadores, atores políticos locais, técnicos sociais, entre outros interessados na questão. Aqui também foram apresentados os resultados imediatos desta segunda edição do NVTB pela equipa técnica responsável.

tuberculose, avançamos para a realização dos inquéritos e rastreios de doenças infecciosas, medição de diabetes e tensões. Hoje fiquei encarregue de fazer os inquéritos de sintomas, enquanto a colega C e a supervisora J faziam os rastreios”

“Saída ao 12:30 em Gaia - chegada às 14h ao local - SAAS da Associação da Figueira + PRI - onde era a antiga junta de freguesia de Milhundos (Penafiel), que foi disponibilizada apenas para o evento da ação do Não Vale TB.” (31 de janeiro de 2024)

“Nesta visita a Vila Cova apenas estava programado realizar os inquéritos de sintomas e os rastreios às DSTS, não sendo proposto fazer a apresentação de sensibilização. Sendo assim, montamos na sala disponibilizada 3 postos, ou melhor, 3 mesas, onde eu, a C e a J íriamos estar cada uma - a J e a C faziam os rastreios ao mesmo tempo que faziam o inquérito ao mesmo tempo. Por outro lado, eu inquiria os restantes e caso os idosos tivessem interesse em fazer rastreios, pedia que esperassem um pouco lá fora para quando as colegas estivessem disponíveis para realizarem os mesmos.” (19 de fevereiro de 2024)

“A meio da sessão, a C teve de ir a correr para Luzim, a freguesia do lado, onde também estava programado irmos nessa manhã, mas devido aos atrasos e à afluência de pessoas em Vila Cova, tivemos de dividir a equipa desta forma, para que fosse possível realizar os inquéritos e rastreios nas duas localidades.” (19 de fevereiro de 2024)

“Da parte da tarde, dirigimo-nos à Casa do Povo de Peroselo + Associação de pedreiros onde realizamos a sessão de apresentação a quase 40 pessoas”

“Após terminada a apresentação, avançamos para a aplicação dos inquéritos de sintomas apenas, visto que o público não parecia muito interessado nos

rastreios, além da questão de horários, pois não íamos ter tempo para realizar tudo tendo em conta o cumprimento dos horários dos idosos e da instituição em si” (19 de fevereiro de 2024)

“Hoje foi o seminário de encerramento do projeto NVTB, no CIM, Penafiel. Hoje tive de me levantar muito cedo, cheguei ao Porto por volta das 8h, sendo que tinha de ir de metro até à estação da Senhora da Hora para ter boleia da T, uma das diretoras da APDES, juntamente com a J, a C e o próprio Q, diretor da APDES.” (23 de fevereiro de 2024)

“Voltando ao NVTB, o seminário contou com sessões da parte da manhã e da parte da tarde, tendo início às 9:45. O seminário foi iniciado por uma sessão de abertura, contando com a presença de TP, secretário executivo da CIM do Tâmega e Sousa; DO, Vereadora do Município de Penafiel; PA, Vice presidente da Junta de Freguesia de Sande e NR, presidente da Junta de Freguesia de Duas Igrejas” (23 de fevereiro de 2024)

“O segundo painel foi composto por IC, diretora do programa nacional da tuberculose, que veio elucidar o presentes (cerca de 40 pessoas) sobre a problemática da tuberculose em Portugal, através de dados estatísticos nacionais e europeus, demonstrando que esta região do Douro, Tâmega e Sousa está acima dos níveis europeus, o que é muito preocupante.” (23 de fevereiro de 2024)

“O painel 3, foi mais científico, contando com profissionais de saúde: FC, médico de família do ACES Tâmega; RR, serviço de infecciologia do Centro Hospitalar do Tâmega e Sousa e SR, enfermeira do Centro de Diagnóstico Pneumonológico de Paços de Ferreira” (23 de fevereiro de 2024)

“Os oradores foram: CM, SAAS de Rio de Moinhos; SB, Centro Social de Abragão e JS, Associação Profissional dos Trabalhadores das Pedreiras.” (23

de fevereiro de 2024)

“De seguida, as colegas J e C , vieram apresentar os resultados imediatos do NVTB, com algumas estatísticas dos inquéritos e rastreios realizados, assim como uma demonstração visual do trabalho do NVTB, como todas as localidades e instituições que fomos e quantas pessoas conseguimos alcançar. Os resultados demonstraram-se positivos, ainda que tenha havido alguns entraves que se espera que sejam ultrapassados caso haja uma terceira edição do NVTB.

Por fim, para encerrar o seminário, contamos com a participação do Q, presidente da APDES e da RD, do Centro de Referência para a tuberculose multirresistente da Região Norte de Portugal da ARS.” (23 de fevereiro de 2024)

“Hoje foi o último dia do NVTB, apesar de já termos feito o seminário final, que representaria o término do projeto, houve interesse por parte de algumas instituições para fazermos as nossas atividades no mês de março. Desta forma, saímos uma última vez até à Santa Casa da Misericórdia de Penafiel, mais propriamente ao Gabinete do Rendimento Social de Inserção do mesmo.” (14 de março de 2024)

“Neste local não realizamos a habitual apresentação de literacia para a saúde, pelo que acabamos por fazer apenas inquéritos de sintomas e alguns rastreios, sendo que pouco aderiram a estes últimos” (14 de março de 2024)

“Da parte da tarde deslocamo-nos até ao Centro de Desenvolvimento de Lagares, uma freguesia muito rural de Penafiel. O centro era bastante dinâmico e desempenhava diversas funções de apoio social e a diferentes faixas etárias. Mais uma vez, a população com quem lidamos hoje eram pessoas em idade ativa, subsidiados pelo RSI. Aqui em Lagares fizemos duas apresentações, a primeira incidiu na típica apresentação da tuberculose (...)” (14 de março de

		2024)	
		“Após a apresentação da tuberculose, fizemos uma apresentação sobre DSTs, a pedido das técnicas do Centro. Nesta apresentamos uma breve explicação das 4 doenças infecciosas às quais fazemos os rastreios nestas saídas do NVTB” (14 de março de 2024)	
	Análise e reflexão	“Não obstante, foi uma ação muito produtiva e enriquecedora. Esta sessão, uma vez que foi vocacionada para um público tão jovem, a apresentação e todo o discurso teve de ser adaptado para eles, algo que eu não estava de todo habituada pois nunca tive qualquer contacto e experiência com estas faixas etárias.” (20 de dezembro de 2023) “Mais uma vez deparamo-nos com a problemática de utentes com claros problemas cognitivos se voluntariarem para realizar os inquéritos, sendo que não faz sentido fazer inquéritos a pessoas com quadros clínicos com problemas neurológicos e mentais, uma vez que não têm autonomia nem capacidades para responder ao inquérito sem qualquer tipo de acompanhamento. No entanto, os mesmos faziam questão de ir ter connosco e as responsáveis da associação não tiveram qualquer cuidado em controlar a situação. Tirando isso, no geral os inquéritos e os rastreios correram de forma positiva, apesar de estarmos sempre a ser confundidas com enfermeiras ou médicas, algo que é compreensível tendo em conta a natureza das nossas ações. No entanto, isto apenas demonstra a polivalência dos técnicos das ciências sociais e humanas, pois os rastreios são possíveis de ser efetuados com uma pequena formação gratuita que muitas entidades disponibilizam. O central da ação, a preocupação com a saúde comunitária, é da preocupação dos técnicos da intervenção social e não das ciências naturais. Aqui denota-se a importância dos serviços do terceiro setor e principalmente da intervenção comunitária.	As várias atividades tiveram altos e baixos. Por um lado foi interessante trabalhar com diferentes faixas etárias e com públicos provindos de contextos socioeconómicos diferentes, enriquecendo toda a experiência de intervenção social e comunitária. Adicionalmente, também foi possível perceber os impactos que este tipo de intervenção traz para a população alvo, tendo isto em conta realçamos os inquéritos de sintomas da tuberculose aplicados aos públicos idosos, uma vez que muito mais do que um rastreio inicial para a doença, estes tornavam-se um diálogo intenso sobre a vida dos vários indivíduos. Através destas conversas conhecemos muito da vida destas pessoas, percebendo muitas vezes os problemas pessoais dos mesmos, tais como problemas familiares, exclusão e isolamento social, problemas psicológicos, entre outros. Foi muitas vezes visível a necessidade e prazer destes idosos terem alguém com quem falar sobre as situações mais quotidianas, de serem ouvidos, uma vez que alguns deles sentem-se sozinhos e esquecidos. É aqui que se ressalta a importância da intervenção comunitária de proximidade, pois assim é possível cuidar destes indivíduos com mais atenção do que aquela que os serviços de saúde públicos

Além da importância que tem para a saúde física das populações vulneráveis, também traz benefícios para a saúde mental das mesmas, pois os indivíduos sentem-se ouvidos e sentem que há quem se importe com eles.” (20 de dezembro de 2023)

“Chegada a hora do início da sessão, noto que o grupo de idosos em questão não era de todo semelhante ao que já estava habituada nas anteriores ações que acompanhei no NVTB. Honestamente já estava à espera que este grupo fosse mais autónomo e independente, visto que estávamos numa Universidade sénior, onde os indivíduos normalmente são pessoas 100% capazes e com outro tipo de dinâmica social. O grupo era grande, em volta de 25 pessoas, onde todos se demonstraram interessados e faladores relativamente à sessão. Durante o desenrolar da sessão fomos percebendo que grande parte dos alunos presente eram professores reformados, ainda cheios de vida, críticos e motivados por aprender e debater sobre inúmeros tópicos. Da mesma forma, também foi possível perceber que os mesmos pertenciam a uma classe social mais avantajada e estável, não só pelo grau académico dos mesmos mas como pela forma que se apresentavam e exprimiam sobre as suas vidas. A sessão foi como nenhuma outra, onde em vez de me deparar com um silêncio constrangedor, foi notório um barulho ensurdecedor de conversas paralelas entre os alunos, como se fosse uma turma de alunos do secundário.”

“Desta vez não gostei tanto da interação com os idosos na realização dos inquéritos” (22 de janeiro de 2024)

“Apesar de grande parte do grupo, no passado, já ter tomado a vacina e ter feitos diversos rastreios para a tuberculose - uma vez que ficamos a saber que no passado os professores precisavam destes requisitos para se candidatarem aos cargos públicos - este foi o

conseguiriam oferecer

No entanto, foi possível denotar alguns aspetos negativos como a falta de cuidado de preparar os locais das sessões por parte das equipas das instituições visitadas. Além da falta de privacidade na realização dos inquéritos de sintomas e dos rastreios às DSTs, assim como a falta de material de preparação e às vezes até de espaço e de cadeiras para os grupos alvo, realço a falta de cuidado de triagem dos indivíduos. Com isto expresse a necessidade de exclusão dos indivíduos portadores de determinadas necessidades especiais que os tornam dependentes, tornando o ato de responder a inquéritos de sintomas e de realizar rastreios de forma independente altamente não ético. A partir disto também enfatizo a necessidade da equipa do NVTB de ter algum tipo de consentimento informado na realização destas atividades, assim como uma folha de informação ao participantes, de forma a salvaguardar tanto a equipa técnica, a instituição e principalmente o utente.

grupo onde verifiquei maior necessidade de encaminhamento para rastreios de tuberculose. No entanto, não foram registados quaisquer problemáticas nos rastreios das DSTs e diabetes, somente algumas tensões altas” (22 de janeiro de 2024)

“As duas técnicas não tiveram qualquer cuidado em preparar as atividades. Ora veja-se:

- Não havia projetor (mesmo tendo sido informado que haveria uma apresentação com power-point e que era preciso um projetor);
- Não havia cadeiras suficientes para os utentes presentes;
- Não havia um local apropriado para realizar os rastreios (sala, canto, cadeiras) que promovessem a individualidade e privacidade necessários;
- Não foi realizada uma comunicação prévia e informada sobre as atividades a realizar;
- Não estiveram interessadas e atentas durante a sessão - havia demasiadas conversas paralelas e interrompemos a sessão a pedir silêncio inúmeras vezes, uma vez que as técnicas estavam a mexer nos telemóveis e não impunham ordem nos seus utentes;
- No final da sessão, apesar do nosso comunicado para dinamizar a participação dos inquéritos e nos rastreios, os utentes, em grande parte, começaram a ir-se embora;
- As técnicas começaram a distribuir um inquérito (não sabemos sobre o quê) e não explicaram aos utentes que esse não era o inquérito explicitado da APDES;
- Iniciámos os inquéritos e rastreios mas tivámos uma mísera adesão de apenas 4 rastreios e meia dúzia de inquéritos realizados.” (31 de janeiro de 2024)

“O secretário era um senhor bastante afável e compreensivo, preocupado com o seu trabalho e com as pessoas da sua região, tendo sempre apoiado o nosso programa no que fosse necessário. Por outro lado, já a vereadora era a típica política que muito fala e pouco faz, tinha um discurso muito vago e mal informado, repleto de estereótipos sobre os trabalhadores das pedreiras e de outros habitantes da região, foi uma presença um tanto desagradável, além de nunca se ter demonstrado disponível e apoiante do NVTB, apesar de ter vindo para o seminário falar como se tivesse feito muito. Os restantes eram uns fofos e pareciam preocupados com as pessoas das suas freguesias, honrando o trabalho do NVTB e comprometendo-se a investir na saúde pública dos seus fregueses.” (23 de fevereiro de 2024)

“Os profissionais presentes tiveram uma excelente contribuição, o Dr F era bastante jovem e tinha uma postura bastante preocupada com a questão da tuberculose e tinha bastantes pontos a referir sobre o que estava a ser mal feito no sistema de saúde quanto a esta questão. Os outros dois participantes também foram bastante cruciais para o entendimento de alguns entraves no seu trabalho, nomeadamente a falta de meios e profissionais nestas instituições que impossibilitam uma melhor resposta do sistema para as necessidades dos utentes e da saúde pública em geral.” (23 de fevereiro de 2024)

“O painel 4 foi o mais “fraco” sendo que as pessoas dos painéis não prepararam quase nada para falar, fiquei a entender que eles nem deveriam saber o que era suposto eles virem para ali fazer.” (23 de fevereiro de 2024)

“Este último era um senhor humilde que trabalhou nas pedreiras desde os 7 anos de idade, sendo que hoje é uma figura importante no que diz respeito à luta por melhores condições de trabalho desta

		profissão, tendo já reivindicado várias peças importantes para o aumento da qualidade de vida destes profissionais. Os restantes apenas deram um contributo com a explicação do seu trabalho nas instituições a que pertencem.” (23 de fevereiro de 2024)	
Interações	Entre a equipa	“Inclusivamente, a J, na viagem de volta para Gaia, veio a contar-nos o testemunho de uma senhora, a dona F, a senhora que mais comunicou connosco durante a sessão informativa (...) São estas e outras histórias que vamos conhecendo ao longo do Não Vale TB, vamos percebendo que muitas vezes as necessidades destes indivíduos passam por simplesmente serem ouvidos e compreendidos.” (20 de dezembro de 2023) “Por outro lado, a colega C enviou-me mensagem a questionar sobre um inquérito de sintomas que realizei a um idoso do ASSCD de Rans, uma vez que ele apresentava dois sintomas dos 5 da tuberculose (Tosse e expectoração). Expliquei que o senhor me explicou que fumou durante muitos anos e que por isso ficou com problemas na garganta, causando-lhe tosse e expectoração. Não sei se mesmo com esse esclarecimento há motivo de encaminhar o senhor para uma consulta de rastreio da tuberculose ou não, as colegas vão decidir. Isto é um aspeto a ter mais atenção nas próximas saídas de terreno do Não Vale TB. “Nesta sessão de inquéritos, realizei apenas 4, o que foi muito pouco em comparação com as minhas colegas, mas isto aconteceu porque as senhoras que me calharam eram extremamente faladoras e eu não fui capaz de as “despachar” e honestamente sentia que estava a fazer um melhor trabalho ao ouvir e falar com as senhoras, elas demonstraram essa necessidade de comunicarem, visto serem pessoas idosas e com indícios de isolamento social.” (19 de fevereiro de 2024)	As interações entre a equipa a destacar tratam-se de conversas e problemas que nos deparamos durante as atividades no terreno. Como exemplo temos dúvidas sobre determinados dados ou opções tomadas nos inquéritos de sintomas aplicados, casos preocupantes de alguns indivíduos que atendemos. Estas situações refletem uma boa comunicação entre a equipa, que por ventura refletem o bom desempenho da equipa no terreno.

		“Depois deste painel fomos almoçar, tardíssimo, por volta das 14h, sendo que estava previsto que esta última sessão terminasse às 12:30. Fomos todos almoçar num restaurante acessível perto do CIM, sendo que estava à escolha dois pratos do dia. Uma situação caricata é que no final da refeição foi-nos perguntado se queríamos sobremesa, ao que 5 colegas, comigo incluído aceitamos de bom grado, eu apenas aproveitei já que as minhas colegas mais próximas afirmaram que queriam. No entanto, acho que isto não foi muito bem visto, uma vez que o almoço ia ser pago pela APDES e sentimos que o Q não gostou muito do nosso “aproveitamento” da situação.” (23 de fevereiro de 2024)	
	Entre equipa e população-alvo	“Por fim, a professora das crianças dirigiu-se a nós, equipa técnica, a felicitar pelo programa e pela nossa presença. A mesma comentou que quando era criança teve um tio diagnosticado com tuberculose e contou-nos algumas peripécias dessa altura, no que diz respeito ao tipo de tratamento e cuidados que tinham de ter com o tio; falou do facto de terem talheres e loiça diferente para o tio, que tinha de estar sempre separada e lavada com lixívia, pois, no entender deles, caso não o fizessem, corriam risco de ficar infetados com tuberculose. Este é um dos mitos sobre a tuberculose que nas sessões do Não Vale TB desmistificamos às pessoas, algo que essa professora e outras com quem nos cruzamos no passado já nos referiam que era algo levado a sério e até recomendado pelos profissionais de saúde da altura.” (20 de dezembro de 2023) “Na sessão contamos com cerca de 25 idosos a assistir, mas houve muito pouca interação.” (20 de dezembro de 2023)	As interações entre a equipa técnica varia consoante a população-alvo com que somos apresentados. Por um lado, nas populações infantis há sempre uma interação mais fluída e divertida, também porque as sessões são devidamente adaptadas para estas faixas etárias (mais interativas e com jogos didáticos). Por outro lado, quando nos deslocamos a centros de dia, casas do povo ou outras instituições direcionadas maioritariamente a idosos mais debilitados, as interações são mais reduzidas, não são tão participativos durante as sessões. No entanto, aquando a realização dos inquéritos por questionário, é notória a mudança de postura desta população idosa, pois estes demonstram uma enorme vontade e necessidade de falar. Estas conversas ultrapassam os pressupostos dos inquéritos e tornam-se num lugar seguro de desabafo para os idosos. A partir disto eles revelam sentir-se ouvidos e integrados, referindo que no dia a dia não

“A dona F contou à J um pouco da sua história de vida, que nos tocou imenso: a dona F é uma idosa mãe de 7 filhos, sendo que o seu filho mais velho, hoje na casa dos 60, é portador de um tipo de deficiência cognitiva, que não o permite ser autónomo, sendo que ainda hoje vive com a mãe. A dona F nunca teve um marido carinhoso e apoiante na vida, sendo que negligenciou a família a vida toda. A senhora sofreu muito com abusos psicológicos e físicos por parte do marido, pai dos seus filhos, deixando o cuidado dos filhos unicamente à dona F. Nos dias que correm, a senhora sofre com artroses nas mãos, impossibilitando-a até de apertar o seu sutiã e de calçar as meias, obrigando-a a pedir auxílio diário ao filho deficiente.” (20 de dezembro de 2023)

“A interação foi um pouco estranha, o presidente não parecia muito convencido com o projeto, principalmente quanto à adesão ao mesmo na sua junta de freguesia.” (22 de janeiro de 2023)

“Após conversar com a senhora do café, saímos animadas pois a motivação da população ao NVTB pareceu recíproca. Foi-nos dado o contacto do presidente do Grupo de Ranchos para debatermos disponibilidades de horários.” (22 de janeiro de 2023)

“A universidade sénior tinha um aspeto acolhedor e mal nos deparamos com a porta de entrada, uma senhora veio recebermo-nos muito entusiasmada e alegremente. A mesma orientou-nos para as salas onde iamos fazer a apresentação e os devidos rastreios e inquéritos e assim montamos os materiais antes da chegada dos alunos da ADISCREP.” (22 de janeiro de 2023)

têm ninguém que lhes preste esse tipo de atenção. Esta dinâmica aumenta a autoestima da população-alvo.

No entanto, nem todas as interações, ao longo do estágio, se revelaram positivas, pois conhecemos algumas populações alvo que não nos receberam tão bem. Algumas instituições não nos receberam de braços abertos, acabamos por ser muitas vezes alvo de críticas devido a ligeiros atrasos de comparência, cepticismo sobre o nosso trabalho ou até críticas quanto ao nosso desempenho, reduzindo a equipa a uma ideia de “estagiárias de enfermagem” devido à nossa juvenildade. Por outro lado, em interações com, por exemplo, autarcas de juntas de freguesia, o mesmo demonstrou-se cético e com pouco interesse sobre o projeto. Não obstante, outras instituições populares, como grupos de rancho e outras, sempre se demonstraram muito entusiasmadas com o nosso projeto.

De forma geral, as intervenções do NVTB foram sempre produtivas e alegres, sendo que foi possível desmistificar certos mitos e instruir a população sobre a doença da tuberculose.

“(…) era difícil manter um diálogo agradável e contínuo com as pessoas, elas limitavam-se a responder às perguntas que lhes fazia, ao mesmo tempo que demonstravam uma certa desconfiança de tudo o que lhes dizia. Neste grupo, havia uma certa atitude de superioridade quanto a mim e às restantes colegas, uma vez que somos as 3 bastantes jovens e eles serem maioritariamente um grupo de profissionais com um grau alto de escolaridade e obviamente muitos anos de experiência.” (22 de janeiro de 2023)

“Houve até uma senhora, a terceira que inquiri, que mal se senta e pergunta - “você estão a estagiar, é?” - ao que eu lhe respondo - “Por acaso eu estou, ainda estou a acabar o meu mestrado, mas as minhas colegas não, já estão no mercado de trabalho” - e automaticamente a resposta da senhora - “Pois dá para ver”. (22 de janeiro de 2024)

“No final de uma tarde enorme a fazer os rastreios e inquéritos, foi-nos oferecido um lanche maravilhoso pelas auxiliares da Universidade sénior, com direito a bolo de chocolate caseiro e tudo.” (22 de janeiro de 2024)

“Esta foi mais uma questão que deixou os idosos de Vila Cova em fúria, começaram a insultar a Catarina por ter ido embora, afirmando que estávamos a beneficiar Luzim.”

“Com eles desconstruímos alguns mitos sobre a tuberculose e alguns fatores de risco comuns desta região.” (14 de fevereiro de 2024)

População-alvo	Descrição	“No horário da manhã, estivemos com um grupo de crianças, com idades compreendidas entre os 6 e os 11 anos.” (20 de dezembro de 2023) “Na sessão contamos com cerca de 25 idosos a assistir, mas houve muito pouca interação. Este grupo tinha bastantes idosos não autónomos, com quadros clínicos de demências e com outros problemas cognitivos.” (20 de dezembro de 2023) “Honestamente já estava à espera que este grupo fosse mais autónomo e independente, visto que estávamos numa Universidade sénior, onde os indivíduos normalmente são pessoas 100% capazes e com outro tipo de dinâmica social. O grupo era grande, em volta de 25 pessoas (...) Durante o desenrolar da sessão fomos percebendo que grande parte dos alunos presente eram professores reformados, ainda cheios de vida, críticos e motivados por aprender e debater sobre inúmeros tópicos. Da mesma forma, também foi possível perceber que os mesmos pertenciam a uma classe social mais avantajada e estável, não só pelo grau académico dos mesmos mas como pela forma que se apresentavam e exprimiam sobre as suas vida” (22 de janeiro de 2024) “Como tal, a população alvo encontra-se na faixa etária dos 35 aos 60 anos, aproximadamente. Os presentes deste gabinete eram à volta de 15 no total, sendo que a maioria eram mulheres na casa dos 40/50 anos de idade.” (14 de março de 2024) “O centro era bastante dinâmico e desempenhava diversas funções de apoio social e a diferentes faixas etárias. Mais uma vez, a população com quem lidamos hoje eram pessoas em idade ativa, subsidiados pelo RSI.” (14 de março de 2024)	As populações alvo do NVTB apresentam características diversas. O objetivo é chegar às populações mais vulneráveis à tuberculose, sendo estas populações infantis, idosas e indivíduos com problemas de saúde. A grande maioria das intervenções, durante o estágio, incidiram em populações idosas, dos 60 anos para cima, que muitas vezes apresentavam quadros clínicos debilitantes. No entanto, também foram alcançadas faixas etárias infantis, como crianças dos 6 aos 11 anos, aproximadamente. Por outro lado, também intervimos junto de populações mais ativas, por exemplo em grupos de subsidiários do Rendimento Social de Inserção (RSI) ou até mesmo em Universidades Sénior onde apesar de serem indivíduos reformados, apresentavam uma qualidade de vida e de saúde bastante grande. Quanto à dimensão dos grupos, esta é uma variável bastante inconstante, sendo que por vezes os grupos podiam ser apenas de 10 pessoas como noutros ultrapassava os 40 indivíduos por grupo.
		“A sessão deu indícios de eficácia e de interesse, uma vez que as crianças demonstraram bastante	De forma geral foi notória uma positiva recessão da população alvo às atividades dos projetos. Ao longo das sessões em que

	Reação/recensão da população alvo às atividades dos projetos	interesse na mesma, ao mesmo tempo que se divertiam. Foi possível perceber que as crianças, conseguiram, de forma geral, entender o problema da tuberculose e todas as informações sobre a prevenção da doença. Adicionalmente, é de destacar a prevalência das profissões dos familiares das crianças de Rans, uma vez que um número considerável de crianças afirmou que os pais trabalhavam na indústria de calceteiros e pedreiros - profissões que aumentam o risco de contágio da tuberculose. Não foram efetuados inquéritos de sintomas pois como são crianças menores, não é permitido realizar os mesmos.” (20 de dezembro de 2023) “Todas estas ações eram voluntárias, sendo que 14 idosos aderiram à mesma, apesar de nem todos terem efetuado os rastreios.” (20 de dezembro de 2024) “Notamos uma enorme necessidade de comunicar, uma enorme necessidade de interagirem com o outro, pois o sentimento de isolamento está presente em demasiados destes idosos.” (20 de dezembro de 2024) “O grupo era grande, em volta de 25 pessoas, onde todos se demonstraram interessados e faladores relativamente à sessão.” (22 de janeiro de 2024) “Apesar do trabalho extra de disponibilizar um local extraordinariamente para o NVTB, a adesão ao mesmo foi a mais fraca que já experienciei (...) Este dia foi nada produtivo e proveitoso para o projeto. Ficamos com a sensação de que a nossa mensagem	houve oportunidade de participar durante o estágio, os grupos abrangidos demonstraram um grande interesse pelas atividades do NVTB, participando nas apresentações informativas e principalmente nos inquéritos de sintomas e rastreios a DSTs, sendo que estas duas últimas eram a título voluntário. Os dados e reações da comunidade comprovam a eficácia e necessidade deste tipo de intervenção. Contudo, existem exceções à regra, pois em algumas das sessões houve pouco interesse da população pelas 3 das atividades. Não obstante, esta falta de interesse foi notória quando aliada à falta de comunicação e iniciativa por parte das equipas técnicas responsáveis da instituição visitada. Ou seja, a falta de empenho e interesse das instituições que nos recebem têm um efeito perverso na eficácia das intervenções. Contudo, de forma geral foi sentido a falta de informação que a comunidade tinha sobre a tuberculose e foi visível que a aquisição de conhecimentos por parte da mesma através das sessões do NVTB.

não foi passada e que não houve qualquer adesão por parte da população alvo” (31 de janeiro de 2024)

“Quando finalmente chegamos ao local, os idosos que participaram na sessão estavam nas escadas da casa à nossa espera e logo reclamaram pelo nosso atraso. Os idosos estavam com uma atitude bastante ríspida e não estavam muito benevolentes” (19 de fevereiro de 2024)

“Esta questão deixou alguns dos idosos bastante indignados e descontentes, pois pelos vistos os idosos que eu inquiri tinha sido “os primeiros a chegar ao local” e tiveram de esperar para o fim para fazer os rastreios, enquanto “os que chegaram em último” fizeram logo tudo seguido e foram embora primeiro. Os idosos estavam a ser muito rudes e antipáticos, chamaram-nos a todas de estagiárias e puseram em causa o nosso trabalho. Apesar de eu estar a falar com eles de forma calma e leve, expondo a situação de uma forma amigável e aceitando as críticas deles como algo construtivo e comunicando até esse aspeto, os idosos não quebravam o gelo e continuaram com uma postura bastante rígida” (19 de fevereiro de 2024)

“ A sessão foi bastante produtiva e interativa, denotou-se o interesse do público com a apresentação” (19 de fevereiro de 2024)

“Ao voltarmos para o seminário, como houve um grande atraso de horários, muitas das pessoas não compareceram da parte da tarde.” (23 de fevereiro de 2023)

“A mesma ficou contente com o nosso trabalho e incentivou a continuação do mesmo, além de nos ter aconselhado de várias formas e de nos incentivar a fazer uma avaliação do NVTB, que seria algo bastante interessante em perceber o impacto do mesmo na população abrangida.” (23 de fevereiro de 2024)

“A população no geral era comunicativa e interessada, sendo que nos deparamos com algumas “pérolas” como o Sr A e a Srª A” (14 de março de 2024)

“Aqui em Lagares fizemos duas apresentações, a primeira incidiu na típica apresentação da tuberculose, onde acho que não me lembro de um público tão interessado e participativo. Esta população deu a entender que aprendeu imenso com a nossa apresentação, pois referiram que realmente não estavam de todo bem informados sobre a tuberculose, apesar de saberem que é uma doença com bastante presença na sua região.” (14 de março de 2024)

“Mais uma vez a população demonstrou-se interessada e participativa, sendo que esta apresentação demonstrou um impacto positivo para a preocupação e rastreamento para estas doenças, o que levou a uma maior afluência nos rastreios às DSTs.” (14 de março de 2024)

Anexo 4.4 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto PUSH

Grelha síntese de diário de campo: PUSH			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento	“No resto da tarde e noite estive a trabalhar mais no projeto de estágio e a ler os documentos que o A me enviou.” (9 de janeiro de 2024) “Está programado um conjunto de atividades física com a população sem abrigo que já é albergada pela APDES noutros projetos, atividades de mais reabilitação física e depois vamos programar um torneio de futebol de rua.” (23 de fevereiro de 2024) “Sinto que fiz um bom trabalho e consegui verbalizar bem as nossas ideias e responder assertivamente às perguntas dos parceiros.” “Por outro lado, falamos sobre o PUSH e as tarefas que temos de realizar daqui para a frente. Temos de pegar na apresentação que fizemos aos parceiros e esmiuçar as questões que referimos, refletindo quais são as possíveis de concretizar e de que forma.” (29 de fevereiro de 2024)	O planeamento das atividades do PUSH incidiram numa leitura de documentos acerca do projeto e da população-alvo portuguesa. O primeiro passo foi planear o Webinar. Em conjunto com a Coordenadora foram divididas tarefas. O conteúdo do webinar diz respeito à divulgação de boas práticas e resultados dos inquéritos realizados no passado pelos parceiros, juntamente com a APDES com o anterior responsável do projeto”. Adicionalmente, o webinar também se foca na disseminação das atividades futuras planeadas pela APDES com a população alvo. Não obstante, a equipa da APDES achou por bem fazer uma análise ao panorama da população em situação de sem abrigo portuguesa, de forma termos uma noção da realidade que encontraremos no terreno e por conseguinte, conseguirmos planear uma intervenção adequada e eficaz para a mesma. O webinar também contou com a preparação de uma apresentação em powerpoint, sendo que esta foi feita através do software canva, que é usado pelas equipas da APDES para elaborar publicações para as redes sociais e apresentações variadas. Posto isto, também foi treinada a

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

			apresentação do webinar juntamente com a Coordenadora.
	Aplicação/descrição	“Durante a viagem de carro, eu e a J tivemos de nos ligar via telemóvel à conferência do PUSH em Budapeste, pois agora somos as encarregadas pelo projeto da APDES” (23 de fevereiro de 2024) “Assim foi, durante a viagem fomos ouvindo as apresentações dos outros parceiros e quando chegamos à CIM, foi-nos concedida uma sala para podermos estar na conferência do PUSH e realizar a nossa apresentação. A J estava encarregue de fazer a apresentação de forma mais formal, enquanto eu estava apenas em auxílio” (23 de fevereiro de 2024)	As atividades desempenhadas no estágio, além do planeamento das atividades previstas, também incidiram em reuniões com os parceiros, onde tivemos de apresentar os pontos de situação do nosso trabalho. Estas reuniões também serviam para partilha de conhecimento e troca de ideias.
	Análise e reflexão	“O PUSH foi entregue à J no início da semana, uma vez que o A foi embora do projeto e pelos vistos mesmo da APDES, não tendo sido notificado nada a mim previamente e fomos avisadas pela T quase de véspera que íamos ter de estar presentes nesta conferência e fazer uma apresentação sobre um projeto que mal conhecíamos e que nada temos preparado.”	O PUSH é um projeto que foi muito mal organizado. Nele houve muito pouca transparência e comunicação entre a equipa de gestão e equipa técnica passada. Quando o PUSH foi adicionado ao plano de trabalho de estágio apenas foi informado que seria para auxiliar no planeamento do webinar. Contudo, após a saída do projeto do responsável inicial e foi entregue à nova coordenadora, percebemos que quase nada havia sido feito no âmbito do projeto. No fim de contas era necessário preparar reuniões com os parceiros e acima de tudo planejar atividades práticas com a população alvo aqui em Portugal, algo que nunca tinha sido referido anteriormente. Isto foi preocupante pois as referidas atividades práticas já deveriam ter sido iniciadas no início do projeto (2023), sendo previsto serem atividades prolongadas no tempo. O projeto, quando foi entregue à nova

			coordenadora, faltava 3 meses para o fim do projeto, o que significa termos de trabalhar rapidamente e profundamente no planeamento das atividades com a população alvo. Por outro lado, a questão de tempo não foi benéfica, pois estas atividades são complexas e exigem tempo para fazer uma intervenção
Interações	Entre a equipa	“Quando estava para ir comprar uma garrafa de água, deparo-me com a J no corredor, que estava a falar com uma senhora. Tento informá-la que ia comprar água, quando ela me pára e me apresenta à senhora com quem falava, que não era mais nem menos do que a T, a diretora (acho eu) da APDES. Fomos finalmente apresentadas pessoalmente e a J depois questiona T sobre o programa PUSH, o programa que já me fora prometido no ano passado mas que nunca me chegaram a contactar. Aí a T deu luz verde para a minha integração no PUSH, querendo que eu falasse já com o colega A que está à frente desse projeto, que nem por acaso estava na sala de trabalho também. O A foi chamado e fomos apresentados, a T falou que eu podia ser uma ajuda para o programa e para falarmos sobre as tarefas em que podia ser útil. O A voltou para a sala e eu fui buscar água. (...) Logo de seguida, chega o A à nossa mesa para falar comigo sobre o PUSH, a dar-me um ponto de situação e o que já foi e está agora a ser feito. Quando lhe perguntei “ok, o que precisas que eu faça? Em que posso ajudar?” ele ri-se e diz “por enquanto nada” - Agora só falta o webinar e temos de esperar umas respostas da Holanda e da Itália para podermos avançar. Ele disse que me ia enviar uns docs do programa para eu ficar mais a par.” (9 de janeiro de 2024) “O PUSH foi entregue à J no início da semana,	As interações entre equipas foi fluída e eficaz a partir do momento em que foi nomeada uma nova coordenadora do projeto. Antes disso as interações foram escassas e pouco transparentes acerca das tarefas a realizar no âmbito do PUSH. Os parceiros também se revelaram prestáveis e atenciosos para ajudar a equipa da APDES no planeamento de atividades. Contudo, a Coordenadora do projeto, da equipa de Itália sempre se demonstrou muito descontente com a prestação da APDES no PUSH.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		uma vez que o A foi embora do projeto e pelos vistos mesmo da APDES, não tendo sido notificado nada a mim previamente e fomos avisadas pela T quase de véspera que íamos ter de estar presentes nesta conferência e fazer uma apresentação sobre um projeto que mal conhecíamos e que nada temos preparado.” (23 de fevereiro de 2024) “No entanto, os parceiros também foram bastante queridos e disponíveis para nos ajudar no que for preciso, a nível de contactos com outras instituições e noutras tarefas.” (23 de fevereiro de 2024) “Por outro lado, falamos sobre o PUSH e as tarefas que temos de realizar daqui para a frente. Temos de pegar na apresentação que fizemos aos parceiros e esmiuçar as questões que referimos, refletindo quais são as possíveis de concretizar e de que forma.” (29 de fevereiro de 2024)	
	Entre equipa e população-alvo		
População-alvo	Descrição		As atividades práticas com a população alvo foram realizadas após o fim do estágio, por essa razão não foi possível estar presente nas mesmas. Contudo, existem documentos relativos a essas sessões, sendo analisados documentalmente.
	recepção/recepção da população às atividades do projeto		

Anexo 4.5 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do projeto Girugaia

Grelha síntese de diário de campo: Girugaia			
Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento		Não houve responsabilidades ou interação neste âmbito. O planeamento das atividades já estavam feitas pela restante equipa técnica e coordenação responsável, incidindo num plano interventivo estruturado pronto a implementar nos vários contextos. Contudo, existe documentação proporcionada pela equipa relativamente ao planeamento das atividades. As mesmas serão alvo de análise documental.
	Aplicação/descrição	“Hoje acompanhei pela primeira vez o GiruGaia, um projeto de acompanhamento a toxicodependentes do concelho. O projeto dirige-se de carrinha a 5 pontos de Gaia (Arcozelo, Avintes, Santa Marinha e Madalena), onde se encontra com aproximadamente 90 indivíduos sinalizados diariamente. O seu objetivo é fornecer a metadona, outros medicamentos prescritos aos mesmos, assim como cartas e outros serviços do âmbito da assistência social.” (29 de janeiro de 2024) “Durante as paragens fui distribuindo bens alimentares pelos indivíduos e fui tentando conhecê-los melhor.” (29 de janeiro de 2024) “Hoje acompanhei mais uma ronda do GiruGaia, as condições meteorológicas estavam terríveis, está a haver a tempestade Carlota, mas mesmo assim não foi impeditivo	As atividades desempenhadas durante o estágio no âmbito do Girugaia incidiu no acompanhamento da equipa técnica aos vários pontos de encontro de Gaia com a população-alvo. Aqui assisti à dinâmica do fornecimento dos medicamentos à população alvo, dialoguei com a comunidade e ajudei com a distribuição de bens alimentares e de material de consumo acético.

		de o GiruGaia sair à rua.” (8 de fevereiro de 2024) “Apesar do tempo quase tudo correu sobre a normalidade, a maioria dos utentes compareceu à sua toma diária da metadona e fizemos a normal distribuição de alguns bens alimentares a quem quisesse”(8 de fevereiro de 2024) “Hoje também me deparei com a chegada de um pedido novo de introdução de uma utente nos nossos serviços (...) Contudo, após falar com as antigas encarregadas do caso desta senhora, foi-lhe atribuída uma medicação para ajudar com os sintomas de “ressaca” que a senhora se queixava e para amanhã voltar a vir ter connosco para saber como reagiu à medicação e qual o melhor plano e reencaminhamento de serviços para ela.” (8 de fevereiro de 2024)	
	Análise e reflexão	“A dinâmica interativa deste projeto é bastante informal, tentando promover além de uma assistência profissional, promover também uma relação de amizade de forma a ganhar a confiança desta população tão marginalizada e de difícil acesso.” (29 de janeiro de 2024) “Por outro lado, fiquei a perceber mais o trabalho em rede que o GiruGaia efetua com outras entidades, uma vez que um utente, ao encontrar-se em trabalho longe do seu local de toma, pediu para realizar a mesma numa instituição que existe mais perto do seu local de trabalho. Após efetuado o telefonema da equipa técnica da APDES com a tal instituição, foi autorizada a toma pontual daquele utente.” (8 de fevereiro de 2024) “Esta senhora tinha sido encaminhada por	A dinâmica do Girugaia é bastante informal, o que permite uma maior confiança com esta complexa comunidade. Aqui é visível a predominância das soft skills sobre as competências académicas, pois a empatia, a capacidade de gerir conflitos e competências de comunicação revelam-se como fulcrais no trabalho do Girugaia.

		uma assistente social para vir ter connosco hoje. Contudo, essa informação não tinha chegado até nós e depois apercebemo-nos que a toma da metadona não seria o mais apropriado para aquele caso, uma vez que a senhora não é consumidora de heroína (opióide), mas sim de cocaína (“Branca” como ela referiu). A metadona é substituto apenas da heroína e de outros opióides, algo que a cocaína não faz parte, ou seja, ao estar a iniciar a toma de metadona num quadro de consumo desses, apenas iria fazer com que a utente ficasse viciada em metadona além da cocaína que já consome, pois os efeitos não são compatíveis.” (8 de fevereiro de 2024) “Este é um ponto que enfatiza a importância de um estágio curricular, principalmente no curso de Sociologia, visto que é uma das poucas oportunidades que temos de realmente trabalhar neste tipo de contextos e com estas populações. “ (8 de fevereiro de 2024) “Isto é algo que eu tenho tentado trabalhar mais, visto que não é uma competência que tenha desenvolvido muito ao longo da minha formação académica e mesmo com a minha experiência de trabalhar com o atendimento ao público na área da restauração, o facto deste público ser muito diferente e com um quadro mais vulnerável, sinto mais dificuldade em conseguir interagir com eles.” (8 de fevereiro de 2024)	
Interações	Entre a equipa	No final da ronda, a psicóloga C disse para eu tentar falar mais com os utentes e não ficar tanto só a observar. Isto é algo que eu tenho tentado trabalhar mais, visto que não é uma competência que tenha desenvolvido muito ao longo da minha formação académica e mesmo com a minha experiência de trabalhar	As interações entre a equipa incidem no diálogo sobre casos de utentes, quanto ao seu estado de saúde, quanto à alteração de medicações, a marcações de consultas externas, entre outras questões. Por outro lado, também foi referido por algumas vezes a questão da gestão de equipa, sendo

		com o atendimento ao público na área da restauração, o facto deste público ser muito diferente e com um quadro mais vulnerável, sinto mais dificuldade em conseguir interagir com eles. Quando cheguei a casa falei com a J sobre esta situação e ela referiu que era normal pois era apenas a minha segunda manhã no Giru e que devido às especificidades da população que era algo que tornava o trabalho mais difícil. A J também referiu que estas competências eram pouco ou nada desenvolvidas ao longo da nossa formação em Sociologia, algo que outras áreas como a psicologia, serviço social e enfermagem aprofundam bastante. A única forma de combater estes entraves é realmente a experiência que vamos ganhando no terreno e o à vontade que vamos desenvolvendo com determinadas populações” (8 de fevereiro de 2024)	que a equipa preocupa-se com a falta de recursos humanos no Girugaia, principalmente em profissionais de enfermagem. Não obstante, a Coordenadora também me deu conselhos sobre como agir com os utentes, uma vez que eu estava com dificuldades em interagir com eles, pois sentia uma certa desconfiança da parte deles para comigo por ser alguém novo e que eles não conhecem.
	Entre equipa e população-alvo	“Contudo, após falar com as antigas encarregadas do caso desta senhora, foi-lhe atribuída uma medicação para ajudar com os sintomas de “ressaca” que a senhora se queixava e para amanhã voltar a vir ter connosco para saber como reagiu à medicação e qual o melhor plano e reencaminhamento de serviços para ela.” (8 de fevereiro de 2024) “A dinâmica interativa deste projeto é bastante informal, tentando promover além de uma assistência profissional, promover também uma relação de amizade de forma a ganhar a confiança desta população tão marginalizada e de difícil acesso.” (8 de fevereiro de 2024)	As interações entre as equipas técnicas e a população alvo são bastante informais e familiares, existem muitos momentos de brincadeiras e sorrisos aliados a momentos de preocupação para com os utentes que se encontravam em situações mais sensíveis. De forma geral as interações eram rápidas, muitos utentes apenas esperavam pela sua vez de tomar a medicação, alguns levavam bens alimentares e abandonavam. No entanto, existem utentes que permanecem no local para dialogar com a equipa do Girugaia, quer seja por motivos médicos, pessoais, etc, ou por simplesmente conversas banais. A partir destas observações é notório o grau de confiança elevado desta comunidade com o Girugaia, refletindo-se como uma rede de suporte para os indivíduos.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

População-alvo	Descrição	“Quanto à população-alvo, maioria dos utentes eram homens de meia idade, sendo que só me deparei com duas mulheres. Todos eles eram bastante impacientes e voláteis, esta é definitivamente uma população complexa de se trabalhar(...)” (29 de janeiro de 2024)	A grande maioria dos utentes são homens de meia idade, sendo que existem também uma fatia considerável de indivíduos na casa dos 30 anos. Quanto às mulheres, que constituem um número reduzido desta população, as existentes são normalmente na casa dos 40/50 anos. Na população mais envelhecida encontramos indivíduos com características físicas e psicológicas mais debilitantes, contudo, a grande maioria são pessoas independentes e comunicativas.
	reação/receção	“Contudo, a população era bastante simpática com a equipa, sendo notório a familiaridade e o conforto com a mesma”	A população alvo, de forma geral, aguarda pela carrinha do Girugaia de braços abertos, sendo que aguardam por esta interação com muita alegria e valor. Contudo, por vezes é visível um certo grau de impaciência e rispidez por parte de alguns utentes, principalmente quando a carrinha se atrasa ao ponto de encontro ou por outras razões burocráticas a resolver com determinados utentes.

Anexo 4.6 - Grelha de análise de conteúdo do diário de campo do Training course do Click no Bullying (Bucareste, Roménia)

Grelha síntese de diário de campo: Training Course do Click no bullying (Bucareste, Roménia)

Categoria	Subcategoria	Excerto	Síntese
Natureza e descrição das atividades/tarefas	Planeamento		Não houve responsabilidades ou interação neste âmbito. O planeamento das atividades já estavam feitas pela restante equipa técnica e coordenação responsável, incidindo num plano interventivo estruturado pronto a implementar nos vários contextos. Contudo, existe documentação proporcionada pela equipa relativamente ao planeamento das atividades. As mesmas serão alvo de análise documental.
	Descrição	“Na abertura do curso, a formadora explica as atividades a realizar durante a semana, sendo que o curso vai estar dividido por 4 módulos, um para cada dia” “Antes do início das sessões expositivas, foi-nos entregue um pré-teste sobre termos de redes/internet e os significados que damos aos mesmos + como eles nos impactam + como os combatemos, assim como quais as expectativas quanto à formação” “Numa das atividades tivemos de formar grupo, sendo que eu fiquei com as colegas da Roménia e as Turcas ficaram juntas. Tivemos de criar numa folha A3 uma capa de jornal sobre perigos da internet, aspetos positivos da internet e formas de ultrapassar um aspeto negativo” “Outro jogo que fizemos foi relativamente aos intervenientes numa situação de bullying. Aqui tivemos de nos dividir em grupos de 3 e	As atividades do training course incidiram numa formação sobre cyberbullying e cybercrime. As sessões ocorreram ao longo de 4 dias, divididas por 4 módulos: o primeiro módulo diz respeito à temática “Jovens e contextos online”; o segundo é relativo a “perigos online, ofensas e ameaças”; o terceiro é relativo a “cyberbullying: como prevenir e combater” e por último, o módulo “capacidades socioemocionais”. As metodologias utilizadas incidem em modelos formais e não formais de educação, como por exemplo jogos interativos, pequenos momentos de mímica, entre outros. Além de assistir às sessões mais expositivas, também nos foi pedido para respondermos a um pré-teste relativo aos nossos conhecimentos sobre termos online e os significados que atribuímos aos mesmos, assim como as nossas expectativas quanto à formação

		cada uma encarnava uma figura diferente da situação. A restante turma tinha de adivinhar quem era quem” “Para fechar o curso, foi-nos pedido para nos colocarmos em linha. Após em posição, as duas formadoras diziam uma frase sobre situações de cyberbullying e/ou cybercrime, o suposto da atividade era se caso nós nos revessemos na frase, caso a situação exposta já nos tenha acontecido alguma vez, nós teríamos de dar um passo em frente na sala”. “No final de tudo, foi-nos pedido para respondermos a um pós-teste, de forma a refletirmos sobre o que aprendemos ao longo do curso e se algum significado que tínhamos referido no pré-teste se tinha alterado.”	
	Análise e reflexão	“As sessões e apresentações estavam muito bem organizadas e o equilíbrio entre métodos de educação formal e não formal fizeram toda a diferença na qualidade do curso”	Denota-se a importância da educação não formal no curso.
Interações	Entre a equipa	“A equipa ia alternando como porta voz das sessões, dependendo da temática do módulo, tendo em conta as suas áreas de formação (Sociologia e Criminologia). No entanto, ajudavam-se mutuamente.”	As interações entre a equipa eram organizadas e fluídas, sendo que era notável a boa preparação e estudo para dinamização deste curso.
	Entre equipa e população-alvo	“A equipa tinha dificuldade em interagir com a população-alvo devido a uma falta de interesse e proatividade dos presentes, as youth workers pouco prestavam a atenção” “A equipa da Roménia é muito simpática, quando chegamos ao escritório elas tinham	A interação entre a equipa e a população alvo foi difícil devido à pouca proatividade das youth workers presentes. No entanto, com a equipa da Roménia havia mais proximidade. Havia diálogo e partilha de cultura entre Portugal e a Roménia.

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		trazido um pretzel romeno para nós. Além do pretzel também tinham outros doces e salgados, café, água e sumos. São definitivamente umas anfitriãs acolhedoras. “Depois de acabada a aula da manhã fomos todos juntos almoçar à cantina da Faculdade de Direito da Universidade de Bucareste” “Quando as sessões da tarde acabam as colegas turcas vão logo embora, elas não parecem ter grande interesse em socializar com o resto”	
População-alvo	Descrição	“Na sala estavam presentes 3 youth workers da Turquia, todas elas raparigas nos inícios dos 20 anos. Da Roménia haviam 2 youth workers, também raparigas, uma parecia bastante nova, diria por volta dos 17 anos, mas depois vim a saber que tinha 23 afinal e a outra tinha 24 como eu” “Hoje compareceu mais uma menina da Roménia, veio só da parte da tarde. Pelo que entendi ainda é estudante do ensino secundário então não consegue vir a mais sessões do curso” “O responsável da equipa turca era um senhor alto, de meia idade, que era bastante introvertido. Por outro lado, a da Turquia era uma senhora da casa dos 50, bastante amável e comunicativa”.	No training course haviam ao todo 7 youthworkers: 3 da turquia, todas elas raparigas e com idades aproximadas no início dos 20 anos; a Roménia contou com 3 youthworkers, também elas todas raparigas, uma com 24, outra com 23 e outra com 18 aproximadamente. Com as youthworkers estavam os seus responsáveis, o coordenador da Turquia era um homem de meia idade pouco falador e pouco interessado, já a coordenadora da Roménia era uma senhora de meia idade bastante prestável e simpática.
	Reação/receção	“Estava a fazer-me confusão porque já era o terceiro dia do curso e em todas as sessões as youth workers todas, quer sejam da Roménia ou da Turquia, estavam todas desatentas à aula. Desde o início da aula que estavam todas a mexer no telemóvel ou no computador com coisas que nada tinham a ver com o curso. Até o próprio encarregado das Youth workers	Durante todo o curso houve pouco interesse nas sessões mais expositivas por parte das youth workers, principalmente na equipa da Turquia, pois estavam constantemente ao telemovel. Apenas nas atividades mais práticas elas demonstraram proatividade. Por outro lado, a equipa da Roménia era

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		turcas estava desatento e a mexer no telemóvel....” “Tanto a líder da Roménia como a youth worker mais velha ficaram maravilhadas com as sessões, principalmente com o powerpoint. Por outro lado também felicitaram pelas escolhas metodológicas de ensino, dizendo que os pequenos jogos e atividades tornavam tudo mais interessante”	bastante mais interessada e comunicativa, intervindo durante as sessões expositivas e demonstrando agrado pelas atividades práticas. No final do curso, inclusive, a equipa romena parabenizou a equipa de Portugal pelo curso, enfatizando a qualidade do programa, das apresentações e pelas opções metodológicas mais informais de aprendizagem.

Anexo 5- Grelhas de análise documental

Anexo 5.1 Fontes documentais analisadas ao longo do estágio

Fontes documentais analisadas ao longo do estágio
• Arquivo RTP do episódio 5 (temporada 9) da série “Sexta às 9” (14 de fevereiro de 2021) • Documento de candidatura do ACIS+ • Newsletters da APDES (2024) • Plano de Desenvolvimento Social de Vila Nova de Gaia (2017-2021) • Relatório de atividades e resultados do projeto Não Vale TB II (2024) • Site oficial da APDES (2019) • Site oficial do projeto PUSH (sd)

Anexo 5.2 – Grelha de análise documental ao site oficial da APDES

Grelha de análise documental ao site oficial da APDES		
Disponível em: https://apdes.pt/pt/home/		
Categorias	Síntese	Excerto
Objetivos da ONGD	Os objetivos da APDES incidem na realização de intervenções que permitam a melhoria do acesso à saúde, ao emprego e à educação das comunidades vulneráveis. Outro objetivo diz respeito à capacitação de instituições e dos cidadãos com o intuito de reforçar a coesão social.	<i>Tem como propósito realizar intervenções que visem a melhoria do acesso à saúde, emprego e educação de comunidades e públicos em situação de vulnerabilidade, trabalhando para a capacitação das pessoas em diversos territórios nacionais, europeus e africanos.</i> <i>O seu objetivo principal é a realização de intervenções que visem a melhoria do acesso à saúde, emprego e educação de comunidades e públicos em situação de vulnerabilidade, trabalhando para a capacitação de instituições e indivíduos e para o reforço da coesão social.</i>
	As linhas de ação da APDES dizem respeito à área da Saúde, redução de riscos e direitos humanos; Educação para a Saúde; Coesão social e Trabalho, cooperação e desenvolvimento.	<i>O perfil organizacional da APDES engloba quatro linhas de ação que pautam os projetos desenvolvidos: saúde, redução de riscos e direitos humanos; educação para a saúde; coesão social e trabalho e cooperação e desenvolvimento.</i> <i>Saúde, Redução de Riscos e Direitos Humanos</i> <i>Procuramos minimizar os riscos associados ao uso de drogas e à sexualidade; comportamentos cujas eventuais consequências negativas, a nível individual e</i>

Linhas de ação	<i>comunitário, podem ser atenuadas através de intervenções adequadas. Adicionalmente, focamo-nos na investigação de meios progressivamente mais eficazes de proteger os nossos beneficiários – trabalhadores sexuais, pessoas que usam drogas e populações em situação de vulnerabilidade – assim como as comunidades que estes integram. Assumimos como preocupação fundamental a promoção da saúde e defesa dos direitos humanos das pessoas com as quais trabalhamos, através de projetos desenhados com o seu envolvimento ativo e que visam o bem-estar e saúde de todos.</i> <i>Educação para a Saúde</i> <i>Promovemos o bem-estar dos indivíduos e fomentamos estilos de vida saudáveis em contextos diversificados como escolas, comunidades locais e estabelecimentos prisionais, fazendo uso de estratégias de intervenção devidamente adaptadas às características sociodemográficas, dinâmicas sociais e contextos de cada grupo-alvo.</i> <i>Sendo que os estilos de vida constituem um conjunto de hábitos adquiridos em áreas como a alimentação, sexualidade e prática de exercício físico, a educação para a saúde serve-se de um conjunto de estratégias que permitem o desenvolvimento de comportamentos mais saudáveis, de maior capacidade de adaptação aos contextos de vida e de manutenção da saúde mental. Pretendemos disseminar conhecimentos sobre fatores protetores da saúde e facilitar o desenvolvimento de atitudes e comportamentos no indivíduo passíveis de permitir uma estruturação quotidiana dos seus hábitos facilitadora do seu bem-estar físico, mental e social.</i> <i>Coesão Social e Trabalho</i> <i>Reconhecemos o papel central do trabalho enquanto mecanismo socializador que contribui para a definição dos indivíduos em sociedade. Dirigindo-nos, particularmente, a pessoas em situação de vulnerabilidade social – desempregados, reclusos, utilizadores de drogas, entre outros públicos – desenvolvemos, neste âmbito, ações promotoras do emprego, da reinserção social e da participação no espaço público. Para as populações mais vulneráveis, o acesso a um trabalho com condições justas e adaptadas reflete-se ao nível identitário, da ativação de laços sociais e da saúde física e mental, contribuindo para percursos de reintegração social sustentáveis. É assim premente envolver neste processo distintos atores sociais, nomeadamente os empregadores, decisores públicos e comunidades locais. Promover a inclusão pelo trabalho afigura-se como um desafio acrescido na atual fase de desenvolvimento das sociedades capitalistas, marcadas por fenómenos de desemprego crescente, relações laborais instáveis e pobreza associada ao trabalho.</i> <i>Cooperação e Desenvolvimento</i> <i>Orientamo-nos para o trabalho realizado em colaboração com os países do Sul, através de projetos vocacionados para a intervenção, consultoria, formação-ação e advocacy. Cooperamos com as comunidades interessadas na implementação de intervenções orientadas para o desenvolvimento integrado, abrangendo áreas</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		<i>diversificadas como a educação para a saúde, educação para a cidadania, capacitação organizacional e o desenvolvimento de infraestruturas. Somos em simultâneo detentores e promotores de uma visão aberta acerca do desenvolvimento das populações, entendendo-o como um processo de emancipação de indivíduos e coletivos. Assim, assumimos como fundamental para o sucesso de uma efetiva cooperação o respeito pelas comunidades e pelas autoridades tradicionais, assim como a articulação com movimentos sociais locais.</i>
Princípios de Trabalho	Os princípios de trabalho da APDES dizem respeito à Investigação, Advocacy; Metodologias Participativas; Avaliação; Intervenção de Proximidade e Abordagem Transdisciplinar.	<i>Investigação</i> <i>Procuramos entender os fenómenos com os quais trabalhamos enquanto mecanismo base para uma intervenção cientificamente sustentada. Privilegiamos uma matriz de investigação-ação centrada, por um lado, na compreensão e reflexão crítica sobre a realidade social e, por outro, na intervenção nos processos de mudança.</i> <i>Advocacy</i> <i>Pretendemos capacitar e dar voz às populações, promovendo a mobilização social em prol de uma democracia participativa e crítica. Procuramos influenciar as agendas políticas da cidadania e do desenvolvimento territorial, em permanente diálogo com a sociedade civil.</i> <i>Metodologias participativas</i> <i>Promovemos o reconhecimento, envolvimento e coresponsabilização dos diferentes atores sociais na condução dos processos de desenvolvimento.</i> <i>Avaliação</i> <i>Avaliamos sistematicamente a nossa atuação em termos de desempenho e de impacto, com vista a otimização do trabalho que realizamos.</i> <i>Intervenção de proximidade</i> <i>Adotamos intervenções que implicam ativamente as populações e os territórios, atuando nos próprios contextos de vida das pessoas.</i> <i>Abordagem transdisciplinar</i> <i>Acreditamos que os fenómenos sociais são tão melhor compreendidos quanto mais amplos e diversificados os prismas de análise. Integramos colaboradores de áreas de saber que se distinguem e complementam como a Psicologia, Sociologia, Serviço Social, Antropologia, Enfermagem, Biologia, Economia e Gestão.</i>
	A APDES visa ser um agente de transformação social responsável e participativo, através de ações técnicas, científicas e políticas, de	<i>Visão: Ser um agente de transformação social responsável e participativo, que procura promover a cidadania global e desenvolvimento integrado.</i> <i>Missão: Através da ação técnica, científica e política, melhorar as condições de vida de pessoas e comunidades em situação de vulnerabilidade.</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

Visão, valores e missão	forma a melhorar as condições de vida das comunidades e cidadãos vulneráveis.	<i>Valores:</i> <i>Identidade – sistema ético e estilo de vida</i> <i>Humanismo; Participação; Proximidade; Transdisciplinaridade</i> <i>Competência – know how</i> <i>Intervenção comunitária; Investigação-ação; Ação política</i> <i>Preferência – benefício económico-social dos serviços/produtos</i> <i>Capacitação de pessoas e organizações; Acesso a saúde, emprego, educação e cidadania; Coesão social</i> <i>Internos – modus operandi da organização</i> <i>Espaço de inovação, debate e experimentação; Crescimento pessoal e profissional assente na liberdade criativa; Gestão solidária e sustentável</i>
História e natureza	A APDES é uma ONGD sem fins lucrativos, fundada no ano 2004, que promove o desenvolvimento social.	<i>A APDES é uma ONGD fundada em 2004.</i> <i>Fundada em 2004, a APDES – Agência Piaget para o Desenvolvimento – é uma ONGD (Organização Não-Governamental Para o Desenvolvimento) sem fins lucrativos que promove o desenvolvimento integrado.</i>
Entidades parceiras/Financiadoras	A APDES tem como parceiros e financiadores diversas instituições nacionais e internacionais. Alguns dos exemplos, a nível nacional, é o Instituto Piaget, o SICAD, a DGS. A nível nacional podemos referir a Comissão Europeia, em diversos programas da mesma, a Embaixada do Japão, Open Society Initiative for Southern Africa (OSISA), entre outros.	<i>Em 2011, através do reconhecimento como Organização Não-Governamental para o Desenvolvimento (ONGD) pelo Camões, I.P., a APDES passou a beneficiar do estatuto de utilidade pública.</i> <i>A filiação da APDES em organizações é extensa, sendo membro fundador e integrante de inúmeras redes nacionais e internacionais no âmbito de temáticas como a redução de riscos associada ao consumo de substâncias psicoativas, o trabalho sexual, o acesso ao emprego e os direitos humanos.</i> <i>ASPI (Associação Piaget Internacional)</i> <i>Embaixada do Japão</i> <i>SICAD (Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e Dependências)</i> <i>Direção Geral de Saúde (DGS)</i> <i>Open Society Initiative for Southern Africa (OSISA)</i> <i>Fundo Operacional de Assistência Técnica</i> <i>Reckitt Benckiser</i> <i>Camões: Cooperação Portuguesa</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		<i>EuropeAid (Co-operation office)</i> <i>European Commission</i> <i>Executive Agency for Health Consumers</i> <i>Drug Prevention and Information Programme</i> <i>Lifelong Learning Programme</i> <i>Junta de Freguesia de Santa Marinha</i> <i>Open Society Foundations</i> <i>Fundação Calouste Gulbenkian</i> <i>Instituto Piaget</i>
Geografia de intervenção	A APDES atua nas localidades de Gaia, Porto, Barcelos, Guarda, Viseu, Setúbal e Lisboa. A nível internacional atua junto de países europeus, assim como africanos como Cabo Verde e Angola.	<i>Com sede em Vila Nova de Gaia, a APDES desenvolve atividades nesse concelho e em cidades como Porto, Barcelos, Guarda, Viseu, Setúbal e Lisboa. Desde 2008, internacionalizou o seu campo de ação e organizou iniciativas em países da Europa, Cabo Verde e Angola – território onde está registada e autorizada a intervir enquanto ONGD internacional (pelo Ministério da Justiça e Direitos Humanos de Angola) e onde desenvolve projetos de intervenção e formação.</i>
Serviços	Os serviços oferecidos pela APDES dizem respeito a intervenções de metodologias participativas, advocacia, avaliação e investigação.	Todas as tarefas realizadas respondem a princípios de trabalho bem delineados, como a investigação, as metodologias participativas, a intervenção de proximidade, a advocacia, a avaliação e a abordagem transdisciplinar.

Anexo 5.3 – Grelha de análise documental à candidatura do Projeto ACIS+

Grelha de análise documental à candidatura do Projeto ACIS+

Grelha de análise documental à candidatura do Projeto ACIS+		
Categoria	Síntese	Excerto
Objetivos do projeto	O ACIS+ visa a implementação de um plano de formação de forma a capacitar técnicos de intervenção social que intervêm junto de populações vulneráveis do concelho de Vila Nova de Gaia, atendendo às demandas organizacionais, de forma a obterem resultados eficientes e eficazes nas suas atividades profissionais.	<i>Desenvolver competências através da implantação de um plano de desenvolvimento com foco na capacitação, de acordo com as categorias funcionais atendendo as demandas organizacionais, com resultados eficientes e eficazes.</i> <i>Considerando as necessidades identificadas, esta proposta tem como objetivo capacitar os profissionais que intervêm nas áreas sociais, no concelho de Vila Nova de Gaia, para a utilização de práticas interventivas baseadas em princípios e metodologias de Intervenção Comunitária e de Proximidade.</i> <i>Capacitar os profissionais que intervêm nas áreas sociais, no concelho de Vila Nova de Gaia, para a utilização de práticas interventivas baseadas em princípios e metodologias de Intervenção Comunitária e de Proximidade;</i>
Público-alvo	O público-alvo consiste nos técnicos de intervenção social e comunitária de proximidade que atuem no concelho de Vila Nova de Gaia.	<i>Assim, esta proposta é dirigida aos profissionais que intervêm junto públicos em situação de vulnerabilidade, designadamente profissionais das áreas da Psicologia, Serviço Social, Sociologia, educação social, e outros relevantes no domínio da intervenção social.</i>
Cobertura geográfica	A cobertura geográfica do ACIS+ inside no concelho de Vila Nova de Gaia	<i>O Plano de Desenvolvimento Social (2017 - 2021) de Vila Nova de Gaia refere de forma clara a existência de uma rede de equipamentos e de respostas sociais que é considerada como um, "um dos pontos fortes e de elevado potencial na promoção do desenvolvimento social".</i>
Financiamento	O financiamento do ACIS+ advém do Fundo de Apoio à Recuperação COVID-19.	<i>Neste sentido, dando seguimento à necessidade identificada no PDS, o município, através do Fundo de Apoio à Recuperação Covid-19 Associações Locais, tornou possível a operacionalização desta medida para a valorização dos profissionais cuja atividade se centre na intervenção social.</i>
Atividades	As atividades do ACIS+ consistem em sessões formativas com uma carga horária de 40 horas, distribuídas por dois blocos formativos. Após as ações de formação, serão disponibilizadas 12 ações de consultoria individualizada para os formandos, sendo esta opcional e voluntária.	<i>O plano curricular que propomos tem uma carga horária de 40 horas, o que corresponde às horas obrigatórias de formação anual, a ser disponibilizadas pelas organizações aos seus trabalhadores. No essencial, o plano distribui-se por 2 blocos formativos.</i> <i>No final do Projeto terão sido administradas um total de 400 horas formativas a um conjunto de 120 profissionais (formandos), correspondendo a um volume de formação de 4.800.</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		<i>Depois de administrada cada formação, serão disponibilizadas 12 ações de consultoria individualizada.</i>
Resultados esperados	Os resultados esperados do ACIS+ consistem na aquisição de conhecimentos teóricos, metodológicos e técnicos no domínio de metodologias participativas, intervenção comunitária, social e de proximidade. Por outro lado, espera-se que os formandos sejam capazes de refletir criticamente sobre formas de atendimento dos seus públicos, sobre estratégias de implementação dos conteúdos lecionados e que sejam adquiridos ou renovados os conhecimentos de metodologias de projetos. Por fim, espera-se sensibilizar os formandos para o autocuidado psicológico.	<i>No final da formação, é esperado que se alcancem os seguintes resultados junto dos formandos:</i> <i>1. Que sejam adquiridos conhecimentos teóricos em metodologias de intervenção comunitária;</i> <i>2. Que sejam adquiridos conhecimentos teóricos em metodologias de intervenção de proximidade;</i> <i>3. Que sejam adquiridos conhecimentos teóricos no domínio das metodologias participativas;</i> <i>4. Que sejam capazes de refletir criticamente sobre formas de melhorar competências de atendimento junto de públicos em situação de vulnerabilidade;</i> <i>5. Que sejam capazes de refletir criticamente sobre estratégias de implementação dos referidos conteúdos à sua prática interventiva;</i> <i>6. Que sejam adquiridos ou renovados conhecimentos relacionados com a metodologia de projeto, afinando a utilização de instrumentos de monitorização e de avaliação;</i> <i>7. Que sejam sensibilizados para a necessidade de atenderem ao seu auto-cuidado.</i>

**Anexo 5.4 – Grelha de análise documental ao projeto Click no Bullying
(site oficial da APDES)**

Grelha de análise documental ao Click no Bullying (site da APDES)

Disponível em: <https://apdes.pt/pt/portfolio/clicknobullying/>

Categoria	Síntese	Excerto
Objetivos do projeto	O Objetivo do Click no Bullying assenta em prevenir a problemática do cyberbullying junto dos jovens.	<i>Visa prevenir a problemática do cyberbullying através do empoderamento digital dos jovens.</i>
Financiamento	O projeto é financiado pela Comissão Europeia, fazendo parte do conjunto de projetos Erasmus+	<i>O Click no Bullying é um projeto Erasmus+</i>
Parceiros	Os parceiros do projeto envolve Portugal (APDES), Roménia (ACCES) e Turquia (Trakdosk).	<i>(...) que reúne sinergias entre Portugal (APDES), Roménia (ACCES) e Turquia (TRAKDOSK).</i>
Público-alvo	O público alvo diz respeito às faixas etárias dos 13 aos 35 anos.	<i>No âmbito local, o projeto Click no Bullying pretende envolver jovens, dos 13 aos 35 anos, preferencialmente num dos seus contextos naturais (escola, casa de acolhimento, instituição, etc.)</i>
Atividades	As atividades do Click no Bullying incidem em ações (in)formativas de proximidade, sobre competências digitais e perigos da internet de forma a capacita-los para as consequências negativas que advêm dos meios tecnológicos. Por outro lado, trabalha para capacitar jovens sobre a temática do cyberbullying para que haja uma contínua propagação de conhecimentos entre os jovens.	<i>Neste sentido, pretende-se: desenvolver as competências digitais dos jovens, de modo a tornarem-se menos vulneráveis e capazes de identificar e defenderem-se de situações de cyberbullying; aumentar a literacia mediática em meios digitais, para fazerem melhores escolhas e não serem influenciados negativamente por desinformação e conteúdos desadequados; promover mais (in)formação sobre o cyberbullying e os seus efeitos, de modo a saberem reconhecê-lo; proporcionar mais oportunidades de participar e ter voz ativa em questões que o/as afetam, de modo a contribuir para a criação de estratégias e soluções para os problemas que os envolvem.</i> <i>As ações versam sobre temas como a segurança na Internet, os meios digitais, bullying/cyberbullying, formas de prevenção e de combate, recorrendo à prática de metodologias participativas para dinamizar as sessões, educação não-formal (ENF), promovendo espaço de debate e troca de ideias, estimulando a liberdade e criatividade de cada participante.</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

Resultados esperados	Os resultados esperados do Click no Bullying residem na propagação eficaz de conhecimento sobre a problemática do cyberbullying, tanto para os jovens como para decisores políticos, esperando chegar à comunidade em geral.	<i>Para além do impacto direto nos jovens (youngsters) e nos técnicos de juventude (youth workers), pretende-se que alcançar decisores políticos e locais, bem como comunidade em geral.</i>

Anexo 5.5 - Grelha de análise documental do projeto Girugaia (site oficial da APDES)

Grelha de análise documental do projeto Girugaia (site oficial da APDES)

Disponível em: <https://apdes.pt/pt/portfolio/girugaia/>

Categorias	Síntese	Excertos
Objetivos e atividades	O Girugaia visa a adoção de práticas de consumo de menor risco, assim como a promoção de serviços de cidadania, saúde e inclusão social.	<i>Orientando-se por princípios inerentes à redução de riscos e minimização de danos, promove a utilização de material de consumo assético e a adoção de práticas de consumo de menor risco, assim como disponibiliza serviços promotores da cidadania, saúde e inclusão social.</i> <i>Desde 2007, tem em funcionamento um Programa de Terapêutica Combinada (PTC) com substituição opiácea de baixo limiar de exigência e administração de medicação antiretroviral e antituberculostática.</i>
População-alvo	A população alvo incide em indivíduos utilizadores de droga do concelho de Vila Nova de Gaia.	<i>(...) que intervém junto de indivíduos utilizadores de drogas no Concelho de Vila Nova de Gaia.</i>
Financiamento	O Girugaia conta como financiadores o Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD) e o Governo Português, mais concretamente a Direção Geral da Saúde (DGS)	<i>Serviço de Intervenção nos Comportamentos Aditivos e nas Dependências (SICAD)</i> <i>Governo de Portugal - Direção Geral da Saúde (DGS)</i>

Anexo 5.6 - Grelha de análise documental ao site oficial do Project PUSH: Promoting Unity Through Sports for the Homeless

Grelha de análise documental ao site oficial do Project PUSH: Promoting Unity Through Sports for the Homeless

Disponível em:

https://projectpush.eu/?_gl=1*1emzdpq*_up*MQ..*_ga*NzA2MzYwMTgxLjE3MjE4MzU2Mzg.*_ga_M9L5RMJT14*MTcyMTgzNTYzOC4xLjEuMTcyMTgzNTY0MS4wLjAuMA..

Categorias	Síntese	Excerto
Objetivos	Os objetivos do PUSH incidem no desenvolvimento de práticas desportivas com pessoas em situação de sem-abrigo, de forma a promover a sua integração na sociedade. Por outro lado visa promover a capacitação dos técnicos que acompanham esta população. Outro objetivo passa por sensibilizar a sociedade sobre o problema da marginalização desta comunidade, procurando diminuir a sua estigmatização.	<i>Development of activities and identification at the EU-level of good practices and experiences related to the participation of socially marginalised people and to sports activities to include them into host societies.</i> <i>Preparation and training of professionals operating for the integration and social inclusion of people in distress or marginalised through sport.</i> <i>Sport promotion as a tool of integration and social inclusion as part of a European-level strategy, that increases the capabilities of host communities and successfully integrates people in social distress through sport.</i> <i>Raising awareness of civil society on the issue of marginality.</i> <i>De-stigmatisation of people taken in charge by the host circuit because of their condition of extreme marginality.</i>
População alvo	A população alvo diz respeito a indivíduos em situação de sem-abrigo	<i>The PUSH project aims at promoting equal opportunity and social inclusion through sport for homeless people and all those living situations of social hardship by expanding the expertise of entities dealing with them and social workers following them.</i>
Parceiros	Os parceiros do projeto referem-se à italiana Il Cigno cooperativa socieale; Stichting Life Goal (Holanda); Megálloó Csoport Alapítvány (Hungria) e a APDES (Portugal)	<i>Il Cigno cooperativa sociale</i> <i>Stichting Life Goals</i> <i>Megálloó Csoport Alapítvány</i> <i>APDES</i>
Financiamento	O projeto é financiado pela União Europeia, sendo parte do grupo de projetos Erasmus+	<i>Funded by the European Union</i>
Atividades	As atividades do projeto passam por uma fase de investigação de boas práticas sobre desporto com comunidades vulneráveis, perspetivando a construção de um manual com diretivas de instrução para a aplicação desses conhecimentos na população alvo de cada país parceiro.	<i>After a first phase of research of good practices and knowledge exchange at EU level, the consortium will define a set of guidelines to allow social workers and sports trainers in collaborating and creating sports programs for homeless people. The guidelines will be tested in the partners' countries and then disseminated among other entities of the third sector, policymakers and all relevant services and stakeholders</i>
	O PUSH espera alcançar um aumento da qualidade	<i>People in a situation of social hardship will have a healthy tool to be</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

Resultados esperados	de saúde e de vida da população-alvo; Espera também enriquecer as capacidades dos técnicos sociais e desportivos que acompanham estas atividades; expandir o conhecimento dos países parceiros; alertar as populações para a problemática das pessoas em situação de sem-abrigo e por fim espera aumentar a reintegração desta população na sociedade	<i>included in the society and will be able to find the most efficient answers to their hospitality and inclusion needs.</i> <i>Social workers and sports trainers will enrich their training with complementary skills, which aim at correctly using the “sport” tool to reach the inclusion objectives for the people assisted.</i> <i>Entities and facilities working with homeless will be able to perfect and improve the offered services thanks to the exchange and sharing of good practices.</i> <i>Project partners will expand their expertise and benefit from a transnational collaboration.</i> <i>The civil society will be more aware of people living situations of hardship and prone to include them in the social context.</i> <i>(...) in order to reinclude marginalised people in social life and foster social cohesion.</i>

Anexo 5.7 - Grelha de análise documental ao relatório de resultados de atividades do projeto Não Vale TB II

Grelha de análise documental ao relatório de resultados de atividades do Não Vale TB II		
Categoria	Síntese	Excertos
Objetivos	Os objetivos do NVTB II assentam na sensibilização, prevenção e aumento da literacia para a doença da tuberculose	<i>Como principal propósito teve a sensibilização, prevenção e incremento da literacia para a saúde para a problemática da tuberculose.</i>
População-alvo	As populações alvo incidem nos grupos de maior vulnerabilidade, tais como: utilizadores de droga; trabalhadores do sexo; pessoas em situação de sem-abrigo; desempregados; trabalhadores da indústria da pedra; indivíduos com problemas de saúde; crianças e idosos.	<i>Pretende atuar junto de populações em situação de maior vulnerabilidade.</i> <i>Utilizadores de droga, trabalhadores do sexo, pessoas em situação de sem abrigo, migrantes, desempregados e trabalhadores da indústria da pedra podem estar fora da rede de serviços formais e não possuir informações adequadas, dificultando o diagnóstico e controlo da tuberculose.</i> <i>Indivíduos com outras condições de saúde debilitantes (e.g., pessoas imunossuprimidas ou com diabetes) têm um risco aumentado de contrair a tuberculose.</i> <i>Crianças e idosos devido ao seu sistema imunológico podem ser mais vulneráveis à</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

		<i>tuberculose.</i>
Cobertura geográfica	O NVTB II abrangeu os concelhos de Penafiel e Marco de Canaveses	<i>Desenrolou-se nos territórios de Penafiel e Marco de Canaveses.</i>
Financiamento	O NVTB II foi financiado pela DGS	<i>Direção Geral da Saúde</i>
Parceiros	Como parceiros o NVTB contou com instituições locais de Marco de Canaveses e Penafiel, tais como: a CIM Tâmega e Sousa; Câmara Municipal de Penafiel; Rádio Clube Penafiel; Juntas de Freguesia; IPSSs (Associações para o desenvolvimento, Casas do Povo; Lares e Centros de Dia); Centros Escolares; Serviços de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS); Cafés locais; Associações informais	<i>CIM Tâmega e Sousa</i> <i>Câmara Municipal de Penafiel</i> <i>Rádio Clube Penafiel</i> <i>Juntas de freguesia</i> <i>Instituições Particulares de Solidariedade Social (IPSS)</i> - <i>Associações para o Desenvolvimento</i> - <i>Casas do Povo</i> - <i>Lares e centros de Dia</i> <i>Centros Escolares</i> <i>Serviços de Atendimento e Acompanhamento Social (SAAS)</i> <i>Cafés Locais</i> <i>Associações informais</i>
Atividades	As atividades do NVTB II passavam pela realização de ações de sensibilização, realização de inquéritos de sintomas e realização de rastreios a DSTs, assim como medição de tensões e níveis de glicose.	<i>Ação de sensibilização</i> <i>Inquérito de sintomas</i> <i>Rastreios a IST's, Medição de tensões e glicémia</i>
Atuação	A atuação do NVTB II assentava na sinalização dos utentes que apresentavam quadros clínicos alarmantes, sendo que depois esses são encaminhados e acompanhados a consultas de rastreio, podendo ou não ser necessária a toma direta de medicação observada.	<i>Sinalização</i> <i>Acompanhamento a consultas</i> <i>Toma direta observada</i>
Resultados	No final do NVTB II, foram abrangidas 77 associações dos concelhos de Marco de Canaveses e Penafiel, colidindo num total de 813 pessoas abrangidas. Ao longo das intervenções do projeto, foram realizados 457 inquéritos de sintomas, dos quais houveram 50 encaminhamentos para rastreios. Adicionalmente, fizeram-se 77 publicações relativas ao projeto e distribuíram-se 650 flyers pela população.	<i>77 associações</i> <i>813 pessoas abrangidas</i> <i>457 inquéritos de sintomas aplicados</i> <i>50 encaminhamentos</i> <i>1280 rastreios às DSTs</i> <i>77 publicações nas redes sociais</i> <i>650 flyers distribuídos</i>
Dificuldades/limitações	As dificuldades encontradas no NVTB II dizem respeito à necessidade de uma maior	<i>Necessidade das instituições locais realizarem uma disseminação mais eficaz sobre as ações pela comunidade, de modo a contrariar a baixa</i>

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

	disseminação do NVTB pela comunidade, para evitar uma baixa adesão. Por outro lado, também se denota uma necessidade de triagem dos utentes que participam nas ações, nomeadamente os utentes que apresentam quadros de declínios cognitivos. Outra dificuldade encontrou-se na necessidade de garantia de privacidade nos momentos de realização dos inquéritos de sintomas e dos rastreios. Por outro lado, existe a necessidade de aumentar a literacia para a saúde, nomeadamente sobre consumos de álcool e outras substâncias nocivas com estas populações. A equipa também encontrou entraves na articulação com os serviços de saúde, que revelam um certo ceticismo relativamente às metodologias de intervenção social e comunitária de proximidade. Por fim, a baixa carga horária dos técnicos impossibilitou um contacto mais prolongado e contínuo com a população alvo, o que coloca em causa a eficácia e eficiência do projeto.	<i>adesão entre a população;</i> <i>Em contexto de instituição e/ou organização local, deve ser realizada uma triagem dos utentes a participar nas ações, nomeadamente considerando os casos com declínios cognitivos e/ou NEE, cuja avaliação exige acompanhamento e contextualização prévia;</i> <i>Necessidade de ser garantido o direito à privacidade nos momentos de realização de inquérito de sintomas e/ou rastreios às IST;</i> <i>Necessidade de incremento de literacia para a saúde e psicoeducação sobre problemáticas como o consumo de álcool ou outras substâncias, entre a população.</i> <i>Dificuldade de articulação com os serviços de saúde regionais e locais; resistência dos profissionais técnicos e dirigentes dos órgãos de saúde quanto à metodologia/abordagem proposta pelo projeto;</i> <i>Baixa carga horária dos técnicos impossibilita um contacto mais prolongado e continuado com os beneficiários da intervenção, impactando consequentemente a sua eficácia e consistência;</i> <i>Ceticismo da abordagem de proximidade na saúde comunitária nestas localidades.</i>
Pontos fortes	Quanto aos aspetos positivos do NVTB II, destacamos a eficácia da intervenção social e comunitária de proximidade, que possibilitou um contacto direto com a comunidade, permitindo uma maior e melhor auscultação das necessidades reais da população. Desta forma, o NVTB surge como uma contacto intermediário entre os utentes e os serviços de saúde. Por último, o facto do NVTB II estar dotado de uma equipa multidisciplinar, potencializou a diversidade de intervenções possíveis de oferecer à população	<i>A forte vertente de proximidade possibilita um contacto direto com a comunidade - permite auscultação in loco das necessidades dos próprios intervenientes; partilha de conhecimentos sobre o funcionamento da comunidade bem como sobre a visão local sobre as problemáticas alvo (são os atores chave quem detém os conhecimentos).</i> <i>A deslocação às diferentes freguesias do concelho e comunicação com a população residente e órgãos locais permite-nos perceber o que funciona melhor para cada local;</i> <i>A forte articulação em rede - a equipa conseguiu perceber quais os principais intervenientes quer no âmbito do concelho quer no âmbito das freguesias em particular;</i> <i>O fácil acesso à equipa parece surgir como um ponto de vantagem: surgindo como um contacto intermediário mais fácil que faz a ponte entre os utentes e os serviços;</i> <i>A existência de uma equipa multidisciplinar, que permite a presença de diferentes áreas de expertise no terreno, potencializando a diversidade de intervenções que é possível oferecer à população.</i>

Anexo 6 - ACIS+

Anexo 6.1 - Panfleto informativo ACIS+

The infographic features a red background with white and orange text. At the top left is the ACIS+ logo, with the tagline 'APROXIMAR E CAPACITAR INTERVENTORES SOCIAIS' below it. To the left of the main title is the APDES logo with the tagline 'in People we trust'. The main title 'Trazemos os conhecimentos da APDES para Gaia!' is in large white font. Below it, on the left, is a section 'Sobre nós' with a paragraph about APDES. On the right, a white circle contains the heading 'Áreas de atuação' and a list of five areas. At the bottom right is a globe icon and a URL.

ACIS+
— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS —

apdes
in People we trust

Trazemos os conhecimentos da APDES para Gaia!

Sobre nós

A APDES é uma ONGD fundada em 2004. Tem como propósito realizar intervenções que visem a melhoria do acesso à saúde, emprego e educação de comunidades e públicos em situação de vulnerabilidade, trabalhando para a capacitação das pessoas em diversos territórios nacionais, europeus e africanos.

Áreas de atuação

- Saúde, redução de riscos e Direitos Humanos;
- Educação para a saúde;
- Coesão social e emprego;
- Cooperação e desenvolvimento.

 <https://apdes.pt/pt/home/>



VISÃO, MISSÃO E VALORES

VISÃO

Ser um agente de transformação social responsável e participativo, que procura promover a cidadania global e desenvolvimento integrado

MISSÃO

Através da ação técnica, científica e política, melhorar as condições de vida de pessoas e comunidades em situação de vulnerabilidade.

IDENTIDADE

1. Sistema ético e estilo de vida
2. Humanismo
3. Participação
4. Proximidade
5. Transdisciplinaridade

COMPETÊNCIA (KNOW HOW)

1. Intervenção comunitária;
2. Investigação-ação;
3. Ação política.



PREFERÊNCIA

- Benefício económico-social dos serviços/produtos;
- Capacitação de pessoas e organizações;
- Acesso a saúde, emprego, educação e cidadania;
- Coesão social.

INTERNOS

Modus operandi da organização:
Espaço de inovação, debate e experimentação;
Crescimento pessoal e profissional assente na liberdade criativa; Gestão solidária e sustentável

Duração - 40h	DATA DE INÍCIO	FINAL
· Local: opção de regime misto - sessões formativas <u>online</u> ou <u>presencial</u> nas instalações do Instituto Piaget de Gulpilhares. Endereço: Alameda Jean Piaget 242, 4405-678 Vila Nova de Gaia		
· Contactos: acis@apdes.pt		
· Destinatários: Profissionais de Vila Nova de Gaia, que intervêm junto de públicos em situação de vulnerabilidade, designadamente profissionais de áreas da Psicologia, Sociologia, Serviço social, educação social e outros relevantes no domínio da intervenção social.		

Objetivos

- Desenvolver competências através da implementação de um plano de desenvolvimento com foco na capacitação, de acordo com as categorias funcionais e atendendo às demandas organizacionais;
- Dotar os profissionais com conhecimento teórico e técnico relativamente aos conceitos, processos, estratégias, meios e metodologias associados à Intervenção Comunitária e de Proximidade;
- Levantamento de competências, de monitorização e avaliação das aprendizagens;
- Administração de ações de consultoria individualizada em vista a uma implementação personalizada, próxima e prática das aprendizagens.

Resultados esperados

- Que sejam adquiridos conhecimentos teóricos em metodologias de intervenção comunitária, intervenção de proximidade e intervenção participativa;
- Que os formandos sejam capazes de refletir criticamente sobre formas de melhorar competências de atendimento junto de públicos em situação de vulnerabilidade;
- Que os formandos sejam capazes de refletir criticamente sobre estratégias de implementação dos referidos conteúdos à sua prática interventiva;
- Que sejam adquiridos ou renovados conhecimentos relacionados com a metodologia de projeto, afinando a utilização de instrumentos de monitorização e de avaliação;
- Que os formandos sejam sensibilizados para a necessidade de atenderem ao seu autocuidado.

Plano curricular e conteúdos programáticos

Serão implementadas 10 ações formativas ao longo de 2 anos. Assim a oferta formativa será dividida em dois blocos ou ações formativas:

Capacitação dos profissionais em intervenção comunitária e de proximidade	Total 40h
Bloco formativo I	

1- Intervenção comunitária	8h
· Perspetiva histórica; · Conceitos centrais; · Descrição comparativa da abordagem comunitária face às abordagens clássicas de intervenção social.	
2- Intervenção de Proximidade - Teoria e Prática	8h
· Conceito; · Vantagens e desvantagens de uma intervenção de proximidade; · Recursos a mobilizar.	
3- Metodologias participativas	8h
· Conceito e princípios metodológicos; · Escada da participação; · Diagnóstico participativo.	
4- Públicos em situação de vulnerabilidade - competências de atendimento	8h

· Competências de atendimento; · A relação da confiança, a capacidade de escuta e empatia	
5- Educação pelos pares - Um mecanismo de participação e empoderamento	8h
· Conceito, origem e evolução das metodologias de educação de pares; · “Nothing about us without us” - movimento de pessoas com deficiência · Funções de educadores de pares	
Bloco formativo II	total 40h
6- Metodologia de Projeto - Conceção, implementação e avaliação	12h
· Ciclo de projeto: diagnóstico; Planeamento; implementação; avaliação; auditoria; · Matriz de enquadramento lógico	
7 - Instrumentos de registo e de monitorização	8h

- Recolha de dados;
- Tratamento de dados;
- Digitalização de instrumentos de registo (desmaterialização de registos)

8- Trabalho em rede

8h

- Conceito;
- Funcionamento
- Impacto do trabalho em Rede na qualidade dos serviços prestados

9 - Estratégias de autocuidado: promoção da saúde mental dos profissionais

12h

- Estratégias de cuidado para prevenção do *burnout*;
- O bem-estar em contexto de trabalho

10 - Seminário final

4h

- Seminário formativo com convite a especialistas e outros atores relevantes nas temáticas abordadas nas sessões anteriores

**11 - Consultoria para a intervenção de proximidade
(facultativo)**

10h

- Consultoria individual para a implementação de um plano de intervenção com recurso às metodologias e técnicas abordadas na formação

Acompanhamento e avaliação

O acompanhamento e avaliação da formação preveem o recurso a instrumentos de levantamento de competências, de monitorização da formação e de avaliação das aprendizagens

- Monitorização da implementação da ação, dos seus módulos e a sua avaliação global, através de avaliação por módulo, dos formandos, da formação e dos formadores;
- Avaliação das aprendizagens realizadas pelos formandos, recorrendo a metodologias qualitativas e quantitativas, contínua e sumativa (assiduidade, pontualidade, participação, motivação, relação com o grupo, pré-teste e pós-teste formativo e a sua análise comparativa individual, teste escrito ou atividades avaliadas por módulo);
- Avaliação final da formação, através da consulta dos formandos sobre a sua perceção quanto ao curso e à sua finalidade

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES



Fonte: Pereira, I. (2023). *Trazemos os conhecimentos da APDES para Gaia!* (Brochura)

Anexo 6.2 - Panfletos informativos dos módulos do programa do ACIS+



ACIS+

APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS

MÓDULO 1

INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA

- Perspetiva histórica
- Conceitos centrais
- Descrição comparativa da abordagem comunitária face às abordagens clássicas de intervenção social

Início:
Duração: 8h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA: O QUE É?

As transformações sociais e a emergência dos processos de industrialização e globalização, levam a uma necessidade de aproximação do interventor social com o seu terreno de atuação.

A Intervenção Comunitária é o conjunto de ações que visam promover o desenvolvimento de uma comunidade através da participação ativa. Portanto, pretende capacitar e fortalecer a comunidade, favorecendo a sua autogestão e transformação. Dar à comunidade capacidade de tomada de decisão e a ação favorece o seu fortalecimento como espaço preventivo.



QUE TIPOS DE INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA EXISTEM?

- **Intervenção científico-técnico-funcionalista:** contexto de afastamento do Estado, na sua função providência, onde se baseava o seu poder de intervenção. Desta forma, a intervenção comunitária tem uma intencionalidade de compensação política, de gestão do conflito social.
- **Intervenção assistencial-prestacionista:** Pressupõe que a intervenção esteja associada a instituições religiosas ou confessionais, confundindo-se, por vezes, com as Instituições de Solidariedade Social e com as Misericórdias.
- **Intervenção cidadã:** Procura uma distância das anteriores, tentando envolver os membros da comunidade para que adotem uma dimensão reflexiva e crítica da sua condição económica e social.

BENEFÍCIOS DA INTERVENÇÃO COMUNITÁRIA (SANCHEZ, 2008):

- Permite ao profissional aprofundar a análise das comunidades, grupos alvo e/ou sistemas de trabalho, dado que facilita o uso de técnicas qualitativas de recolha e análise de dados;
- Permite à população, conhecer os seus recursos, problemas, necessidades e soluções alternativas;
- Ao trabalhar com os membros da comunidade, permite transferir gradualmente as responsabilidades dos programas e gestão dos serviços, para que os membros da comunidade sejam capazes de alcançar os objetivos definidos autonomamente.





ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 2

INTERVENÇÃO DE PROXIMIDADE

Teórica e prática

- Conceito;
- Vantagens e desvantagens de uma intervenção de proximidade;
- Recursos a mobilizar

Início:
Duração: 8h

Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



INTERVENÇÃO DE PROXIMIDADE: O QUE É?

A intervenção de proximidade é um tipo de intervenção social que se destaca pela proximidade da equipa de intervenção com o seu grupo-alvo. Para tal, utiliza um tipo de linguagem informal, assim como a mobilização das equipas ao encontro da população no seu terreno. Uma forma de trabalho interventivo é por exemplo, o uso de equipas móveis e de rua, equipas de redução de riscos e minimização de danos; comunidades terapêuticas, unidades de desabituação e investigação. Todavia, também se propõe a criar e manter: centros de dia e apoio domiciliário, equipas de intervenção social direta, formação, formação profissional, centros de apoio social, projetos de desenvolvimento social e atividades comunitárias, recreativas, culturais e desportivas, entre outros.



PORQUÊ FAZER UMA INTERVENÇÃO DE PROXIMIDADE?

- Estabelece uma maior relação de confiança das populações com a equipa e trabalho de intervenção;
- Maior facilidade de intervir junto de populações mais isoladas, vulneráveis e segregadas;
- Permite conhecer melhor o meio, as dificuldades e dinâmicas da população-alvo;

“Nós vamos ao terreno, vamos à procura de quem precisa, o que acaba por levar a uma relação de confiança e proximidade muito mais forte com a pessoa – um fator importante na concretização do projeto de intervenção”
– afirma Diana Gautier, assistente social da Médicos do Mundo.



Fonte: Médicos do mundo - <https://www.medicosdomundo.pt/noticia/importancia-das-equipas-de-proximidade-na-intervencao-de-rua>



ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 3

METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS

- Conceito e princípios metodológicos
- Escada da Participação
- Diagnóstico Participativo

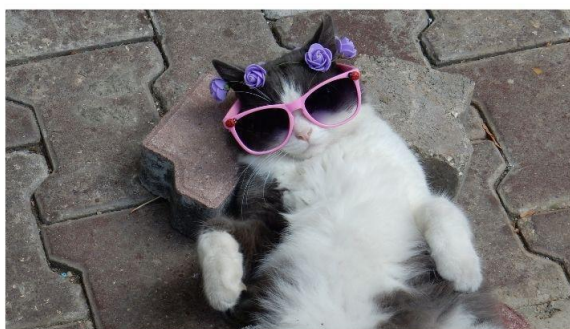
Início:
Duração: 8h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



METODOLOGIAS PARTICIPATIVAS: O QUE SÃO?

As metodologias participativas têm uma grande afinidade com a educação popular, sendo que o seu objetivo último reside na emancipação do indivíduo e na transformação da sua realidade social. Desta forma, as metodologias participativas permitem um desenvolvimento social endógeno, ou seja, “de baixo para cima”, onde o envolvimento da população, nas atividades de tomada de decisão, leva a escolhas mais democráticas.



PORQUÊ USAR UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA?

- Aumenta a confiança da população nas instituições governamentais;
- Diminui percepções de fraca legitimidade de decisão;
- Torna os processos de decisão mais democráticos;
- Existe uma pluralidade de perspetivas e soluções
- Não existe preferência por soluções que visem somente o lucro;
- Fortifica as capacidades e competências dos cidadãos;
- Gera um maior entendimento de problemas públicos, assim como as suas necessidades e soluções;
- Amplifica os apoios para programas e iniciativas.

QUANDO UTILIZAR UMA METODOLOGIA PARTICIPATIVA?

É apropriada para abordar:

- Temas que requerem estudos étnicos, sociais ou culturais e que necessitam de ponderar sobre determinados valores/princípios fundamentais;
- Questões políticas que requerem a atenção pública, aprendizagem, procura por soluções e aceitação moral/emocional da eventual decisão;
- Um conjunto definido por opções ou propostas que apoiam a busca de consenso ou soluções inovadoras;





ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 4

PÚBLICOS EM SITUAÇÃO DE VULNERABILIDADE

Competências de atendimento

- Competências de atendimento;
- A relação da confiança, a capacidade da escuta e empatia

Início:
Duração: 8h

Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



VULNERABILIDADE SOCIAL: O QUE É?

O termo “vulnerabilidade” é discutido multidisciplinarymente. De forma sintética, podemos remeter vulnerabilidade social às noções de carência e exclusão social. As pessoas, grupos ou comunidades são vulneráveis quando não dispõem de recursos materiais e imateriais para fazer frente aos riscos sociais a que são submetidos no seu quotidiano. Adicionalmente, também não apresentam capacidades para adotar ações estratégicas que lhes permitam alcançar um nível de estabilidade e segurança positivo, tanto a nível pessoal como coletivo.



IMPORTÂNCIA DA PREVENÇÃO E INTERVENÇÃO

É essencial fomentar nos indivíduos a habilidade de compreender, analisar, refletir e consciencializar sobre a sua condição social e das restantes que os envolvem. Esta interação, permite o seu desenvolvimento pessoal e social, ao tornar-se um agente e membro de grupo participativo e criativo.

O trabalho da prevenção e intervenção social, deve passar pela implementação de políticas públicas que permitam a melhoria das condições materiais dos indivíduos e das suas comunidades. Dentro disto passa a melhoria no acesso a serviços públicos como a saúde, educação, habitação, entre outros.

PRINCIPAIS ELEMENTOS DE INTERAÇÃO COM UM INDIVÍDUO/PÚBLICO VULNERÁVEL:

- Confidencialidade;
- Comunicação na 1ª pessoa;
- Especificidade e frontalidade no diálogo;
- Sensibilidade e empatia;
- Evitar juízos de valor ou avaliações;
- Capacitar e reforçar a autoconfiança;
- Respeitar o direito do indivíduo tomar as suas próprias decisões e ao seu próprio ritmo.



Os técnicos têm ainda de estar preparados para providenciar ajuda, orientação e informação, além de conseguir despoletar recursos e trabalhar em rede. Por fim, aceitar o cenário de resistência ou recusa de ação do indivíduo/comunidade perante o seu problema.



ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 5

EDUCAÇÃO PELOS PARES

Um mecanismo de participação e emponderamento

- Conceito, origem e evolução das metodologias de educação de pares;
- *Nothing about us without us* - movimento de pessoas com deficiência;
- Funções de educadores de pares.

Início:
Duração: 8h

Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



EDUCAÇÃO PELOS PARES: O QUE É?

A educação pelos pares assenta num processo diferenciado de comunicação e aprendizagem que visa integrar, informar e formar indivíduos. A educação de pares é vista como um processo de influência educativa entre pessoas que partilham características demográficas, sociais, culturais e vivenciais, que se identificam e se aceitam mutuamente como pares educadores e educandos. Por conseguinte, esses indivíduos procuram e facilitam o processo de influência educativa, transformadora e emancipatória, capaz de alcançar benefícios essenciais ao nível da saúde e outros.



ONDE SE APLICA A EDUCAÇÃO PELOS PARES?

A educação pelos pares pode ocorrer em pequenos grupos ou através de um contacto individual. A mesma pode encontrar-se numa variedade de ambientes, como em:

- Escolas;
- Clubes culturais ou desportivos;
- Locais religiosos;
- Locais de trabalho;
- Na rua ou num contexto de acolhimento, proteção e promoção;
- Entre outros.

CARACTERÍSTICAS E ATRIBUIÇÕES A TER EM CONTA NOS PARES EDUCADORES:

- **Credibilidade baseada na pessoa:** relacionada com características baseadas no género, idade e etnia;
- **Credibilidade baseada na experiência:** indivíduos que sensibilizam sobre uma determinada prática e assumem os riscos com que já se confrontaram no passado com a mesma;
- **Credibilidade baseada na mensagem:** devem os conteúdos informativos comunicados serem rigorosos e cientificamente fundamentados, e serem apresentados de forma inclusiva, sem julgamentos e sem discriminações (Shiner e Newburn, 1996).





— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 6

METODOLOGIA DE PROJETO

Conceção, implementação e avaliação

- Ciclo de projeto: diagnóstico, planeamento; implementação, avaliação, auditoria;
- Matriz de enquadramento lógico.

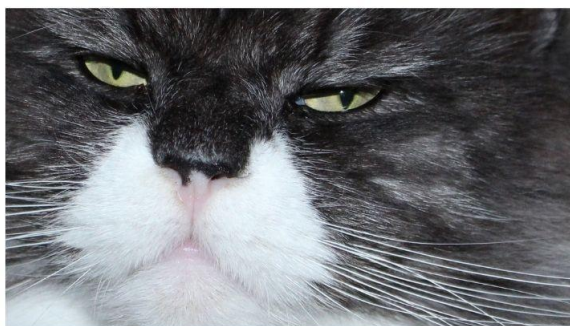
Início:
Duração: 12h

Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



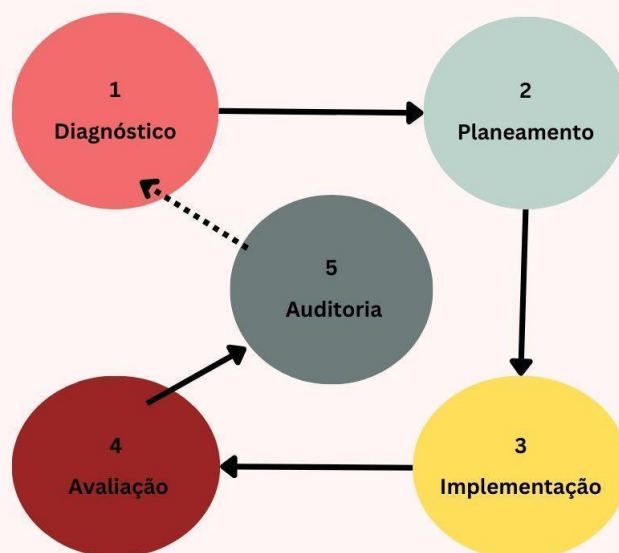
METODOLOGIA DE PROJETO

A metodologia de projeto, incide num processo de atividades que envolve diferentes atores sociais, em quadros institucionais e em contextos político-geográficos específicos. Configura-se assim um processo complexo, multidimensional, que se desenvolve em múltiplos níveis de ação e decisão, visando a resolução de problemas públicos.

A metodologia de projeto, tem por base a análise isolada (e/ou em relação) de cada uma das etapas de construção de uma política/projeto. Desta forma, reduz-se a complexidade da prática e facilita a sua compreensão. Por conseguinte, a ação pública é analisada como um processo sequencial inacabado que se repete e se reconstrói, em resultado de mudanças induzidas por efeito de *feedback* dos projetos e/ou por alterações dos contextos ou das relações dos atores e instituições envolvidos.



ETAPAS DO CICLO DE PROJETO:



NO CAMPO DA INTERVENÇÃO SOCIAL:

- A metodologia de projeto está a ser utilizada em modelos participativos de ação de modo a gerar empoderamento e capacitação, além de promover soluções mais sustentáveis



Um projeto é um empreendimento, uma viagem, com um objetivo e um destino marcado



ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 7

INSTRUMENTOS E REGISTO DE MONITORIZAÇÃO

- Recolha de dados;
- Tratamento de dados;
- Digitalização de instrumentos de registo (desmaterialização de registos)

Início:
Duração: 8h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



INSTRUMENTOS E REGISTO DE MONITORIZAÇÃO: O QUE SÃO?

A monitorização/implementação/execução, incide no registo quotidiano do que acontece num projeto. Este permite acompanhar, controlar e gerir o projeto - execução das ações correspondentes a cada atividade, calendário, recursos humanos, materiais e financeiros, atores responsáveis, etc.



FERRAMENTAS DE APOIO À MONITORIZAÇÃO

- **Diagrama de Gantt:** matriz que cruza duas variáveis: o tempo previsto/disponível e a medida/atividade prevista, ou seja, permite ordenar temporalmente um projeto. Adicionalmente, perspetiva, no tempo, as atividades previstas no projeto.
- **Quadro de atividades por medida:** Matriz que cruza mais do que 2 variáveis - a medida/atividade prevista, o resultado esperado, o orçamento, os intervenientes, o tempo necessário para participação dos intervenientes e o cronograma de execução da medida/atividade.

Ambas são ferramentas provisórias, dinâmicas, ajustáveis e reformuláveis à medida que a execução se processa

Podem ser corrigidas de acordo com:

- Os timings efetivos para a concretização das atividades;
- Os atrasos tidos na execução;
- O orçamento previsto e gasto;
- O interesse e participação dos atores;
- A avaliação on-going da execução.



Atenção!

A correção não traduz qualquer sinal de fragilidade da execução do projeto!

MAS SIM uma maior capacidade de:

- Controlo da execução do projeto
- Controlo da avaliação do processo



ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 8

TRABALHO EM REDE

- Conceito;
- Funcionamento;
- Impacto do trabalho em rede na qualidade de serviços prestados.

Início:
Duração: 8h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



TRABALHO EM REDE: O QUE É?

A aceleração do ritmo de vida da sociedade contemporânea traz diversos desafios a nível político, económico e sociocultural. Estas dinâmicas implicam uma consciente compreensão do papel de cada indivíduo, inclusive nas organizações, que estão também em constante mudança.

O trabalho em rede apresenta-se como um processo de construção e fortalecimento dos espaços. O trabalho em rede é uma nova expressão dos comportamentos do mundo organizacional, pois envolve a efetiva participação, colaboração e conexão entre diferentes profissionais e empresas, geradas por meio de complexos relacionamentos e recursos compartilhados, objetivando fins comuns.



TRABALHO EM REDE: VANTAGENS

- Possibilita a construção e a implementação de ações intersectoriais, articulando e aproximando diferentes setores e serviços como a educação, saúde, cultura, assistência social, entre outros;
- Aumenta a possibilidade de ações;
- Troca de experiências entre os vários atores e instituições que potencialmente podem transformar-se em acúmulo de experiência e de conhecimento;
- Aumenta a difusão e disseminação de conhecimento de (e em) regiões mais diversas.

O TRABALHO EM REDE NA INTERVENÇÃO SOCIAL:

Em detioração do Estado Providência, as organizações do Terceiro Setor assumem o papel de interventores sociais. Desta forma, a assistência social passa de um problema do setor público para o privado, obrigando a uma maior dinamização e mobilização de atores (individuais e organizacionais) e de recursos.





ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 9

ESTRATÉGIAS DE AUTOCUIDADO

Promoção da saúde mental nos profissionais

- Estratégias de cuidado para prevenção de burnout;
- O bem-estar em contexto de trabalho

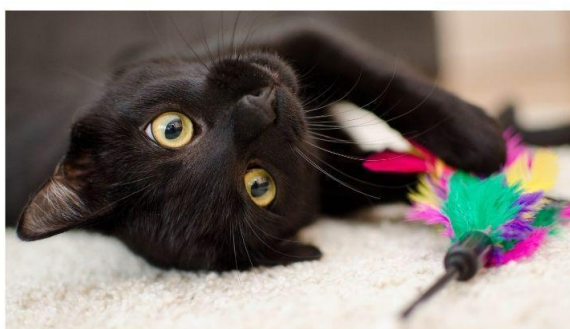
Início:
Duração: 12h

Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Facilitador(a):



O QUE SE ENTENDE POR SAÚDE MENTAL E BEM-ESTAR?

Sobre a saúde mental, a OMS (2001), refere:
(...) pode ser entendida como um estado de bem-estar no qual o indivíduo tem noção das suas capacidades, consegue lidar com as tensões normais da vida, consegue trabalhar de forma produtiva e frutífera e é capaz de contribuir para a comunidade em que se insere.

A saúde mental é um estado de bem-estar caracterizado por uma sensação positiva, com relações satisfatórias, bem como a capacidade de lidar com o meio. A saúde mental influencia a forma como pensamos, comunicamos, aprendemos e crescemos. Um bem-estar perceptível reforça a resiliência e a autoestima, que constituem os ingredientes de uma participação bem-sucedida na comunidade, na sociedade, na vida profissional e nas relações.



RISCOS PARA A SAÚDE MENTAL NO TRABALHO:

- Natureza do trabalho;
- Volume e ritmo de trabalho;
- Horários de trabalho;
- Controlo;
- Ambiente e equipamento;
- Cultura organizacional e função;
- Relações interpessoais no trabalho;
- Papel na organização;
- Progressão na carreira;
- Violência e intimidação;

PORQUE DEVEM AS EMPRESAS GERIR A SAÚDE MENTAL DOS TRABALHADORES?

- Problemas de doenças de saúde mental assumem-se como uma causa cada vez maior de ausência ao serviço entre os trabalhadores na Europa;
- Os custos das ausências por motivos de saúde mental são mais elevados e prolongados do que em relação a qualquer outro tipo de doença;
- As alterações na natureza do trabalho estão a gerar um aumento do stress e dos problemas relacionados com a saúde mental;
- O local de trabalho constitui um cenário particularmente conveniente para intervir no sentido de promover uma boa saúde mental;
- A gestão dos riscos psicossociais no trabalho é obrigatória por lei;
- As intervenções orientadas para o indivíduo e destinadas a melhorar a saúde e o bem-estar mental têm uma boa relação custo-eficácia.





ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 10

SEMINÁRIO FINAL

Seminário formativo com
convite a especialistas e outros
atores relevantes nas
temáticas abordadas nas
sessões anteriores

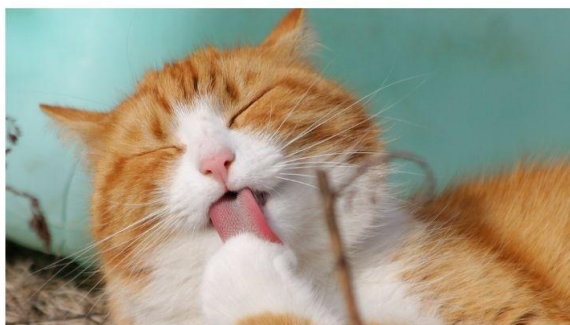
Início:
Duração: 4h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

Especialista 1:



Especialista em beleza auto-cuidado

Especialista 2 :



Especialista em metodologias de relaxamento e
saúde mental

Especialista 3



Especialista em intervenção infantil e ambiental

Especialista 4:



Especialista anti comportamentos discriminatórios e anti-bruxaria

Especialista 5

Especialista em comunidades juvenis e intervenção desportiva



Especialista 6

Especialista em comportamentos desviantes de gatos laranja





ACIS+

— APROXIMAR
E CAPACITAR
INTERVENTORES
SOCIAIS ●

MÓDULO 11

CONSULTORIA PARA A INTERVENÇÃO DE PROXIMIDADE

Consultoria individual para a implementação de um plano de intervenção com recurso às metodologias e técnicas abordadas na formação

Início:
Duração: 10h

**Agência Piaget para o
Desenvolvimento
(APDES)**

acis@apdes.pt.

Alameda Jean Piaget nº 100,
4411-801 Vila Nova de Gaia

O QUE É?

Depois de administrada cada formação, serão disponibilizadas 12 formações de consultoria individualizada. Estas ações são destinadas aos profissionais que participaram nas ações formativas anteriores e que pretendem ter um acompanhamento próximo e personalizado na implementação prática, em contexto real, dos conteúdos formativos abordados.



Fonte: Pereira, I. (2023). *ACIS+ Aproximar e Capacitar Interventores Sociais*. (Brochura)

Anexo 6.3 - Inquérito de auscultação de necessidades formativas ACIS+

Auscultação das necessidades e objetivos dos formandos do ACIS+

No presente questionário, pretende-se conhecer as necessidades e objetivos dos formandos na sua participação no programa ACIS+, proporcionado pela Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES).

O questionário, além de uma ferramenta de auscultação da população alvo do ACIS+, servirá também como material de estudo no âmbito de um estágio curricular, integrado no Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Garante-se a todos os participantes, o anonimato e a confidencialidade dos dados recolhidos e garante-se o uso das informações proporcionadas apenas para fins académicos e para informação à agência formadora em causa.

Em caso de dúvidas ou queixas, por favor contacte a equipa responsável através: Email: acis@apdes.pt

Tlf: 915879184

Agradecemos a sua colaboração.

* Indica uma pergunta obrigatória

Secção I: Caracterização socioprofissional

Nesta secção encontrará perguntas referentes a dados identitários básicos, de percurso(s) académico(s) e profissional.

1. Idade *

2. Sexo *

(Marcar apenas uma oval)

- ☐ Masculino
- ☐ Feminino
- ☐ Prefiro não responder

3. Grau académico *

(Marcar apenas uma oval)

- ☐ Bacharelato
- ☐ Licenciatura
- ☐ Mestrado
- ☐ Pós-Graduação
- ☐ Doutoramento
- ☐ Outra:

4. Área de formação académica *

(Marcar apenas uma oval.)

- ☐ Psicologia
- ☐ Sociologia

- ☐ Serviço Social
- ☐ Educação Social
- ☐ Ciências da Educação
- ☐ Criminologia
- ☐ Direito
- ☐ Outra:

5. Área(s) de intervenção atual *

(Marcar tudo o que for aplicável.)

- ☐ Infância e Juventude
- ☐ Saúde
- ☐ Família e Comunidade
- ☐ Terceira Idade
- ☐ Educação
- ☐ Apoio a indivíduos portadores de deficiências
- ☐ Autarquias
- ☐ Reabilitação e acompanhamento de pessoas/comunidades vulneráveis
- ☐ Outra:

Secção II: Atividade profissional

Com esta secção, pretendemos auscultar as principais necessidades e problemas dos nossos formandos, de forma a conhecermos melhor a nossa população e para uma melhor prestação de serviços aos mesmos.

6. Considera que está 100% capacitado/a para desempenhar as suas atividades profissionais?

(Marcar apenas uma oval.)

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei responder

6.1 Se respondeu Não na pergunta anterior, por favor refira o(s) motivo(s) para tal.

7. Quais são as principais necessidades formativas que se depara no desempenho das suas atividades?

(Marcar tudo o que for aplicável.)

- ☐ Falta de conhecimentos metodológicos
- ☐ Falta de conhecimentos teóricos
- ☐ Dificuldade no atendimento de utentes
- ☐ Dificuldade em estabelecer redes de contacto com outras entidades que possam auxiliar as suas atividades
- ☐ Dificuldade em gerir o tempo pessoal e profissional
- ☐ Falta de estratégias de autocuidado psicológicas
- ☐ Outra:

8. Nos últimos anos, realizou alguma ação de formação/capacitação profissional, na área da intervenção social?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim

- ☐ Não

8.1. Se respondeu Não, por favor indique o(s) motivo(s) para tal.

(Marcar tudo o que for aplicável.)

- ☐ Horários incompatíveis
- ☐ Excessiva carga horária
- ☐ Preço da formação
- ☐ Qualidade dos formadores/entidade formadora
- ☐ Distância do local da formação/falta de opção de presença mista
- ☐ Falta de oferta
- ☐ Falta de interesse
- ☐ Outra:

Secção III- Expectativas/objetivos com o ACIS+

Nesta última secção pretendemos conhecer as suas expectativas com o programa ACIS+ e quais os objetivos que pretende alcançar connosco e após a formação.

9. Como teve conhecimento da existência do ACIS+?

(Marcar apenas uma oval.)

- ☐ Através da minha entidade empregadora
- ☐ Através das redes sociais da APDES
- ☐ Através de colegas/amigos/familiares
- ☐ Contacto direto com os responsáveis do ACIS+
- ☐ Outra:

10. Considera que o ACIS+ poderá mitigar alguns entraves que encontra no desempenho da sua atividade profissional?

Marcar apenas uma oval.

- ☐ Sim
- ☐ Não
- ☐ Não sei

10.1. Se respondeu Não na última pergunta, por favor, explique o(s) motivo(s) para tal?

11. O que mais o/a atraiu no programa ACIS+?

(Marcar tudo o que for aplicável.)

A possibilidade de ter um melhor desempenho profissional

- ☐ O programa
- ☐ A gratuitidade da formação
- ☐ A certificação/diplomação
- ☐ A carga horária
- ☐ A proximidade física da instituição ao meu local de residência
- ☐ A possibilidade de assistir às ações de formação online
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Outra:

12. Quais dos módulos de formação, apresentados no programa do ACIS+, considera que serão uma mais valia para si?

Marcar tudo o que for aplicável.

- ☐ I- Intervenção Comunitária
- ☐ II- Intervenção de proximidade (teoria e prática)
- ☐ III- Metodologias participativas
- ☐ IV- Públicos em situação de vulnerabilidade (Competências de atendimento)
- ☐ V- Educação pelos pares (Um mecanismo de participação e empoderamento)
- ☐ VI- Metodologia de projeto (conceção, implementação e avaliação)
- ☐ VII- Instrumentos de registo e monitorização
- ☐ VIII- Trabalho em rede
- ☐ IX- Estratégias de autocuidado (promoção da saúde mental dos profissionais)
- ☐ X- Seminário final com especialistas das temáticas abordadas anteriormente
- ☐ XI- Consultoria individual para a intervenção de proximidade
- ☐ Todas as anteriores
- ☐ Nenhuma das anteriores
- ☐ Não sei

13. Existem outras temáticas/metodologias e técnicas que gostaria que fossem abordadas na formação? Quais?

14. Quais as expectativas e perceções de impacto do ACIS+ na sua vida profissional

Anexo 6.4 – Texto do email de divulgação do inquérito de auscultação de necessidades do ACIS+

Exm^a,

Esperemos que este email o(a) encontre bem.

Gostaríamos de convidá-lo(a) a participar num Inquérito de Levantamento de Necessidades Formativas importante que estamos a conduzir, como parte dos nossos esforços contínuos para melhorar os nossos serviços e entender as necessidades formativas dos participantes do ACIS+. Este é um programa proporcionado pela Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES), com o intuito de capacitar e aproximar interventores sociais do concelho de Vila Nova de Gaia. No presente inquérito, pretende-se conhecer as necessidades formativas e objetivos dos formandos com sua participação no programa ACIS+.

A sua opinião é fundamental para nós e a participação neste inquérito levará apenas alguns minutos do seu tempo. Garante-se o anonimato e confidencialidade das informações prestadas, onde as mesmas nos ajudarão a aprimorar os nossos processos e oferecer uma experiência melhor e com resultados mais positivos. Adicionalmente, o inquérito servirá também como material de estudo no âmbito de um estágio curricular, integrado no Mestrado em Sociologia pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Link para aceder ao questionário:

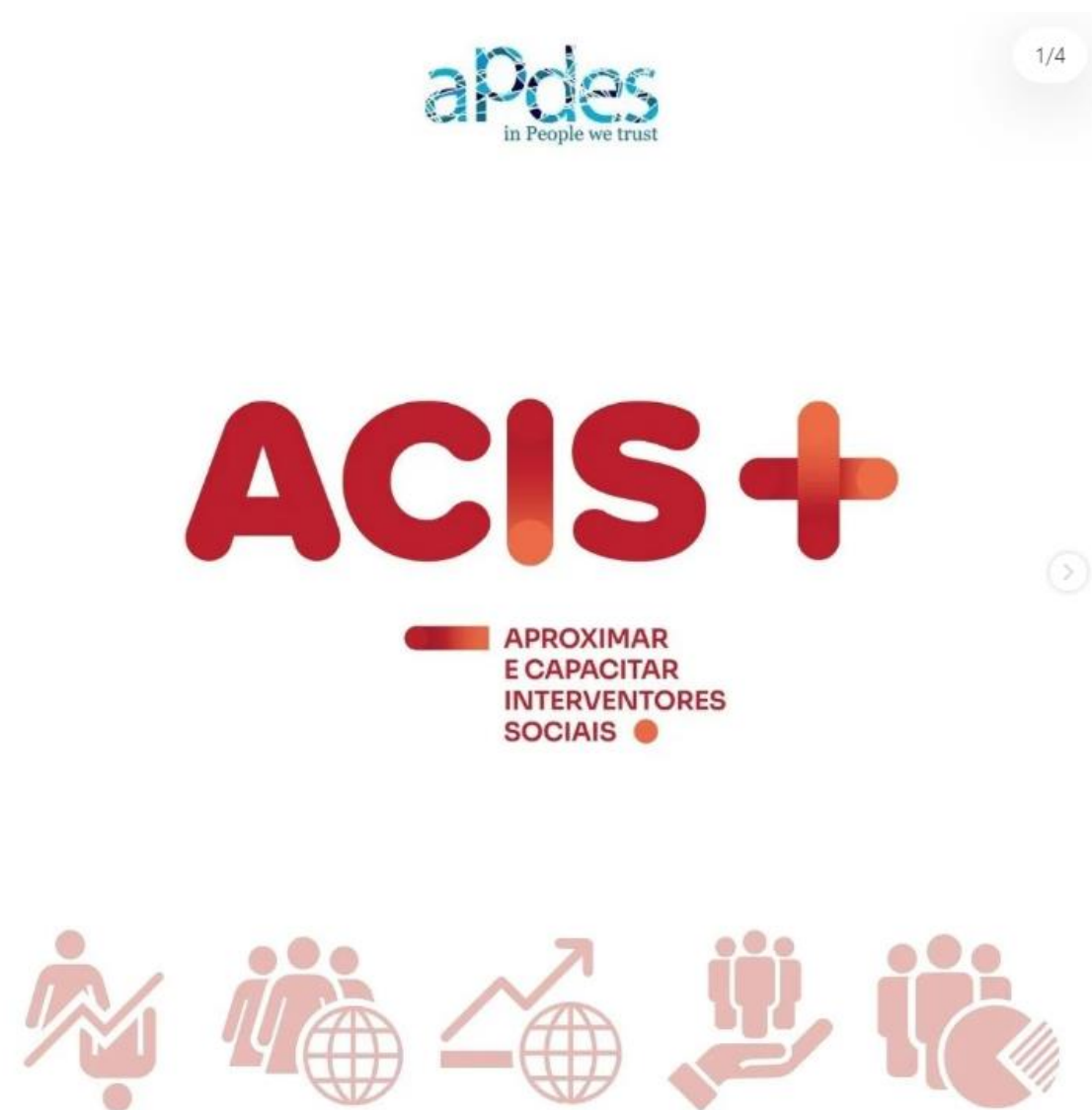
Agradecemos antecipadamente pelo seu tempo e contribuição para este importante estudo.

Em caso dúvida ou preocupação não hesite em entrar em contato com a equipa do ACIS+ através dos emails: ou ; ou através do contacto:

Atenciosamente,

Inês Figueiredo Pereira

Anexo 6.5 - Publicação para divulgação do projeto ACIS+ nas redes sociais da APDES





**RECONHECES A IMPORTÂNCIA
DE UMA CONTÍNUA
CAPACITAÇÃO DE
COMPETÊNCIAS?**



3/4

 **QUAIS SÃO AS PRINCIPAIS NECESSIDADES FORMATIVAS QUE CARECES NO TEU DIA-A-DIA DE TRABALHO** 

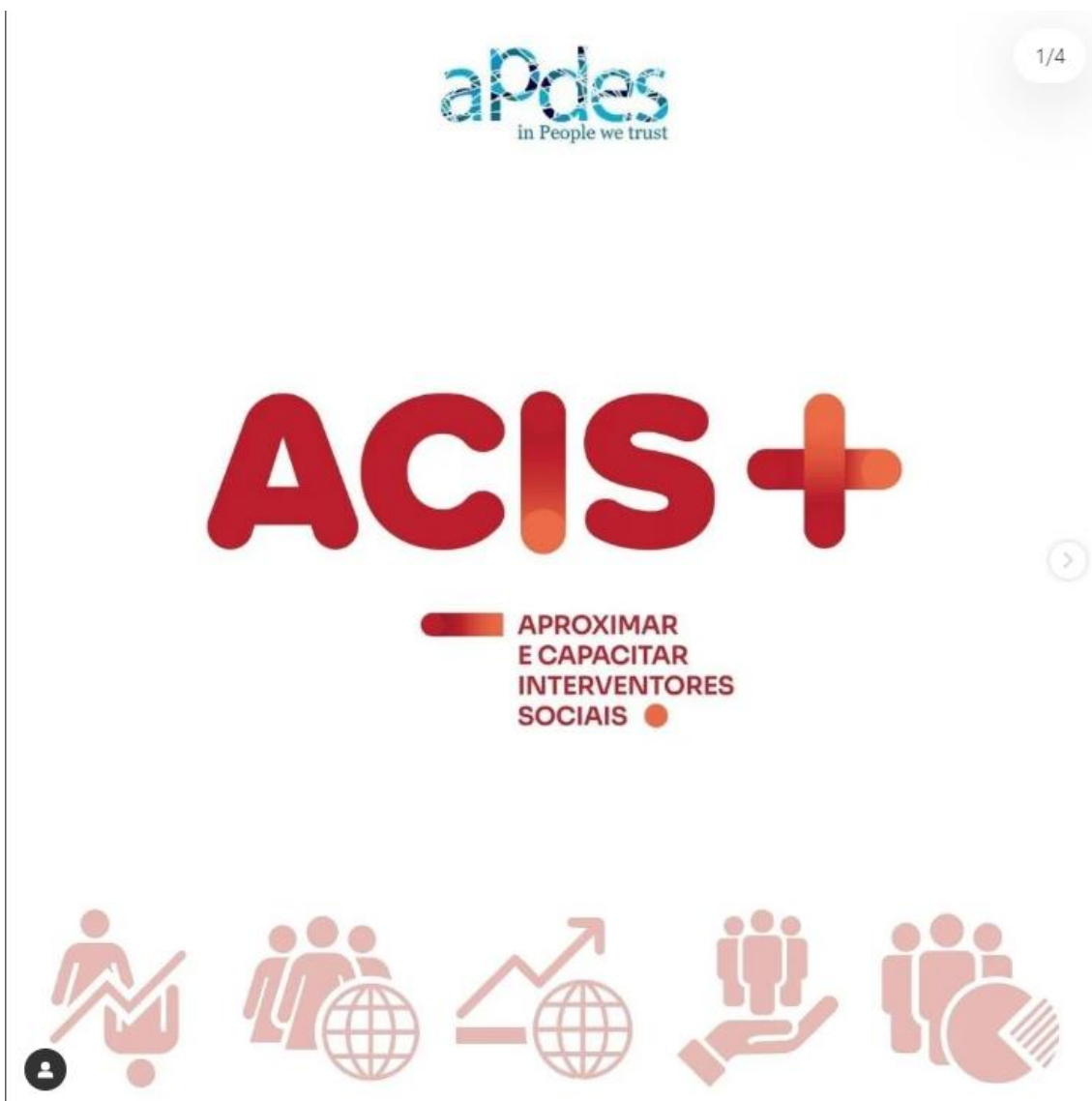


 **CONHECE ESTAS E OUTRAS TEMÁTICAS NO ACIS+**



Fonte: Pereira, I. (@apdes_ngo). (30 de janeiro de 2024). *ACIS+ Aproximar e Capacitar Interventores Sociais: Reconheces a importância de uma contínua capacitação de competências?* (Foto). Instagram. https://www.instagram.com/p/C2Kq-8gM3Rx/?hl=pt&img_index=1

Anexo 6.6 Publicação para divulgação do inquérito de auscultação de necessidades formativas do ACIS+ nas redes sociais da APDES



2/4



**SABES A IMPORTÂNCIA DE UM
INQUÉRITO DE AUSCULTAÇÃO
DE NECESSIDADES?**





DE FORMA ANÓNIMA E CONFIDENCIAL, ESTÁS A CONTRIBUIR PARA A MELHORIA DOS SERVIÇOS DA INSTITUIÇÃO FORMADORA, UMA VEZ QUE AO CONHECERMOS AS NECESSIDADES DA POPULAÇÃO ALVO SERÁ POSSÍVEL PROPORCIONAR AOS FORMANDOS UMA EXPERIÊNCIA MELHOR E COM RESULTADOS MAIS POSITIVOS.



SE ÉS TÉCNICO SOCIAL EM VLG,
PREENCHE O INQUÉRITO DO ACIS+
ATRAVÉS DO LINK NA DESCRIÇÃO



Fonte: Pereira, I. (@apdes_ngo). (27 de fevereiro de 2024). *ACIS+ Aproximar e Capacitar Interventores Sociais: Já ouviste falar de diagnóstico de necessidades de formação?* (Foto). Instagram. https://www.instagram.com/p/C2uYnG3sJ3W/?hl=pt&img_index=1

Anexo 6.7 - Plano de monitorização e avaliação do projeto ACIS+

O acompanhamento e avaliação da formação prevêem o recurso a instrumentos de levantamento de competências, de monitorização da formação e de avaliação das aprendizagens:

- Monitorização da implementação da ação, dos seus módulos e a sua avaliação global, através de avaliação por módulo, dos formandos, da formação e dos formadores;
- Avaliação das aprendizagens realizadas pelos formandos, recorrendo a metodologias qualitativas e quantitativas, contínua e sumativa (assiduidade, pontualidade, participação, motivação, relação com o grupo, pré-teste e pós-teste formativo e a sua análise comparativa individual, teste escrito ou atividades avaliadas por módulo);
- Avaliação final da formação, através da consulta dos formandos sobre a sua perceção quanto ao curso e à sua finalidade.

Avaliação por módulos/formandos

Tipo de avaliação: Mista - combina a avaliação externa (formadores) e a avaliação interna (a mesma equipa que executa o projeto)

1. Avaliação prévia (diagnóstico):

Inquérito de auscultação de necessidades e diagnóstico da população formanda. (ver Anexo 6.3)

Verificar a viabilidade e o rigor da conceção do projeto

Voltar ao diagnóstico e à planificação inicial (o que orientou ou motivou o projeto?) – os termos de referência - o que se tinha antes do projeto? qual a situação de partida?

2. Avaliação intercalar, de acompanhamento ou ongoing:

Verificar desempenho intercalar dos vários módulos de formação

Determinar o que se quer avaliar, por parte dos vários intervenientes no projeto - o que faz o projeto diariamente?

Bloco formativo I					
Módulo	Temática	Avaliação			
		Qualitativa		Quantitativa	
		Assiduidade (Insuficiente, suficiente, bom, muito bom, excelente)	Participação (Insuficiente, suficiente, bom, muito bom, excelente)	Teste	Atividade prática
Bloco formativo II					
6	Metodologia de projeto	Assiduidade (Insuficiente, suficiente, bom, muito bom, excelente)	Participação (Insuficiente, suficiente, bom, muito bom, excelente)		
7	Instrumentos de registo e de monitorização				
8	Trabalho em rede				

9	Estratégias de autocuidado				
10	Seminário final			-	100%

Avaliação dos módulos e dos facilitadores

Inquérito pedagógicos aos formandos

A sua opinião sobre esta ação que terminou é, para nós, muito importante, pois permite desencadear um processo de melhoria contínua e o ajustamento dos programas e dos métodos em ações futuras.

Por favor, marque um (X) à frente de cada um dos parâmetros abaixo indicados, numa escala de 1 a 5 valores, sendo atribuído ao valor 1 “Insatisfeito” e ao valor 5 “Satisfeito” conforme a sua opinião, ou então “baixo” ou “elevado”, dependendo do tipo de questão.

Apreciação global do módulo					
Questão	Insatisfeito			Muito satisfeito	
	1	2		4	5
Pertinência dos objetivos					
Adequação da modalidade de avaliação aos objetivos do módulo					
Grau de dificuldade dos conteúdos					
Volume de trabalho exigidos em função dos objetivos do módulo					
Carga horária do módulo					
Apreciação global do módulo					

Experiências de trabalho em intervenção social e comunitária de proximidade numa ONGD: os (e)feitos dos projetos da APDES

Formando					
Questão	Baixo			Elevado	
	1	2	3	4	5
Em que medida considera que, enquanto formando, se envolveu ativamente nas atividades (aulas, trabalhos, outras) deste módulo?					

Efeitos					
Questão	Baixo			Elevado	
	1	2	3	4	5
Os meus conhecimentos e capacidade de compreensão dos temas tratados					
A minha capacidade de resolução de problemas na prática profissional neste tópico					
A minha capacidade de análise das implicações éticas, sociais ou políticas da matéria					
A minha capacidade de comunicar claramente as minhas conclusões e os seus fundamentos					

Questão	Sim	Não	Não sei
Considera que após a realização deste módulo, os conhecimentos que adquiriu se demonstram benéficos/essenciais/úteis, para a sua prática profissional?			

Observações e comentários:

Facilitador					
Questão	Baixo		3	Elevado	
	1	2		4	5
Organização e estruturação dos conteúdos e atividades do módulo					
Apresentação de várias perspetivas					
Uso de contributos da investigação ou da prática profissional na leção do módulo					
Promoção de reflexão crítica nos formandos					
Disponibilidade para o acompanhamento e apoio aos formandos					
Cumprimento das regras de avaliação estipuladas					
Bom relacionamento com os formandos					
Empenho na qualidade de ensino/aprendizagem					
Documentação e bibliografia adequada e suficiente					
Pontualidade/cumprimento do horário das sessões					

3. INQUÉRITO DE SATISFAÇÃO FINAL DO PROGRAMA GERAL

Definir o alcance da análise avaliativa (as realizações, os resultados, os efeitos diretos e indiretos, os critérios de avaliação, etc.)

- Indicadores de resultados - consequências imediatas: o que mudou após o fim do projeto?
- Indicadores de efeitos e impactes - o que mudou passado 1 ano ou mais?

A sua opinião sobre este módulo que terminou é, para nós, muito importante, pois permite desencadear um processo de melhoria contínua e o ajustamento dos programas e dos métodos em ações futuras.

Por favor, marque um (X) à frente de cada um dos parâmetros abaixo indicados, numa escala de 1 a 5 valores, sendo atribuído ao valor 1 “Insatisfeito” e ao valor 5 “Satisfeito” conforme a sua opinião, ou então “baixo” ou “elevado”, dependendo do tipo de questão.

Conteúdos programáticos e métodos					
Questão	Insatisfeito		3	Muito satisfeito	
	1	2		4	5
Conteúdos da ação de formação					
Estrutura dos conteúdos					
Interesse/utilidade dos conteúdos					
Adequação dos métodos utilizados aos temas tratados					
Equilíbrio entre exposição teórica/prática					
Duração da ação de formação (adequação do tempo ao programa)					

Organização					
Questão	Insatisfeito		3	Muito satisfeito	
	1	2		4	5
Qualidade e adequação das instalações e equipamentos					
Condições físicas (salas, acessibilidades, etc)					
Organização administrativa					

Qualidade do atendimento e comunicação					
Horário das sessões					
Cumprimento das regras de avaliação estipuladas					

Apreciação global da ação de formação					
Questão	Baixo		3	Elevado	
	1	2		4	5
Concretização dos objetivos propostos					
Utilidade prática da formação					
O nível das matérias tratadas foi adequada ao seu nível de conhecimento					
Recomendaria esta ação de formação aos seus amigos/colegas					

Críticas/sugestões/comentários:

Avaliação

- Levantamento teoricamente fundamentado sobre processos de planeamento, execução e resultados de políticas, programas projetos e ações de intervenção;
- Apreciações sobre os fins e objetivos de programas de intervenção, os resultados previstos e imprevistos, os impactes e os custos;
- Procedimentos científicos, rigorosos e controlados que permitem identificar e definir o valor ou a qualidade de um projeto, programa, ação, etc;

- Medida dos resultados de execução e de impacto de uma ação e dos elementos que suportam a tomada de decisões.
- Analisa a implementação da intervenção em função das suas realizações, dos seus resultados, dos seus impactes na sociedade;
- Seleciona os próprios critérios - objetivos prévios

Avaliação enquanto instrumento:

- Produção de saberes de apoio à tomada de decisões
- Aprendizagem
- Mudança
- Responsabilização e transparência
- Participação e capacitação

Tipos de avaliação:

- Avaliação Independente ou Externa - Externa à organização
- Avaliação Interna - Pertencente à organização, mas com algum distanciamento face à equipa de execução
- Autoavaliação - A mesma equipa que executa o projeto
- Avaliação Mista - Combina os vários tipos de avaliação

Necessidade de pensar a avaliação a montante do projeto:

- Focalização nas dimensões-chave a avaliar - o que quero avaliar? A formação, os formadores, a organização.
- Articulação entre a estratégia avaliativa a adotar e os objetivos definidos;

- Rentabilização de esforços (humanos, logísticos, financeiros);
- Adequação dos resultados e impactes às necessidades dos públicos/beneficiários do projeto.

Indicadores de avaliação:

- Elementos observáveis e objetivos que fornecem informação sobre aspetos específicos da realidade avaliada;
- Dados quantitativos ou qualitativos que fornecem informação sobre contextos, organizações, grupos, pessoas, atividades, etc, permitindo julgar a situação, o estado, o sucesso ou insucesso de um projeto, ou de uma das componentes/atividades específicas;
- Só têm cabimento dentro de um determinado contexto e de um objetivo;
- São uma forma de testar o sucesso em função dos objetivos e dos resultados;
- Permitem à equipa do projeto, financiadores e outras partes interessadas determinar o sucesso e validade do projeto;
- Podem ter vários níveis de profundidade

Indicadores quantitativos - ajudam a responder a questões intrinsecamente relacionadas expressos em números:

- Quantos?
- Quantas vezes?
- Quanto?
- Factos e números sobre montantes envolvidos
- Custos por pessoa/hora
- % de desistência

Indicadores qualitativo - ajudam a demonstrar e descrever dados mais intangíveis e qualitativos:

- Como-?
- Quando?
- Onde?
- Quem?
- Quais?
- O quê?
- Porquê?
- Opiniões e atitudes
- Expectativas alcançadas
- Satisfação

Auditoria/controlo:

- Análise de controlo através da utilização de procedimentos de verificação da conformidade e legalidade das ações para com as regras e processos institucionalmente definidos – registos contabilísticos e financeiros/ qualidade/ou outras áreas (análise da conformidade);
- Verifica a legalidade e a regularidade na utilização dos recursos e a conformidade relativamente às normas;
- Regulamentos, orçamentos, etc... conhecidos a priori

Monitorização:

- Registo quotidiano do que acontece num projeto que permite acompanhar, controlar e gerir o projeto – atividades planeadas - execução das ações

correspondentes a cada atividade, calendário, RH, materiais e financeiros, responsáveis, etc.;

- Observa a gestão e produz análises regulares do progresso e das realizações
- Objetivos operacionais que foram fixados

Anexo 7 – PUSH

Anexo 7.1 – Panfleto de divulgação de atividades do projeto PUSH



Fonte: Pereira, I. (2024) *o importante é estarmos juntos: Vem mexer-te connosco!* (Brochura).

Anexo 7.2 - Publicação de divulgação da dinamização do webinar do Projeto PUSH



PUSH Webinar

Promover união através do desporto para pessoas em situação de sem-abrigo

10 de abril - 16:00h

Desportos e atividades desenvolvidos pelas organizações

Desporto/Atividade	Porcentagem
Futebol	32%
Ginástica Suave	11%
Desportos de raquetes	11%
Caminhadas/corridas	7%
Voleibol	7%
Natação	6%
Yoga	4%
Ciclismo	4%
Outros (Boccia, Dança, Minigolfe, orientação, basquetebol)	10%

Atividades futuras

Testagem das guidelines

Resultados do Good Practise Survey PUSH

10 773 pessoas sinalizadas em situação de sem-abrigo

55,4% Em situação de sem teto

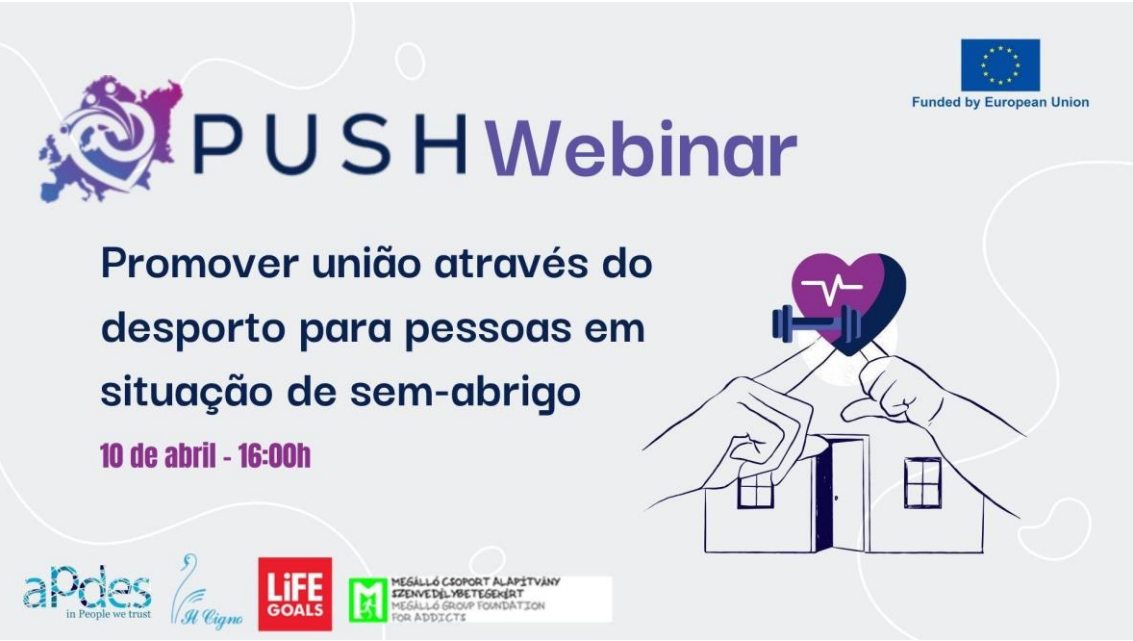
44,6% Em situação de sem casa

PORTUGAL

Em 2022 ...

Fonte: Pereira, I. (@apdes_ngo). (14 de abril de 2024). *Webinar Promoting Unity Through Sports For the Homeless PUSH: 10 de abril* (Foto). Instagram. https://www.instagram.com/p/C5yNT64sa0M/?hl=pt&img_index=1

Anexo 7.3 - Apresentação do Webinar do projeto PUSH



The banner features the title 'PUSH Webinar' in large blue letters, with a stylized heart logo to the left. Below the title, the text 'Promover união através do desporto para pessoas em situação de sem-abrigo' is written in dark blue, followed by the date '10 de abril - 16:00h' in purple. On the right, an illustration shows two hands holding a heart with a pulse line, positioned above a simple house outline. The bottom of the banner includes logos for 'aPdes in People we trust', 'H Cygne', 'LIFE GOALS', and 'MEGÁLLO CSOPORT ALAPÍTVÁNY SZENVEDÉLYBETEGEKÉRT MEGÁLLO GROUP FOUNDATION FOR ADDICTS'. The European Union flag and 'Funded by European Union' text are in the top right corner.

PUSH Webinar

Promover união através do desporto para pessoas em situação de sem-abrigo

10 de abril - 16:00h

Funded by European Union

aPdes in People we trust H Cygne LIFE GOALS MEGÁLLO CSOPORT ALAPÍTVÁNY SZENVEDÉLYBETEGEKÉRT MEGÁLLO GROUP FOUNDATION FOR ADDICTS

Conteúdos da apresentação

1

Introdução

O que é o Projeto PUSH?
Definição do conceito de Pessoa em Situação de Sem-Abrigo
Estratégias Nacionais de integração
Análise da população em situação de sem-abrigo em Portugal

Resultados dos inquéritos

Principais conclusões dos resultados do "Good Practice Survey"

2

3

Atividades futuras

Reportar o plano de atividades futuras

Discussão e Questões

Espaço para comentários e debates sobre o tema +
Resposta a questões e comentários da audiência

4





1 Introdução

O projeto PUSH visa promover a igualdade de oportunidades e a inclusão social através do desporto para pessoas em situação de sem-abrigo e todos aqueles que vivem situações de dificuldades sociais, expandindo a experiência das entidades que os atendem e dos técnicos sociais que os acompanham.

Objetivos



- Desenvolvimento de atividades** e identificação a nível da UE de **boas práticas** e experiências relacionadas com a participação de pessoas socialmente marginalizadas e com atividades desportivas para inclui-las nas sociedades de acolhimento.
- Preparação e formação de profissionais** que atuam na integração e inclusão social de pessoas em dificuldades ou marginalizadas através do desporto
- A promoção do desporto como ferramenta de integração e inclusão social como parte de uma estratégia a nível europeu**, que aumenta as capacidades das comunidades anfitriãs e integra com sucesso pessoas em dificuldades sociais através do desporto.
- Sensibilizar a sociedade civil para a questão da marginalidade/Desestigmatização** das pessoas assumidas pelo circuito anfitrião devido à sua condição de extrema marginalidade.

Pessoas em Situação de Sem-Abrigo: quem são?

“Considera-se **PESSOA EM SITUAÇÃO DE SEM-ABRIGO** aquela que, independentemente da sua nacionalidade, origem racial ou étnica, religião, idade, sexo, orientação sexual, condição socioeconómica e condição de saúde física e mental, se encontre sem teto ou sem casa.”

ENIPSSA | Resolução do Conselho de Ministros nº107/2017, de 25 de julho



Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

A ENIPSSA caracteriza-se por visar “uma abordagem estratégica e holística de prevenção e intervenção”:

- consolida relações interinstitucionais entre as diversas entidades e recursos;
- diagnostica necessidades;
- concebe medidas de intervenção, como a promoção de um sistema atendimento e acompanhamento;
- introduz a figura do gestor de caso, com o objetivo de integrar a pessoa em situação de sem-abrigo.



Contrariar a ausência de alternativas.

Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

“Contribui através dos seus objetivos estratégicos, direta ou indiretamente, para **10 dos 17 Objetivos** para o Desenvolvimento Sustentável (ODS).”

ENIPSSA | Resolução do Conselho de Ministros nº61/2024, de 2 de abril



Estratégia Nacional para a Integração de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

“Enquadra-se no **Princípio n.º 19** do Pilar Europeu de Direitos Sociais, denominado «Habitação e assistência para as pessoas em situação de sem-abrigo» (...)”

ENIPSSA | Resolução do Conselho de Ministros n.º 61/2024, de 2 de abril



Quem são as pessoas em situação de sem-abrigo em Portugal?



O que dizem os dados?





PORTUGAL

Em 2022 ...

**A faixa etária com mais pessoas nesta condição,
situa-se entre
45 e 64 anos de idade**



PORTUGAL

Em 2022 ...

Estado Civil: Solteiro/a

63%

Em situação de sem tecto



71%

Em situação de sem casa



Estar *Sem-Abrigo*: condição de vida em descompasso?

Menor igualdade no acesso a oportunidades, seja no acesso a habitação digna, ao mercado de trabalho e ao exercício pleno de cidadania;

Maior estigmatização e preconceito face à condição na qual vive;

Maior vulnerabilidade na vivência do seu dia-a-dia (isolamento, ausência de segurança, privacidade);

Estar *Sem-Abrigo*: condição de vida em descompasso?

- Maior risco de **doença física e/ou mental** + **comportamentos aditivos** pré-existentes ou decorrentes da situação;
- Maior necessidade de **um acompanhamento personalizado através da resposta de serviços públicos, sociais e comunitários.**



Resultados do *Good Practise Survey* **PUSH**



Exemplos de Boas Práticas Desportivas com Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

Homeless World Cup Foundation

ONG escocesa, fundada em 2001, responsável por organizar anualmente o Mundial de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.

- Combate a exclusão social
- Estabelece relações saudáveis
- Desenvolve competências sociais, emocionais e profissionais
- Aumento da autoestima
- Elimina estigmas

Street Soccer Scotland

Fundada em 2009 na Escócia, utiliza o futebol de rua como ferramenta de inclusão social.

- Melhora condições de vida
- Promove atividades físicas, suporte emocional
- Oferece programas de alojamento, emprego e educação

Futebol de Rua

Desenvolvida pela associação portuguesa CAIS, utiliza o futebol para promover a inclusão social e melhores condições de vida.

- Desenvolve competências desportivas e de trabalho em equipa
- Aumenta a confiança e autoestima
- Apoia questões de alojamento, emprego e educação

Conversations with help of futebol

Fundada em 1997, na Hungria pela Associação Megállói, organiza um torneio de futebol local direcionado a jovens desfavorecidos, com a ajuda de técnicos sociais e agentes da polícia.

- Promove compreensão, valores em comum e reintegração social

Exemplos de Boas Práticas Desportivas com Pessoas em Situação de Sem-Abrigo

Everybody has its own Everest

Organizada pela Mégalló, proporciona um Acampamento de Terapia de Risco a jovens desfavorecidos, técnicos sociais e ONGs estrangeiras

- Promove um estilo de vida saudável
- Promove o planeamento de objetivos de vida
- Cultiva a confiança social e interpares

Life Goals Foundation

ONG dos Países-Baixos visa imponderar e transformar a vida grupos sociais vulneráveis usando como ferramenta a participação em atividades físicas e desportos (torneio mensal de futebol)

- Desenvolvimento de competências individuais
- Promove a integração social
- Aumenta a confiança e autonomia e resiliência
- Reduz stress e estigmas

Mountain Therapy Project

Fundada em 2019, na Itália, prevê melhorar o bem-estar geral dos pacientes através de atividades físicas e terapêuticas em grupo, realizadas nas montanhas da região.

- Combate a exclusão social
- Erradica estigmas
- Promove a redescoberta de talentos e interesses individuais

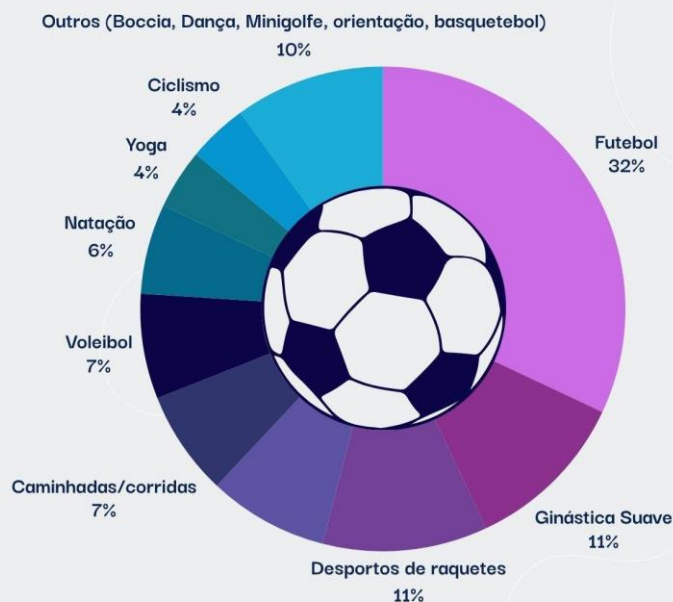
Pisa Maraton and homeless Project

Criada em 2014 em Itália, objetiva a integração social na comunidade geral. Organiza uma maratona pela cidade com albergues de Pessoas em Situação de Sem-Abrigo.

- Auxilia a procura de emprego
- Oferece apoios para alimentação e higiene
- Aproxima a população-alvo e a comunidade
- Erradica estigmas

“Uma das bases do desporto é viver em grupo, e então sentir-se parte de um determinado contexto social. O desporto, independentemente da idade, religião ou origem social, tem um grande valor agregado e promove o bem-estar físico e social.”

Desportos e atividades desenvolvidos pelas organizações



Dificuldades das organizações para a realização de atividades desportivas com pessoas em situação de sem-abrigo



1.2 Inquérito à população em situação de sem-abrigo

46 respostas



H 89%	Sexo	M 11%
18	Faixa etária	50+
EU 67,4%	Cidadania	Extra-EU 32,6%



“O que pensa sobre o desporto?”



Melhorar a saúde

O desporto permite à população melhorar o seu bem-estar físico e psicológico

O desporto permite

Combater adições

O desporto permite mitigar hábitos de consumo de estupefacientes que alguns indivíduos apresentam



Criar redes de socialização

Para alguns dos inquiridos o desporto é uma ferramenta de socialização e partilha de tempo de forma construtiva e positiva





Entraves à prática de desporto

Idade

48% referem que não podem realizar atividades desportivas devido à sua idade: "aos 70 anos, quem me leva a praticar desporto?"

Prioridades

14% expressam falta de tempo livre e a outras prioridades como o trabalho: quando estou livre, prefiro ir à procura de trabalho, enviar currículos".



Problemas de saúde

33% das pessoas referiram problemas de saúde incapacitantes: "tenho demasiados problemas de saúde que não me permitem dedicar-me ao desporto"

Pobreza

19% dos inquiridos apresentam falta de recursos financeiros para investirem no desporto

1.3 Inquérito às organizações desportivas

48 respostas

Perceção dos pontos fortes e dos benefícios associados à prática de uma atividade desportiva



Benefícios físicos

Prevenção de doenças e a melhoria da qualidade de vida



Benefícios psicossociais

Prevenção de doenças, quer na redução de sintomas psicopatológicos existentes, sem nunca excluir a componente relacional e consequente inclusão social dos seus participantes

Atividades com pessoas em situação de sem-abrigo



Fomentam a inclusão social

Criação de laços sociais



Promovem benefícios de saúde

Ao nível da saúde física e mental



Promovem o envolvimento noutras iniciativas

O desporto é uma ferramenta de socialização que permite a criação de redes sociais de conhecimento e contacto com outras iniciativas



Aumentam níveis de proximidade

Proximidade entre as instalações e a população-alvo e preencher uma lacuna na intervenção com populações desfavorecidas / ajudar os outros.

Entraves à realização de atividades desportivas com pessoas em situação de sem-abrigo

25 dos inquiridos refere nunca ter desenvolvido uma atividade com esta população. Porquê?

Falta de conhecimentos/competências

Esta é uma população que requer um nível de competências para ter uma interação positiva -
Necessidade de adaptar os programas, nomeadamente a acessibilidade e gratuidade

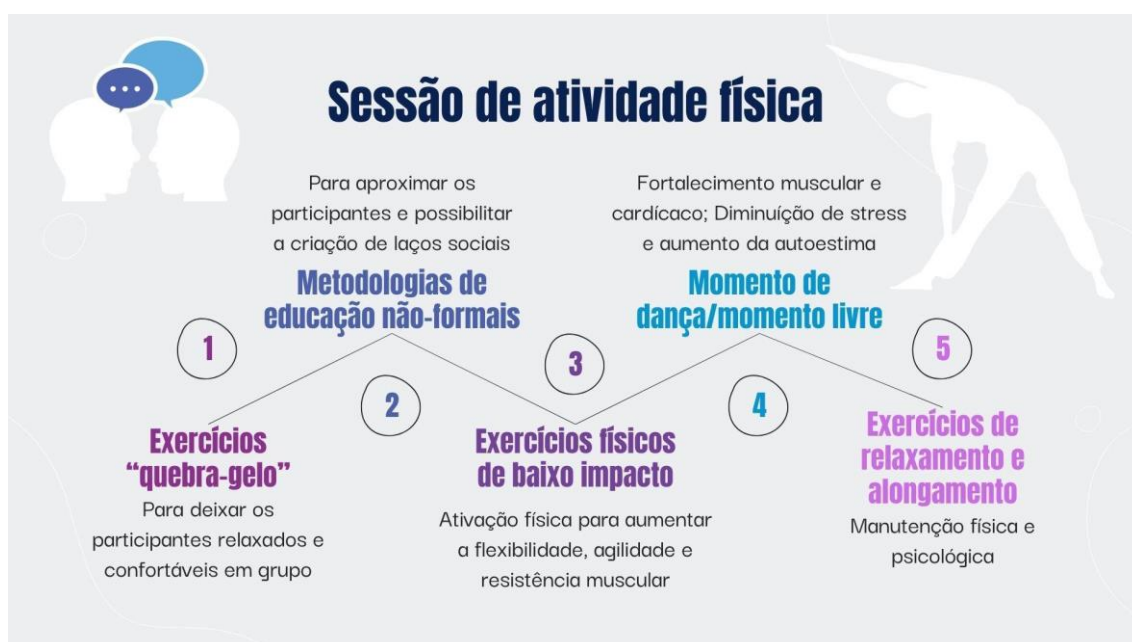


Falta de interesse

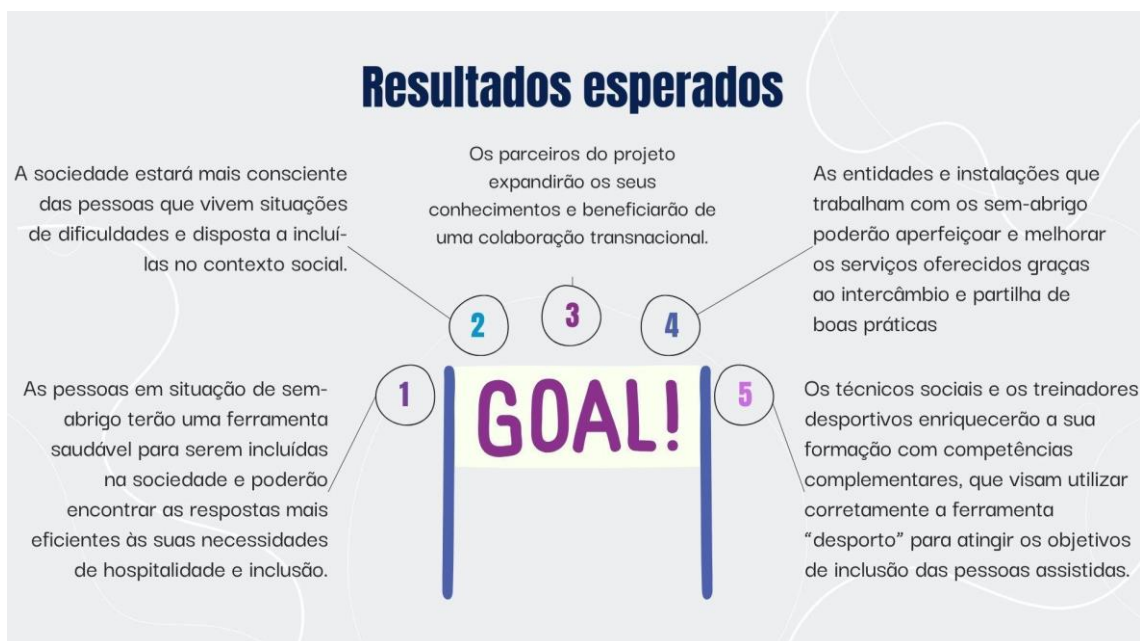
Este tema nunca foi evidenciado como uma possibilidade













Obrigada!

Questões?

 info@apdes.pt

 [22 753 1106](tel:227531106)

 https://www.instagram.com/apdes_ngo/?hl=pt

 <https://apdes.pt/pt/home/>

 <https://projectpush.eu/project/>



Anexo 7.4 Plano de atividades do Projeto PUSH



Atividades a desenvolver com as Pessoas em Situação de Sem-Abrigo no âmbito do projeto PUSH

Data:

Local: Sala de Consumo Assistido/ Parque desportivo comunitário – Porto

Instituição responsável: Agência Piaget para o Desenvolvimento (APDES)

Técnicas responsáveis:

Contactos:

I- Pré-avaliação dos participantes

A pré-avaliação será realizada com o apoio de profissionais de saúde física e psicológica.

Consistem em:

- Medição da pressão sanguínea;
- Medição da glicose;
- Índice de massa corporal;
- Análise do histórico médico;
- Verificação de prescrições medicamentosas;
- Avaliação psicossocial.

II- Atividade não-formal/quebra-gelo/proximidade

“Quem somos eu?” *Eu sou todas as relações que eu crio com as outras pessoas*

- Resumo: Esta atividade envolve trabalho, reflexão, desenhos e análise em grupo para tentar abordar questões de identidade
- Objetivos: Compreender o conceito de identidade e aumentar o autoconhecimento; Desenvolver competências de comunicação; promover solidariedade e respeito
- Materiais: Canetas e marcadores; uma folha de papel para cada participante; folhas A3 e marcadores;
- Instruções:
 1. Como preparação, peçam aos participantes que se juntem 2 a 2. Peçam para fingir que não se conhecem e para se apresentarem;
 2. Novamente em plenário peçam às pessoas para refletir sobre o que é mais importante ou interessante perguntar a uma pessoa que não conhecem. Façam um pequeno brainstorming sobre diferentes categorias (nome, idade, nacionalidade, família, religião, etnia emprego/estudos, música, passatempos, desporto, coisas que gostem e que não gostem, etc);
 3. Expliquem que agora o objetivo consiste em descobrir o que têm em comum com as outras pessoas. Distribuam o papel e canetas e peçam que cada uma, individualmente, desenhe uma representação da sua identidade. A forma indicada é talvez a estrela, pois assim podem desenhar os vários aspetos que espelham a sociedade. Peçam aos participantes que considerem 8 a 10 características importantes da sua identidade e que desenhem a sua estrela pessoal;
 4. No final, os participantes devem dar uma volta pela sala e comparar as estrelas. Quando encontrarem alguém com quem partilhar um raio, devem assentar o nome da pessoa perto do raio (por exemplo, o João e o Pedro partilham o raio “rap”, devem escrever o nome um do outro perto do raio). Deem-lhes 15 min para esta tarefa;
 5. Voltem a reunir o grupo e discutam quantas categorias partilharam e quantas não.

Podem perguntar, por exemplo, “Que aspetos indicativos têm em comum?” ou “As pessoas do grupo são muito parecidas ou muito diferentes? Têm mais diferenças ou aspetos em comum?”

6. Por fim, façam um pequeno brainstorming acerca dos aspetos que formam a identidade com os quais as pessoas nascem e aqueles que as pessoas escolhem. Façam duas listas no quadro.
7. - Debriefing e avaliação: Conversem acerca do que os participantes descobriram sobre si próprios e sobre as outras pessoas e quais as implicações para os Direitos Humanos.
8. O que é que descobriram sobre vocês próprias e vocês próprios? Foi difícil decidir quais as características mais importantes da vossa identidade?
9. Ficaram surpreendidos com os resultados das comparações das estrelas? Tinham mais ou menos em comum com as outras pessoas daquilo que estavam à espera?
10. Como é que se sentem em relação à diversidade do grupo? Acham que torna o grupo mais interessante ou dificulta o entendimento entre todos?
11. Houve algum aspeto em que alguém tenha sentido necessidade de reagir e dizer: “Eu não sou?” por exemplo: “Eu não sou fã de futebol”, “não sou fã de música techno”;
12. Como é que a identidade se constrói? Quais são os aspetos que se constroem socialmente e quais aqueles inatos e permanentes?
13. Até que ponto é que as pessoas são julgadas pela sua identidade individual? E pelo grupo em que estão inseridas?
14. Até que ponto é que as pessoas são livres de escolherem a sua identidade? Quais são as implicações para elas e quais para a sociedade em que vivem, especialmente para os Direitos Humanos de igualdade e de respeito?

Dizer aos participantes para se lembrarem do Artigo 1º da Declaração Universal dos Direitos Humanos: Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e em direitos. Dotados

de razão e de consciência, devem agir uns para com os outros em espírito de fraternidade. - Se queremos que as outras pessoas vivam de acordo com este artigo, nós também o devemos fazer - Somos todos seres humanos com direitos que não podem ser oferecidos ou retirados, independentemente da etnia, cor, género, idade, propriedade, nascimento ou qualquer outro estatuto.

Atividades físicas/desportivas

- Caminhadas: Proporcionam a normalização dos níveis de áreas como a atenção, memória e controle motor, assim como libertam endorfinas e melhoram o humor.
- Condicionamento físico: Ato ou efeito de condicionar o corpo, tornando-o apto para realização de tarefas motoras específicas. O objetivo do condicionamento físico é melhorar a aptidão física, proporciona segurança durante o exercício e promove a saúde; semelhante ao fitness, ou seja, desenvolvimento equilibrado de todas as capacidades relacionadas à condição física características motoras tais como: resistência, força, velocidade, flexibilidade e composição corporal (Barbanti, 2003).
- Yoga: É composta de exercícios de alongamento, exercícios respiratórios e técnicas de meditação. Como a meditação é um estado calmo da mente, livre do stress e ansiedade.
- Musculação (exercícios localizados de baixo impacto): São exercícios de força e resistência muscular localizada que promovem a flexibilidade, elasticidade, alongamento, melhorando o humor geral; sintomas da depressão e ansiedade; a auto-imagem, auto-estima e confiança.
- Alongamentos: É a extensão do músculo além de seu comprimento em repouso. Favorece os dependentes químicos nos aspectos físicos principalmente para os que têm problemas na coluna. Nos aspectos psicológicos como o controlo da ansiedade, stress, depressão, fadiga ou perda de energia.

Aplicar o Teste de Kruskal-Wallis (método não paramétrico para testar se amostras se

originam da mesma distribuição. É usado para comparar duas ou mais amostras independentes de tamanhos iguais ou diferentes) para medir variáveis como (Barbanti, 2012):

1. Capacidade funcional
2. Aspeto físico
3. Dor
4. Estado geral
5. Vitalidade
6. Aspeto social
7. Aspeto emocional
8. Saúde Mental

Mesmo sem base cientificamente estruturada, o condicionamento físico do dependente químico sempre objetivou a eliminação das toxinas, a procura de um melhor relacionamento social, o estímulo para o lazer através das caminhadas e jogos, o resgate da auto-estima, a melhoria das condições músculo-esqueléticas e cardiocirculatórias (Barbanti, 2012)

Benefícios do desporto nas Pessoas em Situação de Sem-Abrigo



Benefícios do exercício físico no tratamento da dependência química



Alivia e reduz o stress:

O exercício tem demonstrado aliviar o stress físico e psicológico. Quando a tensão aumenta doem os músculos, as articulações e aumenta a letargia. A dor física e a depressão podem se instalar e drenar os recursos mentais e físicos. Quando o stress é alto e quando se trata do caminho da recuperação é de interesse poder livrar-se dele. No passado, as drogas ou álcool poderiam servir como fuga destas sensações e forneciam uma falsa sensação de conforto. O exercício é outra forma e muito mais saudável para libertar a tensão física. Através do gasto de energia, pode-se realmente libertar o corpo e a mente das barreiras fisiológicas e emocionais para a recuperação. Atividades como correr, levantar pesos ou caminhar podem eliminar o stress no corpo. Ao combinar estes exercícios com técnicas de alongamento e respiração adequadas, o corpo pode aliviar-se do stress.

Liberta endorfinas:

As endorfinas são um alívio natural para a dor no corpo. Quando estas são libertadas de uma

forma saudável, através dos exercícios, isso cria uma sensação natural que pode não só reduzir a dor causada por deixar a droga, mas também aumenta o humor no funcionamento do cérebro.

Melhora o humor:

Aqueles que se exercitam regularmente relatam aumento dos sentimentos de autoconfiança, otimismo, diminuição da depressão e ansiedade. Isto tem a ver não só com o efeito da resposta do organismo durante o exercício, mas também com sentimentos de realização, orgulho e auto-estima ao ver o corpo a transformar-se, chegar a certos padrões de referência e reparar essa conexão corpo-mente. O exercício regular melhora o sono, maior energia e sentimentos de bem-estar, tudo o que torna a vida muito mais agradável e uma recuperação muito mais possível e suportável.

Aspeto social:

A aptidão física além de promover efeitos positivos para um toxicodependente em recuperação há também o aspeto social que deve ser abordado. A maioria das experiências dos dependentes em recuperação é ter dificuldades em ser sociável. Então a pessoa pode-se perguntar, "Como faço para interagir com outras pessoas enquanto estou sóbrio?" Ou talvez eles se perguntem, "O que eu tenho em comum com alguém, agora que estou a recuperar?" O ginásio, a sala de yoga ou um treino podem ser um ótimo lugar para conhecer pessoas positivas, todos trabalham para melhorar sua própria saúde física. Além disso, o facto do indivíduo estar num ambiente positivo torna-se muito comum que esse indivíduo interaja com os outros. O simples facto de a pessoa estar num local onde procuram um equilíbrio saudável para a sua saúde física e bem-estar mental, assim também é para a maioria das pessoas que lá se encontram. Outros benefícios do exercício físico na recuperação da dependência física são derivados das atividades aeróbias e não aeróbica.